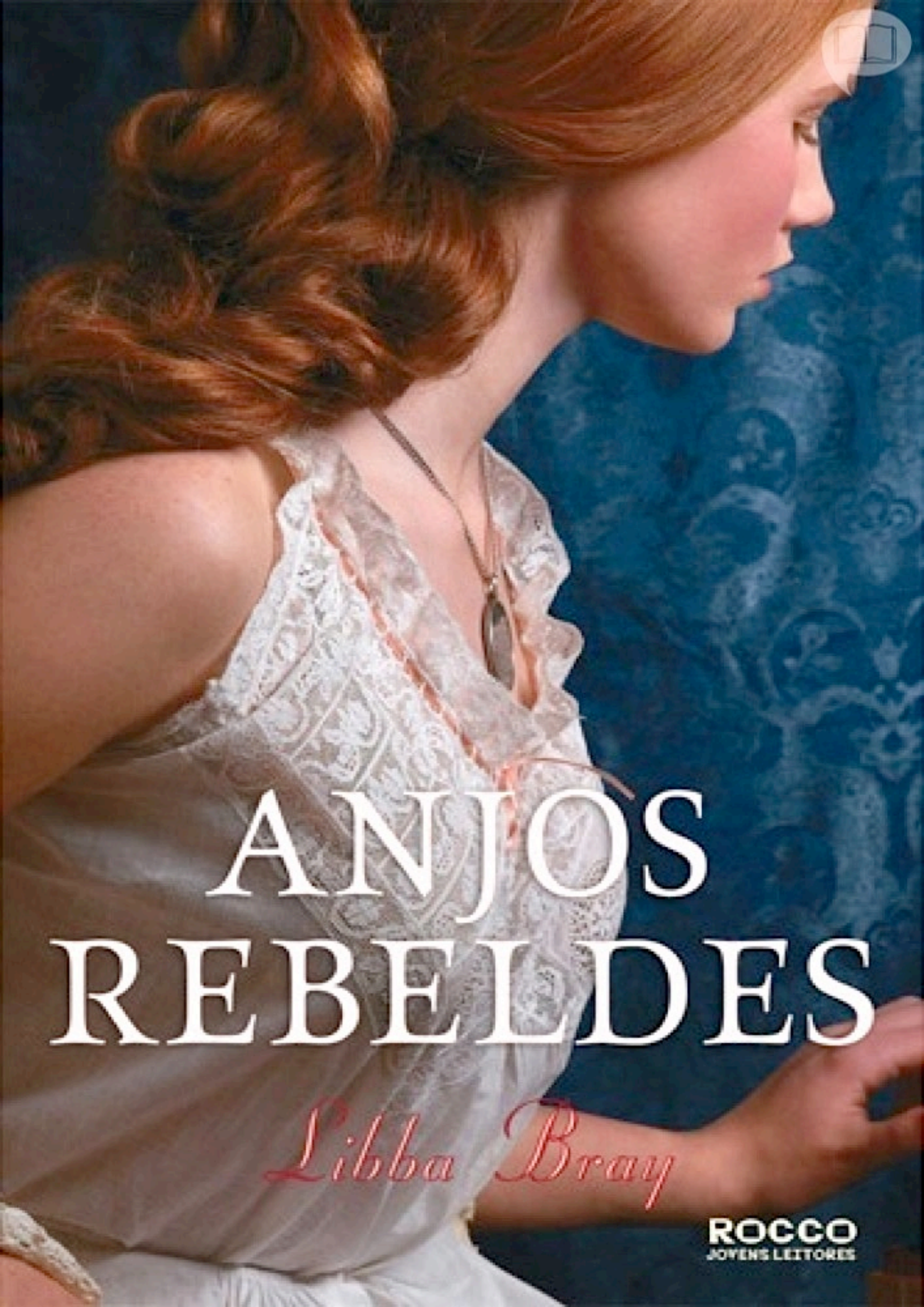




ANJOS REBELDES

Libba Bray

ROCCO
JOVENS LEITORES

Tudo o que vemos ou parecemos
Não passa de um sonho dentro de um sonho.

EDGAR ALLAN POE

SINOPSE

Tinha passado algum tempo desde que Gemma esteve pela última vez nos reinos. No entanto, uma visita inesperada a levará de volta ao mundo mágico: Kartik, membro dos Rakshana, pediu que ela voltasse e prendesse a magia que ficou livre da última vez, antes que esta caía nas mãos erradas.

PRÓLOGO

21 de Junho de 1895

Vou ser fiel à verdade. Vou me limitar ao que aconteceu nos últimos sessenta dias e a visita que eu, Kartik, o irmão de Amar e membro leal dos Rakshana, recebi naquela fria noite na Inglaterra. Mas para começar, devo voltar a meados de outubro, antes que a desgraça acontecesse. Começava a fazer frio. Eu estava nos bosques que fica atrás da Academia Spence para senhoritas. Através de um falcão, eu recebi uma carta dos Rakshana. Eles requeriam minha presença de imediato em Londres. Eu devia evitar as estradas principais e me assegurar de que não me seguissem. Viajei muitas milhas escondido em uma caravana de ciganos. O resto do caminho eu fiz a pé, sozinho, protegido pelas árvores ou pela escuridão da noite.

Na segunda noite, exausto de cansaço, meio morto de frio e de fome. Fazia dois dias que tinha acabado a pouca comida que eu tinha, senti em minha mente os efeitos do isolamento. Nos bosques aconteciam coisas estranhas. Sentia-me muito fraco, nesse estado, cada caverna se transformava em uma armadilha, cada rangido dos galhos se transformava, na minha cabeça, em uma ameaça de uma alma inquieta de algum bárbaro morto séculos atrás.

Na luz do fogo, eu lia alguns trechos de meu único livro, uma cópia da Odisséia, esperando conseguir um pouco da coragem de seu herói. Mais, uma vez que eu não me sentia nem mais corajoso, nem mais seguro, caí em um sono profundo.

Não foi um sonho tranquilo. Sonhei que a grama estava negra, como se estivesse queimada. Eu estava em um lugar de pedras e cinzas. A silhueta de uma árvore solitária aparecia contra uma lua sangrenta, e se ouvia um rugido distante, um imenso exército de seres estranhos que clamavam pela guerra. Por cima de tudo, ouvia meu irmão, Amar, sussurrando um aviso. *“Não falhe, irmão, não confie...”* Mas neste momento o sonho mudou. Ela estava ali, agachado na minha frente e seu tom de vermelho formava uma aura incandescente contra o céu resplandecente.

“O seu destino é estar junto de mim”. Sussurrou enquanto se aproximava. Seus lábios quase me acariciavam. Eu podia sentir seu morno calor. Acordei subitamente. Não havia nada, nada exceto o cinza e os sons noturnos de pequenos animais que iam se refugiar em suas tocas. Quando cheguei à Londres, estava faminto e não sabia qual seria o próximo passo. Os Rakshana não havia me dado instruções sobre como e onde encontrá-los: esse era a forma como agiam. Normalmente, eram eles que me encontravam. Enquanto descansava entre a multidão do Covent Garden, o cheiro de bolo, quente e saboroso me fez tremer de fome. Estava a ponto de me arriscar a roubar um pedaço quando eu o vi. Um homem apoiado na parede, fumando um charuto. Não era um homem especial: de estatura mediana e forte, vestindo um terno preto e chapéu, e um jornal dobrado cuidadosamente na sua mão esquerda. Tinha um bigode bem cortado e uma cicatriz na bochecha em forma de sorriso. Esperei que ele olhasse para o outro lado para que eu pudesse roubar uma fatia de bolo. Fingi estar interessado em alguns artistas na rua. Um fazia malabarismos com facas e o outro pedia dinheiro ao público. Um terceiro se movia silenciosamente entre o público roubando quantas carteiras podia.

Era o momento de atacar. Com as mãos nos bolsos me aproximei da loja. Quase tinha um pedaço de bolo nas mãos, quando o homem da parede se aproximou.

— A Estrela do Leste não é fácil de alcançar.

Disse em voz baixa e com tom irônico.

Foi então que percebi o broche em sua lapela. O broche com o brasão de uma espada é o símbolo dos Rakshana. Respondi nervosamente e surpreso.

— Mas brilha forte para aqueles que a buscam.

Encaixamos nossas mãos, tomando com a mão esquerda o punho do outro, exatamente como a saudação dos Rakshana.

— Bem-vindo aspirante. Estávamos esperando você. — Inclinou-se para sussurrar algo. — Você tem que nos contar muitas coisas.

Não me lembro o que aconteceu depois. A última coisa que vi foi como a mulher responsável pela loja de bolos recebia algumas moedas. Senti uma dor intensa na nuca e tudo ficou preto. Quando recuperei a consciência, me encontrava em uma casa escura, iluminada por umas poucas velas ao meu redor. Meus guardiões haviam desaparecido. Minha cabeça doía terrivelmente e agora, acordado, morria de medo ao pensar o que me esperava naquela sala. Onde eu estava? Quem era aquele homem? Se for um membro dos Rakshana, porque havia golpeado a minha cabeça? Estava alerta para qualquer pequeno ruído, qualquer voz... Buscava alguma pista que me ajudasse a entender minha situação.

— Kartik, irmão de Amar, membro da irmandade dos Rakshana...

A voz, profunda e poderosa, vinha de cima. Só conseguia ver as velas. Atrás das velas, a escuridão.

— Kartik. — repetiu a voz, esperando uma resposta.

— Sim. — eu disse finalmente, com voz trêmula.

— Que comece o julgamento.

A casa começou a tomar forma. Há uns três metros, o círculo de velas. Atrás, podia reconhecer as roupas dos Rakshana. Não eram os irmãos que haviam me ensinado tudo que eu sabia, e sim os poderosos homens que se mantinham nas sombras. Se todo aquele tribunal havia se reunido por mim, devia ser porque eu havia feito alguma coisa muito boa, ou muito ruim.

— Estamos decepcionados. — Continuou a voz. — Esperávamos que você estivesse vigiando a garota.

Muito ruim. Encolhi-me de medo. Não sentia medo ante a perspectiva de ser castigado ou repreendido, e sim medo de ter decepcionado eles, meus irmãos. Agora teria que enfrentar seu castigo, sua lendária sede de justiça.

Respirei fundo.

— Sim, irmão, eu a vigiava, mais...

A voz respondeu cortante.

— Você tinha que vigiá-la e nos explicar o que acontecia. Isso era tudo. Essa missão era tão difícil assim, aspirante?

Não conseguia falar por causa do medo que sentia.

— Porque você não nos contou que ela tinha entrado nos reinos?

— Pensei que eu tinha a situação sob controle...

— E tinha?

— Não.

Minha resposta ficou pendente no ar como a fumaça das velas.

— Claro que não. E agora os reinos foram alcançados. O impensável aconteceu.

Esfreguei as palmas das mãos nos joelhos, mas isso também não ajudou. O sabor frio e metálico do medo enchia minha boca. Havia poucas coisas que eu não sabia a respeito da Irmandade a qual eu mesmo pertencia, e a qual eu havia oferecido minha lealdade e minha vida. Amar havia me contado histórias dos Rakshana, de seu código de honra. Sua missão como protetores dos reinos.

— Se tivesse nos procurado, teríamos evitado esse horrível final.

— Com todo o respeito, ela não é como pensávamos. — Fiquei calado por um momento pensando na garota que havia deixado para trás, de grande beleza e brilhantes olhos verdes. — Acredito que ela entendeu.

A voz trovejou.

— Essa garota é mais perigosa do que você pensa. É uma ameaça maior do que você pode suspeitar garoto. Pode chegar a destruir todos nós. E agora, entre os dois, o poder está vulnerável. O caos reina.

— Mas ela venceu o assassino de Circe.

— Circe tem mais de um espírito escuro a suas ordens. — Continuou a voz. — Essa garota penetrou nas runas que ocultavam e protegiam a magia durante gerações. Entende o que isso significa? A magia agora está solta, entre os reinos, e qualquer um que deseje pode utilizá-la. Na verdade, já está sendo utilizada para corromper espíritos. Ela virá até as Terras Invernais e ficará mais forte. Quanto tempo vai levar até que as fronteiras desse mundo estejam abertas? Será antes de encontrarmos um caminho até Circe ou de ela encontrar um caminho até nós? Antes que consiga todo o poder?

Sentia o frio correr pelas minhas veias.

— Bem. Você entenderá o que fez. O que ajudou a ela fazer. Ajoelhe-se... De algum lugar surgiram duas cabaças que me obrigaram a ajoelhar. Rodearam-me o pescoço com ferro frio e os fixaram no chão. Era isso. Eu havia falhado, havia envergonhado aos Rakshana e sua memória, e pagaria com a morte por isso.

— Você se curva ante a vontade dos Rakshana?

Minha voz, estrangulada pelos ferros, soou dramática.

— Sim.

— Diga.

— Me curvo ante a vontade dos Rakshana.

Os fios se afrouxaram. Fui libertado.

Quando percebi que tinham salvado minha vida, quase comecei a chorar. Viveria, e poderia provar minha fidelidade aos Rakshana.

— Ainda há esperança. Alguma vez a garota falou com você a respeito do Templo?

— Não, irmão. Nunca ouvi falar de um lugar assim.

— Antes que as runas fossem construídas para proteger a magia, a Ordem usava o Templo. Se suspeitava que era a fonte de energia e poder dos reinos. É o lugar onde a magia pode ser controlada. De alguma maneira, o Templo governa os reinos. Ela deve encontrá-lo.

— Onde está?

Produziu-se uma pausa.

— Em algum lugar dentro dos reinos. Não sabemos. A Ordem guarda este segredo com grande cuidado.

— Mas... Como?

— Ela deve usar seus poderes. Se realmente é um membro da Ordem, o Templo a atrairá de alguma forma. Mais deve ter cuidado: ela não é a única que o procura. A magia é imprevisível. Não podemos confiar em nada que há do outro lado. Isto é o mais importante. Uma vez que encontre o Templo, deve dizer estas palavras: “Apelo à magia em nome da Estrela do Leste”.

— Os Rakshana conseguiram alcançar o Templo assim?

— Nos entregará uma parte. Por que somente a Ordem deve possuí-lo? Eles fazem parte do passado.

— Porque não pedimos para ela nos levar?

Fez-se silêncio de novo e temi que os ferros caíssem de novo sobre meu pescoço.

— Nenhum membro dos Rakshana deve entrar nos reinos. É o castigo das bruxas.

Castigo? Por quê? Eu tinha ouvido Amar dizer que éramos os guardiões da Ordem, uma forma de equilibrar seu poder. Era uma aliança incômoda, mas era uma aliança. Mais essa conversa me deixava confuso. Eu tinha medo de falar demais, mas devia fazê-lo.

— Não acredito que ela queira trabalhar para nós.

— Não diga qual o seu objetivo. Ganhe a confiança dela. — Fez-se uma pausa. - A sedução se for necessário.

Lembrei da garota forte, poderosa e amável que havia deixado para trás e respondi:

— Não será fácil.

— Todas as garotas podem ser seduzidas. Você apenas tem que encontrar a maneira certa. Seu irmão, Amar, foi muito hábil ao trazer a mãe dela para o nosso lado.

Meu irmão como um condenado. Meu irmão entoando um lamento de guerra. Não, não era momento de recordar meus pesadelos. Se os conhecessem, iriam me considerar um louco ou um covarde.

— Ganha a confiança dela. Encontre o Templo. Evite que estabeleçam alianças. O resto é por nossa conta.

— Mas...

— Vá, irmão Kartik. — disse então, utilizando o nome que um dia seria realmente meu, como membro da irmandade. — Estaremos vigiando você.

Meus raptos tornaram a desaparecer na escuridão. Fiquei em pé.

— Esperem! — Gritei. — Quando encontrarmos o Templo e o poder for nosso, o que faremos com ela?

A casa desapareceu em um silêncio absoluto. Era possível ouvir como as velas se consumiam. Finalmente, a voz soou como um eco distante.

— Você terá que matá-la.

UM

Dezembro de 1985, Academia Spence.

Ah, o Natal! A simples menção desse nome, Natal, me traz belas recordações. Suponho que, para a grande maioria, as recordações mais doces e agradáveis: uma árvore imensa no salão, decorado com guirlandas brilhantes e bolas coloridas; a excitação de receber os presentes e abri-los; o calor da chaminé e os copos cheios de vinho e de desejos bons; as crianças cantando músicas natalinas no porto com seus chapéus cobertos de neve; e um peru macio e suculento em uma grande bandeja enfeitada com maçãs. E claro, de sobremesa, o delicioso pudim de figo.

Que recordações! Eu gostaria tanto que já fosse Natal...

No entanto, essas imagens estão muito distantes, a quilômetros de onde estou agora mesmo sentada. Aqui, na Academia Spence para senhoritas, obrigada a construir um boneco com papel alumínio e pedaços de barbante... Nada menos que um tamborileiro¹. É como se eu estivesse em um hospital realizando autópsias em cadáveres. Nem o monstro de Mary Shelley era tão assustador como esse boneco ridículo. É impossível que esta coisa faça alguém se lembrar do Natal. Quem se sentiria feliz ao receber uma figura tão horrorosa como esta? O mais provável é que as crianças ao vê-lo comecem a chorar.

— Não agüento mais, isto é impossível. — resmungo.

Mais ninguém tem pena de mim. Nem sequer Felicity e Ann, minhas melhores amigas, ou melhor, dizendo... Minhas únicas amigas aqui. Nem sequer elas vêm me ajudar. Ann está concentrada em seu trabalho: construir uma réplica do Menino Jesus com açúcar úmido e pedaços de madeira. Ela está tão absorta que não enxerga nada além das suas mãos. Felicity, por sua vez, me olha languidamente, como se dissesse: “Sofre, sofre... eu também soffro”

Não, desta vez quem me responde é a asquerosa Cecily Temple. A querida, queridíssima Cecily, melhor dizendo, como a chamo carinhosamente na privacidade de meus pensamentos: “Aquele que faz sofrer quando respira”.

— Não entendo o que a incomoda senhorita Doyle. Na verdade, é a coisa mais simples do mundo. Olhe para mim, eu já fiz quatro.

E mostra quatro bonecos perfeitos, prontos para passar pela inspeção. Escutam-se “aahs” e “oohhs” de admiração: os delicados braços esculpidos, as pequeninas blusas de lã, sem dúvidas, tecidas pelas mãos ágeis e habilidosas de Cecily. E os doces sorrisos que simulam felicidade. Faltam apenas duas semanas para Natal e noto que meu humor piora há cada momento. Sou muito desajeitada e não consigo fazer isso. O patético boneco de alumínio que estou construindo parece implorar para ser destruído. Eu o agarro pelas mãos, e como se tomada por uma força incontrolável, o coloco sobre a mesa e monto com ele uma representação. O faço dançar, arrastando sua perna aleijada como se fosse Tiny Tim, o personagem do conto de Dickens.

— Que Deus abençoe a todos. — grito em tom de zombaria.

E, de repente, um silêncio horrível cai sobre a sala. Todos os olhares se afastam de mim. Inclusive Felicity, que não costumava ser muito recatada, parecia intimidada. Atrás de mim escuto o som familiar de uma garganta pigarreando em tom de desaprovação. A Sra. Nightwing, a fria e inquisidora diretora da Academia Spence, me olha de novo fixamente como se eu fosse uma leprosa. Maldição!

— Senhorita Doyle, você se acha muito engraçada? Como pode ter tão pouca consideração e zombar assim do sofrimento dos pobres coitados de Londres?

— Eu... Eu... Por quê...?

¹ [N/T: tamborileiro - é o termo genérico utilizado na língua portuguesa para denominar um tipo de instrumento musical da família dos aerofones (instrumentos de vento).]

Enfurecida, a Sra. Nightwing me olha por cima dos óculos. Tem o cabelo grisalho preso em um coque apertado. É uma tempestade que se aproxima.

— Talvez, senhorita Doyle, se passasse mais tempo a serviço dos pobres, como eu fiz na juventude durante a guerra, você adquirisse as doses necessárias e convenientes de compaixão.

— Sim... Sim, Sra. Nightwing. Não sei como pude ser tão cruel. — balbuciei.

Pelo canto do olho, vejo Felicity e Ann encolhidas sobre seus bonecos como se fossem fascinantes descobertas de uma escavação arqueológica. Fixo o olhar e vejo que seus ombros sacodem.

Movem-se convulsivamente e me dou conta de que estão rindo com prazer de minha terrível situação. Isso é amizade...

— Advirto que isso fará você perder dez pontos por bom comportamento. E antecipo que, como castigo, você fará uma obra de caridade durante o feriado.

— Sim, Sra. Nightwing.

— E, além disso, escreverá um relatório detalhado da obra, e quero que destaque de que maneira esta contribuiu para enriquecê-la espiritualmente.

— Sim, Sra. Nightwing.

— E faça o favor de trabalhar. Seu boneco requer muito trabalho.

— Sim, Sra. Nightwing.

— Tem alguma pergunta?

— Sim, Sra. Nightwing... Quero dizer não, Sra. Nightwing. Obrigada.

Uma obra de caridade? Durante o feriado? Agüentar meu irmão Thomas, isso é uma obra de caridade. Maldição! Voltei a fazer besteira!

— Sra. Nightwing? — O som da voz de Cecily é a última coisa que quero ouvir. A gota que falta para transbordar o copo. — Espero que este aqui os agrade. Eu sim quero ajudar os pobres.

Estou a ponto de perder a consciência depois de conter uma gargalhada. Mentirosa! Cecily não quer fazer nada pelos pobres. Sempre aproveita qualquer oportunidade para rir da bolsa de estudos concedida a Ann. A única coisa que importa para ela é ser a favorita da Sra. Nightwing. Esta examina os bonecos perfeitos de Cecily.

— São perfeitos, senhorita Temple. Meus parabéns.

Cecily sorri. É uma convencida.

— Obrigada, Sra. Nightwing.

Ah, o Natal! Com um suspiro profundo, pego o horrível boneco e começo de novo. Sinto os olhos ardendo e não consigo ver bem. Eu os esfrego um pouco, mas eles não melhoram. Na verdade, preciso mesmo é dormir, mas só o fato de pensar nisso me dá medo. Durante semanas, fui atormentada por terríveis pesadelos, como se fossem advertências ou premonições de algo que vai acontecer. Quando acordo, não consigo lembrar de quase nada. Só um pouco aqui e ali. Um céu manchado de vermelho e cinza. Uma flor pintada que derrama lágrimas de sangue. Uma floresta com uma luz estranha... As imagens vêm e vão. As únicas que ficam na minha cabeça são as dela, tão linda e tão triste.

— Porque você me abandonou aqui? — grita, e eu não consigo responder. — Quero voltar. Quero que nós fiquemos juntas outra vez.

Tento fugir, mas seu grito me encontra.

— Você é a culpada, Gemma! Você me abandonou aqui! Abandonou-me!

E isso é tudo que consigo lembrar quando acordo todos os dias antes do amanhecer, suada, ofegante e mais cansada do que ao me deitar. São apenas sonhos. Mais porque sempre se repetem? Porque fazem eu me sentir assim?

— Por que não me avisaram? — pergunto a Felicity e a Ann, quando ficamos nós três sozinhas.

— Se você tivesse tomado mais cuidado... — repreende-me Ann, enquanto tira um lenço cinza de dentro da manga.

Ela assoa o nariz constantemente. Tem coriza e seus olhos lacrimejam.

— Eu não teria dito nada se soubesse que ela estava bem atrás de mim.

— A Sra. Nightwing é como um deus. Você sabe. Está sempre em todos os lugares. Talvez ela seja o próprio Deus. — suspira Felicity.

O reflexo do fogo em seu cabelo o faz parecer dourado. Brilha como o cabelo de um anjo caído.

Ann olha ao redor, nervosa.

— V-você n-n-não deve falar de... — e baixa o tom de voz. — ... Deus dessa maneira.

— Porque não? — pergunta Felicity.

— Pode trazer má sorte.

Ficamos em silêncio. Conhecemos muito bem o que era ter má sorte.

Estamos familiarizadas com a má sorte e é difícil para nós não acreditarmos em forças externas capazes de influir em nossas vidas, forças invisíveis que não podemos entender.

Felicity olha fixamente para o fogo.

— Como pode acreditar que exista um deus, Ann? Com tudo o que temos visto.

Uma das criadas silenciosas volta pelo corredor. Há pouca luz, e o branco do seu avental contrasta sobre o cinza de seu uniforme. Na escuridão parece que só o avental se move. Finalmente a mulher desaparece completamente nas sombras. Eu a sigo com os olhos até perdê-la em um canto, e me vêm na cabeça à sala alegre de antes, com um enxame de meninas de seis a dezessete anos que ensaiavam canções de Natal.

Eu queria que já fosse Natal, acender as velas da árvore, acender os fogos de artifícios e ouvir músicas que me agradam. Queria não me preocupar com nada, estar tranquila e só pensar se Papai Noel será bonzinho comigo ou se vai me deixar carvão na meia.

As três meninas se balançam de um lado para o outro e brincam. Têm os braços unidos por algemas de papel recortadas por elas mesmas; uma delas deixa cair seu cabelo suave e cacheado sobre o ombro da amiga, que lhe responde com um beijo na testa. Naquele momento, nenhuma delas cogita pensar que este mundo não é o único. Que além dos muros da Academia Spence, além da barreira insondável da Sra. Nightwing, Mademoiselle Le Farge e dos outros professores que moldam e educam nossos hábitos e nosso caráter como se fossem de argila, além da própria Inglaterra, há um lugar belo e poderoso. Um lugar onde o que você sonha pode ser seu, e onde você deve ter cuidado com os sonhos. Um lugar onde as coisas podem te ferir. Um lugar onde uma de nós está.

Eu sou a ligação entre esse lugar e este mundo.

— Venham, vamos pegar os casacos. — disse Ann, indo na direção das enormes escadas que desciam até a entrada. Felicity olha para ela com curiosidade.

— Por quê? Aonde vamos?

— É quarta-feira. — disse Ann, saindo do centro. — Vamos visitar a Pippa.

DOIS

Caminhamos por entre as árvores da escola até chegar a uma clareira que me parecia familiar. Tudo está incrivelmente úmido. Felizmente eu peguei o casaco e as luvas. Passamos pelo lago à nossa direita, o mesmo onde remamos preguiçosamente nos primeiros dias de setembro. O bote descansa na beira da água, sobre as pedras congeladas e o gramado ressecado de inverno. O lago está coberto por uma camada de gelo, liso e fino. Uns poucos meses atrás compartilhamos essa floresta com um grupo de ciganos, mais com a chegada do inverno eles partiram em busca de temperaturas mais quentes. Penso em Kartik, um dos homens que estava no grupo. Era de Bombaim, tinha olhos grandes e castanhos e lábios carnudos. Lembro que dei para ele o bastão de críquete do meu pai. Kartik. Não consigo deixar de pensar se ele também pensa em mim, onde quer que esteja. Não posso deixar de pensar no dia em que ele virá me buscar e no que isso significa.

Felicity me olha.

— Em que está pensando agora?

— O Natal...

Minto, minhas palavras saem rapidamente, como nuvens de fumaça branca de uma locomotiva. Faz um frio intenso.

— Esqueci que você nunca teve um verdadeiro Natal inglês. Farei com que o conheça durante o feriado. Nós escaparemos de casa e aproveitaremos. — disse Felicity.

Os olhos de Ann estão ausentes, olhando para o chão. Neste Natal, Ann ficará na Spence. Não ficará com sua família, não poderá abrir presentes nem tampouco terá lembranças para confortá-la até a primavera.

— Ann — digo em tom otimista. — você tem sorte, vai ter toda a Academia Spence só para você enquanto nós estivermos fora.

— Não precisa... — responde.

— O que?

— Tentar fazer as coisas parecerem melhor. Estarei sozinha e serei infeliz. Eu sei.

— Escuta. Eu te peço, não tenha pena de si mesma. Não suporto está contigo quando faz isso. — diz Felicity, exasperada.

Tinha um raminho comprido nas mãos e o usava para golpear as árvores à medida que passávamos. Envergonhada, e em silêncio, Ann seguiu caminhando. Eu queria dizer algo a seu favor, mas não me ocorreu nada e percebo que o que quer que eu diga vai incomodá-la. Melhor ficar calada.

— Você vai a algum baile neste Natal? — pergunta então Ann, mordendo o lábio.

Ela se tortura. Como quando provoca pequenos ferimentos nos braços com as tesouras de costura, que às vezes esconde dentro das mangas.

— Sim. Com certeza. — respondeu Felicity, como se a pergunta fosse tediosa. — Minha mãe e eu vamos organizar um baile de Natal. Todo mundo estará lá.

Todo mundo, exceto você, ela quis dizer.

— Eu estarei confinada e controlada pelos olhos de minha avó, que não me deixará nem um segundo e não vai perder uma única oportunidade de apontar os meus defeitos. E, além disso, haverá meu irmão Tom, que não me deixa tranqüila... Asseguro a você, que serão férias muito controladas.

Sorrio, esperando que Ann risse comigo. A verdade é que me sinto culpada por deixá-la, mas não tanto como para convidá-la para minha casa.

Ann me lança um olhar.

— E como está o seu irmão Tom?

— Igual, o que significa impossível.

— Ele está saindo com alguém?

Ann gosta de Tom, mas Tom nunca prestaria atenção nela. É uma situação um tanto embaraçosa.

— Acho que sim. — minto.

Ann deixa de caminhar.

— Com quem?

— Ah... É uma tal de senhorita Dalton. Acredito que sua família é de Somerset.

— Ela é bonita? — Ann segue perguntando.

— Sim. — respondo.

Continuamos caminhando. Espero que a conversa acabe aqui.

— É tão bonita quanto a Pippa?

Pippa. A bela Pippa, com seus cachos escuros e seus olhos violetas.

— Não, não existe ninguém tão bonita quanto a Pippa.

Havíamos chegado. Na nossa frente se ergue uma árvore majestosa, com a casca suja e coberta por uma camada de gelo. Na sua base se apóia uma pedra grande e pesada. Tiramos as luvas e movemos a pedra, expondo um oco apodrecido. Dentro há uma série de coisas estranhas: uma luva de criança, uma carta escrita em um pergaminho, um punhado de balas e algumas flores secas do funeral que o vento levou até a velha ferida do carvalho.

— Você trouxe? — pergunta Felicity a Ann.

Ann assente com a cabeça enquanto tira um pequeno pacote enrolado em papel verde. Imediatamente tira de dentro dele a imagem de um anjo feito com renda e miçangas. Nós o elaboramos, cada uma de nós havia participado de sua confecção. Ann o envolve novamente no papel e o coloca no altar improvisado junto a outras recordações.

— Feliz Natal, Pippa. — diz então, nomeando a amiga que morreu fazia dois meses e que estava enterrada há uns trinta quilômetros dali.

Pippa era nossa melhor amiga. E pensar que eu poderia tê-la salvado...

— Feliz Natal, Pippa. — repetimos de novo Felicity e eu.

Por um momento ninguém diz nada. O vento é frio nessa parte desprotegida da clareira. As gotas minúsculas e afiadas de neblina cortam minha pele atravessando a lã do casaco. Minha pele arrepia. À direita, onde ficam as cavernas, reina o silêncio. A entrada está agora fechada por uma parede de tijolos recém construída.

Apenas alguns meses atrás, quatro de nós haviam se reunido em uma dessas cavernas para ler o diário secreto de Mary Dowd. Nele se falava de uns reinos, um mundo escondido e mágico fora do nosso que por um tempo foi governado por um grupo de feiticeiras denominadas a Ordem. Nesses reinos todos os nossos sonhos podem se tornar realidade, mais também havia espíritos malignos, criaturas que queriam governá-lo. Mary Dowd se deu conta disso. E nós também, quando perdemos nossa amiga Pippa para sempre.

— Estou com muito frio. — diz Ann quebrando o silêncio. Tem a cabeça baixa e pigarreja discretamente.

— Sim. — diz Felicity, com pouco entusiasmo.

O vento arranca uma folha seca da árvore e a leva para longe de nós.

— Acha que algum dia, nós vamos vê-la de novo? — pergunta Ann, de repente.

— Não sei. — respondo embora as três soubessem perfeitamente que ela havia partido para sempre.

Durante um bom tempo não se ouviu nada, unicamente o som do vento deslizando entre as folhas.

Felicity pega novamente um galho e a dirige distraidamente até a árvore.

— Quando voltaremos? Você disse que...

— Que voltaríamos quando tivéssemos encontrado os outros membros da Ordem. — termino a frase.

— Mas já faz dois meses. — choraminga Ann. — E se não houver outros?

— E se proibirem a entrada de Ann e a minha? Nós não somos tão especiais como você... — diz Felicity, pronunciando a palavra "especial" em um tom um tanto desagradável.

Entre nós é um grande obstáculo saber que só eu posso entrar nesses reinos; que somente eu tenho esse poder, e não elas. A única forma que elas têm de entrar é comigo. Só comigo...

— Lembra do que minha mãe nos disse: os reinos decidem quem serão os eleitos. Nós não podemos decidir. — digo, dando a conversa por encerrada.

— Mas você sabe quando as mulheres da Ordem entrarão em contato conosco? E como farão? — pergunta Felicity.

— Não tenho nem idéia. — admito, sentindo-me estúpida. — Minha mãe disse que elas fariam.

Não posso colocar um anúncio no jornal perguntando, posso?

— E aquele garoto indiano que haviam mandado para te vigiar? — pergunta Ann.

— Kartik? Não voltei a vê-lo desde o dia do funeral de Pippa.

Kartik. Estará ele na floresta me olhando, esperando o momento para me levar até os Rakshana, e assim colocar um fim às minhas visitas aos reinos?

— Talvez essa tenha sido a última vez que você o viu e ele tenha desaparecido para sempre. Esse pensamento fez meu coração doer. Não posso deixar de pensar na última vez que o vi, com seus olhos grandes cheios de uma emoção nova que não conseguia entender... E o calor suave de seu dedo acariciando meu lábio. Sinto-me vazia, estranhamente agitada e ansiosa.

— Talvez. — digo eu. — Ou talvez ele tenha ido ver os Rakshana e tenha contado tudo a eles.

Felicity me escuta enquanto grava seu nome na casca da árvore com o galho.

— Se fosse o caso, não acha que eles teriam vindo nos buscar?

— Imagino que sim.

— Mas não vieram...

Felicity pressiona o galho com tanta força que ele se rompe enquanto ela escrevia o Y. Seu nome fica gravado como FELICITY.

— E você ainda não teve nenhuma visão? — pergunta Ann.

— Não, não desde que as runas foram destruídas.

Felicity me pergunta glacialmente:

— Nada? Nem um sonho?

— Na-da. — respondo.

Ann cruza os braços para se aquecer.

— Acha que eram a fonte do poder? E que, quando você destruiu as runas, destruiu também as visões?

Não havia pensado nisso. Isso me preocupou. Houve momentos em que minhas visões me deram medo, mas agora isso é o de menos.

— Não sei.

Felicity pega minhas mãos entre as suas me lançando um olhar encantador.

— Gemma, pensa em toda a magia maravilhosa que estamos desperdiçando! Faz muito tempo que não provamos!

— Quero ser bonita outra vez. — diz Ann, aderindo à idéia — Ou talvez possa encontrar um rapaz, como aconteceu com Pippa. Um rapaz que me ame, claro.

Não é que eu não tivesse pensado no assunto. Doía-me ver o portal dourado sobre o rio, ter todo o poder e negá-lo ao mundo. Era como se Felicity tivesse se dado conta de que minha decisão estava enfraquecendo.

Beija-me na bochecha. Seus lábios estão frios.

— Gemma, só uma visita! Entrar e sair, ninguém vai descobrir.

Ann, por sua vez, acrescenta:

— Kartik não está e ninguém está nos vigiando.

— E Circe? — lembro a elas. — Ela ainda está aí, esperando que nós cometamos algum erro.

— Teremos cuidado. — responde Felicity.

Sei o que vai acontecer. Tenho certeza que me castigarão mesmo que seja somente por entrar em seus domínios.

— A verdade é que não posso entrar nos reinos. — digo, olhando para a floresta. — Eu já tentei.

Felicity dá um passo para trás, se afastando de mim.

— Sem nós?

— Só uma vez. — digo evitando seus olhos. — Mas não consegui criar o portal de luz.

— Que pena! — diz Felicity.

Sei que não acreditam em mim. Percebo isso em seguida.

— Sim. Precisamos encontrar os outros membros da Ordem antes de poder entrar nos reinos. Não acredito que haja outra maneira.

É uma mentira. Com tudo o que eu sei e com meu poder eu poderia ter entrado de novo nos reinos quando quisesse. Mas ainda não era o momento. Preciso de tempo. Antes devo compreender esse poder estranho que tenho esse privilégio ou maldição, dependendo do ponto de vista. Só depois de aprender a dominar a magia, como minha mãe me disse que eu fizesse. As conseqüências podem ser muito graves; tanto que terei que viver o resto da minha vida com a morte de Pippa na minha consciência. Não vou cometer o mesmo erro duas vezes. Prefiro que por enquanto minhas amigas acreditem que não tenho poder. No momento é melhor que eu minta. Ao longe, se ouvia o som dos sinos da igreja anunciando as orações.

— Vamos chegar tarde. — diz Felicity, se dirigindo para a capela.

Seu tom é tão frio quanto o vento. Ann a segue resignada. Deixam-me sozinha, e cabe a eu colocar a pedra de volta em seu lugar.

— Obrigada pela ajuda. — gaguejo empurrando a pedra. Olho de novo para o pergaminho. Era estranho. Por mais que me esforçasse, não conseguia lembrar quem o colocara ali. Então pego o papel amassado de baixo da pedra e o leio: "Eu preciso vê-la imediatamente".

A nota está assinada, mas não preciso olhar para a assinatura. Reconheço a letra imediatamente. Era de Kartik.

TRÊS

Estou segura. Sei que Kartik está muito perto, me olhando, me observando de algum lugar. Desde as orações, o mesmo pensamento me consome: Kartik está aqui e no bilhete dizia que precisava falar comigo. Por quê? O que pode ser tão urgente? Meu estômago se encolhe, sinto medo e ao mesmo tempo excitação. Kartik havia regressado.

— Gemma. — sussurra Ann. — Seu livro de orações.

Estou tão desatenta que esqueci de abrir meu livro de orações. Devo fingir que sigo as orações. Olho para a Sra. Nightwing que se vira na minha direção de sua posição no primeiro banco. Olha-me de um jeito que só ela é capaz de fazer. Reajo e rapidamente começo a ler em voz alta. Faço isso bem, bem o bastante para simular um pouco de entusiasmo. Satisfeita ao comprovar minha devoção, nossa diretora volta o olhar até o altar. Mais segura, volto à atenção para meus pensamentos agitados.

E se, finalmente, os Rakshana vieram me pegar? E se Kartik fosse o enviado deles e estivesse aqui para me levar até eles?

Um calafrio percorre minha espinha. Não permitirei que faça isso. Virá até mim, mas não vou permitir que me leve. Devo ser forte e lutar contra ele. Kartik. Quem ele pensa que é? Talvez pretenda me levar embora inconsciente? Virá e me envolverá pela cintura com seus braços fortes para me levar? Com certeza, eu lutaria. Lutaria mesmo que ele seja muito mais forte do que eu. Kartik. Talvez caia junto no chão e me imobilize com o peso de seu corpo, seus braços juntos dos meus, suas pernas sobre as minhas. Seria sua prisioneira e seu rosto estaria tão perto do meu que seria incapaz de me mexer, invadida pela fragrância de seu hálito e seu calor em meus lábios...

— Gemma! — Felicity sussurra duramente à minha direita.

Fico nervosa e começo a tremer. Concentro-me imediatamente e me ponho a ler em voz alta a primeira linha que vejo na Bíblia. Tarde demais. Dou-me conta de que minha voz é a única em meio a um silêncio sepulcral. Fico em evidência e todos ficam surpresos com meu arrebatamento de devoção, como se tivesse me convertido de repente. Surpresas, as garotas começam a rir. Ruborizo e vejo que o Reverendo Waite me olha enfurecido. Sequer me atrevo a levantar o olhar até a Senhora Nightwing. Sei que seria capaz de me fulminar com apenas um olhar. Em vez disso, faço o que fazem as outras garotas e inclino a cabeça para rezar. Em alguns segundos, a voz do Reverendo Waite quase consegue me fazer adormecer.

— No que diabos está pensando? — sussurra Felicity. — Sua expressão estava muito estranha.

— Eu havia me perdido. — respondo, sentindo-me culpada.

Ela pretendia dizer algo, mas me inclino para frente e fixo o olhar no Reverendo Waite. Ela não diz mais nada, devia estar pensando no quanto a Sra. Nightwing estava furiosa.

Kartik. Dou-me conta de que sentia sua falta. Mas sei se ele está aqui, as notícias podem não serem boas. A oração havia terminado. O reverendo Waite abençoou a todos os fiéis deixou-nos ir à paz. O crepúsculo surgia silencioso como um barco fantasma, e com ele, uma neblina densa. Ao longe brilhava as luzes de Spence. Escuto o som de uma coruja piando. Era estranho. Ultimamente não tinha ouvido corujas. Mas agora estou certa de que os piados vêm das árvores à minha direita. Entre a neblina, distingo algo brilhante. Parece uma lanterna na base de uma árvore. É ele. Eu sei.

— O que houve? — pergunta Ann, a me ver parar.

— Entrou uma pedrinha na minha bota. — respondo. — Pode ir à frente, eu já vou.

Durante um segundo, fico imóvel, desejando vê-lo. Quero me assegurar de que não é uma fantasia criada pela minha mente. O som da coruja me sobressalta outra vez. Atrás de mim, o Reverendo Waite fecha as portas de carvalho da capela com um estrondo e apaga as luzes. Uma a uma, as garotas desaparecem na neblina e suas vozes vão ficando cada vez mais distantes. Ann se vira na minha direção, meio envolvida pela neblina.

— Gemma, vem! — sua voz flutua lentamente pela neblina como um eco antes de desaparecer completamente.

Ge... mma... v...em...

O som da coruja volta a sair do meio das árvores, esta vez com mais insistência. Em poucos minutos estaria completamente escuro. Só era possível ver ao longe as luzes da Spence e as sombras da floresta. Estou sozinha no caminho. Não vejo ninguém, e por um instante fico assustada. Corro o mais rápido que posso esperando que Ann me escute.

— Espera! Estou indo!

QUATRO

Isso é o que eu sei sobre a história da Ordem. Há muito tempo atrás, seus membros foram às mulheres mais incrivelmente poderosas. Eram as guardiãs do poder da magia que governava os reinos. Ali, naquele lugar aonde os mortais somente iam em sonhos ou após a morte, a Ordem ajudava os espíritos a cruzar o rio na direção do lado de lá, e a completar as missões de que suas almas necessitavam para que assim pudessem partir em paz. E era a Ordem que podia manusear o incrível poder e lançar ilusões, mudar vidas e influenciar o curso da história. Mas isso foi antes que duas principiantes da Spence, Mary Dowd e Sarah Rees-Toome, provocaram a destruição da Ordem.

Sarah, que chamava a si mesma Circe em homenagem à poderosa feiticeira grega, era a amiga mais querida de Mary. Mas enquanto o poder de Mary continuava crescendo, o de Sarah começou a regredir. Os Reinos não a haviam escolhido.

Desesperada por manter o poder, Sarah fez um pacto com um dos espíritos escuros dos Reinos em um lugar proibido chamada Terras Invernais. Em troca do poder para entrar nos Reinos futuramente, ela devia prometer um sacrifício: uma criança cigana. E convenceu Mary a participar de seu plano. Com essa atitude elas se uniram ao espírito escuro e destruíram o poder da Ordem. Para evitar que os espíritos entrassem nesse mundo, Eugenia Spence, fundadora da Spence e uma das sacerdotisas mais poderosas da Ordem se sacrificou em troca da menina, e a Ordem perdeu sua líder. Seu último gesto foi lançar seu amuleto de olho e lua crescente a Mary, para que com ele, ela pudesse fechar os Reinos e evitar que alguém entrasse. Mary o fez, mas ao lutar com Sarah pelo amuleto, deixou cair uma vela. Um incêndio terrível começou na ala leste da Spence, e até hoje essa parte danificada da construção está trancada e inutilizada. Acreditou-se que as garotas haviam morrido no incêndio junto com Eugenia.

Ninguém soube que quando o fogo começou Mary escapou para as cavernas atrás da escola, deixando ali seu diário que encontraríamos anos mais tarde. Sarah nunca foi encontrada. Mary se escondeu na Índia, onde conheceu John Doyle, com quem se casou e adotou o nome Virgínia Doyle: minha mãe.

Como não podiam entrar nos Reinos, os membros da Ordem se dispersaram buscando e esperando que chegasse o momento em que poderiam reivindicar seu mundo mágico e recuperar seu poder.

Durante vinte anos nada aconteceu. A história da Ordem passou a ser um mito. Até 21 de junho de 1895, o dia em que completei dezesseis anos. Esse foi o dia em que a magia da Ordem começou a tomar vida outra vez, em mim. Esse foi o dia em que Sarah Rees-Toome, Circe, finalmente veio a nós. Ela não havia morrido no incêndio e vinha usando seu vínculo com o espírito escuro das Terras Invernais para tramar sua vingança. Um por um, ela caçou os membros da Ordem em busca da filha de quem todos falavam, à garota que poderia entrar nos Reinos e recuperar toda a glória e o poder.

Foi nesse dia que tive minha primeira visão, quando vi minha mãe morta, perseguida por um assassino de Circe, aquela criatura sobrenatural que também matou brutalmente Amar, dos Rakshana, um homem culto que protegia e ao mesmo tempo temia o poder da Ordem. Foi também nesse dia que eu conheci Kartik, o irmão caçula de Amar, que se tornaria meu guardião e perseguidor e estaria ligado a mim pelo dever e pela dor. Esse dia marcou o resto da minha vida. Depois disso tudo fui enviada à Spence. Minhas visões me permitiam entrar nos Reinos com minhas amigas. Ali podia encontrar minha mãe e aprender aquilo que, por direito de nascimento, tinha que saber a respeito da Ordem. Era o lugar onde minhas amigas e nós usávamos as runas, as pedras mágicas, para mudar nossas vidas; onde lutei contra os assassinos de Circe e rompi a runa do Oráculo; onde minha mãe finalmente morreu, e também nossa amiga Pippa. Vi como ela escolheu ficar, a vi caminhar de mãos dadas com um rapaz charmoso até um lugar de onde ela nunca poderia voltar. Pippa, minha querida amiga Pippa.

Nos Reinos aprendi sobre meu destino: formar novamente a Ordem e dar continuidade a seu trabalho. Essa é minha obrigação. Mas também tenho outra missão secreta: enfrentar a amiga de minha mãe, minha inimiga. Desafiarei Sarah Rees-Toome, Circe, cara a cara, e não vou fraquejar.

Uma chuva incessante golpeia as janelas. É impossível dormir, mas Ann está roncando profundamente. No entanto, não é a chuva que me mantém acordada; minha pele se eriça, estou inquieta e meus ouvidos estão atentos a qualquer ruído por menor que seja. Cada vez que fecho os olhos vejo as palavras escritas no pergaminho: “Preciso vê-la imediatamente”.

Será que ele está aqui fora? Agora? Apesar da chuva que cai?

Uma rajada de vento sopra contra as janelas fazendo com que ela ranja como ossos. Os roncoss de Ann aumentam e diminuem. Não tem sentido ficar aqui deitada me preocupando. Acendo a luz da minha mesinha e ajusto a chama até ela ficar como um suave resplandecer, suficiente para encontrar o que preciso. Remexendo em meu armário eu o encontro: o diário de minha mãe. Passo os dedos pelo couro e lembro de sua risada, a suavidade de sua pele...

Volto a concentrar minha atenção no diário que conheço tão bem e passo meia hora revisando se consigo encontrar alguma pista entre suas palavras, algo que possa me guiar. Mas não encontro nada. Não tenho nem uma vaga idéia de como reorganizar a Ordem ou do que fazer com a magia. Também não tenho nenhuma informação útil sobre os Rakshana e sobre o que planejam fazer comigo. Não há mais nada sobre Circe ou sobre como posso encontrá-la antes que ela me encontre. Tenho a sensação de que o mundo inteiro está me esperando agir, e eu estou perdida. Desejei que minha mãe tivesse me deixado mais pistas. A voz de minha mãe se faz nítida a cada página. Sinto falta dela. Encaro as palavras até meus olhos ficarem pesados, como se fossem obrigados a fechar pelo adiantado da hora. Dormir. É isso que preciso. Dormir, sem medo de sonhar. Dormir.

Levanto a cabeça de repente. Foi uma batida na porta principal? Vieram por minha causa? Meus nervos estão à flor da pele. Meus músculos se retesam. Não se ouve nada além da chuva. Nenhum movimento nos corredores sugere que alguém vá abrir a porta. É tarde demais para visitas e é impossível que Kartik use a porta principal. Começo a pensar que talvez tenha sonhado quando escuto uma nova batida, desta vez mais forte.

Agora sim se ouve um movimento embaixo. Rapidamente, pego a lâmpada. Brigid, nossa tagarela governanta, fala entre os dentes, mal humorada, enquanto vai até a porta. Quem pode estar batendo a uma hora dessas? Meu coração acelera junto com a chuva enquanto deslizo pelo corredor e paro perto das escadas. A vela de Brigid reflete sombras na parede enquanto ela desce os degraus quase de dois em dois, sua trança longa voa descontrolada atrás dela.

— Por todos os santos. — resmunga Brigid, que chega ofegante a porta no exato momento em que se escuta um novo golpe. A porta se escancara deixando a chuva entrar. Alguém havia chegado no meio da noite. Alguém completamente vestido de preto. Sinto-me quase enfraquecida de pânico. Estou paralisada, não muito certa se estou a salvo em baixo das escadas, longe da porta, ou se devo correr de volta para o quarto e fechar a porta a sete chaves.

Na escuridão do corredor, vislumbro um rosto. A vela de Brigid se move iluminando a figura. Estou confusa. Seria um membro dos Rakshana que veio me buscar... Não entendo, é uma mulher. Imagino que diz seu nome, mas como a porta ainda está aberta não consigo ouvir por causa do vento e da chuva. Brigid assente e deixa o cocheiro passar para largar a bagagem dela no vestíbulo. A mulher lhe paga e Brigid fecha a porta.

— Vou agora mesmo acordar nossa servente para que lhe acomode. — diz Brigid. — Não tem sentido acordar a Sra. Nightwing. Ela vai recebê-la pela manhã.

— Não há problema. — diz a mulher. Sua voz é profunda com um leve assento nos “erres”, um sotaque que não consigo identificar.

Brigid baixa um pouco a luz e não pode evitar soltar um último pigarro a caminho do quarto da serviçal. Deixa a mulher sozinha, ao tirar o chapéu ela deixa exposto um cabelo fino e escuro e um rosto marcado por linhas duras. Observa o lugar detendo-se no sinuoso lustre nos enfeites

talhados com ninfas e centauros. Sem dúvida ela havia se dado conta da coleção de gárgulas no telhado e o mais provável é que esteja se perguntando que tipo de lugar era esse.

Então dirige o olhar para cima, percorre a escada e se detém inclinando a cabeça. Ela serra os olhos como se estivesse me vendo. Rapidamente me agacho nas sombras e fico totalmente agarrada à parede. Nesse momento, ouço a voz aguda de Brigid dando ordens à serviçal meio adormecida.

— Esta é a senhorita McCleethy, a nova professora. Cuide da bagagem. Eu lhe mostrarei o quarto.

Mimi, a servente boceja e pega a bagagem mais próxima, mas a senhorita McCleethy a impede.

— Se não se importa, eu levarei esta. São meus objetos pessoais.

E sorri sem mostrar um único dente.

— Sim, senhorita.

Mimi faz uma reverência e se dirige suspirando em direção ao grande baú no vestíbulo. Sob a luz da vela de Brigid a escada se transforma em um baile de sombras e luzes. Volto na ponta dos pés pelo corredor me escondendo atrás de uma samambaia que está sobre uma base de madeira, eu as observo escondida atrás das folhas gigantescas. Brigid abre caminho, mas a senhorita McCleethy para no patamar do corredor. Olha para ele fixamente, como se já o tivesse visto antes. O que acontece depois é verdadeiramente curioso. Em frente às imponentes portas duplas que levam à ala leste, inutilizada por causa do incêndio, a mulher se detém e esfrega a palma da mão na madeira deformada.

Tentando ver melhor empurro o vaso de samambaias com os ombros. A base de madeira começa a oscilar e, rapidamente uso a mão para equilibrá-la. Nesse momento a senhorita McCleethy olha na minha direção.

— Quem está aí? — pergunta.

O coração acelerou no meu peito e me encolho como uma bolinha, esperando que a samambaia me esconda. Não quero que me peguem escondida pelos corredores da Spence. No meio da noite. Posso ouvir o ranger do piso avançando na minha direção.

Senhorita McCleethy se aproxima. Estou arruinada. Perderei todos meus pontos de comportamento e me obrigarão a copiar trechos da Bíblia por uma eternidade.

— Já vou. — responde a senhorita McCleethy ao mesmo tempo em que abandona sua posição junto à porta e segue Brigid escada acima. O corredor está de novo às escuras e em silêncio. Só se ouve o barulho da chuva.

Quando consigo dormir, estou nervosa e minha noite é dominada pelos sonhos. Vejo os Reinos, o belo verde dos jardins, o azul claro do rio. Mas isso não é tudo o que vejo. Vejo flores que choram lágrimas negras. Três meninas de branco contra o mar cinzento. Uma figura envolta em uma névoa verde escura. Algo saindo do mar. Não consigo ver o que é. Só consigo ver os rostos das meninas, o frio e o medo refletido em seus olhos antes de gritar.

Acordo por um momento, o quarto luta para tomar forma, mas a sonolência é poderosa demais e entro novamente em um último sonho. Pippa vem até mim com uma guirlanda de flores na cabeça, como uma coroa. Seu cabelo está escuro e brilhante como sempre. O preto intenso de alguns cabelos revoltos sobre seus ombros contrasta com a palidez da pele. Atrás dela se vê um céu vermelho-sangue, com grandes nuvens escuras, e uma árvore nodosa que se enrola em torno de si mesma, como se tivesse sido queimada e aquilo fosse tudo o que restara do que um dia foi uma beleza imponente.

— Gemma. — diz, e meu nome ecoa em minha cabeça até que não consiga ouvir mais nada.

Seus olhos. Há algo diferente em seus olhos. São de um branco azulado, da cor do leite fresco, dentro de um perfeito anel negro com um pequeno ponto, também negro, no meio. Quero afastar o olhar, mas não consigo.

— É hora de voltar aos Reinos... — diz, uma e outra vez, como uma ladainha.

— Mas tenha cuidado querida Gemma... Eles virão atrás de você. Todos eles virão atrás de você. Abre sua boca, que emite um terrível rugido e mostra uns horríveis dentes com pontas afiadas.

CINCO

Quando finalmente amanheceu, estou tão cansada que sinto como se meus olhos estivessem cobertos de areia. Tenho um gosto desagradável na boca. Ponho-me a fazer gargarejos com um pouco de água de rosas e cuspo no lavabo o mais delicadamente possível. Do que não consigo me livrar é essa horrível imagem na minha cabeça, a imagem de Pippa como um monstro. Foi só um sonho, Gemma, só um sonho. É o teu remorso, que vem te atormentar. Pippa escolheu ficar. Foi decisão dela, não tua.

Enxágua a boca outra vez, como se isso pudesse realmente curar meus males.

No refeitório, haviam preparado longas filas de mesas para o desjejum.

Os arranjos com flores de Natal e plumas estão dispostos em vasos de prata e colocados em quatro pontos. Eram tão encantadores que me esqueço do sonho que tive e me lembro que é natal. Me junto a Felicity e Ann e ficamos de pé atrás de nossas cadeiras, em silêncio, atentas ao menor sinal da Sra. Nightwing. Há vários potes com geléia e grandes tabletes de manteiga ao lado de nossos pratos. O ar está perfumado com o doce do bacon. A espera era uma tortura. Finalmente, a senhora Nightwing se põe de pé e nos pede que inclinemos à cabeça. Então rezamos uma breve oração de agradecimento e podemos nos sentar à mesa.

— Você se deu conta? — diz Marta, em um sussurro. Marta é uma das leais seguidora de Cecily. Havia começado a se vestir como ela, e inclusive a se parecer um pouco com ela. Ambas compartilhavam as mesmas experiências, o mesmo riso tímido e a tendência a rir dessa maneira como se quisessem parecer recatadas, mas o que na realidade parece é que morderam um pedaço muito grande de pão e não conseguiram engolir.

— Me dei conta do que? — pergunta Felicity.

— Temos uma professora nova. — continua Marta. — Vê? Está sentada ao lado de Mademoiselle LeFarge.

Mademoiselle LeFarge, nossa rechonchuda professora de francês, está sentada com as outras professoras em uma mesa separada. Ela está namorando um detetive da Scotland Yard, o inspetor Kent, que nos encanta. Desde que começou o namoro, ela começou a vestir cores mais viva e roupas mais modernas. O recém descoberto bom humor, contudo, não entendia meu francês deplorável.

Todas as cabeças se viram até a nova professora, que está sentada entre LeFarge e a Sra. Nightwing. Usa uma vestimenta cinza de flanela, com um broche em forma de folha na lapela. A reconheço imediatamente: é a mulher que chegou no meio da noite. Poderia compartilhar essa informação com as outras. Seguramente, isso me faria bastante popular na mesa. Mas o mais provável é que meu comentário sairia imediatamente de Cecily e iria parar na senhora Nightwing colocando-a a par das minhas atividades noturnas. Por isso, em vez disso, decido comer um figo. A Sra. Nightwing se levanta para falar. Justo quando minha colher estava próxima à boca... Devo deixá-la no prato. Rezo em silêncio para que seu discurso seja breve, mas sei que isso é como pedir que neve em pleno julho.

— Bom dia, meninas.

— Bom dia, Sra. Nightwing. — respondemos todas em uníssono.

— Gostaria de apresentar a senhorita McCleethy, nossa nova professora de arte, além de desenho e pintura, a senhorita McCleethy sabe latim e grego, e arco e flecha.

Felicity me dirige um sorriso de excitação. Somente Ann e eu sabemos o quanto isso a satisfaz. Nos Reinos ela se mostrou uma exímia arqueira, um feito que sem dúvida surpreenderia os muitos que pensam que ela só se interessa pela última moda de Paris.

Ela continuou: “A senhorita McCleethy veio da estimadíssima escola Saint Victoria para moças, em Gales, eu estou realmente muito satisfeita, pois se trata de uma amiga de longa data”. Nesse momento, a Sra. Nightwing dirige um sorriso cálido à senhorita McCleethy. É assombroso! A Sra.

Nightwing tem dentes! Sempre imaginei que a nossa diretora havia sido incubada em um ovo de dragão. Não posso acreditar que tenha uma “amiga de longa data”.

— Não tenho dúvidas de que saberão demonstrar o apreço inestimável que sentimos por tê-la aqui na Spence, e peço a vocês que a recebam calorosamente. Senhorita Bradshaw, talvez queira cantar uma canção para nossa querida senhorita McCleethy? Talvez uma canção de natal? Creio que seria o mais apropriado.

Ann se levanta relutante e avança entre as longas mesas. Enquanto caminha, se ouvem alguns sussurros e uma ou duas risadas dissimuladas. As outras garotas parecem não cansar de atormentá-la. Ann caminha cabisbaixa e isso faz com que as outras prossigam com sua crueldade. Mas quando abre a boca para cantar, sua voz clara, bonita e potente faz calar todas as críticas. Quando acaba, tenho vontade de levantar e aplaudir. Em vez disso, o que fazemos é lhe dar um aplauso contido e educado, enquanto ela se dirige novamente à nossa mesa. Cecily e suas amigas agem como se não tivessem percebido a existência dela, como se ela não tivesse cantado para todas, segundos antes. Era como se ela não existisse para elas. Nada além de um fantasma.

— Foi esplêndido. — sussurro.

— Não. — diz ruborizada. — Foi horrível.

Mas apesar disso seu rosto esboça um sorriso de satisfação envergonhado.

A senhorita McCleethy se levanta para se dirigir até nós.

— Obrigada, senhorita Bradshaw. Foi um bonito início de dia.

Bonito início? Foi encantador! Realmente perfeito. Decididamente, a senhorita McCleethy não tem nenhuma ponta de paixão. Creio que serei obrigada a lhe dar dois pontos por má conduta na minha lista invisível.

— Tenho muita vontade de conhecer a todas e espero ser útil. Talvez cheguem à conclusão que sou uma professora exigente. Sempre espero o melhor de vocês. Mas creio que também se darão conta de que sou justa. Se esforcem, e serão recompensadas, se não, sofrerão as conseqüências.

A Sra. Nightwing assente. Parece que encontrou alguém com o mesmo espírito que ela, ou seja, desprovido de qualquer alegria humana.

— Obrigada, senhorita McCleethy. — diz.

Para nós, esse é o bendito sinal de que podemos seguir comendo. Ah, magnífico! Agora o bacon. Coloco dois pedaços grossos no meu prato. Isso é o paraíso.

— Parece divertida. — sussurra Felicity com ar travesso, olhando na direção da senhorita McCleethy.

As outras riem tontamente tapando a boca. Somente Felicity poderia soltar um comentário como esse, num lugar tão errado. Se eu tivesse que fazer esse tipo de comentário, seria conhecida como a Dama Silenciosa.

— Tem um sotaque muito estranho. — diz Cecily. — Estrangeiro.

— Não me parece ser de Gales. — diz Martha. — Mas talvez escocês. Eu diria.

Elizabeth Poole serve duas colheradas de açúcar no chá e a remove com elegância. Usa uma delicada pulseira de hera dourada, sem dúvida o mais recente presente dado pelo avô, que segundo rumores, é mais rico que a rainha.

— Poderia ser irlandesa, suponho. — diz com sua voz fina. — Espero que não seja papista.

Não era preciso dizer que nossa Brigid é irlandesa e católica. Para gente como Elizabeth, os irlandeses estão bem onde estão em seu lugar. E esse lugar é a servidão, trabalhando para os ingleses.

— Realmente espero que seja melhor que a senhorita Moore. — Cecily põe um pouco de presunto em sua torrada.

Ao ouvir o nome da senhorita Moore, Felicity e Ann ficam em silêncio e baixam o olhar. Não haviam esquecido que fomos nós as responsáveis pela demissão da nossa professora de arte, a mulher que levou-nos as cavernas, além da Spence para nos mostrar as pinturas de Deusas primitivas que havia ali. Foi a senhorita Moore que me falou sobre meu amuleto e sua ligação com a Ordem.

Foi a senhorita Moore que nos contou histórias sobre a Ordem. E isso, no final, foi o que provocou sua demissão. A senhorita Moore era minha amiga e sinto falta dela.

Cecily franze o cenho.

— Todas essas histórias sobre mulheres mágicas... O que era aquilo?

— A Ordem. — diz Ann.

— Oh, sim! A Ordem. — diz Cecily. E continua usando um tom dramático. — Mulheres que podiam criar ilusões e mudar o mundo.

Isso faz Elizabeth e Martha rirem e chama a atenção de nossas professoras.

— Um completo absurdo, se quer saber. — diz com uma voz tranqüila.

— Era só uma lenda. Ela nos disse isso. — digo tentando não encontrar os olhos de Ann ou Felicity.

— Exato. Qual o propósito de nos explicar histórias sobre bruxas? Ela supostamente teria de nos ensinar a fazer pinturas bonitas e não nos levar a uma caverna estúpida para ver uns garranchos primitivos feitos por bruxas velhas. Não sei como não pegamos uma pneumonia. Poderíamos inclusive ter morrido.

— Você é tão melodramática. — Felicity diz.

— É verdade! No final, teve o que merecia. A Sra. Nightwing fez o correto ao despedi-la. E vocês fizeram o correto ao culpar quem devia, quer dizer, senhorita Moore. Se não fosse por ela talvez a nossa querida Pippa... — diz Cecily.

— Talvez o que? — digo com muita frieza.

— Não devia ter dito isso. — vacila Cecily. Parece um gato com um ratinho na boca.

— Foi à epilepsia que matou Pippa. — diz Felicity, escondendo a boca com o guardanapo. — Ela não estava bem...

Cecily sobe o tom de voz.

— Mas Pippa foi a primeira a falar para a Sra. Nightwing sobre o maldito diário que estavam lendo. Foi ela que confessou que havia estado nas cavernas à noite, e que havia sido a senhorita Moore que deu a idéia. Coincidência, não?

— Os bolos estão excepcionalmente bons hoje. — diz Ann, tentando mudar de assunto.

Ann não suporta nenhum tipo de discussão. Tem medo de que, por alguma razão, a culpa recaia sobre ela.

— Do que a está acusando? — deixo escapar.

— Creio que já sabe o que estou dizendo.

Não posso mais me conter.

— A senhorita Moore não é culpada de nada além de compartilhar conosco algumas crendices populares. Sugiro que paremos de falar nela de uma vez por todas.

— Bom isso me agrada. — diz Cecily, rindo.

As outras seguem sua líder. Cecily é uma idiota, mas ainda assim, porque continua tendo o poder de me fazer sentir uma tonta?

— Com certeza, sabia que ia defendê-la, Gemma. Se me lembro bem, foi seu estranho amuleto que começou a conversa, como se chamava?

— O olho de lua crescente. — responde Ann, mordendo o lábio.

Elizabeth nega com a cabeça, colocando mais lenha na fogueira.

— Creio que você nunca nos contou exatamente como ele chegou às suas mãos.

Ann para de comer seu bolo e arregala os olhos como dois pratos. Felicity intervém.

— Contou sim. Uma mulher do povo deu para a mãe dela para proteção. Era um costume na Índia.

“É um amuleto da Ordem, que minha mãe me deu antes de morrer. Minha mãe, Mary Dowd, que junto com sua amiga Sarah Rees-Toome cometeu um ato vil de sacrifício aqui mesmo na Spence.”

— Eram uma espécie de liga. — diz Cecily a suas seguidoras em um sussurro, que na verdade queria que todas ouvissem.

— Não me surpreenderia nada se ela fosse uma...

Cecily para repentinamente para provocar. Não devo cair na sua armadilha, mas eu o faço.

— Uma, o quê? — pergunto.

— Senhorita Doyle, não sabe que é falta de educação ouvir a conversa dos outros?

— Uma, o quê? — insisto.

Um sorriso cruel de satisfação se abre no rosto de Cecily.

— Uma bruxa.

Com as costas da minha mão, golpeio o pote de geléia que vai parar no prato de Cecily. Um pouco de framboesa salpica em seu vestido, e ela terá que se trocar antes da aula de Mademoiselle LeFarge. Chegará atrasada e perderá pontos.

Cecily se levanta ultrajada.

— Você fez de propósito, Gemma Doyle!

— Oh, que desastrada eu sou! — Ponho uma cara diabólica e escondo os dentes. — Ou talvez tenha sido bruxaria.

A Sra. Nightwing toca o sino.

— O que está acontecendo? Senhorita Temple! Senhorita Doyle! Por que estão montando essa cena?

— A senhorita Doyle jogou o pote de geléia em meu vestido de propósito!

Levanto-me.

— Foi um acidente, Sra. Nightwing. Não sei como pude ser tão desastrada. Cecily querida me deixe ajuda-la.

E oferecendo meu melhor e mais educado sorriso, limpo seu vestido com o guardanapo até conseguir deixa-la furiosa. Ela afasta minha mão.

— Ela está mentindo, Sra. Nightwing! Ela fez de propósito, não foi, Elizabeth?

Elizabeth, seu cachorrinho obediente, vai a sua defesa.

— Ela fez de propósito sim, Sra. Nightwing. Eu vi.

Felicity estava de pé.

— Está mentindo, Elizabeth Poole. Você sabe muito bem que foi um acidente. Nossa Gemma nunca faria uma coisa tão desagradável.

Bom, isso também é uma mentira, mas eu agradeço.

Martha se levanta de novo para apoiar Cecily.

— Ela sempre teve algo contra nossa Cecily. É muito pouco civilizada, Sra. Nightwing.

— Mais uma vez, eu sinto muito! — digo.

Olho para Ann em busca de ajuda. Está sentada tranquilamente na mesa; ainda está comendo e não parece ter muita vontade de entrar na briga.

— Já é o suficiente! — A voz áspera da Sra. Nightwing nos faz calar. — Esta é uma bela forma de dar as boas vindas à senhorita McCleethy. Seguramente ela vai preferir pegar suas coisas e fugir daqui a ficar no meio de selvagens. É óbvio que ainda não posso deixá-las soltas em Londres. Portanto, devemos passar o dia aperfeiçoando nossos modos e refletindo com orações até que consigamos obter algo parecido com as jovens ladies que a Academia Spence tanto sente orgulho de formar. Agora, nos deixem terminar o desjejum em paz sem mais alvoroços.

Depois da reprimenda, nos sentamos e acabamos o desjejum.

— Se não fosse cristã, diria exatamente o que penso dela. — diz Cecily às outras como se eu não pudesse ouvi-la perfeitamente.

— Você é cristã, senhorita Temple? Eu não teria assim tanta certeza. — digo.

— Como poderia saber algo sobre a caridade cristã, senhorita Doyle? Você foi criada entre os pagãos da Índia.

Cecily se vira na direção de Ann.

— Ann, querida, deveria procurar não ser associada a esse tipo de garota. — diz, piscando o olho na minha direção. — Isso pode prejudicar a sua reputação, e sinceramente, isso é péssimo para uma tutora.

Eu havia conhecido o diabo em pessoa, e seu nome é Cecily Temple. Essa víbora sabe exatamente como semear o medo e a dúvida em Ann. Pobre Ann, é órfã e está aqui com bolsa de estudos. Estuda graças à generosidade de primos distantes e provavelmente quando sair da Spence terá de trabalhar para eles. Cecily e seu grupo nunca a aceitaram, mas se aproveitam dela, usando-a quando necessário.

Esperava que Ann se levantasse e respondesse algo, infelizmente estava equivocada. Ann não disse nem um “Na verdade Cecily é uma má pessoa”, nem “Cecily, você tem sorte de ter uma grande fortuna, porque com essa cara vai precisar”, nem “Cecily, Gemma é minha boa e querida amiga, e nunca direi nada contra ela”. Não. Ann fica sentada, deixando Cecily acreditar que venceu. E Cecily faz com que Ann sinta, naquele momento, como se tivesse sido aceita em seu círculo, o que não poderia estar mais longe de ser verdade.

Agora as batatas estão frias e sem gosto, mas as como mesmo assim, como se não estivesse magoada, como se não ouvisse a risada dissimulada das outras garotas.

Quando os pratos são retirados, somos obrigadas a ficar sentadas na longa mesa para receber lições de etiqueta. Nevou a manhã inteira. Nunca havia visto neve, quero ir andar sobre a brancura fresca, sentir o frio e ver as minhas pegadas. As palavras da Sra. Nightwing entram e saem da minha mente, vagabundeando: “Não gostariam de se sentir humilhadas pela sociedade ou excluídas das listas de convidados das melhores casas...”. “Nunca peça a um cavalheiro que segure seu leque, buquê ou luvas durante um baile, a menos que ele seja seu acompanhante ou parente.” Como não conheço nenhum cavalheiro fora meu pai e meu irmão, isto não deve ser um problema. Bem, isso não é totalmente verdade. Conheço Kartik. Mas é pouco provável que nos vejamos nos salões de baile de Londres.

Que notícias ele deve ter para mim? Eu deveria ter ido ao seu encontro ao voltar das vésperas. Ele deve pensar que eu sou uma tonta.

“A senhorita de classe mais alta deve entrar primeiro no salão. A de classe inferior deve entrar depois...”.

“Falar em voz alta ou rir na rua demonstra má educação...”

“... deve-se evitar a todo custo ser associada a um homem que bebe, aposta ou tem algum outro tipo de mal, isso traria desgraça a sua reputação...”

Um homem que bebe. Meu pai. Quero afastar esse pensamento de minha mente. Vejo ele como o vi em outubro, com os olhos imóveis por causa do láudano, as mãos tremendo. Tenho algumas cartas de vovó que não mencionam a sua saúde, seu vício. Ele se recuperou? Será que ele voltou a ser o pai que lembro, o homem alegre de olhos brilhantes e um raciocínio rápido que faz todos rirem? Ou será o pai que conheço desde a morte de mamãe, o homem vazio que parece não poder ver mais?

“As senhoritas não devem andar sozinhas em um salão de baile. Fazer isso pode ser um convite para a fofoca.”

A neve se empilha sobre as janelas criando pequenos morrinhos. O branco da neve. O branco de nossas luvas. O da pele de Pippa. Pippa.

“Eles vem por você, Gemma...”

Sinto um calafrio. Isto não tem nada a ver com o frio. Tem a ver com o que não sei e tenho medo de descobrir.

SEIS

As dificuldades da manhã são imediatamente esquecidas quando nos deixam sair. O sol, intenso e brilhante, se reflete na brancura fria e se converte em um brilho deslumbrante. As meninas mais jovens gritam entusiasmadas, enquanto a neve salpica suas botas e escorre para dentro, molhando seus pés. Um grupo de garotas começou a fazer um boneco de neve.

— Não é fantástico? — suspira Felicity.

Usa um casaco de pele de raposa novo, e está feliz. Ann vai atrás com cautela, fazendo caretas com a boca. A neve é algo maravilhoso para mim. Pego um punhado e me dou quanto da quão branca ela é.

— Ai, isso gruda! — grito.

Felicity me olha como se eu fosse uma aberração.

— Sim, claro! Agora você se dá conta. Nunca visse nevar antes!

Quero me atirar no chão e me revirar, embora isso não seja o correto. Levo um pouco de neve à boca. Dá-me a sensação de que deve ter um gosto cremoso, mas não, simplesmente está fria. Os flocos se dissolvem rapidamente, desmanchando na ponta da minha língua. Rio tontamente.

— Venha, vou te ensinar uma coisa. — diz Felicity enquanto pega a neve com suas mãos enluvadas, a aperta até conseguir uma bola dura e me mostra. — Olha: uma bola de neve.

— Ah! — digo, sem compreender muito bem do que se trata.

Então ela me atira a bola sem avisar. Ela bate com força na minha manga, me salpicando o rosto e o cabelo como cristais molhados que me deixam empapada.

— A neve não é maravilhosa? — diz.

Suponho que deveria estar furiosa com ela, mas me dou conta de que estou rindo. É fascinante. A neve me encanta; quem me dera tivesse tido isso sempre. Entre resfôlegos, finalmente Ann nos alcança, mas escorrega e cai sobre o tapete branco. Dá um gritinho e Felicity e nós rimos sem compaixão.

— Não ririam tanto se fossem vocês que estivessem empapadas.

Molhada até os pés, Ann se queixa porque não tem graça nenhuma.

— Não seja boba. — caçoa Felicity. — Não é o fim do mundo.

— Eu não tenho dez pares de meias, como você. — responde Ann.

Supostamente isso devia soar inteligente, mas soou triste e petulante.

— Bom, se a questão é essa... Não vou mais incomodá-la. — diz Felicity. — Hey! Elizabeth! Cecily! E vai na direção delas, nos deixando ali.

— Mas eu não tenho um monte de meias. — replica Ann se defendendo.

— Isso soou muito auto piedosa.

— Parece que hoje não digo nada certo.

Minha tarde feliz na neve está se perdendo. Não creio que possa suportar uma tarde com os choramingo e queixas de Ann. Ainda estou um pouco chateada com ela por não sair na minha defesa no desjejum. Tenho neve na mão, e sem pensar a jogo em Ann, que me olha surpresa. A atinjo no rosto e, antes que ela possa reagir, atiro outra bola.

— E... Eu...

Ann balbucia. A bola atinge sua saia.

— Vem, Ann! — digo brincando. — Vai deixar que continue te castigando? Ou vai se vingar?

A resposta me chega à forma de uma bola de neve, que me atinge no pescoço. O gelo me faz cócegas, escorrega para dentro do vestido e me faz gritar. Está gelada! Estou pegando outro monte de neve quando a bola seguinte de Ann me atinge no meio da cabeça. O cabelo escorre com gotas de gelo derretido.

— Isso não é justo! — grito. — Não tenho munição.

Ann se detém e aproveito o momento. Jogo uma bola de neve que havia escondido nas costas. Sua cara está ridícula.

— Mas disse...

— Ann, sempre faz o que te dizem? Isto é guerra!

Jogo uma bola sabendo de antemão que não iria acertar, mas a bola seguinte de Ann me acerta de novo no rosto. Tenho que pegar pedaços maiores enquanto limpo os fragmentos de gelo dos olhos.

Apesar da neve, o chão havia se tornado um barro espesso por causa da chuva. Os saltos das minhas botas afundam no barro, e não encontro onde me agarrar, nem uma árvore ou um banco. Tenho medo de ficar atolada no lodo. Levanto a bota e dou um passo à frente. Caio e meu rosto está a um passo daquele barral. Então umas mãos me seguram forte pela cintura e me empurram até uma árvore. Quando limpo os olhos, estou cara a cara com ele.

— Kartik! — exclamo.

— Olá, senhorita Doyle! — diz, rindo do meu aspecto.

— Está tudo... Bem? — devo estar com um aspecto assustador.

— Por que não respondeu minha carta? — pergunta.

Sinto-me estúpida. E feliz por vê-lo. E cautelosa. Pensamentos demais.

Não consigo organizar todos.

— É difícil escapar. Eu...

Além das árvores escuto Ann me chamando. Quer se vingar de mim com outra bola de neve.

Kartik me aperta.

— Não importa. Temos pouco tempo e eu tenho muito para dizer. Há problemas nos Reinos.

— Que tipo de problemas? Quando parti, tudo parecia estar bem. O assassino de Circe foi derrotado.

Kartik move sua cabeça. Por baixo de seu capuz, aparecem alguns cachos longos e escuros.

— Lembra de quando você rompeu a runa do Oráculo e libertou sua mãe? — Assinto com a cabeça. — Essas runas era o antigo pacto da Ordem com o poder dos Reinos. Uma espécie de proteção para a magia. Uma maneira de assegurar que somente a Ordem poderia controlá-la. Ann me chama outra vez. Está se aproximando do lugar onde estamos escondidos.

Kartik me diz com um sussurro urgente:

— Quando rompesse as runas, senhorita Doyle, destruísse o pacto.

— Eu liberei a magia nos Reinos. — termino.

Um temor invade meu corpo. Kartik assente.

— Exatamente, e agora a magia está solta e livre para que qualquer um possa utilizar com qualquer propósito, mesmo que não saibam fazê-lo. Esta magia é extremamente poderosa, e liberá-la sem controle... — diminui, então continua. — Certos elementos poderiam tentar dominar os Reinos, e poderiam estar aliados a Circe.

— Gemma, saia, saia de onde está! — Ann ri tontamente.

Kartik fecha meus lábios com seus dedos e se aperta contra mim. Ele cheira à fogueira do acampamento, e há uma sombra ao longo de sua mandíbula. Quase não posso respirar devido à proximidade.

— Existe uma maneira de conter a magia de novo. Uma esperança. — diz Kartik.

A voz de Ann desaparece em outra direção, e ele se separa de mim. O ar corre entre nós preenchendo o vazio.

— Alguma vez sua mãe mencionou algum lugar chamado Templo?

Ainda estou me recuperando da sensação do peito dele contra o meu. Minhas bochechas estão coradas por algo mais além do frio.

— N-não. O que é isso?

— É a fonte da magia nos Reinos. Precisamos que o encontre.

— Há algum mapa? Alguma pista?

Kartik suspira e nega com a cabeça.

- Ninguém sabe exatamente onde se encontra. Está muito bem escondido. Somente alguns poucos membros da Ordem sabiam onde encontrá-lo; era a única maneira de mantê-lo a salvo.
- Então, como vou encontrá-lo? Tenho que confiar nas criaturas?
- Não. Não confie em ninguém. Não confie em nada.

Ninguém. Nada. Estas palavras me fazem tremer.

- E as minhas visões? Devo acreditar nelas? Não que eu tenha tido alguma recentemente, mas...
- Não sei. Os Reinos são a sua fonte. — encolhe os ombros.
- E quando encontrar o Templo?

O rosto de Kartik empalidece como se estivesse assustado. Nunca o havia visto dessa maneira. Não me olha enquanto diz:

- Utiliza estas palavras: “Eu ato a magia em nome da Estrela do Leste”.
- Estrela do Leste. — repito. — O que significa?
- É um feitiço poderoso da Ordem, creio. — explica olhando em direção ao solo.

A voz de Ann se aproxima. Posso ver o azul de seu casaco entre as árvores. Kartik também a vê. Está levantado e pronto para começar a correr.

- Temos que manter contato. — diz. — Não sei o que vai encontrar nos Reinos, senhorita Doyle. Tenha cuidado. Por favor.

Vira-se para ir, se detém, faz menção de ir embora de novo, mas volta e me dá um beijo na mão, como um cavalheiro. Depois sai correndo como uma bala, como se a neve não fosse problema. Não sei o que pensar. A magia se move livremente nos Reinos. É tudo culpa minha. Devo encontrar o Templo e restaurar a Ordem antes que os Reinos se percam. E Kartik acaba de me beijar.

Eu mal havia tido tempo de pensar a respeito de tudo quando, sem aviso prévio, uma dor terrível e aguda me surpreende, fazendo meu corpo dobrar. Tenho que me segurar em uma árvore para conseguir me manter em pé. Estou enjoada e tudo parece estranho. De fato, me sinto muito mal. Dou-me conta de que alguém está me observando. Estou apavorada que alguém possa me ver em um momento tão vulnerável. Ofegando, olho para cima e tento recuperar minhas forças. A princípio penso ser o efeito da neve nos meus olhos. Pestanejo, mas a imagem não some. Vejo três meninas vestidas de branco, mas elas não são familiares. Nunca as vi em Spence, embora pareçam ter a minha idade. Apesar do frio, não usam nenhum casaco.

- Olá! — dirijo-me a elas, mas elas não respondem. — Estão perdidas?

Abrem a boca para falar, mas não consigo ouvir nada, e então algo curioso acontece. As meninas pestanejam e desaparecem sem deixar rastro. E assim, subitamente, a dor desaparece. Estou bem. Uma bola de neve dura bate no meu queixo.

- Isso! — Ann grita vitoriosa.
- Ann! — gemo zangada. — Não estava preparada!

Lança-me um estranho sorriso de triunfo.

- Foi você que disse que isso era guerra.

E dizendo isto, salta desajeitada pela neve e sai precipitadamente.

SETE

— Senhoritas podem prestar atenção? Temos o grande privilégio de receber essa noite a Companhia de Teatro de Covent Garden. Eles prepararam a mais satisfatória representação da história de João e Maria, dos Irmãos Grimm.

Eu estava esperando que após as orações e o jantar, teria tempo a sós com Felicity e Ann para explicar o meu encontro com Kartik. Mas, para meu azar, hoje à noite a Sra. Nighthwing organizou uma noite especial de teatro para nós. Minhas notícias teriam que esperar. As meninas mais jovens são atraídas pela perspectiva de assistir a representação de um horrível conto de fadas, com florestas ameaçadoras e uma bruxa má. O diretor do teatro, um homem alto e forte, como o rosto coberto de maquiagem e com um enorme bigode desenhado com linhas finas, nos apresenta os atores da companhia. Um por um, os atores enchem o pequeno palco do salão de dança. Os homens se inclinam para frente para saudar e as mulheres fazem uma reverência. Ou melhor, os personagens se inclinam e fazem reverências. Na verdade, o grupo de atores esta composto inteiramente por homens. Inclusive o pobre rapaz que faz o papel de Maria, que não deve ter mais de treze anos.

— Atores, nos seus lugares!

O diretor grita com uma voz alta e profunda. O cenário se esvazia. Um par de ajudantes manobra o cenário.

— Vamos começar nosso conto do início, uma casa em uma floresta muito escura.

As luzes estão turvas. O silêncio cai no meio da multidão. Não há nenhum som, apenas o incessante bater da chuva fria contra as castigadas janelas.

— Esposo. — resmunga a mulher. — Não há comida suficiente para todos. Devemos levar as crianças para a floresta para se defenderem sozinhos.

Seu marido, o caçador responde com gestos violentos e voz melodramática, é como se ele estivesse zombando dos atores verdadeiramente horríveis. Quando descubro que não é assim. Eu não posso fazer muito para manter a compostura.

Felicity me sussurra no ouvido.

— Tenho que confessar, me apaixonei loucamente pelo pobre do caçador. Eu acredito que é a sutileza dele que me galanteia.

Eu coloquei a mão na minha boca para conter o riso.

— Há algo em sua mulher que me está enlouquecendo. Talvez tenha a ver com a sua barba...

— O que estão cochichando? — diz Ann, provocando um agudo “Shhh” da Sra. Nighthwing, que vem por detrás de nós.

Nós nos sentamos eretas, silenciosas como tumbas e fingindo interesse. Rezo para que o pudim de ameixas desta noite tenha sido preparado com arsênico, e que eu não tenha que agüentar este espetáculo deprimente de homens vestidos em cores berrantes fingindo serem mulheres.

A mãe empurra João e Maria para dentro do bosque.

— É isso aí, crianças. Caminhe um pouco mais. Tudo o que desejam esta do outro lado da floresta.

João e Maria desaparecem na mata e chegam a uma casa de doces. Com os olhos bem abertos e sorrisos exagerados, fingem morder os doces pintados em vermelho e branco. O diretor narra de um canto do cenário com voz grave.

— Quanto mais comiam, mais queriam.

Algumas linhas de distância, algumas das meninas mais novas fofocam por trás das mãos levantadas. De repente ouve-se uma risada boba. Quando as risadas continuam, a Sra. Nighthwing abandona seu posto atrás de nós para ir do outro lado controlar o barulho. Quero falar com Felicity e Ann sobre a visita de Kartik, mas agora estamos muito vigiadas para ter esse tipo de conversa. Terá que ser mais tarde. No palco, os infelizes João e Maria foram atraídos para dentro da casa de doces da bruxa.

— Pobres crianças, abandonadas no mundo. Deveria sustentá-los. Darei o que buscam!

A bruxa vira em direção a platéia com uma piscada cúmplice, nós vamos e assobiamos. O menino que interpreta Maria chora.

— E então, nós seremos como seus próprios filhos querida tia? Vai nos amar e instruir muito bem? Sua voz falha na última frase. Ouvem-se algumas risadas bobas.

— Sim, filha. Não tenha medo. Rezei muitas vezes para vocês chegarem, e agora finalmente estão aqui, vou abraçá-los e mantê-los junto a mim para sempre!

A bruxa puxa fortemente João contra seu falso peito, quase o sufocando. Nós rimos alegremente desta pequena tolice. Incentivada, a bruxa enche a boca de João com outro pedaço de torta provocando mais risadas do público. As luzes piscam. Há um coro de suspiros e de repente um grito de algumas garotas ousadas. É apenas um ajudante criando efeitos, mas teve o resultado desejado. A bruxa esfrega as mãos e confessa seu diabólico plano de engordar as crianças e cozinhar-las em seu grande forno. Isto causa a tudo mundo arrepios, e me pergunto que tipo de infância teve os irmãos Grimm. Não são alegres esses contos de crianças assadas por bruxas, donzelas envenenadas por velhas e sabe que outras coisas mais terríveis. Sinto uma rajada súbita de ar, um frio que me percorre até a medula.

— Alguém abriu a janela?

Não, estavam todas fechadas graças à chuva. As cortinas não se movem para sugerir por onde o ar pode ter entrado. A senhorita McCleethy passeia no perímetro da sala, com as mãos entrelaçadas na frente do corpo, como um padre rezando. Um leve sorriso se espalha por seu rosto. Tem algo divertido acontecendo no palco. As meninas riem. Soa distorcido e distante para mim, como se eu estivesse debaixo de água. Senhorita McCleethy põe uma mão na parte de trás de uma menina sentada no fundo, ela se inclina para ouvir a pergunta da criança com um sorriso, seus olhos encontram com os meus. Embora esteja frio, comecei a suar como se estivesse febril. Tenho uma vontade louca de sair correndo da sala. Na verdade, estou me sentindo mal. Felicity está sussurrando algo para mim, mas eu não posso ouvir as palavras. O próprio sussurro tem um estrondo horrível, como mil insetos agitando suas asas secas e aranhando alguma superfície com suas patas. Minhas pálpebras tremem, um rugido enche meus ouvidos e sinto que estou caindo rapidamente por um túnel de luz e som. Extensões do Tempo fora como uma faixa. Estou consciente de minha própria respiração, o fluxo de sangue em minhas veias. Eu estou presa numa visão. Mas isto é como nenhuma visão que eu alguma vez tive. É muito mais poderosa. Estou próxima do mar. Penhascos. Cheiro de sal. O céu é apenas um reflexo, com grandes nuvens brancas e um velho castelo sobre uma colina. Acontece rapidamente.

Muito rápido. Não consigo ver... Três meninas de branco brincam no penhasco. O sal, penetrante em minha língua. Capa Verde. Uma mão levantada, uma serpente, céu agitado, nuvens mescladas em preto e cinza. Algo mais. Algo está... Meu Deus! Algo está se erguendo. Sinto o medo na minha garganta, como o mar. Seus olhos. Seus olhos! Que medo! Abertos agora. Eu vejo saindo do mar. Vejo os olhos e um grito longo, silêncio. Sinto meu sangue puxar-me, longe do mar e do medo. Eu ouço vozes.

— O que foi? Que aconteceu? Afaste-se, deixa-a respirar. Ela está morta?

Abro os olhos. Sobre mim paira um aglomerado de rostos de preocupação. Onde? Que são eles? Porque estou no chão?

— Senhorita Doyle...

É o meu nome. Deveria responder. Sinto minha língua densa como algodão.

— Senhorita Doyle? — é a Sra. Nighthwing. Seu rosto mal iluminado. Agita algo asqueroso sob meu nariz. Um cheiro horrível de enxofre. Sais aromáticos. Faz-me gemer. Eu movo de minha cabeça para fugir do cheiro.

— Senhorita Doyle, pode se levantar?

Como uma criança, eu faço como me disseram. Eu vejo a senhorita McCleethy do outro lado da sala. Ela não se mexeu de seu lugar. Vozes assustadas e gritos distantes. “Olha. Ali. Que curioso.” A voz de Felicity se destaca entre as outras.

— Aqui, Gemma, pega a minha mão.

Vejo Cecily cochichando com suas amigas. Entre os sussurros distingo.

— Que horror! — vejo a cara de preocupação de Ann.

— O que... O que aconteceu? — pergunto.

Ann olha para baixo, timidamente, incapaz de responder.

— E agora, senhorita Doyle, vamos levá-la para seu quarto.

Somente quando a Sra. Nightwing ajuda-me a ficar em pé, sou capaz de ver a causa dos mexericos, a grande mancha vermelha se espalhando pela minha saia branca. Eu comecei a menstruar.

OITO

Brigid havia colocado uma bolsa de água quente embaixo dos meus lençóis contra minha barriga.

— Pobrezinha! Isto é sempre muito incômodo. Eu sempre tenho problemas com “a maldição”, e ainda assim tenho que cumprir com minhas obrigações. Não há descanso para os que precisam...

Não estou com humor para ouvir sobre a amargura e o sofrimento da dona de casa. Uma vez começado, não há como pará-la. E terei de ouvir sobre seu reumatismo, seus problemas de visão, e da vez que quase foi contratada para trabalhar na casa do Príncipe de Gales.

— Obrigada, Brigid. Acho que vou descansar um pouco. — digo fechando os olhos.

— Sim, criança. É disso que precisa; descanso. Descansar é a questão. Lembro de uma época quando trabalhava para uma senhora muito fina que uma vez foi dama de companhia da Duquesa de Dorset. Oh, mas era uma dama respeitável como nenhuma outra. E lhe digo mais...

— Brigid! — é Felicity, arrastada por Ann. — Me parece que vi as meninas na de sala de estar se esgueirando para jogar cartas. Achei que deveria saber.

Brigid apóia os punhos nos quadris generosos.

— Não vão escapar de mim. Essas meninas não sabem qual é seu lugar. No meu tempo, a governanta era a lei.

Brigid passa por nós enlouquecida, enquanto resmunga.

— Cartas. Pois bem!

— Vão mesmo jogar cartas? — pergunto a Felicity quando Brigid se foi.

— Claro que não. Falei isso para que ela saísse.

— Como se sente? — pergunta-me Ann, corando.

— Estranha.

Felicity se senta nos pés da minha cama.

— Você quer dizer que esta é a primeira vez que você... É incomodada com o desconforto do mês?

— Sim. — mordo a língua, me sentindo como uma aberração e incompreendida. Além da bolsa de água quente também me mandaram um chá forte e um pouquinho de aguardente. Uma lembrança da Sra. Nighthwing que insiste que aguardente nestes casos tem poderes medicinais. Ao esfriar, o chá se tornou amargo. Porém a aguardente produz um efeito calmante. Alivia as dores infernais no meu estômago. Nunca havia me sentido tão ridícula. Se for isso que significa ser uma mulher, não me interessa nem um pouco.

— Pobre Gemma. — diz Ann, acariciando minha mão. — E em público, nada menos. Que embaraçoso!

Não poderia me sentir mais humilhada.

— Se me permite o atrevimento, posso perguntar... Quando começasse a...

Felicity vai até minha mesa, onde examina minhas coisas. Arruma seu cabelo loiro, quase branco, com meu pente.

— Há anos.

Claro. Que pergunta idiota! Olho para Ann, que fica corada no mesmo instante.

— Oh, não deveríamos falar desse tipo de coisa!

— Está bem! — digo tocando a borda da minha cama com imenso cuidado.

— De certo ainda não é uma mulher. — diz Felicity com segurança.

Ann se levanta em protesto.

— Eu sou! Já faz seis meses!

— Seis meses! Essa é minha garota. É praticamente uma especialista no assunto.

Tento me levantar da cama, mas Ann me faz deitar outra vez.

— Oh, não! Não deve se mexer. Não é bom nesse estado.

— Mas... Como vou seguir minha vida?

— Simplesmente tem que conviver com isso. É o nosso castigo como filhas de Eva. Por que você acha que chamam de “a maldição”?

Uma câimbra suave passa pelo meu estômago; sinto-me pesada e irritada.

— Verdade? E que maldição Adão deixou no mundo?

Ann abre a boca e aparentemente ao não saber o que dizer, volta a fechá-la.

É Felicity quem responde, com um olhar duro.

— Eles foram fracos diante da tentação. E nós somos suas tentações.

As “tentações” do mundo me fazem pensar em Kartik. As advertências. A magia solta nos reinos. O Templo.

— Existe algo que preciso contar.

Começo. Conto sobre a visita de Kartik, minha missão e a estranha visão que tive durante a apresentação teatral. Quando acabo elas estão com os olhos arregalados.

— Estou arrepiada. Só de pensar, em toda essa magia liberada para que qualquer um possa usar...

— diz Felicity.

Agora não posso dizer se ela se sente assustada ou simplesmente emocionada. Ann está preocupada.

— Mas como vai encontrar o Templo se não pode entrar nos Reinos?

Havia esquecido minha mentira. E não podia fazer nada a respeito. Devo confessar. Levanto os lençóis até o pescoço, me diminuindo na cama.

— A verdade é que, na realidade, não tentei entrar. Não desde a morte de Pippa.

O olhar fulminante de Felicity poderia cortar até cristal.

— Mentiu para nós.

— Sim, eu sei. Eu sinto muito. Não estava preparada.

— Poderia ter dito. — murmura Ann ferida.

— Eu sinto muito, de verdade. Achei que seria o melhor a fazer.

Os olhos cinzentos de Felicity são como armas cortantes.

— Não volte a mentir para nós, Gemma. Seria uma traição com a Ordem.

Não gosto da forma como ela diz isso, mas não estou com humor para discutir agora, então concordo e pego a aguardente.

— Quando iremos aos Reinos? — pergunta Ann.

— Nos encontraremos à meia-noite? — diz Felicity em um tom quase de súplica. — Oh, mal posso esperar para vê-lo outra vez!

— Não estou em condições esta noite. — digo, dificilmente poderão argumentar.

— Muito bem, então. — diz Felicity, suspirando. — Descanse.

— Que foi? — pergunta Ann, lendo a expressão no meu rosto.

— Não é nada, de verdade. Só estava pensando que a última coisa que me lembro antes de desmaiar é o rosto da senhorita McCleethy. Estava me olhando de um jeito muito estranho, como se soubesse de todos os meus segredos.

Um sorriso diabólico aparece na boca de Felicity.

— Você quer dizer a justa, mas exigente senhorita McCleethy. — diz, imitando o estranho sotaque irlandês de nossa nova professora. Isto me faz rir mais do que qualquer coisa.

— Se é uma velha amiga da Sra. Nightwing, sem dúvida é uma moralista hipócrita que vai transformar nossas vidas em um inferno. — digo ainda entre risadas.

— Estou feliz que esteja melhor, senhorita Doyle.

Na porta está a Senhorita McCleethy em pessoa. O coração quase para. Oh, não! Quanto tempo havia estado ali de pé?

— Me sinto muito melhor, obrigada. — digo com um fio de voz.

Estou quase certa que ela ouviu tudo. Sustenta o olhar por um longo instante, muito longo, até que me sinto forçada a olhar para o outro lado, e então simplesmente diz, sem nenhum entusiasmo.

— Bem, me alegro por ouvir isso. Deveria fazer um pouco de exercício. O exercício é a chave de tudo. Creio que amanhã levarei as alunas ao campo de arco-flecha.

— Que idéia esplêndida! Mal posso esperar para começar. — diz Felicity muito entusiasmada, esperando assim dissolver com um pouco de encanto o que dissemos anteriormente.

— Tem alguma experiência com o arco, senhorita Worthington?

— Muito pouca. — vacila Felicity, embora na verdade ela seja excelente.

— Que maravilha! Aposto que vocês, senhoritas, me reservam todo tipo de surpresas.

Um sorriso curioso se desenha na boca da Senhorita McCleethy.

— Estou ansiosa para que nos tornemos amigas. Minhas alunas anteriores souberam ver minha jovialidade, apesar da minha reputação de moralista hipócrita.

Ela ouviu tudo. Estamos acabadas. Odiara-nos para sempre. Não, me odiará para sempre. Belo começo, Gemma. Bravo.

Senhorita McCleethy inspeciona minha escrivaninha e levanta meus poucos pertences: o elefante de marfim da Índia, minha escova de cabelos... As examina cuidadosamente.

— A Sra. Nighthwing me contou sobre sua ligação desafortunada com sua professora, senhorita Moore. E me entristece ouvir que ela se aproveitou de sua confiança.

Mais uma vez me dirige o olhar penetrante.

— Eu não sou a senhorita Moore. Não haverá histórias, nem coisas inapropriadas. Não tolerarei interrupções em minhas aulas. Devemos seguir as normas à risca e sermos as melhores.

Então repara em nossos rostos pálidos.

— Ora, vamos! Pelas suas expressões parece que foram sentenciadas à guilhotina! Tenta nos fazer rir, mas não tem sucesso nisso.

— Agora, creio que deveríamos deixar à senhorita Doyle descansar. Estão servindo ponche na sala. Venham e me falem sobre vocês. Sejam boas amigas, de acordo? Como uma grande ave abrindo as asas cinzentas, põe as mãos nas costas de Felicity e Ann, e as leva em direção a porta. Abandonam-me aqui, sofrendo a maldição sozinha.

— Boa noite, Gemma. — diz Ann.

— Boa noite. — repete Felicity.

— Boa noite, senhorita Doyle. Durma bem. — acrescenta a senhorita McCleethy. — Amanhã se sentirá melhor. Estou certa disso.

— Sinto muito perder a aula de arco e flecha amanhã. — digo.

A senhorita McCleethy se vira.

— Perdê-la? Nada disso, senhorita Doyle.

— Mas, eu imaginei... Dada minha situação...

— Não haverá tempo para debilidades no meu relógio, senhorita Doyle. Espero vê-la amanhã no campo de tiro, ou perderá pontos.

Parece mais uma ordem do que uma opção.

— Sim, senhorita McCleethy. — digo.

Estava decidido, não gosto da senhorita McCleethy.

Posso ouvir os risos que vêm do salão. Não restam dúvidas de que Felicity e Ann já contaram toda sua vida para a senhorita McCleethy. Seguramente estão todas ali, como um bando de falsas, sentadas em volta do fogo, tomando goles de ponche. E eu... Tenho certeza que pensam que sou uma terrível mal educada que chamou a senhorita McCleethy de moralista hipócrita. O estômago me dói mais uma vez. Maldito inconveniente. E os rapazes? O que acontece com eles quando deixam de ser garotos e passam a ser homens? Calças compridas, isso sim. Bom, calças novas. Nesse momento sinto um enorme desprezo por todo o mundo.

Em um momento, a aguardente me aquece, e fico sonolenta. O quarto cresce e diminui a cada piscada. Adormeço.

Estou caminhando pelo jardim. A grama é espessa, e espeta. Estou junto ao rio, mas o rio está envolto em neblina.

— Mais perto... — as palavras são pronunciadas por uma voz estranha. Avanço lentamente.

— Ainda mais perto.

Estou na borda do rio, mas não consigo ver ninguém, só escuto essa voz etérea.

— Quem é você? — digo. — Não consigo ver seu rosto.

— Não. — diz a voz. — Mas eu consigo ver o seu...

NOVE

Na tarde seguinte, às 10 para as três, somos levadas ao campo de tiro. Havia seis alvos enfileirados. Os brilhantes olhos no centro deles parecem zombar de mim. “Venha, alcance-me se puder”. Durante todo o café da manhã, tive que agüentar histórias sobre a esplêndida noite que perdi com a absolutamente encantadora senhorita McCleethy, que queria saber absolutamente tudo sobre as garotas.

— Ela me disse que os Poole são descendentes do Rei Arthur! — balbucia Elizabeth.

— Gemma, ela conta as histórias mais incríveis. — diz Ann.

— De Gales e da escola de lá. Tinham bailes a cada duas ou três semanas, com a presença de homens de verdade. — diz Felicity.

Martha opina:

— Eu rezo para que convençam a Sra. Nightwing a nos deixar fazer o mesmo.

— Sabe o que mais ela disse? — diz Cecily.

— Não. Porque eu não estava lá. — respondo. Eu quase tenho pena de mim mesma.

— Ah, Gemma, ela perguntou por você. — diz Felicity.

— É mesmo?

— Sim. Queria saber tudo sobre você. Nem sequer parecia se importar com o fato de que você a chamou de moralista hipócrita.

— Gemma, você não fez isso. — diz Elizabeth com os olhos arregalados.

— Não fui à única. — digo olhando de forma desafiante para Felicity e Ann.

Felicity está tranqüila.

— Tenho certeza de que com o tempo serão amigas. Ah, aí está ela. Senhorita McCleethy! Senhorita McCleethy!

— Boas tarde, senhoritas. Vejo que estamos prontas.

Senhorita McCleethy avança a grandes passos pelo gramado como uma rainha e nos dá algumas breves instruções sobre a técnica mais apropriada para apoiar o arco. As garotas pedem sua atenção, pedindo para ensiná-las a forma correta. Quando ela faz uma demonstração, sua flecha vai diretamente para o centro do arco, e todas aplaudem como se ela tivesse nos mostrado o caminho rumo ao paraíso. Então distribui as flechas para o primeiro grupo.

— Senhorita McCleethy. — grita Martha, preocupada. — Então, vamos usar flechas de verdade?

Ela segura a ponta de metal afiada da flecha longe, como se fosse um revólver carregado.

— Sim, não deveríamos usar as de ponta de borracha? — pergunta Elizabeth.

— Não faz sentido. Vocês estarão perfeitamente bem com estas, enquanto não machucarem umas as outras. Agora, quem vai ser a primeira?

Elizabeth dá um passo na direção da linha pintada com gesso sobre a grama seca. Com paciência, senhorita McCleethy a coloca na posição, guiando seu cotovelo para trás. A flecha de Elizabeth cai com um ruído surdo, mas a senhorita McCleethy a faz tentar mais uma e outra vez, e na quarta tentativa consegue atingir a parte inferior do alvo.

— Isso é um progresso. Continue praticando. Quem é a próxima?

As meninas disputam para ser a segunda. Confesso que eu também quero que a senhorita McCleethy goste de mim. Quero fazer o melhor possível para conquistá-la e apagar o encontro horrível da noite anterior. Enquanto caminha, de aluna em aluna, eu silenciosamente pratico minha aproximação.

Isto é muito emocionante, senhorita McCleethy, eu sempre quis ser uma arqueira. Que inteligente ter pensado nisso, senhorita McCleethy. Adorei sua roupa, senhorita McCleethy. É um modelo de muito bom gosto.

— Senhorita Doyle? Você está conosco? — senhorita McCleethy está de pé ao meu lado.

— Sim, obrigada. — digo. Nervosa, pego o arco e as flechas e me posiciono na linha. O arco é mais pesado do que pensava. Obriga-me a me curvar.

— Precisa trabalhar sua postura, senhorita Doyle. Mantenha-se erguida. Não deixe os ombros caídos. Assim. O braço para trás. Vamos você pode puxar mais forte que isso.

Esforço-me para manter a corda para trás, até que sou forçada a deixar a flecha sair com um grunhido. A flecha não vai muito longe, e com uma pirueta, cai diretamente no chão.

— Deve apontar mais para o alto, senhorita Doyle! — ela diz. — Tente outra vez!

Minha flecha está coberta de neve lamacenta. As maiores das flechas haviam ido parar no chão, exceto as de Felicity, que em quase todos os lançamentos conseguiu atingir algum ponto do alvo.

— Estou tentando. — digo mostrando um sorriso que não é retribuído.

Use seu charme, Gemma. Pergunte alguma coisa para ela.

— De onde você veio senhorita McCleethy? Não é inglesa. — digo, tentando conversar.

— Sou uma cidadã do mundo, suponho. Ou pelo menos fui criada assim.

Luto para pôr minha flecha na posição. Ela definitivamente não coopera.

— Eu sou de Bombaim.

— Bombaim é muito quente. Tive dificuldade para respirar quando estive lá.

— Esteve em Bombaim?

— Sim, por pouco tempo, visitando alguns amigos. Aqui, mantenha o cotovelo perto do corpo.

— Talvez tenhamos amigos em comum. — digo, esperando que isto me ajude a cair nas graças da senhorita McCleethy. — Conhece os Fairchild?

— Silêncio, senhorita Doyle, chega de conversa. Concentração.

— Sim, senhorita McCleethy. — respondo.

Finalmente disparo, e a flecha passa roçando pela grama.

— Ah! Você o tinha, mas então hesitou. Deve atirar sem hesitação. Olhe o alvo, o objetivo e nada, além disso.

— Eu estou olhando o alvo. — digo impaciente — Simplesmente não consigo acertá-lo.

— Vai ficar ofendida e orgulhosa ou vai praticar até alcançar seu objetivo?

Cecily sorri ao me ver repreendida. Levanto o cotovelo outra vez.

— Não estou ofendida. — murmuro.

A senhorita põe suas mãos sobre as minhas.

— Muito bem. Agora se concentre senhorita Doyle. Escute somente a si mesma, sua própria respiração. Olhe o centro do alvo até que não consiga mais vê-lo. Até que você e o centro estejam unidos e o centro não exista mais.

Respiro profundamente. Estou tentando pensar somente no alvo, mas minha mente não consegue ficar quieta. Quando ela esteve na Índia? A quem visitou? Ficou encantada assim como eu? Eu olhei para o centro do alvo até que ele ficou borrado.

Olhe o objetivo, e nada mais.

Não hesite.

Até que não exista mais centro.

A flecha voa com um ruído agudo. Golpeia a parte inferior do alvo e fica ali, tremendo.

— Melhor. — admite a senhorita McCleethy.

A minha direita, Felicity aponta, puxa a corda para trás e dispara, acertando direto no alvo. As meninas aplaudem. Felicity está em pé, radiante como uma princesa guerreira.

— Excelente senhorita Worthington. Você é muito forte. Eu sou uma admiradora da força. Por que acha que consegue atirar tão bem?

“Porque ela treinou com uma caçadora nos Reinos, eu acho.”

— Porque estou segura da vitória. — é a resposta sólida de Felicity.

— Muito bem, senhorita Worthington.

Senhorita McCleethy caminha pela grama recolhendo caprichosamente as flechas do chão e dos alvos enquanto se dirige a toda nós.

— Senhoritas, não podem fraquejar na sua dedicação a qualquer coisa. Vocês podem ter tudo àquilo que quiserem, mas deve primeiro saber o que querem.

— Eu não quero ser uma arqueira. — Cecily choraminga silenciosamente. — Meus braços doem.

A senhorita McCleethy continua sua lição.

- Deixem que a senhorita Worthington seja um exemplo para vocês todas.
- Está bem. — resmungo. Serei como Felicity: muita ação e pouco pensamento.

Entediada, levanto meu arco e deixo minha flecha sair.

- Gemma! — grita Ann.

Na minha pressa, não havia me dado conta de que a senhorita McCleethy estava passando na frente do meu alvo. Rápida como uma mosca, levanta a mão para parar a flecha que estou convencida de que teria entrado em seu crânio. Grita de dor. O sangue se espalha por sua luva branca. As garotas deixam seus arcos cair e correm em seu auxílio. Eu as sigo lentamente. Ela está no chão, pressionando sua luva. Há um buraco visível na palma de sua mão. Não é profundo, mas está sangrando.

- Alguém dê um lenço a ela! — grita uma das garotas.

Ofereço o meu. Senhorita McCleethy pega e me lança um olhar frio e furioso.

- Eu... Eu sinto muito. — gaguejo. — Não a havia visto.
- Você vê alguma coisa, senhorita Doyle? — diz a senhorita McCleethy estremeando.
- Devo chamar a Sra.Nightwing? — pergunta Felicity, e me vira as costas.

Senhorita McCleethy fixa seu olhar irado em mim.

– Não. Continue com a sua prática. A senhorita Doyle me ajudará a tratar o ferimento como castigo.

- Sim, claro. — digo enquanto a ajudo a levantar.

Caminhamos em silêncio. Quando chegamos à escola, ela me faz ir buscar bandagens com Brigid, que não consegue resistir à tentação de mencionar que Deus estava castigando a senhorita McCleethy por nos ensinar algo tão desnaturado como arco e flecha.

– Se me perguntassem, diria que deveria lhes ensinar a usar uma agulha ou fazer umas pinturas bonitas. Mas ninguém me pergunta nada, e isso é uma pena. Toma, aqui estão às bandagens. Lembre de apertá-las bem.

Com a bandagem nas mãos, volto para junto de senhorita McCleethy, que já havia lavado a mão e usa um saquinho de chá para conter o sangramento.

- Aqui estão as bandagens. — digo, oferecendo-as.

Não sei o que devo fazer. A senhorita McCleethy me olha como se eu fosse uma idiota.

- Creio que é necessário primeiro que feche o ferimento, senhorita Doyle.
- Sim, claro. — digo. — Eu sinto muito. Eu nunca vou...

Senhorita McCleethy me interrompe.

– Coloque-a sobre a palma da minha mão e a envolva completamente. Assim. Agora passe por cima e faça novamente. Ahhh!

Apertei demais o ferimento.

- Desculpa. Eu sinto muito. — digo.

Continuo colocando a bandagem. Seguro com firmeza e quando chego ao final ponho a ponta por dentro.

– Agora, senhorita Doyle, se não for incômodo, poderia me trazer outras luvas para trocar estas. Estão no meu armário, na primeira gaveta da direita. — ela ordena. — E não se distraia senhorita Doyle. Temos que retomar a lição.

O quarto da senhorita McCleethy é modesto e limpo. Mesmo assim, é estranho estar do outro lado da porta forrada onde vivem os professores. Sinto como se estivesse entrando em uma terra sagrada. Abro as grandes portas de mogno e encontro a primeira gaveta da direita. As luvas estavam exatamente, onde ela disse que estaria, em uma fileira clara, organizadas como soldados. Escolho um par e dou uma última olhada no quarto para ver se encontro alguma pista sobre nossa nova e misteriosa professora. É um quarto realmente pequeno. Não há objetos pessoais. Nada que sugira algo sobre ela. Penduradas no armário há roupas elegantes, saias e blusas em cinza, preto e marrom. Nada que chame atenção. Sobre a mesinha de cabeceira há dois livros. Um deles é a

Bíblia. O outro é um livro de poemas de Lorde Byron. Não há fotografias de familiares ou amigos. Não há pinturas ou esboços, algo estranho por se tratar de uma artista.

Era como se a senhorita McCleethy tivesse vindo de lugar nenhum e não pertencesse a ninguém. Estou quase saindo quando descubro a maleta que a senhorita McCleethy insistiu em carregar ela mesma na noite em que chegou. Está ali, debaixo da cama. Não deveria. É errado fazer isso. Mas fecho a porta do quarto com cuidado e tiro a maleta de seu esconderijo. Há um cadeado. Seguramente está fechado. Meus dedos estremecem no cadeado que descubro surpresa, abre com facilidade.

Há pouquíssimas coisas no interior da maleta: o anúncio de uma livraria de Londres, a Golden Dawn; um curioso anel de ouro e esmalte azul com duas serpentes entrelaçadas em volta; papel para escrever e um tinteiro.

Um pedaço de papel cai no chão e desliza para baixo da cama. Precipitadamente, me agacho e me ponho a buscá-lo. Coloco a mão debaixo da cama e o alcanço. É uma lista: “Academia para garotas Senhorita Farrow. Escola MacKenzie para garotas da Escócia. Colégio Real de Bath, Santa Victoria. Academia Spence para jovens senhoras”. Todas estavam marcadas, exceto Spence. Ponho o papel outra vez na maleta o melhor que posso, esperando que nada me denuncie, e coloco tudo de volta em seu lugar embaixo da cama.

— Se é isso que entende por não se distrair, senhorita Doyle, não consigo imaginá-la quando não estiver com pressa. — senhorita McCleethy me repreende quando retorno.

Não posso prever se a senhorita McCleethy e eu seremos amigas um dia. Pega com rapidez a luva e estremece enquanto a coloca na mão ferida.

— Eu sinto muito. — desculpo-me mais uma vez.

— Sim, está bem. Tente ter mais cuidado no futuro, senhorita Doyle. — diz com sua especial pronúncia do erre.

— Sim, senhorita McCleethy. — respondo sem poder evitar um bocejo sufocado.

Os olhos da senhorita McCleethy se estreitam diante de minha má educação.

— Perdão. Eu não tenho dormido bem ultimamente.

— Mais exercício, é disso que precisa. Mover-se e tomar ar fresco. Isso é perfeito para o corpo e para o sono. Em Santa Victoria, eu insistia para que as garotas dessem passeios ao ar livre e respirassem o ar do mar, não importa o tempo que fizesse. Se chovesse, colocávamos impermeáveis, se nevasse, usávamos casacos. Agora, se me permite, devemos voltar ao campo.

É possível que a senhorita McCleethy não tenha um único fio de humor no corpo. E eu acabo de me tornar sua aluna menos favorita. De repente, o natal pode não vir cedo o bastante.

DEZ

A noite começa com o tradicional desfile de Natal no salão de baile. Não é exatamente uma representação formal, e sim uma leitura de contos de Natal em trajes tirados dos baús guardados em uma das muitas salas sem uso da Spence. Correndo pelos corredores, rindo nas escadas... Há um estranho tropel de garotas de todas as idades, entusiasmadas, vestidas de pastoras, anjos, fadas, faunos e flores. Uma garotinha havia se enganado de baú e girava como uma bailarina, usando um casaco de pirata gasto e calças com pernas desiguais. Ann é o Espírito do Natal Passado, com uma túnica longa marrom com uma faixa prateada na cintura. Felicity parece uma princesa medieval vestida com um adorável vestido de veludo vermelho com detalhes dourados nas mangas e na bainha. Insiste que ela representa o Espírito do Natal Futuro, mas realmente acredito que encontrou o melhor vestido de todos e decidiu chamá-lo como quisesse. Eu sou o Espírito do Natal Presente, com um manto verde e uma coroa de azevinho. Sinto-me um pouco como uma árvore cortada, embora Ann assegure que estou “apropriadamente seccional”.

— É incrível que a senhorita McCleethy não tenha te arrancado a cabeça hoje. Ela olhou como se fosse fazer isso. — diz Ann enquanto vamos para a sala de jantar e passamos por um grupo de fadinhas fofocando e um ou dois sábios.

— Eu não fiz de propósito. — protesto enquanto coloco o amuleto de minha mãe no pescoço, meu amuleto. Fico polindo a superfície até ela começar a brilhar. — Essa mulher é estranha. Eu não me importo com ela. — digo — Você não acha que ela é estranha?

Felicity desliza pelo tapete como a rainha que é.

— Creio que ela é exatamente o que a Spence necessita. Ares novos. Agradá-me muito. Ela perguntou muitas coisas a meu respeito.

— Só porque ela te fez um elogio, você já decidiu que ela é sua amiga. — protesto.

— Está com ciúmes porque ela escolheu a mim.

— Isso não é verdade. — zombo.

Embora eu suspeite que haja um fundo de verdade nisso. Felicity parece ter se tornado a favorita da senhorita McCleethy sem precisar fazer muito esforço. Enquanto eu devo ter sorte se ela me dá bom dia.

— Sabiam que ela tem uma lista de escolas em uma maleta secreta que esconde debaixo da cama?

Felicity levanta uma sobrancelha.

— E como você sabe sobre isto?

Estou ficando corada.

— Estava aberta.

— Não pode ser! Você estava bisbilhotando! — Felicity me acusa ao mesmo tempo em que agarra meu braço e Ann o outro.

— O que mais havia lá? Conta!

— Nada de mais. Um anel com serpentes que parecia muito antigo, o anúncio de uma livraria chamada Golden Dawn e a lista.

Duas alunas mais novas tentam nos empurrar para passar. Têm sorrisos maldosos e estão vestidas de anjo. Felicity puxa as asas da garota mais próxima quase a derrubando.

— Há uma fila aqui, não perceberam isso? Para trás, como todas.

Horrorizadas, as garotas vão correndo e param atrás de nós.

— O que mais havia na maleta? — Insiste Ann.

— Só isso. — respondo.

— Só isso? — repete Felicity, inconformada.

— Mas ainda não ouviram tudo a respeito da lista — continuo. — Todas as escolas da lista estavam riscadas, exceto Spence. O que parece isso?

Felicity não dá importância.

— Nada. Carrega uma lista das escolas onde procurou trabalho. Não há nada terrivelmente estranho nisso.

— Está exagerando porque ela não gosta de você. — diz Ann.

— Ela disse que não gosta de mim? — pergunto.

Felicity se vira, arrastando a borda do seu vestido.

— Não precisa dizer. É óbvio. E você tentou atravessá-la com uma flecha. Isso não te ajudou em nada.

— Eu disse pra vocês, foi um acidente!

As duas anjinhas haviam retornado e tentavam se esgueirar para entrar na sala de jantar na nossa frente.

— Oh, suas pequenas diabinhas! — grunhe Felicity.

As garotas gritam enquanto correm emocionadas com a ousadia recém descoberta.

É uma tradição de Natal a Sra. Nightwing organizar uma última ceia antes que as alunas saiam de férias. Parece que também é tradição o brinde celebrado depois do jantar no corredor principal, com xerez para as professoras e sidra quente para nós. Eu podia me embebedar somente vendo o quanto a sala estava linda. O fogo resplandecendo na lareira. No centro, com os ramos estendidos como um anfitrião dando as boas vindas está a nossa árvore, um abeto grosso e alegre. Havia pressionado o Sr. Grunewald, o professor de música, para que tocasse violoncelo para nós, o que fez com uma habilidade surpreendente para um homem de quase oitenta anos.

Nesse dia se cantam canções da Natal. As luzes nas árvores estão acesas e todos admiram. Também fizemos presentes para os professores. Haverá um recital de francês para Mademoiselle LeFarge; uma canção preparada para o Sr. Grunewald; poemas, bolachas e bolos. Mas para a Sra. Nightwing, as garotas esvaziaram os bolsos. A sala parece despertar enquanto Cecily caminha através dela com uma grande chapeleira. Como é a mais velha, teve a honra de dar o presente a nossa diretora.

— Feliz Natal, Sra. Nightwing. — diz enquanto lhe entrega a caixa.

A Sra. Nightwing coloca seus óculos sobre a mesa.

— Meu Deus, o que será?

Tira a tampa, afasta o papel, e tira um maravilhoso chapéu de feltro enfeitado com uma belíssima pluma negra. Foi Felicity quem se encarregou do presente, naturalmente. Sonoros “aahs” escapam de nossas bocas. Há um sentimento de assombro e alegria na sala enquanto a Sra. Nightwing coloca o elaborado chapéu em sua cabeça.

— Como estou? — pergunta.

— Como uma rainha! — grita uma das garotas.

Aplaudimos e levantamos nossos copos.

— Feliz Natal, Sra. Nightwing.

Por um longo momento, a Sra. Nightwing se emociona. Seus olhos estão úmidos, mas quando finalmente se recompõe, sua voz é firme como de costume.

— Obrigada. É um lindo presente e estou segura que vou aproveitá-lo muito. — ela diz. Com isto, tira o chapéu e o coloca cuidadosamente na chapeleira. Fecha a tampa e a coloca debaixo da mesa, longe de nossa vista.

Com nossos copos cheios outra vez, Ann, Felicity e eu escapamos e nos sentamos no chão ao lado da árvore. O cheiro terroso de conhaque enche meu nariz, e a sidra quente ruboriza minhas bochechas.

— Para você. — diz Felicity, colocando um pacotinho de veludo na minha mão. Dentro há um encantador pente de tartaruga.

— É lindo. — exclamo, envergonhada pela extravagância. — Obrigada.

— Oh! — exclama Ann, abrindo o seu.

O reconheço. É um broche de Felicity que Ann adora. Sem dúvida, Felicity tem um novo no lugar, mas Ann está emocionada. Ela o prende na roupa imediatamente.

— Toma. — diz Ann timidamente e nos dá dois presentes enrolados em papel de jornal.

Fez-nos um enfeite, delicados anjinhos de renda, como o de Pippa.

É a minha vez agora. Não tenho habilidade com agulha, como Ann tem, nem tanto dinheiro para ficar a altura dos presentes de Felicity. Mas posso oferecer algo especial.

— Eu também tenho algo. — digo.

— Onde está? — pergunta Ann.

Atrás dela as lâmpadas lançam um reflexo em forma de borboletas na parede. Eu me inclino para frente, sussurrando:

— Nós nos encontraremos aqui à meia noite.

Em seguida elas entendem e gritam entusiasmadas, por que finalmente vamos voltar aos Reinos. Explode um ruidoso alarde. É uma risada que nunca tinha ouvido antes; talvez porque pertença a Sra. Nightwing. Está sentada entre os professores, que já estão bastante alegres.

— Oh, Sra. Claire! Você me arruinou... — diz a Sra. Nightwing, com a mão no peito, como se isso fosse capaz de parar a risada.

— Se bem me lembro, foi você quem começou o problema. — diz a senhorita McCleethy com um sorriso. — Era muito corajosa, eu me recordo de você.

As garotas avançam na direção delas como água por uma fenda. Suas perguntas recaem sobre elas, com uma curiosidade insaciável.

— O que foi? — perguntam. — Nos contem...

— Vocês sabiam que a sua diretora era uma encenqueira? — diz a senhorita McCleethy, tentando provocá-la. — E uma romântica incurável.

— Bem, bem... — protesta a Sra. Nightwing, tomando outro gole de xerez.

— Nos contem. — implora Elizabeth.

As outras se unem em um coro de “Sim, por favor!”.

Quando a Sra. Nightwing deixa de protestar, a senhorita McCleethy continua sua história.

— Estávamos em um baile de Natal. Havia alguns detalhes fabulosos. Você se lembra Lillian?

A Sra. Nightwing assente, fechando os olhos.

— Sim. Aqueles cartões com grossas borlas vermelhas. Encantadores, encantadores.

— Havia muitos cavalheiros presentes, mas claro, nosso coração pertencia a um homem em particular, de cabelos negros e elegantes. Era realmente muito bonito.

A senhora Nightwing não diz nada, só bebe mais xerez.

— “Este é o homem com quem vou me casar”, sua diretora nos anunciou, com um orgulho que vocês não conseguem imaginar. Nós rimos, mas de repente, agarrou meu braço e passou na frente dele se exibindo.

— Não estava me exibindo.

— E deixou cair seu cartão de baile muito engenhosamente nos pés daquele cavalheiro, fingindo não se dar conta. Obviamente, ele foi atrás dela e dançaram três danças até que as damas de companhia foram obrigadas a interferir.

Todas nós ficamos absortas escutando a senhorita McCleethy.

— O que aconteceu então? — pergunta Felicity.

— Casou-se com ele. — responde a senhorita McCleethy — Naquele Natal.

A Sra. Nightwing? Eu havia esquecido que a Sra. Nightwing havia sido casada e que alguma vez havia sido jovem. Tento imaginá-la na juventude, rindo, falando com as amigas. Mas não consigo. Só consigo vê-la como é agora, com o coque grisalho, os óculos, os modos severos.

— Isso é terrivelmente romântico. — Cecily diz, em êxtase.

— Sim, terrivelmente. — nós todas concordamos.

— Foi muito corajoso da sua parte, Lillian. — diz a senhorita McCleethy.

O rosto da Sra. Nightwing se escurece.

— Foi uma loucura.

— Quando o Sr. Nightwing morreu? — sussurro para Felicity.

— Não sei. Dou-te uma libra se perguntar. — responde-me também sussurrando.

— Nem em sonho!

- Você não quer saber?
- Não o suficiente para perguntar.
- Uma libra, você disse? — é Ann.

Felicity assente.

Ann limpa a garganta.

- Sra. Nightwing, faz muito tempo que o Sr. Nightwing nos deixou?
- O Sr. Nightwing está com os anjos faz vinte e cinco anos. — responde nossa diretora, sem levantar o olhar.

A Sra. Nightwing é uma mulher de uns quarenta e oito, talvez cinqüenta anos. É uma pena que tenha sido viúva metade de sua vida.

- Então, ele era jovem? — continua Cecily.
- Sim. Jovem, jovem. — diz olhando fixamente o xerez pálido. — Estivemos casados durante seis felizes anos. Um dia... — ela se deteve.
- Um dia? — instiga Ann.
- Um dia, foi trabalhar no banco. — ela para, toma um gole. — E nunca mais voltei a vê-lo.
- O que aconteceu? — pergunta Elizabeth.

A Sra. Nightwing parece assustada, como se tivéssemos perguntado algo que ela não entendeu, mas a resposta chega devagar.

- Foi atropelado por uma carruagem.

Faz-se um silêncio terrível, daqueles que acompanha as notícias ruins e inesperadas, quando não é possível fazer nada para mudar ou melhorar as coisas. Penso na Sra. Nightwing como a fortaleza impenetrável que nossa diretora nos faz acreditar que é. Alguém que pode controlar qualquer coisa... É difícil pensar que ela não é assim.

- Que desgraça terrível! — Martha diz finalmente.
- Pobre Sra. Nightwing. — intervém Elizabeth.
- É realmente muito triste. — diz Ann.
- Não vamos ficar sentimentais. Já passou muito tempo. Temos de nos resignar. Essa é a questão. Devemos aprender a guardar os pensamentos desagradáveis e nunca pensar neles. Não devemos passar a vida chorando.

Esvazia seu copo. A fenda em sua armadura havia sido reparada. Ela é Nightwing de novo.

- E agora, quem tem uma história de Natal para compartilhar.
- Eu tenho uma. — diz Elizabeth alegremente — É um conto arrepiante sobre um fantasma com uma longa corrente chamado Marley.

A Sra. Nightwing interrompe.

- Se refere ao Conto de Natal, do senhor Dickens? Creio que todas estão familiarizadas com essa história, senhorita Poole.

Há algumas risadas tontas à custa de Elizabeth.

- Mas é o meu favorito. — protesta, fechando a cara.

Cecily intervém:

- Tenho uma história encantadora, Sra. Nightwing.

Claro que tem.

- Esplêndido, senhorita Temple.
- Era uma vez uma menina que era a melhor menina que alguém poderia encontrar. Seu caráter não merecia nenhum tipo de reprovação. Era discreta, bondosa, distinta e educada. Chamava-se Cecile.

Creio que já sei que caminho a história vai tomar.

- Infelizmente, Cecile vivia atormentada por uma garota selvagem e cruel chamada Jemima. — Tem o descaramento de olhar para mim quando diz isso — Odiosa como era, Jemima zombava da pobre Cecile, dizendo mentiras e colocando suas amigas mais queridas contra ela.
- Que terrível! — Elizabeth estala a língua com desaprovação.

— Apesar de tudo isso, Cecile continuou sendo bondosa e virtuosa. Mas um dia a tensão foi demais para ela, e a pobre menina caiu doente devido à crueldade implacável de Jemima. Quando a levaram para seu leito já estava moribunda.

— Espero que Jemima tenha o que merece. — diz Martha com um suspiro significativo.

— Espero que Cecile tenha um fim prematuro. — sussurra-me Felicity.

— O que aconteceu então? — pergunta Ann.

Este é o tipo de história que a deixa entusiasmada.

— Todos se deram conta do quanto o coração de Jemima era horrível e desde então a evitaram. Quando o príncipe ficou sabendo da bondade de Cecile, enviou seu médico para curá-la e se apaixonou perdidamente por ela. Casaram-se, enquanto Jemima perambulava pelos campos como uma mendiga cega, pois seus olhos foram arrancados por cães selvagens.

A Sra. Nightwing parece confusa.

— Não consigo entender porque esta seria uma história de Natal?

— Oh. — Cecily acrescenta depressa. — Aconteceu na época do Natal, nascimento de Nosso Senhor. E Jemima se deu conta de seus erros, implorou que Cecile a perdoasse e partiu para Paris onde encontrou trabalho varrendo para o vigário e sua esposa.

— Ah. — diz a Sra. Nightwing.

— Deve ser difícil para ela varrer, se perdeu os olhos. — queixo-me.

— Sim — diz Cecile intensamente — Sofre muito. Mas isso faz com que seja uma história tão boa para Natal.

— Esplêndido. — diz a Sra. Nightwing, com sua língua um pouco espessa por causa da bebida. — Vamos cantar? É Natal, afinal de contas.

O Sr. Grunewald se senta ao piano e toca uma velha melodia inglesa. Alguns dos professores cantam junto. Várias alunas se levantam para dançar. A senhorita McCleethy não faz o mesmo. Está me olhando fixamente.

Não, está observando meu amuleto. Quando se dá conta de que estou olhando, me dá um sorriso largo, como se nunca tivéssemos tido algum desentendimento e fôssemos velhas amigas.

— Senhorita Doyle... — ela chama, acenando para mim com a mão, mas Ann e Felicity estão diante de mim.

— Venha, vamos dançar. — insistem, me colocando de pé e me levando para longe.

A noite passa como um sonho feliz. A excitação prova ser demais para muitas garotas mais jovens. Recostadas umas nas outras, dormem junto ao fogo. As asas de anjo estão amassadas embaixo dos braços fracos e rechonchudos de suas queridas amigas, há bolos redondos e coroas torcidas e embaraçadas no cabelo. Em um canto, ao longe, a Sra. Nightwing move a cabeça.

— Não. — diz nossa diretora com um tom de voz mais alto que o normal por causa do xerez. — Não posso.

A senhorita McCleethy põe sua mão com cuidado sobre a da Sra. Nightwing, murmurando palavras que não consigo ouvir.

— Mas pense em todo o desgaste. — responde a Sra. Nightwing.

Seus olhos cruzam com os meus por um momento e eu desvio rapidamente. Em um momento, se levanta cuidando para manter o equilíbrio sobre seus pés e põe uma mão no encosto da cadeira até conseguir se equilibrar.

Muito depois das lâmpadas terem enfraquecido, do fogo estar reduzido a nada e de todos estarem placidamente na cama, Ann e eu nos encontramos no grande vestibulo com Felicity. Os últimos vestígios acesos na lareira dão um brilho misterioso à sala. A árvore de Natal parece um gigante sinistro. No centro estão as colunas de mármore decoradas com fadas, centauros e ninfas. Sua visão me faz estremecer porque sabemos que são mais que esculturas. É o objeto vivo, que estão aprisionados ali pela magia dos Reinos, o lugar que estamos a ponto de ver, sentir e tocar mais uma vez, se conseguirmos.

— Não esqueça que me deve uma libra. — Ann diz a Felicity.

— Não vou esquecer. — responde Felicity.

— Estou com medo. — diz Ann.

— Eu também. — digo.

Até mesmo Felicity havia perdido sua bravura habitual.

— Aconteça o que acontecer, não iremos embora umas sem as outras.

Ela não diz o resto: “Como você deixou Pippa... deixou-a para morrer”.

— Combinado. — digo. Tomo ar profundamente, tentando acalmar meus nervos. — Me dêem as mãos.

Juntamos nossas mãos e fechamos os olhos. Faz muito tempo desde que entramos nos Reinos pela última vez. Tenho medo de não conseguir fazer o portal aparecer. Mas logo sinto o tremor familiar, a calidez da luz. Abro um olho, depois o outro. Ai está cintilante diante de nós: o glorioso portal para o outro mundo.

Felicity e Ann têm o medo estampado no rosto.

— Não sei o que vamos encontrar lá. — digo antes de começarmos.

— Só há uma maneira de saber. — responde Felicity.

Abro a porta e damos um passo para dentro, para dentro dos Reinos.

As flores das árvores nos fazem cócegas no nariz. A grama continua com o tom verde do verão eterno. A nossa direita corre o rio. Posso ouvir a fraca canção que surge de suas profundezas e flutua nos anéis de prata de sua superfície. E o céu! Como o mais belo pôr-do-sol no dia mais maravilhoso! Sinto como se meu coração fosse explodir. Ah, como senti falta desse lugar! Como pude chegar a pensar em abandoná-lo?

— Ah! — geme Felicity dando voltas e voltas com as palmas das mãos abertas em direção ao céu alaranjado. — É tão bonito!

Ann pisa no rio. Inclina-se e fixa o olhar em seu reflexo, sorrindo.

— Sou tão bonita aqui.

E realmente ela é. Ela é Ann como Ann deveria parecer sem preocupações, sem medos ou covardias, sem necessidade de preencher seu vazio com bolos e doces.

Felicity passa os dedos por um salgueiro que muda como ondas de água, e se transforma em uma fonte.

— Isto é extraordinário. Podemos fazer qualquer coisa aqui. Qualquer coisa!

— Olha! — Ann nos chama.

Põe um pedaço de grama na palma das mãos e fecha os olhos. Quando abre as mãos novamente, um pingente de rubis brilha nelas.

— Me ajudem a colocá-lo!

Felicity olha o pingente, que reluz sobre a pele de Ann como o tesouro de um marajá.

— Mãe! — chamo, me perguntando se ela virá me receber.

Não se ouve nada além da canção do rio e as risadas emocionadas de minhas amigas enquanto transformam flores em borboletas, pedras em jóias. Eu imaginava que ela havia partido para sempre, mas não conseguia evitar ter esperança. Ao lado das árvores está o arco de prata, no centro do jardim. Foi ali que encontrei o assassino de Circe, um dos espíritos negros das Terras Invernais. Foi ali que quebrei a runa do Oráculo, libertando minha mãe. Mas ao mesmo tempo deixando que a magia se perdesse. Sim, a magia havia se perdido. Por isso viemos. E ainda assim, tudo parece estar como antes. Nada parece errado.

— Sigam-me. — digo.

Passamos perto do arco brilhante e nos encontramos em um círculo que nos parece familiar. No lugar onde as runas de cristal se elevaram uma vez, altas e poderosas, agora há apenas pedaços de terra queimada e uma estranha variedade de pequeninos cogumelos venenosos.

— Curioso. — diz Ann — Você realmente fez isso, Gemma?

— Sim.

— Mas como? — pergunta Felicity. — Como você foi capaz de quebrar algo que esteve ali durante séculos?

— Não sei. — respondo.

— Ugh. — diz Ann.

Ela pisou em um dos cogumelos, ele se abriu, mostrando seu interior negro e úmido.

— Cuidado onde pisa. — adverte Felicity.

— Onde procuramos esse Templo? — pergunta Ann.

Eu suspiro.

— Não tenho a menor idéia. Kartik disse que não há nenhum mapa. Só sei que está em algum lugar dentro dos Reinos.

— Não sabemos o tamanho desse lugar. — diz Ann. — Ou quantos Reinos podem existir.

— Não tem nenhuma pista de onde começar? — pergunta Felicity.

— Não. Sabemos que não está aqui no jardim nem nos outros lugares em que já estivemos. Suponho que devemos escolher uma direção e... O que foi?

O rosto de Felicity empalidece. O de Ann também. Seja o que for, está atrás de mim. Todos os meus músculos se tencionam, e me viro devagar para encarar meu destino.

Ela sai de trás de um bosque de oliveiras, com uma grinalda de flores em seu cabelo negro. Os mesmos olhos violetas. A mesma pele pálida e a mesma beleza deslumbrante.

— Olá. — Pippa nos saúda. — Estava esperando que voltassem.

ONZE

Felicity corre na direção dela.

— Espera! — grito, mas não há nada capaz de detê-la.

Felicity corre na direção de Pippa e a abraça com força. Pippa a beija nas bochechas.

— É você! — exclama Felicity.

Está rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Pip, Pip, querida Pip, está aqui!

— Sim. Estou aqui. Ann! Gemma! Oh, por favor, não fiquem me olhando desse jeito!

— Pippa! — Ann chora e sai correndo na direção dela.

Mal posso acreditar. Pip, nossa Pip, está aqui, mais linda do que nunca. Algo em mim entra em colapso. Caio na grama soluçando, e minhas lágrimas fazem crescer pequenas flores de lótus.

— Oh, Gemma, querida, não chore. — implora Pippa.

Rápida como uma gazela, ela está ao meu lado. As mãos geladas que eu vi em meus sonhos estavam no meu cabelo, e era quente como a chuva de verão.

— Não chore.

Levanto a cabeça e olho na direção dela. Ela sorri para mim.

— Se pudesse ver a tua cara, Gemma. De verdade, tão séria!

Isso me faz rir. E chorar um pouco mais. Logo estamos todas rindo entre lágrimas e nossos braços rodeando uma às outras. É como voltar para casa depois de uma longa e cansativa viagem.

— Me deixem vê-las. — diz Pippa. — Eu senti tanta falta de vocês. Têm de me contar tudo. Como está a Sra. Nightwing? Cecily e Martha ainda são tão esnobes e insuportáveis?

— Ainda piores. — diz Ann entre risinhos.

— Justo na outra manhã, Gemma derramou geléia no vestido de Cecily para fazê-la calar a boca.

— diz Felicity.

Pippa abre a boca:

— Não pode ser!

— Temo que sim. — admito, sentindo-me estúpida, pelo meu mau comportamento.

— Gemma! — grita, enquanto sorri radiante. — É minha heroína!

Caímos na grama gargalhando. Havia muito que contar. Explicamos tudo sobre Spence, às meninas e o funeral.

— Todos choraram muito? MUITÍSSIMO? — pergunta Pippa.

Ann assente:

— MUITÍSSIMO.

Ela sopra um dente-de-leão. O vento dispersa as pétalas que se convertem em um enxame de vaga-lumes.

— Estou feliz de ouvir isso. Odiaria ter que pensar nas pessoas sentadas em volta do meu caixão com o olhar perdido. As flores eram bonitas? Havia flores, não havia?

— As flores mais lindas e a maior coroa. — diz Felicity. — Deve ter custado uma fortuna.

Pippa assente sorrindo.

— Estou tão feliz por ter tido um funeral assim. Contem mais! Ainda falam de mim pelos corredores? Todas sentem a minha falta?

— Sim, claro. — Ann diz muito séria. — Todas nós sentimos a sua falta.

— Agora você não deve mais sentir a minha falta. — diz Pip, apertando a mão dela.

Não quero perguntar, mas devo.

— Pippa, pensava que estava... — Morta. Não posso me forçar a dizer isso. — Pensava que havia cruzado o rio. Para o outro mundo, além dos Reinos. Quando parti, você e seu cavaleiro...

— Onde está seu cavaleiro?

— Ah, ele. Tive que deixá-lo. — Pippa boceja. — Sempre tudo que eu pedia. Era muito chato.

— Era muito bonito. — Ann finge que vai desmaiar.

— Sim, na verdade era não era? — Pippa ri.

— Sinto muito. — digo com medo de interromper esse momento tão feliz. — Mas não entendo. Por que não cruzasse o rio?

Pippa encolhe os ombros.

— Meu senhor, o cavaleiro, me disse que não precisava cruzar. Há várias tribos aqui, criaturas que sempre viveram nos Reinos. É parte deste mundo.

Coloca os braços para trás, dobra os joelhos e os balança com cuidado um contra o outro.

— Então, simplesmente voltasse? — pergunto.

— Sim. E então parei para colher flores para fazer uma coroa. Gostam?

— Oh, sim. — diz Ann.

— Então, vou fazer um para você.

— E para mim. — acrescenta Felicity.

— Claro. — diz Pippa. — Todas devem ter uma.

Estou bastante confusa. Minha mãe me disse que as almas devem cruzar ou se corrompem. Mas aqui está nossa Pippa, feliz e radiante, com os olhos da cor de violetas frescas, a amiga de sempre.

— Faz quanto tempo que estou aqui? — pergunta Pippa.

— Dois meses. — respondo.

— Mesmo? Às vezes parece que foi ontem; outras vezes parece que sempre estive aqui. Dois meses... Isso quer dizer que já é quase Natal. Creio que vou perder a manhã de Natal.

Nenhuma de nós sabe o que dizer. Ann se senta.

— Talvez sua alma ainda não tenha cumprido sua missão. Talvez por isso ainda esteja aqui.

— Talvez sua missão seja nos ajudar a encontrar o Templo! — exclama Felicity.

— Que Templo? — pergunta Pippa.

— Quando despedacei as runas, liberei o poder da Ordem nos Reinos. Quem encontrar o Templo e atar a magia poderá controlá-la.

Os olhos de Pippa se arregalaram.

— É maravilhoso!

Ann intervém.

— Mas todos estão procurando, inclusive os espiões de Circe.

Pippa une suas mãos às minhas.

— Então devemos encontrá-lo primeiro. Farei tudo o que puder para ajudá-las. Podemos pedir ajuda às criaturas.

Nego com a cabeça.

— Kartik disse que não devemos confiar em ninguém dos Reinos, não enquanto a magia estiver liberada.

“Não confie em ninguém. Não confie em ninguém.” Mas tenho certeza que ele não se referia à Pippa.

— Kartik? — diz Pippa, como se estivesse tentando lembrar de algo que aconteceu há muito tempo. — O garoto indiano? O Rakshana?

— Sim.

Levanta o tom de voz.

— Deveria ter cuidado com ele. Os Rakshana também tem seus espiões aqui. Não se pode confiar neles.

— O que quer dizer?

— Me contaram que os Rakshana e a Ordem não são amigos. Os Rakshana apenas fingem ser seus protetores, mas o que realmente querem é o poder da Ordem, controlar a magia dos Reinos.

— Quem disse tal coisa?

Pippa encolhe os ombros.

— Todos aqui sabem disso. Pergunte a qualquer um.

— Nunca ouvi nada a respeito. — digo. — Tenho certeza que minha mãe teria me avisado se isso fosse verdade.

— Talvez não tenha tido oportunidade. — diz Pippa. — Ou talvez não soubesse de tudo. Soubemos pelo seu diário que era apenas uma garotinha quando o incêndio aconteceu.

Começo a fazer uma objeção, mas Pippa me interrompe.

— Pobre Gemma. Está contrariada porque agora sei mais sobre isso do que você?

— Não, claro que não. — nego, embora sinta que é verdade. — Só acho que devíamos ter cuidado.

— Gemma. Quero escutar todos os segredos dos Reinos. — me repreende Felicity, e me dá as costas.

Pippa se deleita com um sorriso brincalhão e eu penso no que ela me disse no salão de baile da Spence meses atrás, quando a substitui como a favorita de Felicity: “Tome cuidado... A queda é de uma altura muito grande”.

Pippa nos empurra em um abraço gigantesco e nos beija na bochecha com fervor. Seu sorriso é genuíno.

— Ah, senti tanta falta de vocês! — diz enquanto uma lágrima desce por suas bochechas rosadas. Sou uma amiga horrível. Eu também havia sentido falta dela. Aqui está ela, e eu estragando o momento com meu mau humor.

— Eu sinto muito, Pip. Por favor, conte-nos o que sabe.

— Se insiste!

Seu sorriso é deslumbrante e todas nós rimos como se nunca tivéssemos estado separadas. As árvores deixam cair folhas que flutuam lentamente, cobrindo nossas saias com cores vivas.

— Os Reinos são extensos. Parece que nunca acabam. Ouvi dizer que existem maravilhas que vocês nem podem imaginar. Uma floresta de árvores de luz que brilham eternamente. Brumas de ouro e criaturas aladas como fadas. E um barco com a cabeça de uma Górgona.

— Uma Górgona! — exclama Ann horrorizada.

— Oh, sim! Eu a vi à noite, deslizando por entre as brumas. Um barco enorme e um rosto assustador. — diz Pippa.

— Como assim assustador? — pergunta Ann, mordendo o lábio.

— Se olhar nos olhos pode até morrer de medo. — diz Pippa.

Ann parece apavorada e Pippa lhe dá um beijo na bochecha.

— Não se preocupe Ann, querida. Eu serei sua protetora.

— Espero nunca encontrar essa Górgona.

— Dizem que a Ordem a amaldiçoou e aprisionou, ela nunca poderá descansar e sempre deve dizer a verdade. — explica Pippa.

— Uma maldição? Por quê? — pergunta Felicity.

— Não sei. É uma lenda.

— Se deve dizer a verdade, então talvez possa nos dizer onde encontrar o Templo. — digo.

— Vou procurá-la. — diz Pippa rapidamente.

— Temos mesmo que fazer isso? — pergunta Ann.

— Olha Ann, olha isso.

Pippa pega um punhado de grama, fecha sua mão sobre ela e quando a abre, há um gatinho preto ali sentado, nos olhando.

— Oh! — Ann acaricia o pequeno gato com a bochecha.

— Vamos nos divertir tanto agora que estamos juntas de novo!

Um espinho se crava em meu interior. Minha mãe insistiu que os espíritos deveriam cruzar para o outro lado. Mas, e se estava enganada?

Eu a vi morrer; vi como a enterraram. Eu a vi em meus sonhos.

— Tive os sonhos mais aterrorizantes a teu respeito. — digo, testando.

Pippa acaricia o gatinho, que se torna laranja e logo depois vermelho.

— Verdade? Como eles eram?

— Só me lembro do último sonho. Vinha até mim e dizia: “Cuidado, Gemma. Eles virão atrás de você”.

Pippa franze o cenho.

– Quem virá atrás de você?

– Não sei. Pensava que talvez você estivesse me enviando uma mensagem.

– Eu? – nega com a cabeça. – Não fiz nada parecido com isso. Agora vem comigo. – chama-me como se fosse o Flautista de Hamelin². – Quero fazer uma árvore de Natal.

Ficamos ali pelo que me parecem horas. Nenhuma de nós quer ser a primeira a dar adeus, então continuamos inventando razões para ficar: mais luzes mágicas para a árvore; outro jogo de esconde-esconde; procurar um pouco mais a Górgona que nunca aparece. Afinal, chega à hora. Devemos ir.

– Podem voltar amanhã? – pede Pippa.

– Irei para Londres. – Felicity diz com tristeza. – E vocês duas... É melhor que não voltem sem mim!

– Eu irei no dia seguinte. – digo.

– Ann? – pergunta Pippa.

– Eu ficarei na Spence e passarei as festas de final de ano com a criadagem, como sempre.

– Quanto tempo vai levar até estarem juntas de novo? – pergunta Pippa.

– Quinze dias. – respondo.

Não havia pensado nisso. Como vamos procurar o Templo se vamos ficar separadas tanto tempo?

– Tanto tempo? – diz Pippa. – O que vou fazer durante duas semanas inteiras? Vou ficar tão chateada sem vocês...

A mesma Pip de sempre.

– Felicity e eu nos veremos. – digo, mas Ann...

Parecia que Ann ia começar a chorar.

– Você tem de vir comigo. – diz Felicity. – A primeira coisa que farei amanhã pela manhã será enviar um telegrama para minha mãe, e pedirei que nos espere. E passarei a tarde pensando em uma boa história para justificar porque você vai comigo.

Ann sorri.

– Eu gostaria disso, as férias e a história.

– Assim que for possível, em uns dois dias, estaremos de volta. – asseguro a Pippa.

– Estarei esperando.

– Veja o que consegue descobrir. – digo. – Encontre a Górgona.

Pippa assente.

– Vocês Já têm que ir? Tão cedo? Não creio que possa suportar me despedir.

– Dentro de dois dias. – Felicity assegura.

Pippa caminha conosco através do lugar onde uma vez se elevaram as runas.

– Cuidado! – grita Felicity.

Onde antes havia esmagado o cogumelo venenoso, a grama havia se transformado em cinzas. Uma serpente negra desliza por ela.

– Ugh! – Ann exclama com repulsa enquanto se esquivava.

Pippa pega uma pedra afiada e a lança contra a serpente.

– Aí está. – diz, sacudindo os restos de pedra das mãos.

– Como eu detesto as serpentes. – diz Felicity com um tremor.

É surpreendente como Felicity fica nervosa por tudo. Mas o mais surpreendente é: Pippa está olhando fixamente para a pedra que jogou com um estranho sorriso. Não consigo descrever sua expressão, mas ela me deixa nervosa. Depois de um último beijo fazemos o portal de luz aparecer e estamos de volta no grande salão.

– Olhem! – grita Ann.

O rubi ainda brilhava em seu pescoço.

² [N/T: O Flautista de Hamelin é um conto folclórico, reescrito pela primeira vez pelo Irmãos Grimm e que narra um desastre incomum acontecido na cidade de Hamelin, na Alemanha, em 26 de junho de 1284.]

— Trouxe a magia consigo. — digo, tocando a pedra.
— Eu não tentei fazer isso. — Ann diz, como se estivesse em apuros. — Simplesmente aconteceu.
— Não tem nada que a prenda. — digo. — Suponho que seja por isso.
— Deixe-me tentar. — diz Felicity, que fecha os olhos e em um instante está flutuando acima de nós.

— Felicity! Desce! — sussurro com urgência.
— Nem brincando! Por que não sobe?

Com um grito, Ann se eleva para reunir-se com Felicity. Batem suas mãos no ar e giram longe do solo, como fantasmas.

— Esperem! — digo e me elevo para me encontrar com elas.

Minhas mãos estendidas, minhas pernas pendendo acima das cadeiras e da lareira. Sinto a alegria, o prazer da ausência de gravidade.

— Fantástico! — Ann exclama com um sorriso tosco.

Ela desce e recoloca o enfeite de anjo no topo da árvore, que fica erguido e reto.

— Assim.

— O que está fazendo? — pergunto a Felicity, que está com os olhos fechados e esfrega a palma direita contra a esquerda.

Quando separa suas mãos há um deslumbrante anel de diamantes. Ela o coloca no anular e mostra para nós.

— É o presente de Natal mais maravilhoso do mundo. — diz Felicity observando seu anel. — Pensem em como vamos nos divertir em Londres com toda a magia à nossa disposição.

— Não acho que isso seja inteligente. Temos que atar a magia, esse é nosso propósito.

Felicity morde os lábios.

— Não farei nada horrível com ela.

Não quero começar a discutir agora.

— Vamos voar novamente. — digo mudando de assunto.

No final, até Felicity está cansada. Voltamos para nossos quartos e repetimos com alegria o nome da amiga por quem estivemos de luto durante dois meses: Pippa. Talvez essa noite eu consiga dormir em paz, sem pesadelos que me deixam esgotada ao acordar. Ao fim de uma hora estou à salva na minha cama. Agora me vem à palavra para definir a expressão de Pippa, enquanto olhava fixamente a coisa que havia matado: faminta.

DOZE

Uma carruagem havia chegado para levar Felicity e Ann para a estação de trem. Despedimo-nos no grande saguão de mármore enquanto as serviçais acompanhavam os cocheiros até suas bagagens. Felicity esta linda impressionante com seu casaco de pele cor de malva³. Ann parece tímida, usa uma das melhores roupas que Felicity lhe emprestou, um vestido de veludo azul brilhante demais para a ocasião, fechado com o broche de uvas.

— Você ainda tem alguma magia? — pergunta Felicity.

— Não, acabou. E você?

— Também. — e me adverte carrancuda. — Não se atreva a voltar sem nós.

— Pela centésima vez, não farei isso.

O cocheiro recolhe a última de suas bagagens.

— Vocês devem ir. Não querem perder o trem!

É difícil conversar as pressas e todo o alvoroço que prevalece. E, além disso, odeio despedidas. Ann sorri radiante.

— Fee me emprestou sua capa.

— Que encanto! — digo, tentando ignorar o uso do apelido de Felicity.

Felicity nunca me emprestou nada, e eu não posso deixar de me sentir ciumenta por que as duas terão o feriado juntas.

Felicity brinca com a roupa de Ann, alisando as dobras.

— Farei mamãe levar-nos ao seu clube amanhã para almoçar. É um dos melhores clubes de mulheres, você sabe? Devemos contar nosso grande plano a Gemma. Ela terá um papel a desempenhar.

Eu já estou arrependida, independente de qual for.

— Levo Ann durante as férias para trazê-la como se fosse outra. Sem mais esse ratinho assustado, essa estudante com bolsa. Parecerá que ela já nasceu assim. Ninguém se dará conta.

Ann segue a sugestão.

— Direi a sua mãe que sou descendente da realeza russa e que não sabia até agora, que meu tio-avô, o Duque de Chesterfield, Achou-me aqui em Spance e informou-me o último legado de meus pais.

Olho diretamente para Ann, toda rechonchuda⁴ como muitos ingleses.

— Pensa que isso é inteligente?

— Tomei a idéia do rubi, ontem à noite e pensei: E se pudéssemos viver em nossas próprias ilusões? — diz Felicity. — E se nós jogarmos um pouco?

— O que acontece se nos descobrirem? — preocupa-se Ann.

— Eles não vão. Direi as senhoras do clube que antes da morte de seus pais você recebeu aulas de músicas de um cantor russo mundialmente conhecido. Elas estarão animadas para ouvi-la cantar. Sabendo como elas são, disputarão para que você cante em seus bailes e jantares. Será o troféu mais exibido e nunca saberão que você é pobre como um rato de igreja.

Há algo perverso na face da Felicity.

— Eu provavelmente vou decepcioná-las. — diz Ann.

Saímos com os guarda-chuvas abertos para onde podemos ficar sozinhas por um momento. Nenhuma de nós quer falar em voz alta o que realmente sente: que será uma tortura esperar para entrar nos Reinos. Depois de provar a magia, é difícil esperar para prová-la novamente.

— Deslumbre-as. — digo a Ann.

Abraçamo-nos ligeiramente quando o condutor as chama através da cortina de água.

³ [N/T: cor de malva, seria um tipo de verde bem claro.]

⁴ [N/T: rechonchuda – Diz-se de uma pessoa muito gorda, especialmente criança.]

— Dois dias. — diz Felicity.

Concordo.

— Dois dias.

Elas deslizam para a carruagem evitando pisar na lama.

Quando entro, Mademoiselle LeFarge esta sentada no grande do salão. Coloca seu melhor terno de lã e está lendo Orgulho e Preconceito.

— É lindo! — digo. — Ehh... Très jolie!

— Merci beaucoup. — responde sorrindo. — O inspetor virá me buscar logo.

— Vejo que está lendo a senhorita Austen. — respondo agradecida por ela não ter me repreendido pelo meu péssimo francês.

— Oh, sim. Eu aprecio os seus livros. São tão românticos. É muito inteligente da parte dela sempre terminar com uma nota feliz como um noivado ou casamento.

Uma criada bate na porta.

— O Sr. Kent veio vê-la.

— Ah, obrigada. — Mademoiselle LeFarge fecha seu livro. — Bem, senhorita Doyle, vou vê-la no ano novo, então, tenha um Feliz Natal.

— Feliz Natal para você também, Mademoiselle LeFarge.

— Ah, e trabalhe seu francês durante as férias, senhorita Doyle. É época de milagres, talvez consigamos um.

Em questão de horas, a Spence está quase deserta. Apenas algumas de nós continuamos ali. Durante todo o dia, as garotas foram partindo. Da minha janela, as vi saindo para o frio exterior para subir nas carruagens que as conduziriam até a estação de trem. As vi despedindo-se com promessas de se encontrarem em tal baile ou em tal ópera. É maravilhoso que tenham lágrimas nos olhos e digam “Sentirei tanto a sua falta”, embora só deixem de se ver por alguns poucos dias. Estou entregue à minha própria vontade e passo um tempo explorando, subindo escadas íngremes até as torres de onde as janelas me dão uma visão das paisagens que rodeiam Spence. Esgueiro-me para além de portas trancadas com chaves e salas escuras, cheias de painéis, que mais parecem um museu. Perambulo pela Academia até o anoitecer. É tarde e eu deveria estar na cama; não creio que ninguém esteja me procurando.

Quando chego a meu andar, me detenho. Estou gelada. Uma das enormes portas queimadas que conduzem à ala leste está encostada. Há uma chave na fechadura. Durante todo o tempo em que estive na Spence, nunca tinha visto essas portas abertas, e me pergunto por que estão abertas justamente agora, quando a escola está vazia. Quase vazia.

Aproximo-me, tentando não fazer barulho. Há vozes vindo de dentro. Eu as reconheço: a Sra. Nightwing e a senhorita McCleethy. Não consigo ouvi-las com clareza. O ar passa através delas com um rugido, enviando rajadas de palavras até mim.

“Deve começar... Londres... Eles nos ajudarão... Eu asseguro.”

Estou com muito medo de olhar para dentro, então eu coloquei meu ouvido na fenda, quando a Sra. Nightwing disse:

— Eu tenho que lidar com isso. Afinal, é meu dever.

Ao dizer isto, a senhorita McCleethy dá um passo em direção à porta e eu fui pega em flagrante.

— Ouvindo atrás da porta, senhorita Doyle? — ela pergunta com os olhos atentos.

— O quê? Existe algum problema? — Sra. Nightwing pergunta.

— Senhorita Doyle! Como é possível!

— Eu, eu... Sinto muito, Sra. Nightwing. Ouvi vozes.

— O que você ouviu? — solicita a Sra. Nightwing.

— Nada.

— Espera que acreditemos? — A senhorita McCleethy pressiona.

— É verdade. — Minto. — A escola esta tão vazia, e tive problemas para dormir.

A senhorita McCleethy e a Sra. Nightwing trocam olhares.

— Vá para cama senhorita Doyle. E no futuro, deve fazer conhecida sua presença.

— Sim, Sra. Nightwing. — respondo, quase correndo para meu quarto no final do salão.

— Do que estavam falando? O que ela tem que começar?

Com esforço. Tiro minhas botas, o vestido e as meias. Eu permaneço com a camisa. Tem exatamente quatorze grampos no meu cabelo. Eu conto-os removendo um por um enquanto meus dedos tremem. Meus cachos acobreados caem pelas minhas costas aliviadas. Nada bom. Estou nervosa demais para conseguir dormir. Preciso uma distração, algo para aliviar minha mente. Embaixo de sua cama, Ann guarda uma pilha de revistas, daquelas que dão conselhos e mostram as últimas tendências. Na capa há a ilustração de uma bela mulher. Seu cabelo está enfeitado com plumas. Sua pele é perfeitamente cremosa e seu olhar fixo consegue ser ao mesmo tempo gentil e pensativo, como se estivesse olhando o pôr-do-sol e ao mesmo tempo pensando em como enfaixar os joelhos feridos das crianças necessitadas. Não sei como conseguir um olhar como esse.

Vejo-me com um novo medo: nunca serei assim tão encantadora, nem de longe. Sento-me diante o tocador⁵, e olho-me fixamente no espelho, virando o rosto de um lado por outro. Meu perfil não está mau. Tenho um nariz reto e uma boa mandíbula. Dirijo-me novamente para o espelho e percebo as pequenas sardas e a testa pálida. Desesperador. Não que haja algo horrível em mim; só não há nada que se destaque. Nenhum mistério. Não sou o tipo que sai nas capas das revistas de variedades, com um adorável olhar distante. Não sou do tipo por quem os admiradores suspiram a garota imortalizada nas canções. E não posso dizer que não me importo com isso.

Quando eu for a jantares e bailes, se é que irei a algum, o que os outros verão em mim? Irão me notar? Ou os irmãos e velhos tios e primos distantes de outros primos serão forçados pelas esposas, mães e anfitriãs a dançar comigo por educação?

Algum dia eu poderia ser uma deusa? Penteio meu cabelo e o arrumo pelos meus ombros como havia visto em audaciosos cartazes de óperas, nos quais aparecem mulheres tísicas⁶ que morrem de amor e que são vistas como belíssimas. Se eu piscasse e afastasse um pouco os lábios, talvez ficasse mais atraente. Meu reflexo no espelho pede algo mais.

Cautelosa, empurro para baixo as alças da minha camisa e deixo minha pele exposta. Eu agito meu cabelo um pouco para que fique selvagem, como fosse uma ninfa indomada.

— Desculpe-me. — digo a meu reflexo. — Creio que não nos conhecemos.

Sou... Pálida. Isso é o que sou.

Aperto as bochechas e começo de novo, adotando uma voz rouca.

— Quem vaga por meus domínios tão livremente? Diga-me seu nome, me diga!

Atrás de mim, alguém clareia a voz e sussurra.

— Sou eu, Kartik.

Um grito ridículo escapa da minha garganta. Dei um pulo do tocador e logo tropeço na borda, caindo sobre o cobertor e conduzindo a cadeira comigo. Kartik dá um passo para trás longe da minha cômoda, com os braços cruzados sobre o peito.

— Como você se atreve! — grito assustada, correndo para o meu armário em busca de um roupão.

— Oh, meu Deus, onde esta?

Kartik olha para o chão.

— Eu... Não era minha intenção. — garante. — Estava ali, mas eu adormeci e então... É você... está apresentável?

Achei o roupão, porém meus dedos não respondem devido ao meu nervosismo. Vesti-o, mas está mal abotoado, formando um ângulo estranho. Cruzo os braços para que não se note tanto.

— Se não sabe, porém, é imperdoável entrar no quarto de uma senhorita sem estar devidamente vestida. — digo furiosa.

— Sinto muito. — diz envergonhado.

— Imperdoável. — repito.

— Se eu sair e voltar mais tarde?

⁵ [N/T: tocador – Um tipo de cômoda ou penteadeira com espelho.]

⁶ [N/T: tísicas – termo usado antigamente na medicina referido às pessoas com tuberculose.]

— Agora que está aqui, pode ficar. O que é tão urgente que exige que você escale o muro e se esconda dentro do banheiro?

— Você entrou nos reinos?

— Sim. Mas não mudou muito. Está tão belo como antes.

Detenho-me pensando em Pippa. Tão bela. A mesma que Kartik admirava com ternura. Lembro-me que ela me advertiu sobre os Rakshana.

— O quê?

— Nada. Pedi ajuda para alguém. Um guia, ou algo assim.

Kartik nega com a cabeça.

— Isso não foi inteligente. Eu disse a você, não pode confiar em ninguém que venha dos reinos.

— E se essa pessoa for alguém em quem eu confie?

— Como você sabe?

— É Pippa. — digo com a voz baixa.

Kartik olha para mim.

— Se ela não cruzar se corromperá.

— Disse que não é esse o caso.

— Não pode confiar nela. Poderá ter sido corrompida.

— Não notei nada de estranho nela. — protesto em seguida.

— Só o fato que seja...

Só o fato que seja tão bonita como antes, estava prestes a dizer.

— Só que o quê? É a mesma Pippa. — respondo calmamente. — Agora ela sabe mais sobre os reinos que nós todos. Pode ajudar-nos. No momento é mais do que você tem a oferecer.

E se feri seu orgulho, observo-o. Kartik dá um passo, esta tão perto que sinto seu cheiro: uma mistura de fumaça, a canela, o ar... Proibidos. Seguro o roupão com força sobre meu corpo.

— Tudo bem. — diz ele, esfregando o queixo. — Tenha cuidado. Isso não me agrada. Os Rakshana me advertiram.

— Os Rakshana não estiveram lá, então como sabem em quem confiar?

O aviso de Pippa parece-me muito apropriado.

— Não sei nada sobre sua irmandade. Porque deveria confiar neles? Porque deveria confiar em você? Honestamente... Entra escondido no meu quarto. Segue-me por toda parte, vive me dando ordens: Feche sua mente! Não, abra sua mente! Ajude-nos a encontrar o Templo! A magia!

— Eu disse que sei. — diz arrependido.

— Não sabe muito. Verdade? — pressiono.

— Eu sei que meu irmão foi Rakshana. Eu sei que ele morreu tentando proteger sua mãe, e ela morreu tentando protegê-lo.

Lá estava. O terrível sofrimento que nos unia. Sinto como se o ar fosse retirado bruscamente de mim.

— Não. — aviso.

— Não o que?

— Não mude de assunto. Acredito que seja quem deva dar as ordens por aqui por um tempo. E eu quero algo de você.

— Você está me chantageando?

— Pode chama do que quiser. Mas não lhe conto mais nada até que responda minhas perguntas.

Sento-me na cama de Ann. Ele se senta na minha, de frente para mim. Aqui estamos como um casal de cães se provocando prontos para morder.

— Pergunta.

— Pergunto quando estiver preparada. — digo.

— Muito bem, não pergunte. — diz ele se levantando para sair.

— Conte-me sobre os Rakshana? — deixo escapar.

Kartik suspira e olha para o teto.

— A irmandade dos Rakshana existe há tanto tempo quanto a Ordem. Nasceram no Leste, mas se uniram com outros ao longo do caminho. Carlos Magno foi Rakshana, assim como muitos dos cavaleiros templários. Eram os guardiões dos Reinos e de suas fronteiras e, havia jurado proteger a Ordem. Seu emblema é uma espada com uma caveira. — diz rapidamente como uma lição dada por um professor de história.

— Isso foi muito útil. — digo irritada.

Levanta um dedo.

— Porém informativo.

Ignoro seu gesto.

— Como você se tornou um membro dos Rakshana?

Ele encolhe os ombros.

— Sempre estive com eles.

— Sempre? Você deve ter tido um pai e uma mãe?

— Sim, mas nunca os conheci realmente. Eu os deixei quando tinha seis anos.

— Oh! — fiquei surpresa. Nunca havia pensado que Kartik foi tirado dos braços de sua mãe ainda criança. — Desculpe.

Sequer pude olhar para ele

— Não há nada para sentir. Ficou entendido que eu estava sendo treinado pelos Rakshana, como meu irmão Amar antes de mim. Foi uma grande honra para minha família. Levaram-me e me ensinaram matemática, idiomas, controle de armas e luta. — sorri. — E críquete⁷. Estou jogando muito bem.

— O que mais?

— Eu fui ensinado como sobreviver na mata, e até mesmo como roubar.

Levanto a minha sobrelanceira em descrença.

— Faço o que seja necessário para sobreviver. Nunca se sabe quando é preciso roubar do bolso de um homem para comprar comida ou provocar alguma distração em momento oportuno.

Penso em minha mãe, que se foi para sempre, e sinto muito sua perda.

— E não sente uma terrível falta de sua família?

Fala com a voz muito baixa.

— No início, procurava por minha mãe em cada rua e mercado na esperança de vê-la. Jamais a encontrei, pelo menos tive Amar.

— Que horror. — eu não posso comentar nada.

— Era meu destino. Aceitei-o. Os Rakshana foram muito bons comigo. Fui treinado por uma irmandade de elite. O que faria na Índia? Criar vacas? Passar fome? Viver na sombra dos ingleses, sorrir falsamente enquanto servimos sua comida ou preparamos seus cavalos?

— Eu não quis incomodá-lo...

— Não me incomoda. — diz ele. — Eu não acho que você compreenda a grande honra que é ser escolhido pela irmandade. Logo eu estarei pronto para atingir o nível máximo de minha formação.

— E o que é?

— Não sei. — responde-me sorrindo com doçura. — É preciso fazer um juramento de fidelidade pela vida, e em seguida, mostrar-lhe os mistérios eternos. Ninguém fala sobre isso. Mas primeiro você tem que superar um desafio, preparado especialmente para si, para provar sua coragem.

— Qual é o seu desafio?

Seu sorriso se desvanece.

— Encontrar o Templo.

— Seu destino está unido ao meu.

— Sim. — diz suavemente. É o que parece.

⁷ [N/T: críquete – É considerado por muitos um esporte parecido com o baseball. Ele foi inspirado num rudimentar jogo rural da Inglaterra medieval chamado stoolball. Foi adotado pela nobreza no século XVII. Sofreu sucessivas transformações ao longo dos anos até se tornar um esporte bastante admirado no Reino Unido, na Índia e no Paquistão.]

Ele está me olhando de uma maneira diferente que me dou conta que não estou vestida de forma adequada.

— Deve partir agora.

— Sim. Devo ir. — Levanta-se. — Posso perguntar-lhe algo?

— Sim. — respondo.

— Fala com seu espelho com muita frequência? É algo que faz as jovens senhoritas?

— Não, claro que não. — corei com as bochechas totalmente vermelhas como nunca se viu numa menina. — Estava ensaiando para uma peça. Irei atuar numa apresentação.

— Certamente será uma atuação interessante. — diz Kartik, movendo a cabeça.

— Amanhã tenho uma longa viagem e devo dar-lhe boa noite. — digo em um tom formal.

Estou impaciente para que Kartik se vá e eu possa ficar sozinha em particular. Balança suas pernas fortes pela janela e alcança a corda escondida entre a hera que cobre as paredes da Spence.

— Oh, como entrarei em contato contigo caso encontre o Templo?

— Os Rakshana têm um trabalho para mim em Londres durante o feriado. Em algum lugar da cidade. Estaremos em contato.

E com isso, sai pela janela e desliza para baixo através da corda. Observo como ele se funde com a noite, e desejo que ele possa voltar. Estou tricotando quando alguém bate na porta. É a senhorita McCleethy.

— Eu pensei ter ouvido vozes. — diz enquanto checava meu quarto.

— Eu... Eu estava lendo em voz alta. — e pego uma das revistas de Ann na cama.

— Vejo. — diz ela de forma estranha.

Ela me entrega um copo.

— Obrigada. — digo apanhado o copo. Odeio leite morno.

— Parece que começamos com o pé errado.

— Lamento o que aconteceu hoje, senhorita McCleethy. Eu sinto de verdade. Juro que não estava escutando atrás da porta. Eu...

— Está bem. Tudo esquecido. Divide este quarto com a senhorita Bradshaw?

— Sim.

— Ela e a senhorita Worthington são suas melhores amigas?

— Sim. São as únicas que tenho.

— Realmente são senhoritas muito agradáveis, mas nem a metade que você é senhorita Doyle.

Estou chocada.

— Eu? Eu não sou assim interessante.

— Vamos. — diz chegando mais perto. — Eu e a Sra. Nightwing estávamos falando sobre você esta tarde, e concordamos que existe algo de especial contigo.

Estou em pé na frente dela com o roupão mal abotoado.

— Você é muito gentil, verdade... Senhorita Bradshaw tem uma voz encantadora e senhorita Worthington é muito inteligente.

— Noto o quanto você, senhorita Doyle, é leal para com suas amigas. Isto é uma virtude louvável.

Tenta me fazer um elogio, mas eu me sinto desconfortável, sinto como ela estivesse-me estudando.

— Que colar tão original!

Com grande descaramento, o seu dedo toca a curva da meia-lua.

— Onde você conseguiu isso?

— Era da minha mãe. — respondo.

Ela olha-me de forma penetrante.

— Deve ter sido complicado para ela se desfazer de algo tão precioso.

— Ela está morta. Eu herdei.

— Tem algum significado?

— Não. Nenhum que eu saiba. — Minto.

Senhorita McCleethy olha para mim até que sou forçada a desviar o olhar.

— Como era sua mãe?

Forço um bocejo.

— Desculpe-me, mas estou começando a ficar cansada.

Senhorita McCleethy parece desapontada.

— Deveria tomar o leite ainda quente. Ajudará a dormir. O descanso é muito importante.

— Sim, obrigada. — digo pegando o copo.

— Vamos, beba.

Não tenho escapatória. Obrigo-me a tomar uns poucos goles. Tem um sabor estranhamente doce.

— Hortelã com pimenta. — anuncia a senhorita McCleethy, como se lesse minha mente. — Ajuda a dormir. Vou levar o copo de volta para Brigid. Creio que ela não gosta muito de mim, não acha?

— Estou segura que é somente impressão. — comento por educação.

— Ela olha-me como se eu fosse o demônio. Você acha que sou o demônio, senhorita Doyle?

— Não... Eeh... Claro que não.

— Estou contente por sermos amigas. Durma bem, senhorita Doyle. Nada de mais leitura em voz alta esta noite.

Meu corpo está quente e pesado. Será que foi o leite quente? A hortelã com pimenta? Ou talvez a senhorita McCleethy tenha me envenenado? Não seja ridícula, Gemma!

Abro as janelas para o ar circular. Devo permanecer acordada. Caminho em volta do quarto com grandes passos. Me dobro pela cintura e toco os dedos do pé. Finalmente sento na cama e canto canções de natal para mim mesma. Não adianta nada. Minha canção se arrasta e caio em um sonho profundo.

A meia-lua brilha com intensidade na minha mão. Minha mão se transforma em um rastro de uma flor de lótus. Videiras de cor verde empurram pelas fendas e seu minúsculo broto floresce em magníficas rosas. Vejo meu rosto refletido em uma parede de água. Empurro minha mão contra a parede até que caio completamente sobre ela.

Caio mais fundo e sou tragada pela escuridão do sonho.

Não sei que horas são quando acordo assustada com alguma coisa. Tento escutar, mas não há nada. O leite havia deixado uma fina camada em minha língua. Ela parece aumentar. Por mais que queira evitar, tenho que descer e beber algo. Com um profundo suspiro, afasto o cobertor, me levanto e acendo uma vela. Eu a protejo com a mão enquanto caminho pelo corredor escuro, que me parece extremamente longo. Sou a única alma que restou no andar. Meus pensamentos deixam meus passos mais lentos.

Quando estou perto das escadas, a chama treme e se apaga. Não! Tenho que voltar para acendê-la. Uma tontura repentina me atinge. Meus joelhos tremem e eu consigo agarrar o corrimão e me equilibrar. Na escuridão se ouve um som fraco, agudo, como giz contra o quadro. Já não estou sozinha. Há alguém aqui comigo.

Consigo apenas emitir um sussurro:

— Olá? Brigid? É você?

O som se aproxima. Em minha mão, a vela volta a acender, enchendo o corredor com uma densa esfera de luz. Ali estavam. Não pareciam reais, mas eram mais sólidas do que a visão que tive na neve. Três meninas, todas de branco. A ponta de suas botas desliza pelo piso de madeira fazendo um som terrível enquanto elas deslizam para cada vez mais perto. Mexem a boca para falar. Não consigo ouvi-las. Seus olhos estão tristes, e há grandes círculos escuros abaixo deles.

Não grite Gemma. É só uma visão. Não podem fazer mal. Podem?

Estão tão perto que tenho que girar a cabeça e fechar os olhos. Estou a ponto de vomitar por causa do susto e do cheiro. Que cheiro era aquele? O mar e algo mais. Podridão.

Outra vez o mesmo ruído, como o bater das asas de centenas de insetos. Estão falando tão suavemente que preciso de um momento para captar a mensagem, mas quando consigo fazê-lo, me gelam os ossos.

— Ajude-nos.

Não quero abrir os olhos, mas o faço. Elas estão tão perto, essas coisas oscilantes e brilhantes. Uma delas estende uma mão.

— Por favor. Por favor, não me toque. Vou gritar. Vou gritar. Vou...

Sua mão é como gelo no meu ombro, mas não há tempo para gritar porque meu corpo se torna rígido enquanto é empurrado para baixo. Milhares de imagens inundam minha mente. Três garotas saltam ao longo de penhasco íngreme. O mar se choca uma vez ou outra contra as rochas, deixando finos fios de espuma ao redor de seus pés. As nuvens escurecem. Uma tempestade. Uma tempestade se aproxima. Espera, há uma quarta menina. Ela vem atrás. Alguém as chama. Uma mulher chega. Ela usa uma capa verde.

As vozes adocicadas das garotas deslizam pelo meu ouvido.

— Olha...

A mulher segura a mão da quarta menina. Então chega o terror do mar. O céu escurece. As garotas gritam.

Estamos outra vez no corredor incandescente. As garotas vão desaparecendo, empurradas de volta para a escuridão.

— Ela mente... — sussurram as garotas. — Não acredite nela.

E então se vão. A dor desaparece. Estou caída no chão frio e duro, sozinha. A vela assobia repentinamente, cuspidando uma chama inconstante.

Isso é tudo tão difícil. Levanto e saio disparada, como um ratinho assustado, e não paro até que chegue outra vez em meu quarto com a porta firmemente fechada, embora tenha impressão que foi fechada por fora, eu não sei dizer. Acendo todas as luzes do quarto. Quando está iluminado, me sinto um pouco melhor. Que tipo de visão foi aquela? Por que se tornaram tão fortes? Seria porque a magia esta solta? Eu senti sua mão no meu ombro...

— Para Gemma. Para de assustar a si mesma.

Quem são essas garotas e o que querem de mim? O que queriam dizer com “não confie nela”? O fato de a escola estar tão vazia não ajuda, nem que amanhã tenha que estar em Londres com minha família, e sabe-se lá que horrores me esperam por lá. Tenho respostas para nenhuma de minhas perguntas e tenho medo de dormir. Quando o primeiro raio de sol entra pela janela, já estou vestida, minhas coisas estão embaladas e estou pronta para partir a Londres, como se eu mesma tivesse que conduzir os cavalos.

TREZE

Como sempre, Tom estava atrasado. Eu cheguei na estação Victoria no trem das doze da Academia Spence, como estava previsto, mas não vi meu irmão em nenhum lugar. Talvez ele tenha sofrido algum terrível acidente e estava caído na rua, morrendo, e em seu último suspiro ele roga que algumas das pessoas que estão ali chorando corram a estação para resgatar a sua inocente e virtuosa irmã. É a única explicação que eu consigo encontrar. Mas o mais provável é que ele esteja no clube, divertindo-se e jogando cartas com seus amigos, e que tenha se esquecido de mim.

— Querida, você está certa que seu irmão vem pegá-la?

É Beatrice, uma das irmãs solteironas de setenta anos com as quais eu compartilhei o vagão do trem. Durante a viagem, não pararam de falar do reumatismo e a alegria das rosas de couve. Eu achava que elas iam me deixar louca. Mas, diferentemente de meu irmão, elas se preocupavam comigo.

— Oh, sim. Com certeza, obrigada; Por favor, não se preocupe.

— Oh, querida, Millicent, não é certo que nós a deixemos aqui sozinha, você não acha?

— Não, é claro, Beatrice. Você tem que vir conosco. Avisaremos sua família.

Decididamente, eu vou matar Tom.

— Aqui está! — eu disse olhando para longe como se eu estivesse vendo meu irmão.

— Onde? — perguntam as irmãs.

— Ali esta, justamente ali. Eu deveria estar olhando para a direção errada. Foi um prazer conhecê-las. Espero que algum dia nos encontremos novamente. — digo, e ofereço a minha mão para que me deixem em paz.

Saio decidida e me escondo por trás de uma máquina que vende bilhetes. Quando está livre, eu me sento em um banco longe da plataforma. Onde ele deve estar?

Chega outro trem na estação e saem mais passageiros. Há abraços e sorrisos, gente que levam suas bagagens e alguns ramos de flores. Tom já está a mais de uma hora atrasado. Papai vai saber disto. Um homem, vestindo um fino terno preto, senta-se ao meu lado. O que ele deve pensar de mim, sentada aqui sozinha? Ele tem uma profunda cicatriz que estraga o lado esquerdo de seu rosto, que vai da parte de cima da orelha até a comissura da boca. O terno parece ter sido costurado por um bom alfaiate. Olho para o broche em sua lapela e minha boca se seca, porque eu sei o que é. É a espada e a caveira dos Rakshana. É uma coincidência ele ter se sentado ao meu lado? Ou veio por algum propósito? Dirigo para ele um sorriso leve. Com calma, me levanto e vou embora. Quando estou na metade do caminho da plataforma, giro. Ele também se levantou do banco. Com o jornal debaixo do braço, ele me segue. Mas, onde Tom se meteu? Paro em uma barraca de flores e finjo que estou olhando os ramos e brotos. O homem também vem. Escolhe um cravo vermelho para sua lapela, inclina seu chapéu para agradecer e, sem dizer nada, joga uma moeda na mão do vendedor.

O medo me faz vacilar e minhas pernas tremem, como se eu fosse um gatinho recém-nascido.

E se ele tentar me pegar? E se algo de ruim aconteceu com Kartik? E se Pippa tiver razão e eu não puder confiar nesses homens?

Sinto como ele se aproxima de mim. Se eu começar a gritar, quem me ouvirá entre o apito e os grunhidos dos trens? Quem poderá me ajudar?

Vejo um homem jovem que está de pé sozinho, esperando.

— Aqui está! — digo, e me aproximo com grandes passos para ele. Ele olha ao redor para ver a quem estou me dirigindo. — Você está atrasado, você sabe.

— Estou... atrasado? Sinto muitíssimo, mais tínhamos...

Inclino-me para ele, sussurrando urgentemente.

— Por favor, me ajude. Este homem está me seguindo.

Ele parece confuso.

— Que homem?

— Esse homem.

Olho para detrás de mim mais ele já foi embora. Não tem ninguém.

— Tinha um homem com terno preto. Tinha uma horrível cicatriz em sua bochecha esquerda. Ele se sentou ao meu lado no banco, e depois me seguiu até a barraca de flores.

Percebo que devo está parecendo uma louca.

— Talvez ele quisesse comprar uma flor para a sua lapela — diz o jovem.

— Mas ele me seguiu até aqui.

— Estamos perto da saída — disse, e apontou para as portas que conduziam para a rua.

— Oh. Está certo. — digo. — Sou uma estúpida. Sinto muitíssimo. Que vergonha, pareço uma tonta. Meu irmão tinha que vir me pegar e temo que ele vá se atrasar.

— Então ficarei fazendo companhia para você até que ele chegue.

— Oh, não. Eu não poderia...

— Na verdade você poderia me ajudar — ele disse.

— Que tipo de ajuda? — digo.

Do bolso do seu casaco, ele tira uma bela caixa de veludo do tamanho de uma caixa de bolachas.

— Preciso da opinião de uma senhorita sobre um presente. Você me ajudaria?

— Claro — digo, aliviada.

Ele coloca a caixa na palma da mão e levanta a tampa. Não tem nada dentro.

— Mas está vazia.

— É o que parece. Olhe.

Ele pressiona o que parece ser a base da caixa. Esta levanta-se para me mostrar o compartimento secreto escondido, dentro desse esconderijo tem um camafeu⁸ belíssimo.

— É encantador — digo. — E a caixa é muito inteligente.

— Então, você realmente aprova?

— Estou certa que ela ficará encantada — digo.

Fico vermelha no mesmo instante.

— É para minha mãe — explica o jovem. — Vim buscá-la.

— Oh — digo.

Estamos os dois parados um em frente do outro. Não sei o que dizer ou o que fazer. Devo continuar aqui em pé como uma idiota ou devo salvar o que me resta da minha dignidade, dar bom dia para ele e encontrar um lugar onde eu possa me esconder até que meu irmão venha me buscar?

No momento eu que eu abro a boca para dizer adeus ele estende sua mão para mim.

— Sou Simon Middleton. Oh, desculpe. O que você ia dizer?

— Oh, eu, eu sei que... Como você está?

Encaixamos as mãos.

— Muito bem, obrigado. Como você está, senhorita...?

— Por Deus. Sim. Eu sou...

— Gemma! — ouço meu nome.

Finalmente Tom chegou. Ele se aproxima de mim, com o chapéu na mão e essa franja irritante de cabelo que cai sobre os seus olhos.

— Pensei que você tivesse dito na estação de Paddington.

— Não, Thomas — digo, forçando um sorriso por motivos de educação. — Eu te disse claramente que era na estação Victoria.

— Não, você está errada. Você disse Paddington!

⁸ [N/T: Um camafeu (do francês antigo, *camafeu*) é uma pedra fina cinzelada de modo a formar uma figura em relevo (em oposição a entalhe) e que comporta ou não camadas superpostas de cores diferentes.]

— Senhor Middleton, permita-me apresentar o meu irmão, o senhor Thomas Doyle. O senhor Middleton foi muito amável ao esperar comigo, Thomas — digo intencionalmente.

O rosto de Tom empalidece, e eu me alegro por vê-lo envergonhado.

Simon esboça um amplo sorriso, e seus olhos brilham.

— Encantado de te ver, Doyle, garoto.

— Senhor Middleton — disse Thomas, oferecendo a sua mão. — Como estão o visconde e lady Denby?

— Minha mãe e meu pai estão bem, obrigado.

Simon Middleton é filho de um visconde? Como é possível que uma pessoa tão amável e encantadora e com um título como o senhor Middleton tenha algum tipo de relação com o meu desagradável irmão?

— Se conhecem? — pergunto.

— Íamos juntos a Eton — diz Simon.

Isto quer dizer que Simon, o honorável Simon Middleton, tem a idade de meu irmão: dezenove anos. Agora que me passou a surpresa, vejo que Simon também é bonito, com cabelo castanho e olhos azuis.

— Eu não tinha nem idéia que você tinha uma irmã tão encantadora.

— Eu tampouco — disse Tom. Pego seu braço, mas só porque assim eu posso beliscá-lo por dentro sem que Simon perceba. Quando Tom grita, me sinto melhor e deixo de segurá-lo — Espero que ela não tenha te incomodado muito.

— De forma alguma. Ela tinha a impressão que alguém a estava perseguindo. Um homem com terno negro, com... o que era? Uma horrível cicatriz em sua bochecha esquerda.

Agora eu me senti terrivelmente estúpida por isso.

Um rubor tingiu o pálido pescoço de Tom.

— Ah, sim. A famosa imaginação dos Doyle. Certamente a nossa Gemma se transformará em uma escritora de livros de mistério.

— Sinto muito tê-lo incomodado — digo.

— De forma alguma. Foi o momento mais excitante do dia — disse, com um sorriso tão triunfante que eu acreditei. — E você me ajudou muito com isto. — acrescentou, segurando a caixa de veludo. — Nossa carruagem está exatamente lá fora. Se vocês não se importam em esperar, eu posso levá-los.

— A carruagem está nos esperando — diz Thomas com ar de satisfação.

— Claro.

— É muita generosidade de sua parte — digo. — Que você tenha um bom dia.

Então Simon Middleton fez a coisa mais extraordinária e íntima: pegou minha mão e me deu um beijo cortês.

— Espero que nos vejamos de novo durante o feriado. Devem vir jantar. Eu organizarei. Senhor Doyle, venha.

De forma muito elegante, ele inclinou a ponta do chapéu para Tom, e Tom devolveu o gesto como se fossem velhos amigos brincando.

Simon Middleton. Não posso esperar para contar a Ann e Felicity.

Fora da estação, as ruas estão animadas com ruídos, cavalos, homens a pé, gente que veio a Londres para passar uns dias de compras e divertimento. É uma cena enlouquecida e jovem, e me sinto feliz por fazer parte do coração que bate nesta cidade. Por um momento, o ar nebuloso e os sinos da igreja me cumprimentam; sinto-me sofisticada e misteriosa. Aqui posso ser qualquer coisa: duquesa, bruxa, caçadora de fortunas. Quem vai notar? Depois de tudo, acabo de ter um maravilhoso encontro com um filho de visconde. Sinto-me muito otimista. Sim, será uma temporada muito agradável, com danças e presentes e talvez até mesmo um jantar com um belo filho de visconde. Meu pai adora o Natal. O espírito natalino o deixará alegre, e ele não precisará tanto do láudano. Ann, Felicity e eu encontraremos o Templo e controlaremos a magia, e no final tudo se resolverá.

Enquanto caminho, um homem esbarra em mim, sem me oferecer nada mais que uma pequena desculpa. Mas está tudo bem, não importa. Perdôo o senhor ocupado que não vê por onde anda. Por que eu, Gemma Doyle, vou ter um esplêndido natal na cidade, aqui, em Londres. Tudo saíra bem. Londres nos recebe com os braços abertos cavalheirescamente.

Tom está desesperado, tentando chamar um táxi⁹ no meio da multidão.

— Mas, onde está a carruagem? — pergunto.

— Não tem carruagem.

— Mas você disse...

— Sim, bem, eu não ia deixar que Middleton nos levasse para casa e sofrer essa humilhação. Temos uma carruagem em casa, para ser sincero. Mais não temos cocheiro. O velho Pott se foi repentinamente faz alguns dias. Queria colocar um anúncio mais papai me disse que ele se encarregaria de encontrar um.

Finalmente nós conseguimos, encontramos um táxi que nos levasse para a casa de Londres que eu nunca tinha visto.

— Não posso acreditar que você encontrou com Simon Middleton entre tantas pessoas — diz Tom enquanto o táxi se afasta da estação. — E agora temos que jantar com sua família.

Seria difícil que o honorável Simon Middleton me convidasse sozinha para jantar, e não convidasse Tom.

— É verdade que ele é filho de um visconde?

— Sim, é sério. Seu pai é membro da Câmara dos Lordes e um influente patrono das ciências. A verdade é que com sua ajuda eu poderei chegar muito longe. É uma pena que ele não tenha nenhuma filha com quem eu pudesse casar.

— Pena? Eu diria que está mais para perfeito...

— Então, nem sequer minha própria irmã vai me promover? Falando nisso, você não ia procurar uma futura e bonita esposa com uma pequena fortuna para mim? Você teve êxito?

— Sim, eu adverti todas.

— Nossa... Feliz Natal para você também! — disse Tom, rindo. — Pelo visto, vamos assistir o baile de Natal da sua amiga, a senhorita Worthington. Talvez eu encontre ali uma esposa perfeita, o que quero dizer é uma esposa rica, entre as garotas que forem.

— Talvez todas saiam correndo para o convento. Como papai está? — pergunto finalmente.

Esta pergunta me revira por dentro.

— Estamos progredindo. Guardei sua garrafa de láudano e dei a ele uma que esta diluída em água. Está bebendo menos. Mas temo que, às vezes, isto se torna um pouco desagradável e provoca neles dores terríveis de cabeça. Mas estou seguro de que está funcionando. — Suspira e olha para mim. — Você não dê mais para ele, entendido? Ele é inteligente e vai te pressionar para que você faça isso.

— Ele não faria isso. — repliquei. — Não a mim. Eu sei.

— Sim. Bem...

Tom não acabou seu pensamento. Continuamos em silêncio; o ruído das ruas era o nosso único interlocutor. No momento minhas preocupações se desvaneceram, quando ouço e vejo a excitação da cidade. Oxford Street é um lugar fascinante. Todos esses grandes edifícios um ao lado do outro... tão altos e orgulhosos. Na parte baixa, vejo toldos esticados na calçada, como senhoras que levantam timidamente a barra da saia para revelar a tentação. Os proprietários das lojas, uma loja de peles, um estúdio de fotografia e um teatro, onde as pessoas se reúnem na bilheteria para ver o programa do dia.

— Oh, não!

— O quê? — pergunto.

— Eu tinha que pegar um bolo para a vovó, e acabamos de passar em frente da loja.

⁹ [N/T: No e-book em espanhol, pelo qual eu estou traduzindo, tem a palavra táxi. Mais na verdade, ficaria melhor como uma 'carruagem de aluguel' ou algo assim.]

Tom avisa ao motorista que pare na calçada.

— Não demoro nem um minuto — disse, mas suspeito que ele não disse isso para me tranquilizar e sim para convencer ao motorista de que não cobre muito por esta parada não programada.

Por minha parte, estou feliz de estar sentada e olhar o mundo em toda a sua glória. Um garoto jovem caminha através dos pedestres, com um grande ganso nos ombros. Em meio a um coro de buzinas francesas e oboés¹⁰, um grupo de pessoas que canta canções de natal vai passando pelas lojas, com a esperança de que lhe dêem um punhado de frutas secas ou algo para beber. Seguem caminhando, com suas canções flutuando por trás deles. Na vitrine da loja onde Tom foi, tem expostas todos os tipos de delícias: passas, limões cristalizados; montanhas de peras, maçãs, laranjas; coloridas pilhas de todo tipo. Me dá água na boca. Uma mulher alta com um elegante chapéu e um traje de mau gosto se aproxima. Ela me parece familiar, mas não sou capaz de reconhecê-la até que ela já tenha passado.

— Senhorita Moore! — grito da janela, esquecendo completamente as minhas maneiras.

A Senhorita Moore para, sem dúvida perguntando-se quem pode está chamando-a na rua de uma forma tão grosseira. Quando me vê, ela vem até a carruagem.

— Só podia ser você, senhorita. Está muito bonita. Feliz Natal.

— Feliz Natal.

— Vai ficar muito tempo em Londres? — pergunta.

— Até o Ano Novo. — digo.

— Que feliz coincidência! Nós temos que conversar algum dia.

— Eu adoraria — digo.

Ela está realmente radiante. Ela me dá seu cartão.

— Estou hospedada na Baker Street. Amanhã estarei o dia todo em casa. Digamos que se você puder vir...

— Oh, sim! É claro! Seria maravilhoso. Oh... — paro.

— O que aconteceu?

— Temo que eu já tenha planos prévios com a senhorita Worthington e a senhorita Bradshaw.

— Entendo. Não precisa dizer mais nada.

Nós duas sabemos que nós fomos responsáveis por sua demissão.

— Lamentamos muito pelo que aconteceu, senhorita Moore.

— O que foi feito, feito está. Temos que seguir em frente.

— Sim. Tem razão, claro.

— Mas, se me dessem a oportunidade, eu desfrutaria torturando a senhorita Worthington — diz a senhorita Moore, com um brilho nos olhos. — Tem mais coragem do que seria razoavelmente tolerável.

— É absolutamente insolente — digo, rindo.

Como ter expulsado a senhorita Moore!

— E a senhorita Cross? Você não vai ver a minha acusadora durante as férias? — O sorriso da senhorita Moore vacila quando ela vê a minha cara de surpresa. — Oh, querida. Estou incomodando você. Sinto muito. Apesar de meus sentimentos para a senhorita Cross, sei que são amigas. Foi mal educado da minha parte.

— Não, não é isso. É que... Pippa está morta.

A senhorita Moore tapa a boca com uma mão.

— Morta? Quando?

— Já faz dois meses.

— Oh, senhorita Doyle, me perdoe — diz a senhorita Moore, pondo suas mãos sobre as minhas. — Não tinha nem idéia. Estive fora durante estes dois meses. Voltei justamente na semana passada.

— Foi sua epilepsia — minto. — Você lembra do problema dela?

¹⁰ [N/T: É esse instrumento musical: <http://milinstrumentos.files.wordpress.com/2008/03/oboe2.jpg>]

Alguma coisa em mim queria contar para a senhorita Moore toda a verdade sobre aquela noite, mais... ainda não.

— Sim, eu lembro — diz a senhorita Moore. — Sinto muito. Esta é uma época para perdoar e eu tenho um grande coração. Por favor, convide a senhorita Bradshaw e a senhorita Worthington. Serão bem vindas.

— É muita generosidade da sua parte, senhorita Moore. Estou certa de que todas nós gostaríamos de ouvir sobre as suas viagens.

— Então, eu contarei para vocês. Que tal amanhã às três? Eu prepararei chá forte e delícias turcas. Nossa. Só ficava um obstáculo: conseguir que minha avó permitisse que eu a visitasse.

— Perfeito, contanto que a minha avó concorde.

— Eu entendo — disse, afastando-se da carruagem.

Um mendigo jovem se dirige até ela coxeando sobre uma perna.

— Por favor, senhorita, pode dar um tostão para um deficiente?

— Isto é um absurdo — diz. — Você escondeu a perna dentro das calças, não é? Não minta para mim.

— Não, senhora — ele diz, mais eu posso ver claramente como a sua outra perna sobressai.

— Vá embora, antes que eu chame a polícia.

Mais rápido que um raio, a perna sai da calça e o homem sai correndo com as suas duas pernas, perfeitamente sãs e em forma. Ele me faz rir.

— Oh, senhorita Moore, estou contente de vê-la.

— Eu também, senhorita Doyle. Estou em casa todas às tardes das três às cinco. Convido você a vir quando quiser.

Afasta-se da carruagem e se mistura outra vez com a multidão da Oxford Street. A senhorita Moore foi a primeira pessoa que nos falou sobre a Ordem, e me pergunto o que mais ela poderia nos contar, se nos atravessemos a perguntar. Certamente, se nós fizéssemos isso ela nos expulsaria, e com razão. Mesmo assim, deve haver algo no qual ela possa nos dar uma pista, se tivermos cuidado com nossas investigações. E, senão, é pelo menos uma forma para eu poder sair da casa da minha avó. Provavelmente, a senhorita Moore é minha melhor esperança para eu ter férias agradáveis.

Tom voltou da loja. Deixa a caixa, envolvida com um papel marrom, no meu colo.

— Um horrível bolo de frutas. Quem era essa mulher?

— Oh — digo. — Ninguém. Só uma professora.

Enquanto a carruagem me leva para casa, acrescento para mim: “Uma amiga”.

CATORZE

Minha avó tinha alugado uma elegante casa na moderna rua Belgrave Square, próxima ao Hyde Park. Normalmente, ela vive em Sheep's Meadow, sua casa de campo, e vem para Londres só para passar algumas temporadas: de maio a meados de agosto, e para o Natal. Tenho que dizer que ela só vem quando quer vir e quer ser vista pela sociedade de Londres.

Acho muito estranho caminhar pelo pouco familiar corredor de entrada, o cabide para casacos e a mesa do hall com um espelho, o papel cor borgonha das paredes, as cortinas de veludo, como se tivessem que encontrar calor nestas coisas estranhas, como se este fosse um lugar que eu deveria conhecer e gostar, quando eu nunca tinha posto os pés aqui. Embora esteja cheio de cadeiras acolchoadas, um piano, uma árvore de Natal decorada com pipocas e fitas, e mesmo que cada quarto esteja aquecido com um ardente fogo, eu sinto que é impossível que eu me sinta em casa. Esse lugar para mim está na Índia. Me vem na mente a nossa governanta, Sarita, e vejo seu rosto, sua boca desdentada. Vejo nossa casa, com o portão aberto e a fonte na mesa coberta com seda vermelha. Sobre tudo, penso no som das freqüentes risadas da minha mãe e meu pai, antigamente, quando ele ria.

Como minha avó ainda estava fora de visitas, a governanta, a senhora Jones, é quem me recebe. Pergunta se eu fiz uma boa viagem e eu respondo que sim, como era de esperar. Não temos mais nada que nos dizer, então ela me guia para cima, no segundo andar, até meu quarto. É um quarto traseiro, com vista para a garagem de carruagens e os estábulos, onde vivem os cocheiros e suas famílias. É um lugar sórdido e pequeno, e eu me pergunto como deve ser viver ao redor do feno dos cavalos, sempre olhando para cima, para as luzes dessas magníficas casas nas quais têm elegantes mulheres brancas que tem tudo o que querem.

Mudo de roupa para jantar e baixo as escadas novamente. No patamar do segundo andar, eu paro. Meu pai e Tom estão discutindo na biblioteca. A porta está fechada e me aproximo para escutar.

— Mas, pai — diz Tom. — O senhor acha que é inteligente contratar um estranho como cocheiro? Estou certo que a cidade está cheia de homens ingleses que procuram trabalho.

Olhei através da fresta da porta. Papai e Tom estavam de pé um em frente do outro, como um par de molas em espiral.

Saí à luz uma reminiscência do meu antigo pai.

— Tom, eu devo te lembrar que tivemos muitos serventes indianos leais em Bombaim.

— Sim, papai, mais isso era na Índia. Agora estamos aqui, entre nossos iguais, e todos tem cocheiros ingleses.

— Está questionando minha decisão, Thomas?

— Não, senhor.

— Bom garoto.

Produziu-se um momento de silêncio incômodo, e então Tom disse com cuidado:

— No entanto, você tem que admitir que eles têm hábitos que já lhe deram problemas antes, pai.

— Já é suficiente, Thomas Henry! — papai repreende ele. — Não vamos seguir discutindo sobre isso.

Thomas sai disparado pela porta e quase me golpeia.

— Mais Thomas! — eu digo. Ele não responde e eu acrescento: — No mínimo peça desculpas.

— E você não deveria espiar pelas fechaduras — diz bruscamente.

Sigo ele até a escada.

— Não queira dizer a papai como tratar seus assuntos — sussurro laconicamente.

— Para você é fácil dizer isso — grunhe. — Não é você que passa a maior parte do mês afastando ele da garrafa para evitar que uma carruagem atropela ele outra vez.

Tom, irritado, dirige-se para as escadas. E eu luto para continuar a conversa.

— Isso não tem nada a ver. Por que você tem que atacá-lo tanto?

Tom volta-se para mim.

— Eu ataco ele? Não faço nada além de tentar agradá-lo, mais, segundo você, eu não faço nada certo.

— Isso não é verdade – eu digo.

Parece como se ele tivesse pegado.

— O que você sabe, Gemma? Ele te adora.

Um mordomo aparece.

— O jantar está servido, Senhor Thomas, Senhora Gemma.

— Sim, obrigada, Davis — diz Tom firmemente.

E depois disso, vira sobre seus calcanhares e se afasta.

O jantar foi um pouco triste. Todos nos esforçamos para manter um sorriso brilhante, como se estivéssemos posando para um anúncio. Todos queremos dissimular o fato de que não vivemos aqui juntos e que este é o primeiro Natal sem mamãe. Ninguém quer ser o primeiro a por a verdade sobre a mesa e arruinar esta noite, por isso temos educadas conversas forçadas sobre os planos de férias, sobre como estou no colégio e fofocas sobre a cidade.

— Como vão as coisas em Spence, Gemma? — pergunta papai.

“Bem, veja, minha amiga Pippa está morta, e isso foi minha culpa, na verdade, e estou tentando desesperadamente localizar o Templo, a fonte da magia dos reinos, antes que Circe — a mulher cruel que matou mamãe, e que também era membro da Ordem, mais não queria saber disso — o encontre e faça coisas diabólicas, e então prenderei a magia de alguma forma, mais não tenho nem a mais remota idéia de como. E assim é como estão as coisas”.

— Muito bem, obrigada.

— Oh, esplêndido. Esplêndido.

— Já te disseram que Thomas agora é o assistente clínico no Hospital Real de Bethlem? — disse minha avó, pegando uma porção generosa de ervilhas com seu garfo.

— Não, acredito que ele ainda não disse.

Tom me dedicou um sorrisinho.

— Eu me tornei o assistente clínico no Hospital Real de Bethlem — diz em um tom gelado.

— Realmente, Thomas — repreende vovó, sem entusiasmo.

— Você quer dizer em Bedlam, o hospício? — pergunto.

A faca de Tom arranha o prato.

— Nós não o chamamos assim.

— Coma as ervilhas, Gemma — diz vovó. — Nós fomos convidados para um baile promovido pela senhora George Worthington, a esposa do almirante. É o convite de Natal mais cobiçado. Que tipo de garota é a senhorita Worthington?

“Ah, boa pergunta. Vejamos... Ela beija ciganos na floresta, e uma vez me trancou em uma capela depois de me pedir que roubasse o vinho da comunhão. Na luz da pálida lua, vi ela matar um cervo e subir em um penhasco nua e salpicada de sangue. Mas também é, estranhamente, uma das minhas melhores amigas. Não me peça que explique o porquê”.

— Enérgica — digo.

— Acredito que amanhã iremos visitar a minha amiga, a senhorita Rogers. Ela vai organizar um programa de música à tarde.

Tomei ar.

— Amanhã eu já fui convidada para tomar chá.

O garfo de vovó, para a meio caminho da sua boca.

— Na casa de quem? Por que não me convidaram também? Absolutamente não, não te permito. Acabou a questão.

Isto vai bem. Talvez a próxima coisa que eu possa fazer é me afogar nos lençóis.

— É a senhorita Moore, uma professora de arte da Spence — Não tinha necessidade de mencionar que ela foi despedida da instituição. — É tremendamente popular e querida, entre todas as

estudantes, mais convidou só a senhorita Bradshaw, a senhorita Worthington e eu para visitá-la em sua casa. É uma grande honra.

— A senhorita Bradshaw... Não nos conhecemos na Spence? É a estudante com bolsa de estudos, não é verdade? — diz vovó, franzindo o cenho. — A órfã?

— Eu contei?

Minha recente inclinação por mentir estava se convertendo em uma habilidade.

— Contou o quê?

— Descobriram que a senhorita Bradshaw tem um tio-avô, um duque, que vive em Kent, e de fato ela é descendente da realeza russa. Ela tem uma prima distante que é czarina.

— Não me diga! — exclamou Tom. — Isso sim que é ter sorte.

— Sim — diz vovó. — É quase como essas histórias que escrevem nessas revistas baratas.

“Exato. E não pergunte mais ou você verá que elas se parecem muito”.

— Talvez eu deva olhar a senhorita Bradshaw de outra forma agora que ela possui fortuna — brinca Tom, mais eu suspeito que ele diga seriamente.

— Ela é muito prudente com os caçadores de fortunas — advirto Tom.

— Será que ela me achará tão desagradável? — choraminga Tom.

— Desde que tenha orelha e olhos, sim — digo bruscamente.

— Há! Ela te fez calar a boca, meu bom homem — diz papai, rindo.

— John, não anime ela. Gemma, você não pode ser tão desagradável — repreende vovó. — Não conheço essa senhorita Moore. Não sei se posso permitir essa visita.

— Ela dá valiosas lições de desenho e pinturas — digo para ela.

— E cobra bem por isso, não tenho dúvidas. Esse tipo de professora sempre o faz — diz vovó, pegando um pouco de batata. — Sua habilidade para pintar não se estragará durante essas poucas semanas. Você passará melhor seu tempo em casa ou me acompanhando em minhas visitas. Assim você ficará mais conhecida entre as pessoas importantes.

Eu poderia pegá-la com esse comentário. A senhorita Moore vale dez vezes mais do que suas “pessoas importantes”. Limpo minha garganta.

— Mas queremos fazer enfeites para dar um pouco de luz ao hospital nesta época do ano. A senhorita Moore fica muito nervosa quando não fazemos suficientes atos de caridade.

— Isso é absolutamente admirável — diz vovó, e corta sua carne de porco em pequenos pedaços.

— Talvez seja uma boa idéia ir com você e ver esta senhorita Moore com meus próprios olhos.

— Não! — digo quase gritando. — O que quero dizer é... — O que eu quero dizer? — A senhorita Moore se envergonharia muito se soubessem publicamente sobre o trabalho que ela faz. Ela sempre aconselha discrição em todas as coisas. Como diz na Bíblia... — faço uma pausa. Como eu nunca tinha lido a Bíblia muito a fundo, não tinha nem a mais vaga idéia do que dizer. — Que os seus bons atos sejam só para os olhos de Deus.

Rapidamente, tomo um gole do chá. Vovó parece perplexa.

— A Bíblia diz isso? Onde?

Tem muito chá quente na minha boca. Eu engulo.

— Salmos.

Começo a tossir.

Papai me lança um olhar curioso. Ele sabe que eu estou mentindo.

— Os salmos, dizem? Que salmos? — pergunta vovó.

O sorriso irônico de papai parece dizer: “Ah, agora te pegaram, minha menina”.

O chá queima enquanto baixa até meu estômago em uma penitência instantânea.

— O salmo de Natal.

Vovó retoma seu mastigar ruidoso.

— Acho que será melhor visitarmos a senhorita Rogers.

— Mãe — diz papai. — Nossa Gemma é uma jovem senhorita com seus próprios interesses.

— Seus próprios interesses? Isso é um absurdo! Ela ainda não acabou a escola — murmura vovó.

— Um pouco de liberdade vai fazer bem para ela — diz papai.

— A liberdade também pode guiar até a desgraça — responde minha avó.

Ela não disse o nome de minha mãe em voz alta, mais apunhalou papai com essa ameaça.

— Eu disse para vocês que hoje Gemma teve a extraordinária sorte de conhecer Simon Middleton na estação de trem?

No mesmo momento em que disse essas palavras, Tom percebeu que ele tinha errado.

— E como foi? — perguntou papai.

Ele ficou branco.

— Bom, é que eu não conseguia uma carruagem de cavalos, e você sabe, havia um horrível congestionamento de carruagens no...

— Filho — papai corta ele. — Você está me dizendo que minha filha estava sozinha na estação Victoria?

— Só por um momento — diz Tom.

O punho de papai golpeia a mesa, fazendo os copos cambalear e tremer a mão de vovó.

— Hoje você me decepcionou.

E com isto, ele sai da sala.

— Sempre sou uma decepção — diz Tom.

— Espero que você saiba o que você está fazendo, Thomas — sussurrou vovó. — O humor dele está cada dia pior.

— Pelo menos eu tento — diz Thomas amargamente.

O senhor Jones entra na sala.

— Está tudo bem, madame?

— Sim, é claro — diz vovó. — O senhor Doyle comerá seu bolo mais tarde — acrescenta, como se nada tivesse acontecido.

Após o nosso desagradável jantar, papai e eu nos sentamos na mesa de jogos para jogar uma partida de xadrez. Suas mãos tremiam, mais ele continuava a ser tremendamente bom. Em somente seis movimentos, fez um contundente xeque-mate.

— Isso foi terrivelmente inteligente da sua parte. Como fez isso?

Apontou a testa com um dedo.

— Você tem que entender o seu adversário e prever como ele pensa.

— E como eu penso?

— Você só ver o que parece ser o movimento mais óbvio, você assume que este é o único movimento e se apressa sem pensar, sem sequer olhar se há outra possibilidade. E isso te deixa em uma posição vulnerável.

— Mais esse era o único movimento — protesto.

Papai levanta o dedo para fazer com que eu me cale, coloca as peças como estavam no tabuleiro e faz dois movimentos.

— Agora, olha.

Vejo a mesma confusão.

— Sua rainha está desprotegida.

— Precipitado, precipitado... pensa com uns poucos movimentos de antecipação.

Só vejo a rainha.

— Sinto muito, papai, eu não vejo.

Ele me mostra a progressão, o bispo repousando na espera, atraindo-me até um firme espaço no qual eu não posso voltar atrás.

— Está tudo na mente — diz —, como diria a sua mãe.

Mamãe. Ele disse seu nome em voz alta, a palavra que não se pode nomear.

— Você parece tanto com ela — Ele cobre seu rosto com as mãos e chora. — Eu sinto tanta falta dela.

Não sei o que dizer. Nunca tinha visto meu pai chorar antes.

— Eu também sinto falta dela.

Ele pega um lenço e assoa o nariz.

— Sinto muito, querida — seu rosto clareia. — Tenho um presente de Natal para você. Acredita que eu estragarei se eu te der antes?

— Sim, terrivelmente! — digo, tentando animá-lo. — Onde está?

Papai vai até a estante e tenta abrir as portas.

— Ah, estão fechadas. Acredito que as chaves estão no quarto da vovó. Você pode ir pegá-las, querida?

Vou até o quarto de vovó, encontro as chaves em seu criado-mudo e volto com elas. As mãos de papai tremem e ele tem grandes dificuldades em abrir as portas.

— São jóias? — eu pergunto.

— Você verá já. Espere.

Com esforço, abre as portas de vidro e remexe entre as coisas, procurando alguma coisa.

— Vamos ver, onde eu deixei? — Para um momento.

Abre a gaveta de baixo, que não está fechada com chave, e pega um pacote envolto em papel vermelho e com um raminho de azevinho na fita.

— Estava na gaveta o tempo todo.

Levo até o sofá e arranco o papel. É uma cópia dos Sonetos do Português, de Elizabeth Barrett Browning.

— Oh — digo, esperando que ele não note a decepção que eu sinto. — Um livro.

— Era de sua mãe. Eram seus favoritos. Ela costumava lê-los para mim durante a noite — disse antes de começar a chorar, e ser incapaz de continuar.

— Pai...

Vou até ele, e ele me abraça.

— Estou contente que você esteja em casa, Gemma.

Sinto que eu deveria dizer algo, mais eu não sei o quê.

— Obrigada pelo livro, pai.

Ele me solta.

— Sim. Desfruta dele. E, você poderia deixar as chaves onde estavam, por favor?

O senhor Jones entra.

— Perdoe, senhor. Acaba de chegar isto para a senhorita Gemma.

— Sim, sim — diz papai um pouco irritado.

O senhor Jones me dá um pacote e uma nota.

— Obrigada — digo.

A nota é um convite formal para jantar dirigido à minha avó.

O visconde e Lady Denby requerem o prazer da companhia do senhor John Doyle, a senhora William Doyle, o senhor Thomas Doyle e a senhorita Gemma Doyle para jantar na terça-feira, dia 17, às oito em ponto. Pedem que respondam ao convite.

Não tenho nenhuma dúvida que vovó dará um entusiástico sim. Agora, o pacote. Desembrulho o papel e encontro uma belíssima caixa de veludo de Simon Middleton com uma nota que diz “um lugar para guardar seus segredos”. Curiosamente, papai não me pergunta sobre o presente.

— Gemma, querida — diz, com ar distraído —, devolva as chaves ao seu lugar agora. Essa é minha garota, sim?

— Sim, papai — digo, e dou um beijo na testa dele.

Vou com alegria até o quarto da vovó e deixo as chaves em seu lugar, e então corro para o meu quarto, onde me estico em cima da cama, observando fixamente meu lindo presente. Olho a nota uma e outra vez, examino sua caligrafia, admiro o traço forte e ordenado de suas letras. Simon Middleton. Ontem, eu nem sequer sabia que ele existia; agora, é o único em quem eu consigo pensar. É estranho como a vida pode mudar desta forma.

Devo ter adormecido, porque acordei com um forte golpe na porta. O relógio marcava doze e meia. Tom entra no meu quarto.

— Você deu isso para ele?

— Qu-quê? — pergunto, esfregando os olhos.

— Você deu isso para o papai?

Agarra uma garrafa marrom em sua mão. É láudano.

— Não, claro que não — digo, reagindo.

— Eu posso saber então como ele conseguiu?

Ele não tem nenhum direito de entrar no meu quarto sem bater e me irritar daquela maneira.

— Não sei, mais eu não dei para ele — respondo com um tom forte.

— Eu tranquei na estante. E só vovó e eu temos as chaves.

Afundo-me na cama, abatida e deprimida.

— Oh, não! Ele me pediu que eu abrisse para que ele pudesse me dar um presente adiantado de Natal.

— Eu te disse que ele era esperto, não foi?

— Sim, você disse — digo. — Simplesmente não quis acreditar. Sinto muito, Tom.

Meu irmão passa seus dedos pelo cabelo.

— Ele estava indo tão bem...

— Sinto muito — digo outra vez, mesmo que não pareça servir muito. — Jogo fora?

— Não — diz —, nós não podemos tirar isso completamente. Não assim.

Ele me dá a garrafa.

— Pegue ela e a esconda em um lugar que ele não possa encontrar.

— Sim, claro.

Sinto a garrafa quente em minhas mãos. Uma coisa tão pequena. Tão poderosa.

Quando Tom vai embora, abro o presente de Simon e puxo o fundo falso.

“Um lugar para guardar todos os seus segredos...”

Ponho a garrafa dentro e coloco outra vez a tampa que se faz de fundo. É como se o láudano tivesse desaparecido.

QUINZE

Vovó não consente em me deixar visitar a senhorita Moore, mais está de acordo em me deixar fazer compras de Natal com Felicity e Ann, pois sabe que a criada de Felicity vai nos acompanhar como acompanhante. Quando a carruagem de Felicity entra em nossa casa, estou tão contente em ver minhas amigas — e tão desesperada em escapar da minha superprotetora avó — que quase começo a correr para cumprimentá-las.

Ann estava muito elegante vestida com algumas roupas de Felicity, e com um novo chapéu de feltro verde na cabeça. Ela começa a parecer algo mais do que uma bolsista. Na verdade, ela começa a parecer a gêmea de Felicity.

— Oh, Gemma, é tão maravilhoso! Ninguém percebeu que eu não sou uma deles! Não lavei um só prato e ninguém riu de mim. É como se eu fosse realmente uma descendente dos czares. Isto é maravilhoso — Ann continua tagarelando. — Vamos para a ópera. E eu estarei na fila de recepção do baile de Natal como se fosse uma pessoa da família! — Ann faz careta para Felicity, que desliza seu braço no de Ann. — E depois, mais tarde...

— Ann — adverte Felicity, dissimuladamente.

Ann esboça um sorriso envergonhado.

— Oh, sinto muito, Fee.

— O que aconteceu? — pergunto, brava por sua cumplicidade.

— Nada — murmura Ann. — Eu não deveria dizer.

— Não é de boa educação ter segredos — respondo ruborizada.

— Hoje nós vamos acompanhar a minha mãe no seu clube de chá. Isso é tudo — diz Felicity.

Nenhuma sugestão de convite para mim. De repente, deixo de estar contente por vê-las. Desejaria que estivessem longe.

— Oh, Gemma, não seja tão severa. Gostaria que você viesse também, mais é impossível levar mais de uma convidada.

Não acredito que esse seja o problema.

— Não tem problema — digo. — Eu já tinha feito planos.

— De verdade? — pergunta Ann.

— Sim. Vou ver a senhorita Moore. — Minto. Elas ficam boquiabertas quando eu conto o meu encontro com ela. Desfruto vendo o quão assombradas elas estão. — Eu estava pensando em perguntar a ela sobre a Ordem. Então como vocês podem ver, eu também não poderia...

— Você não pode ir sem nós — protesta Felicity.

— Mais você sim pode ir ao clube da sua mãe sem mim — digo.

Felicity não tem nada a dizer sobre isso.

— Então, nós vamos ao Regent Street fazer compras?

— Não — responde Felicity. — Iremos com você visitar a senhorita Moore.

Ann faz cara feia.

— Pensava que nós íamos procurar um novo par de luvas para mim. Só restam nove dias para o Natal. Além disso, eu tenho certeza que a senhorita Moore nos odeia pelo que aconteceu.

— Não nos odeia — digo. — Ela perdoou todas nós. E ficou muito triste ao ouvir o que aconteceu com Pippa.

— Isto deixa tudo certo — diz Felicity, enlaçando seu outro braço com o meu. — Iremos visitar a senhorita Moore, e depois, Gemma virá conosco tomar chá.

Ann parece contrariada.

— E o que faremos com Franny? Você sabe que ela pira com a menor infração.

— Franny não será um incômodo — diz Felicity.

O sol está alto no céu. Faz um dia brilhante e frágil quando chegamos na modesta hospedaria da senhorita Moore no Baker Street. Franny, a criada da senhora Worthington, é toda olhos e ouvidos. Ela está à espreita, preparada para tomar nota de qualquer indiscrição que possamos fazer e informar devidamente a mãe e a avó de Felicity. Franny não é muito mais velha do que

nós. Para ela não deve ser muito divertido nos vigiar e lembrar diariamente que existe outro tipo de vida para o qual ela não nasceu. E se isso a deixa amargurada, ela nem sequer pode se atrever a dizer em voz alta. No entanto, ali está ela, apesar de tudo, presente na linha fina de sua boca, na maneira como esforça a si mesma a nos vigiar e a ver tudo.

— Eu ia acompanhá-las enquanto fossem fazer compras, senhorita — disse.

— Houve uma mudança de planos, Franny — diz Felicity com todo o frescor do mundo. — Mamãe me pediu que eu passasse para cumprimentar uma amiga que esteve doente. É importante fazer atos de caridade, você não acha?

— Ela não me mencionou isso, senhorita.

— Você sabe como as coisas deslizam pela mente de mamãe. Está tão ocupada...

O cocheiro nos ajuda a descer da carruagem. Franny faz um gesto de nos seguir. Felicity para ela com um olhar frio.

— Você deve esperar na carruagem, Franny.

Franny entra de novo na carruagem com cuidado — o cenho franzido e a boca meio aberta — antes de ficar ali com uma resignação cheia de ódio.

— A senhora Worthington me pediu que as acompanhasse por todos os lugares, senhorita.

— E você tem feito isso. Mas essa visita é para três, e não para três e uma criada.

Odeio a Felicity quando ela se comporta assim.

— Faz um pouco de frio aqui fora — digo, esperando que ela capte a indireta.

— Estou certa que Franny recorda qual é o seu lugar.

Felicity sorri de uma maneira que poderia parecer bondosa, se não fosse pela crueldade que oculta.

— Sim, senhorita.

Franny abaixa a cabeça e fica esperando no canto mais longínquo do assento.

— Agora podemos ter uma tarde agradável, livres da espiã de minha mãe — diz Felicity.

Então, a questão não era ser cruel com Franny; e sim Felicity estava se vingando de sua mãe por alguma razão que eu não sabia.

Ann fica em pé, indecisa, com os olhos na carruagem.

— Você vem? — pergunta Felicity.

Ann volta até a carruagem, tira seu casaco e dá ele para Franny. Sem uma palavra mais, passa em frente a mim e de uma atônita Felicity e toca a campainha para anunciar nossa visita.

— Isso é muito grato da sua parte — queixa-se Felicity quando a alcançamos. — Trago você para casa e a transformo em parte da realeza russa, e agora me abandona.

A porta se abre. Uma senhora idosa, estrábica e com cenho franzido, está de pé em frente a nós, com uma de suas mãos apoiadas no quadril largo.

— Oh! Quem são vocês? O que querem? Não tenho todo o dia para ficar aqui olhando-as. Saiam da minha casa.

— Como você está? — começo, mais a impaciente mulher me corta.

Perscruta em minha direção. Pergunto-me se ela pode ver algo.

— Se vocês fazem coleta para os pobres, já podem ir.

Felicity estende sua mão.

— Sou Felicity Worthington. Viemos visitar a senhorita Moore. Somos suas alunas.

— Alunas, você disse? Ela não me disse nada sobre trazer estudantes.

— Eu não tinha mencionado, senhora Porter? Tinha certeza que eu tinha dito ontem — É nossa senhorita Moore que desceu pra nos resgatar.

— Muito estranho, senhorita Moore. Se for algo regular, eu vou aumentar o aluguel dos quartos. São bonitos quartos. Tem muita gente interessada em alugá-los.

— Sim, é claro — diz a senhorita Moore.

A senhora Porter se volta para nós, levantando seu peito.

— Eu gostaria de ser informada sobre o que está acontecendo em minha casa. Uma mulher só não é o suficientemente cuidadosa estes dias. Sou encarregada de uma casa respeitável. Se perguntar a qualquer um, este dirá: a senhora Porter é uma pessoa respeitável.

Temia que nós ficássemos o dia todo em pé, junto da porta, passando frio. Mas a senhorita Moore nos deu uma piscada enquanto nos guiava para dentro.

— Muito bem, senhora Porter. A mantereí informada no futuro. Que emoção vê-las outra vez! Que surpresa mais agradável!

— Como você está, senhorita Moore?

Felicity dá um apertão de mão rápido, e Ann também. As duas tem a decência de se mostrarem envergonhadas pela maneira tão lamentável que a trataram. Pela sua parte, a senhorita Moore não perdeu o sorriso.

— Senhora Porter, permita-me apresentar-lhe a senhorita Bradshaw, a senhorita Gemma Doyle e a senhorita Felicity Worthington. A senhorita Worthington, naturalmente, é a filha do nosso sir George Phineas Worthington, o almirante.

A senhora Porter lança uma exclamação e se endireita.

— Você não está dizendo a sério? Como é possível! A filha do almirante em minha própria casa? Confundindo-me com Felicity, a míope senhora Porter estreita minhas mãos entre as suas, movendo-as energeticamente.

— Oh, senhorita, que honra. O defunto senhor Porter também era um homem do alto-mar. Este da parede é ele.

Ela indica um quadro muito ruim de um terrier vestido com um colar isabelino¹¹. A expressão de dor do cachorro parece me implorar que eu desvie o olhar e deixe ele suportar sua humilhação sozinho.

— Talvez esteja aqui no porto, não acha, senhorita Moore? — exclama a senhora Porter.

— No outro momento, senhora Porter. Tenho que voltar a nossas lições ou então o almirante se irritará comigo de verdade. — A senhorita Moore responde como uma boa mentira.

— Basta de conversa, então — A senhora Porter sorri conspiradora, e revela uns dentes largos, tão proeminentes e amarelos como as teclas de um velho piano. — A senhora Porter sabe guardar um segredo. Não duvide.

— Nunca teria, senhora Porter. Desculpe pelo incômodo.

A senhorita Moore nos conduziu para cima pelas escadas, até o terceiro andar à seu modesto quarto. O sofá de veludo, os cobertores com flores e as pesadas cortinas refletiam o gosto da senhora Porter em decoração. Pelas estantes cheias de livros e a mesa inundada com desenhos tão puramente da senhora Moore. Em um canto havia um velho globo terrestre recostado sobre uma suspensão de madeira. Algumas pinturas, a maioria paisagens, preenchiam a parede. Na outra havia uma coleção de máscaras exóticas, espantosas e de uma beleza feroz.

— Oh, minha mãe — diz Ann, olhando-as fixamente.

— São do Leste — diz a senhorita Moore. — Você gosta de minhas máscaras, senhorita Bradshaw? Ann estremece.

— É como se fossem nos comer.

A senhorita Moore se aproxima.

— Hoje não, eu acho. Elas já comeram.

Ann precisa de um momento para se dar conta que a senhorita Moore está brincando. Há um silêncio incômodo, e eu temo que tenha sido um erro terrível trazer as minhas amigas. Eu deveria ter vindo sozinha.

— Isto parece Aberdeen — diz finalmente Felicity, olhando uma pintura de montanhas e urzes rosadas e roxas.

— Sim, é. Você já esteve na Escócia, senhorita Worthington? — pergunta a senhorita Moore.

— Uma vez, nas férias. Justamente antes que minha mãe fosse para a França.

¹¹ [N/T: O **colar elizabetano** ou **colar isabelino** é um instrumento utilizado no pós-operatório veterinário, restringindo os movimentos do animal impedindo que atrapalhe o processo de recuperação.]

— Um país encantador — diz a senhorita Moore.
— Sua família está na Escócia? — pergunta Felicity timidamente.
— Não. Infelizmente, meus pais já morreram há muito tempo. Não tenho família, exceto alguns primos distantes na Escócia, mais são tão sem graça que eu prefiro me sentir órfã.

Nós rimos de sua brincadeira. É ótimo não termos que fingir ser piedosas o tempo todo.

— Você tem viajado muito, senhorita Moore? — pergunta Ann.

— Hmm — diz a senhorita Moore, assentindo. — E estas são as recordações de minhas encantadoras visitas.

Fez um gesto para as muitas pinturas e desenhos que cobrem as paredes: uma praia deserta, um mar agitado, uma campina inglesa.

— Viajar te abre a mente como poucas outras coisas. É a sua maneira de te hipnotizar, e eu sempre vou está sobre seu feitiço.

Reconheço um dos lugares nas pinturas.

— Estas são as cavernas por trás de Spence?

— São sim — diz a senhorita Moore.

Percebe-se que estamos desconfortáveis. Todas nós sabemos que as nossas visitas a essas cavernas foi uma das razões da demissão da senhorita Moore.

Esta traz o chá, torradas, pão e um pouco de manteiga.

— Aqui está o chá — diz, pondo a bandeja em uma mesa pequena.

O relógio marca nervoso os segundos enquanto beliscamos a comida. Felicity clareia a garganta repetidamente. Está esperando que eu pergunte sobre a Ordem, como prometi; mais agora eu não estou certa se essa é uma boa idéia.

— Está muito quente o chá, senhorita Worthington? — pergunta a senhorita Moore quando Felicity clareia a garganta pela quarta vez.

Felicity nega com a cabeça e pressiona ligeiramente a sua bota sobre a minha.

— Aí!

— Senhorita Doyle? Você está bem? — pergunta a senhorita Moore.

— Sim, muito bem, obrigada — digo enquanto afasto meus pés.

— Contem-me, senhoritas. Como vão as coisas em Spence? — pergunta a senhorita Moore, me salvando.

— Temos uma nova professora — solta Ann.

— Sim? — pergunta a senhorita Moore enquanto unta a manteiga em uma grossa fatia de pão tostado.

Seu rosto parece uma máscara. Doi ouvir que ela foi substituída?

— Sim — continua Ann. — Uma tal de senhorita McCleethy. Vem da escola para garotas de Santa Victoria, de Gales.

A faca com manteiga da senhorita Moore escorrega, e deixa uma espessa camada de manteiga sobre seu polegar.

— Isto não fará que seja o suficiente doce para comermos — sorriu, e nós rimos de seu humor. — Santa Victoria. Não posso dizer que eu tenha ouvido falar nela. E sua senhorita McCleethy é uma excelente professora?

— Ela está nos ensinando tiro com arco e flecha — diz Felicity.

A senhorita Moore arqueia a sobrancelha.

— Que estranho!

— Felicity é muito boa — diz Ann.

— Estou certa que ela é — responde a senhorita Moore. — Senhorita Doyle, o que você acha da senhorita McCleethy?

— Ainda não posso dizer.

Felicity e eu intercambiamos olhadas que não passam despercebidas para a senhorita Moore.

— Estou notando um descontentamento?

— Gemma está convencida de que você é uma bruxa — confessa Felicity.

— Realmente? Você já deu uma espiada em minha vassoura, senhorita Doyle?

— Eu nunca disse que você era uma bruxa — protesto.

Ann interrompe a conversa. Ela adora a trama diabólica.

— Eu mesma — repete a senhorita Moore.

— Sim — digo, e me sinto estúpida de cem formas diferentes; mais agora já não tem forma de voltar atrás, assim eu tenho que continuar. — Pensávamos que talvez você... tenha encontrado alguma vez entre seus membros.

E eu contei. Tenha uma xícara de chá na mão. Espero que a senhorita Moore nos repreenda, nos expulse, admita que sabe de tudo, ou qualquer coisa. Mas não estou preparada para que ela ria.

— Pensavam... que eu... ? Oh, céus! — Ela está rindo com força; não consegue parar.

Ann e Felicity também começam a rir, como se desde o começo pensassem que isso fosse ridículo. Traidoras.

— Oh, pobre de mim — diz a senhorita Moore, esfregando os olhos. — Sim, é verdade. Sou uma grande feiticeira da Ordem e vivo aqui nestes três cômodos, trabalhando com estudantes para poder pagar meu aluguel; é uma estratégia inteligente projetada para manter minha verdadeira identidade escondida.

Percebo que minhas bochechas coram.

— Sinto muito. Nós — digo, enfatizando a palavra. — simplesmente pensamos que como você sabia tanto sobre a Ordem...

— Oh, querida. Que decepção eu devo ser.

Olha durante um longo tempo pelo quarto; seu olhar se move das pinturas do mar a essas cavernas por trás da Spence e até as máscaras que estão na parede oposta. Tenho medo que realmente a tenhamos transtornado.

— Porque tanto interesse na Ordem? — diz finalmente.

— Eram mulheres com poderes — diz Felicity. — Isso não é normal aqui.

— Temos uma mulher no trono — responde a senhorita Moore.

— Por direito divino — murmura Ann.

A senhorita Moore sorri amargamente.

— Sim. Claro.

— Suponho que foi por isso que o diário nos intrigava tanto — digo. — Imagine um mundo, os reinos, com regras impostas por mulheres, onde uma garota pode ter tudo o que deseja.

— Seria um bom lugar, realmente — A senhorita Moore toma um gole do seu chá. — Confesso que a idéia da Ordem, suas histórias, me fascinou desde a infância; suponho que eu também gostava da idéia de um lugar mágico quando eu tinha sua idade.

— Mas... e se os reinos existirem de verdade? — pergunto.

A senhorita Moore nos olha fixamente por um momento. Coloca seu chá na mesinha e se senta outra vez na cadeira, manuseando o relógio de bolso que tem encima de seu colo.

— Muito bem, eu vou jogar. O que acontece se os reinos realmente existirem? Como seriam?

— Precioso, além de qualquer coisa que possamos imaginar — diz Ann sonhadora.

A senhorita Moore aponta para um desenho que ela fez.

— Ah! Como Paris, então?

— Melhor! — diz Ann.

— Como você pode saber? Nunca estive em Paris — responde Felicity sem prestar atenção em Ann. Ela continua: — Imagine um mundo que tudo que você quer se transforma em realidade. Árvores chovendo flores, e o orvalho se transformando em borboletas em suas mão.

— Há um rio, e quando você se olha nele, você é bonita — diz Ann. — Tão bonita que ninguém te ignorará nunca mais.

— Parece encantador — diz a senhorita Moore, amavelmente. — E são todos assim? Você disse reinos, no plural. Como são os outros reinos?

— Não sabemos — digo.

— Não... imaginamos o resto — diz Ann.

A senhorita Moore nos oferece um prato com torradas.

— Quem vive nos reinos?

— Espíritos e criaturas. Alguns deles não são muito amáveis — diz Ann.

— Querem controlar a magia — explico.

— Magia? — repete a senhorita Moore.

— Oh, sim. Tem magia. Em abundância! — exclama Felicity. — As criaturas fariam qualquer coisa para consegui-la.

— Qualquer coisa?

— Sim, qualquer coisa — diz Ann, com um tom dramático.

— E podem consegui-la? — pergunta a senhorita Moore.

— Agora podem. A magia só está protegida com as runas — segue Ann, entre mordidas. — Mas as runas já não estão e a magia corre livre, para que qualquer um a use como queira.

Parece como se a senhorita Moore quisesse perguntar algo, mas Felicity a interrompe.

— E Pippa está lá, tão bonita como sempre — diz.

— Vocês devem sentir terrivelmente a falta dela — diz a senhorita Moore. Dá voltas no relógio de bolso uma e outra vez entre seus dedos. — Estas histórias são uma encantadora maneira de lembrar dela.

— Sim — digo, esperando que não notem minha culpa.

— E agora que a magia está livre, como dizem... Como funciona? Estão em comunhão com outros membros da Ordem e trabalham para seu abracadabra?

— Não. Todas foram assassinadas ou estão escondidas — diz Felicity. — E não é nada bom que a magia esteja livre.

— Realmente? Porque não?

— Alguns dos espíritos podem usá-la com propósitos obscuros. Podem utilizá-la para entrar nesse mundo ou fazer com que Circe entre — explica Felicity. — Por isso temos que encontrar o Templo. A senhorita Moore está confusa.

— Temo que tenha que fazer anotações para poder segui-las. Por favor, digam-me, o que é o Templo?

— É a fonte secreta da magia dentro dos reinos — digo.

— Uma fonte secreta? — repete a senhorita Moore. — E, onde está esse lugar, o Templo?

— Não sabemos. Não descobrimos ainda — digo, — mais quando fizermos, poderemos prender a magia outra vez e formar novamente a Ordem.

— Boa sorte, então. Que história mais fascinante — diz a senhorita Moore.

O relógio na lareira marca as quatro em ponto. A senhorita Moore olha a hora em seu relógio outra vez.

— Ah, infalivelmente preciso.

— Já são quatro horas? — diz Felicity, pulando da cadeira. — Temos que nos encontrar com mamãe às quatro e meia.

— Que pena! — diz a senhorita Moore. — Devem vir me visitar outra vez. De fato, há uma excelente exposição em uma galeria particular em Chelsea na quinta. Querem ir?

— Oh, sim — exclamamos.

— Muito bem — diz, antes de se levantar.

Ajuda-nos com os casacos; e nós colocamos nossas luvas e nossos chapéus.

— Então, não tem nada mais que você nos possa contar sobre a Ordem? — pergunto, vacilante.

— Vocês têm aversão a ler, senhoritas? Se eu quisesse aprender mais sobre algum tema, procuraria um ou dois bons livros — diz enquanto nos acompanha até embaixo, onde a senhorita Porter nos está esperando.

— Onde estão seus preciosos desenhos? — pergunta a dona, inspecionando-nos para encontrar papel ou giz. — Não sejam envergonhadas, mostre-os a velha Porter.

— Temo que não tenhamos nada para mostrar — diz Ann.

O rosto da senhora Porter se escurece.

— Dirigo um estabelecimento respeitável, senhorita Moore. Disse que o almirante estava pagando por algumas lições. Então, o que vocês estiveram fazendo lá em cima todo esse tempo?

A senhorita Moore se inclina para a senhora Porter até que a velha mulher tem que dar um passo para trás.

— Bruxaria — sussurra descaradamente.

— Passem, senhoritas. Agasalhem-se bem. O vento está forte e toma prisioneiros.

A senhorita Moore nos conduz até a porta enquanto a senhora Porter grita do vestíbulo.

— Eu não gosto disso, senhorita Moore. Não gosto nada.

Em nenhum momento a senhorita Moore vira para olhá-la ou perde seu sorriso.

— Verei vocês na quinta — diz, fazendo adeus com a mão.

E com isto, dizemos adeus.

DEZESSEIS

— Foi uma tarde desperdiçada. A senhorita Moore não sabe nada sobre a Ordem ou os reinos. Em vez disso, deveríamos ter ido para as lojas — conclui Felicity quando chegamos no clube de mulheres da sua mãe.

— Não as obriguei a me acompanhar — digo.

— Talvez Pippa tenha tido sorte procurando o Templo — diz Ann com esperança.

— Já se passaram dois dias — diz Felicity, olhando-me. — Prometemos voltar logo que pudéssemos.

— Como podemos conseguir um pouco de privacidade? — pergunto.

— Deixem isso comigo — responde Felicity.

Um criado com luvas brancas abre a porta para nós. Felicity mostra a carteira de sócio da sua mãe e o homem desengonçado o examina.

— Somos convidadas de lady Worthington, minha mãe — diz Felicity com desdém.

— Peço desculpas, senhoritas, não é costume no Alexandra admitir mais de um convidado. Desculpe, mas regras são regras.

O criado mostra sua melhor cara de simpatia, mas em seu sorriso vejo uma ligeira insinuação de satisfação.

Felicity lança um olhar afiado para o homem de uniforme.

— Você sabe quem é ela? — diz em um falso sussurro que chama a atenção de todas as pessoas que estão nos arredores. Estou em guarda, porque sei que Felicity está tramando algum plano. — Esta é a senhorita Bradshaw, a recentemente descoberta tataraneta do duque de Chesterfield. — Pestaneja como se o criado fosse um idiota. — É uma descendente do czar. Você provavelmente já leu.

— Receio que não, senhorita — diz o criado, menos seguro agora.

Felicity suspira.

— Quando penso nas dificuldades que a senhorita Bradshaw teve que superar, vivendo como uma órfã, mas amada por aqueles que mais a queriam... Rompe-me o coração ver como a maltratam aqui, neste lugar. Oh, querida, senhorita Bradshaw, sinto muito este inconveniente. Não tenho nenhuma dúvida de que mamãe ficará chateada quando descobrir.

Outra das matronas da sociedade se aproximam.

— Minha nossa, senhorita Worthington, realmente esta é uma tataraneta czarina perdida por tanto tempo?

Na verdade, nunca tínhamos dito isso, de fato, mais isso era bom para nós.

— Oh, sim — diz Felicity, com os olhos estreitados. — De fato, a senhorita Bradshaw veio para cantar para todas nós, assim que você vê... Na verdade, não é uma convidada de mamãe, é uma convidada do Alexandra.

— Felic... senhorita Worthington! — diz Ann, aterrorizada.

— Ela é excessivamente modesta — acrescenta Felicity.

Há sussurros entre as matronas da sociedade. Estamos a ponto de fazer uma cena. O assistente está irritado. Se admite nós três, está descumprindo as regras diante de todo mundo; se nos expulsa, se arrisca a irritar uma sócia e talvez a ser despedido. Felicity jogou suas cartas com autoridade.

A matrona dá um passo para frente.

— Como a senhorita Bradshaw, é uma convidada do Alexandra, não vejo motivo para ter nenhum problema.

— Como você deseja, madame — diz o homem.

— Estou impaciente por ouvi-la cantar — diz depois a mulher.

— Felicity! — sussurra Ann enquanto o assistente nos escolta até um salão de carvalho artesado e cheio de encantadoras mesas cobertas com telas de damasco.

— O que é?

- Você não deveria ter dito que eu vou cantar hoje.
- Você pode cantar, não?
- Sim, mas...
- Bom, você quer jogar este jogo ou não, Ann?

Ann não diz mais nada. A sala está quase cheia de elegantes mulheres que bebem chá e comem sanduíches de agrião. Nos sentamos em uma mesa num canto distante.

O rosto de Felicity se escurece.

- Já chegou a minha mãe.

Lady Worthington causa sensação na sala. Todos os olhos estão postos nela, já que é uma mulher bonita, fina como uma xícara de porcelana e aparentemente delicada. Emana um ar de fragilidade, como alguém que tem sido cuidado durante toda a sua vida. Seu sorriso é cordial sem ser muito atraente. Mesmo que eu praticasse durante centenas de anos, nunca conseguiria esse sorriso. E seu vestido de seda marrom é suntuoso e confeccionado de acordo com a última moda. Colares de pérolas penduram-se sobre seu delgado pescoço e um enorme chapéu com plumas de pavão real emoldurando seu rosto.

— *Bonjour*, querida — diz, beijando Felicity nas bochechas como eu ouvi dizer que os parisienses fazem.

- Mamãe, é necessário que você faça tal exibição? — repreende Felicity.
- Muito bem, querida. Olá senhorita Bradshaw — diz lady Worthington. Me olha, e seu sorriso vacila um pouco. — Não acredito que nos conheçamos.
- Mamãe deixe-me apresentá-la a senhorita Gemma Doyle.
- Como está, Lady Worthington? — pergunto.

A senhora Worthington sorri forçadamente para Felicity.

— Felicity, querida, gostaria que você me avisasse quando trouxer convidadas para o chá. O Alexandra é muito rigoroso com seus convidados.

Quero morrer. Quero que a terra me engula e que eu desapareça. Porque Felicity faz essas coisas?

Uma criada aparece como uma sombra ao lado da senhora Worthington e lhe serve chá.

A senhora Worthington coloca um guardanapo no colo.

— Bom, não importa agora. Estou contente por conhecer as amigas de Felicity. É tão bom que a senhorita Bradshaw possa passar o Natal conosco, já que seu querido tataratio, o duque, está retido em São Petersburgo.

— Sim — digo, tentando não me estrangular por esta mentira escandalosa. — Que sortudos somos todos nós.

Lady Worthington me faz algumas poucas perguntas por cortesia e eu lhe ofereço aos tropeções mas de maneira mais ou menos exata a minha biografia; em resposta, a senhora Worthington parece ouvir cada palavra. Ela me faz sentir como se eu fosse a única pessoa no lugar. É fácil ver porque o almirante se apaixonou por ela. Quando fala, suas histórias são muito divertidas; mais Felicity se comporta com ressentimento, brincando com a colher, até que a sua mãe põe uma mão sobre a sua para pará-la.

- Querida — diz. — Se importa?

Felicity suspira e olha ao redor do salão, como esperando ver alguém que a resgate.

Lady Worthington lança um de seus deslumbrantes sorrisos.

— Querida, tenho notícias maravilhosas. Queria surpreender você, mais eu não acredito que possa esperar mais.

- O que é? — pergunta Felicity.

— Seu pai pegou alguém para ficar sob a sua custódia. A pequena Polly era a filha de sua prima Bea, que morreu de doença, nos disseram, mais eu me atrevera a dizer que ela morreu porque romperam o seu coração. O pai sempre foi um inútil e mandou-a embora sem se preocupar muito. Sua própria filha...

Felicity empalideceu.

- O que você quer dizer? Ela vai viver conosco? Com você e papai?

— Sim. E com a senhorita Small, a governanta, claro. Teu pai está muito contente por ter uma pequena princesa em casa outra vez. Felicity, querida, não coloque tanto açúcar no chá. Não é bom para os dentes — repreende Lady Worthington sem perder seu sorriso. Como se não houvesse ouvido, Felicity põe dois torrões a mais de açúcar e o bebe. Sua mãe finge que não viu.

Uma mulher gorda como um sofá ambulante vem até nossa mesa.

— Boa tarde, senhora Worthington. É verdade que a sua distinta convidada vai cantar para nós hoje?

Lady Worthington parece assustada.

— Oh, bom, não posso dizer... Eu...

A mulher fuxica.

— Justamente estávamos falando sobre como é extraordinário que vocês tenham acolhido a senhorita Bradshaw com vocês. Se pudermos reclamar um pouquinho a sua companhia, por favor... Venha e conte a senhorita Threadgill e a mim como começou a longa e perdida saga da czarina perdida.

— Se me derem licença — diz lady Worthington, deslizando-se para outra mesa como um cisne.

— Você está bem, Fee? — pergunto. — Parece pálida.

— Estou bem. Simplesmente não gosto da idéia de que uma pequena besta pisoteei em meu território enquanto não estou em casa.

Está com ciúmes. Ciúmes de alguém que chamam de pequena Polly. Felicity pode se comportar às vezes como uma menina pequena.

— Só é uma menina — digo.

— Eu sei — precipita-se Felicity. — Não vale a pena discutir. Temos coisas mais importantes nas mãos. Sigam-me.

Ela nos conduz entre as mesas de elegantes mulheres com grandes chapéus que bebem chá e fofocam. Levantam o olhar mais não somos importantes, e retomam suas discussões sobre quem fez ou disse o quê a quem. Seguimos Felicity, subimos de dois em dois os degraus atapetados e passamos perto de senhoras com vestidos na moda que não parecem ter muito interesse nestas ousadas senhoritas que se atreveram a atacar as barricadas do seu amado clube.

— Aonde você está nos levando? — pergunto.

— O clube tem quartos privados para os membros. Um deles tenho certeza que estará vazio. Oh, não.

— O que está acontecendo? — pergunta Ann, aterrorizada.

Felicity olha fixamente para o corredor do vestíbulo. Uma mulher forte com um vestido lilás e um casaco de peles é seguida por seu grupo. Trata-se da chefe; as outras mulheres escutam suas palavras.

— Uma das amigas formais de minha mãe, lady Denby.

Lady Denby? Poderia ser a mãe de Simon? Faz-se um nó na minha garganta. Só espero poder escapar — sem ser detectada, para que lady Denby não forme uma má opinião de mim.

— Por que disse amiga formal? — pergunta Ann, que parece preocupada.

— Ela nunca perdoou a minha mãe por ter ido viver em Paris. Ela não gosta dos franceses, já que a família Middleton segue o traço do próprio Lorde Nelson — diz Felicity, mencionado o grande herói naval britânico. — Se Lady Denby gosta de você, você já está preparado para a vida. Se você parecer ansiosa por conhecê-la, ela te evitará. Continuará sendo cordial, mas muito fria. E a tonta de minha mãe está muito cega para ver isso e continua tentando ganhar os favores de lady Denby. Nunca conseguirá.

Felicity se move lentamente, olha da sacada, observando lady Denby. Eu faço o que posso para manter a minha cabeça abaixada.

— Então, ela é a mãe de Simon Middleton? — pergunto.

— Sim — responde Felicity. — Gemma, como você conhece Simon Middleton?

— Quem é Simon Middleton? — pergunta Ann.

— Conheci ele ontem na estação de trem. Ele e Tom são conhecidos.

Felicity entrecerra os olhos.

— Quando você pensava nos contar?

Ann pergunta outra vez.

— Quem é Simon Middleton?

— Gemma, você está guardando segredos outra vez!

— Não é um segredo — digo, ficando vermelha. — Não é nada, na verdade. Ele convidou a minha família para jantar. Isso é tudo.

Parecia como se alguém tivesse atirado Felicity no Tâmis¹².

— Você foi convidada para jantar? Bem, bem...

— É falta de educação que vocês falem de alguém que eu não conheço — diz Ann, ficando de cara feia.

Felicity sente pena.

— Simon Middleton não é só o filho do visconde, mais também é o garoto mais bonito. E parece que está interessado pela Gemma, mais ela não quer que nós saibamos.

— Não é nada, de verdade — protesto. — Ele simplesmente estava sendo caridoso, estou certa.

— Os Middletons nunca são caridosos — diz Felicity, olhando para baixo. — Você tem que ter muito cuidado com a mãe dele. Seu esporte favorito é investigar as pessoas.

— Você não deixou mais fácil — digo.

— Uma mulher prevenida vale por duas, Gemma.

Abaixo de nós, lady Denby diz algo divertido que faz com que suas acompanhantes riam de uma maneira refinada, da forma que as mulheres aprendem não sei como, quando deixam de ser meninas. Não parece o monstro que Felicity a fez parecer.

— O que você vai usar? — pergunta Ann, sonhadora.

— Os chifres bem polidos e a gordurenta pele de algum animal — digo. Ann engole por um momento e faz uma cara crédula. O que eu vou fazer com ela? — Usarei um vestido apropriado. Algo esquisito que mereça a aprovação de minha rigorosa avó.

— Depois você tem que nos dar todos os detalhes — diz Felicity. — Estarei muito interessada em ouvir.

— Você conhece bem o senhor Middleton?

— Conheço ele há anos — diz Felicity.

Tal como está agora, com seus suaves cachos dourados roçando o queixo, parece uma pintura. Sua estranha beleza é o mais sedutor.

— Entendi. E você já pôs seus olhos nele?

Felicity faz uma cara de espanto.

— Simon? É como um irmão para mim. Não poderia me imaginar tendo um romance com ele.

Estou aliviada de ouvir isso. É tonto da minha parte ter esperanças com Simon tão rápido, mais ele é encantador, bonito e parece que gosta de mim. Sua atenção me faz sentir bonita. É só uma sensação excitante, mais eu sinto que não quero me deixar levar ainda.

Uma das acompanhantes de lady Denby olha para cima e vê que estamos observando-as. Lady Denby segue seu olhar.

— Venham — sussurro. — Vamos.

— É necessário que você me empurre?

Felicity me ataca do seu esconderijo e eu quase caio sobre ela. Nos agachamos no corredor. Felicity nos empurra até um cômodo vazio e fecha a porta.

Ann olha ao redor, nervosa.

— Temos que ficar aqui?

— Você queria privacidade — digo. — Agora temos.

¹² [N/T: Tâmis é um rio do sul da Inglaterra que banha Oxford e Londres e desagua no mar do Norte.]

Há um vestido em uma capa, estendido sobre uma cadeira, e várias caixas de chapéus em um canto. O cômodo pode estar vazio, momentaneamente, mais definitivamente não está desocupado.

— Temos que trabalhar depressa — digo.

— Exatamente — diz Felicity, fazendo caretas.

Ann parece que vai ficar doente.

— Isto vai ser a nossa ruína, eu sei.

Mais uma vez nos damos as mãos e fazemos aparecer a porta de luz, todo o desconforto desaparece, tragado pelo nosso medo.

DEZESSETE

Nós mal pisamos no brilho resplandecente dos reinos quando tudo ficou escuro; dedos frios se pressionaram contra meus olhos. Eu deslizei pra fora do abraço, girando rapidamente para ver Pippa de pé atrás de mim. Ela ainda usava sua grinalda, embora esta começasse a cair. Ela acrescentou urtiga e um narciso rosa para alegrar um pouco.

Ela sorriu ao ver-me tão ofegante.

— Oh, pobre Gemma! Eu assustei você?

— N-não. Bem, um pouco, talvez.

Felicity e Ann correram para Pip com um grito e jogaram seus braços em volta dela.

— Qual é o problema? — Ann me pergunta.

— Eu dei a nossa pobre Gemma um susto. Não fique zangada comigo — diz Pippa, pegando minha mão. Ela fala em um sussurro. — Eu tenho uma surpresa. Sigam-me.

Pip nos leva por entre as árvores.

— Fechem os olhos — ela diz. Finalmente, ela pára. — Podem abrir.

Estamos no rio. Na água está um navio do tipo que eu nunca vi antes. Eu não estou inteiramente certa que é um navio, pois isso mais se assemelha a um corpo de dragão, preto e vermelho, com grandes asas que se estendem até nas laterais. Ele é certamente, de um tamanho monstruoso, curvado em ambas as extremidades, com uma subida de mastro gigante perto da proa e uma vela tão fina como seda. Grandes cabos de algas pairam sobre os lados, assim como brilhantes redes de prata que flutuam na superfície da água. Mas a coisa mais extraordinária de tudo é a cabeça maciça anexada à frente do navio. É verde e escamosa, com serpentes como galhos de árvores que escorregam sobre o seu temível e imóvel rosto.

— Eu a encontrei! — Pippa, diz entusiasmada. — Encontrei a Górgona.

Essa coisa é a Górgona?

— Rápido! Vamos perguntar pra ela sobre o Templo antes que ela vá embora. — diz Pippa, pisando mais perto do navio intimidante. — Ahoy¹³, aqui!

A Górgona gira seu rosto na nossa direção. As cobras da sua cabeça silvam e se torcem como se quisesse nos comer para perturbar sua paz. Certamente elas teriam se não estivessem ligadas a essa coisa. Eu não estava preparada quando a criatura abriu seus grandes olhos amarelos.

— O que você deseja? — ela pergunta, em um silvo negro de voz.

— Você é a Górgona? — Pippa pergunta.

— Ssssssim.

— É verdade que você é ligada pela magia da Ordem para que não faça mal e fale somente a verdade? — ela continua.

A Górgona fecha os olhos durante um breve momento.

— Ssssssim.

— Nós estamos procurando pelo Templo. Você sabe disso? — Pip demanda.

Os olhos abrem novamente.

— Todos sabem disso. Ninguém sabe onde pode ser encontrado. Ninguém menos a Ordem, e elas não vieram por muitos anos.

— Existe alguém que pode saber onde encontrá-lo? — Pippa pergunta. Ela está irritada que a Górgona está provando ser tão inútil.

A Górgona olha para o rio novamente.

— A Floresta das Luzes. Tribo Philon. Alguns dizem que já foram uma vez aliados para a Ordem. Podem saber onde procurar esse Templo.

— Muito bem, então — diz Pippa. — Queremos ir para a Floresta das Luzes.

— Somente uma pessoa da Ordem pode me ordenar. — A Górgona diz.

— Ela é uma da Ordem. — Pippa diz, apontando para mim.

¹³ [N/T: Ahoy é um termo náutico para chamar a atenção de um navio.]

— Veremos — Diz a Górgona.

— Vá em frente, Gemma. — Felicity pressiona — Tente.

Eu ando para frente, limpo minha garganta. As cobras soprando ao redor da cabeça da Górgona são como uma juba se contorcendo. Elas silvam para mim, revelando seus dentes afiados e pontudos. Olhando para aquela cara horrível, é difícil encontrar a minha voz.

— Nós desejamos ir para a Floresta das Luzes. Você irá nos levar, Górgona?

Em resposta, uma das asas do grande barco abaixa-se lentamente para terra, permitindo a passagem. Pippa e Felicity mal conseguem conter sua alegria. Elas sorriem como tolas felizes quando andamos para a prancha.

— Nós devemos ir nisso? — Ann pergunta, se pendurando para trás.

— Não tenha medo, Ann, querida. Eu estarei com você. — diz Pippa, puxando-a para frente. A asa range e balança conforme nós fazemos o nosso caminho através dela. Felicity alcança e toca uma das redes penduradas ao lado do barco.

— Estas são leves como teias de aranha. — diz ela, dedilhando as fibras delicadas. — Qual peixe é possível você pegar com elas?

— Eles não são para pescar — diz a Górgona em sua voz grossa e melosa. — Elas são para prevenção.

Abaixo de nós, os redemoinhos de água, emitem um brilho de rosas e violetas para a superfície.

— Olhe como é bonito — diz Ann, colocando uma mão para a água. — Espere, você ouviu isso?

— Ouviu o quê? — Eu pergunto.

— Aí está! Oh, este é o mais belo som que eu já ouvi. — diz Ann, colocando o rosto perto da água.

— Está vindo do rio. Alguma coisa está ali, logo abaixo da superfície.

Os dedos de Ann tocam a água brilhante, e por um instante, eu acho que vi algo se movendo muito perto de sua mão. Sem aviso, a asa grande que foi abaixada para nós levanta rapidamente, forçando a nos apressar para o navio.

— Isso foi repentino — diz Ann. — A música parou. Agora eu nunca vou saber de onde essa canção adorável veio. — Ela franze os lábios.

— Algumas coisas são melhores quando não são conhecidas. — A Górgona diz. Ann se arrepia.

— Eu não gosto disso. Nós não temos um jeito de ir embora agora.

Pippa dá a Ann um beijo no rosto como uma mãe acalmando todos os medos.

— Temos de ser garotas corajosas agora. Nós devemos ir para a Floresta das Luzes, se quisermos encontrar o Templo.

A Górgona fala novamente.

— Você é minha mestra e deve me ordenar para ir.

Eu percebo que ela está esperando por mim. Eu observo as curvas do rio, sem saber para onde vai a partir daqui.

— Muito bem — eu digo, tomando uma respiração profunda. — Descendo o rio, se você quiser.

O grande barco ronrona em movimento. Atrás de nós, o jardim desaparece de vista. Tomamos uma curva e o rio se alarga. Imensas bestas de pedra com longas presas e elaborados cocares guardam costas distantes. Como as gárgulas de Spence, elas são cegas, mas agourentas, guardiãs antigas que guardam mentiras. A água está grossa aqui. A espuma das ondas balança o barco, fazendo meu estômago dar uma guinada.

— Gemma, você parece nitidamente verde — diz Pippa.

— Meu pai diz que se você pode ver para onde está indo, isso ajuda. — diz Felicity.

Sim, qualquer coisa. Eu vou tentar qualquer coisa. Deixo minhas companheiras com suas risadas e histórias e saio para a proa do barco, sentada na extremidade longa e pontiaguda perto da nossa estranha navegadora.

A Górgona me sente lá.

— Você está bem, Altíssima?

O silvo de sua língua negra me pega desprevenida.

- Estou indisposta. Vou ficar bem em um momento.
- Você precisa respirar profundamente. Esse é o caminho.

Eu respiro fundo várias vezes. Parece que funciona, e logo o rio e minha barriga estão calmos.

– Górgona. – Eu pergunto, quando encontro a minha coragem – Existem mais criaturas como você?

– Não – vem a resposta. – Eu sou a última da minha espécie.

– O que aconteceu com as outras?

– Elas foram banidas ou destruídas durante a rebelião.

– A rebelião?

– Foi há muito, muito tempo atrás – diz a Górgona, parecendo cansada. – Antes das Runas do Oráculo.

– Houve um tempo antes das Runas?

– Ssssim. Era um tempo em que a magia estava solta dentro dos reinos para todos usarem. Mas foi também um tempo sombrio. Havia muitas batalhas conforme as criaturas lutavam entre si para obter mais poder. E foi um tempo em que o véu entre o seu mundo e o nosso era fino. Éramos capazes de ir e vir quando quiséssemos.

– Você pode entrar em nosso mundo? – Eu pergunto.

– Oh, sim. Um lugar interessante.

Penso nas histórias que eu li, as histórias de aparições de fadas, fantasmas, criaturas míticas do mar atraindo marinheiros para suas mortes. De repente, elas não parecem como meras histórias.

– O que aconteceu?

– A Ordem aconteceu – diz a Górgona, e eu não posso dizer se o tom é de raiva ou de alívio.

– A Ordem não tinha sempre existido?

– Em um jeito. Elas eram uma das tribos. Sacerdotisas. Curandeiras, místicas, videntes. Elas atravessavam espíritos através do mundo do além. Elas eram as melhores mestras da ilusão. Seu poder era sempre grande, mas ficou mais forte ao longo do tempo. Havia rumores de que elas tinham encontrado a fonte de toda a magia dentro dos reinos.

– O Templo?

– Ssssim – O silvo da Górgona responde – O Templo. Dizia-se que a Ordem bebeu de suas águas, e assim, a magia se tornou parte delas. A magia viveu nelas, ficando mais forte a cada geração. Agora, elas têm mais poder do que ninguém. O que elas fizeram não é como se tentassem corrigir. Elas começaram a limitar as visitas das criaturas do seu mundo. Ninguém podia entrar sem sua permissão.

– Foi quando construíram as Runas?

– Não – A Górgona replicou. – Esta foi a sua vingança.

– Eu não entendo.

– Várias criaturas de cada tribo se uniram. Elas se ressentiam do poder da Ordem ser adiado para elas. Elas não queriam pedir permissão. Um dia elas revidaram. Conforme várias das jovens iniciadas da Ordem foram jogadas no Jardim, elas as pegaram sem aviso, transportando-as para as Terras Invernais, onde todas foram abatidas. E isso foi quando as criaturas descobriram um segredo horrível.

Minha boca ficou seca com o conto.

– Que segredo era esse?

– O sacrifício de outro poder enorme concedido.

A água corre em baixo de nós com um som sibilante, nos transportando para frente.

– Em sua raiva e tristeza, a Ordem construiu as Runas como um selo sobre a magia. Elas fecharam a fronteira entre mundos para que somente elas pudessem entrar. O que restava de ambos os lados da fronteira permaneceram presos lá para sempre.

Eu pensei nas colunas de mármore da Spence, as criaturas capturadas em pedra lá.

– Isso permaneceu assim por muitos anos. Até que um de seus próprios traiu a Ordem.

– Circe – eu disse.

— Sssssim. Ela ofereceu um sacrifício e deu poder aos espíritos sombrios das Terras Invernais mais uma vez. E mais espíritos as levaram pro seu lado, e mais poderosos eles se tornaram, e mais o selo das Runas começou a se enfraquecer.

— Então é por isso que eu era capaz de quebrá-las — Eu pergunto.

— Talvez. — A resposta da Górgona é como um suspiro. — Talvez, Altíssima.

— Por que você me chama de Altíssima?

— Isso é quem você é.

As outras estão encostadas contra o lado do barco. Elas se revezam segurando os cabos das velas, deixando seus corpos serem empurrados contra a força do vento. Pippa ri acima do silêncio da água. Eu tenho uma pergunta que quero fazer, mas estou com medo de dizer isso em voz alta, com medo da resposta que pode ter.

— Górgona — eu comecei. — É verdade que os espíritos das pessoas do nosso mundo tem que atravessar?

— Essa é a maneira que sempre foi.

— Mas existem alguns espíritos que permanecem para sempre?

— Não conheço ninguém que não foi corrompido e vive nas Terras Invernais.

O vento pegou a guirlanda de Pippa. Ela a persegue, rindo, antes de segurar firmemente em suas mãos.

— Mas tudo é diferente agora, não é?

— Sssssim. — A Górgona silvou. — Diferente.

— Então, talvez haja uma maneira de mudar as coisas.

— Talvez.

— Gemma! — Pippa chama. — Como você está se sentindo?

— Muito melhor! — Eu grito de volta.

— Volte, então!

Deixo meu poleiro ao lado da Górgona e me junto as outras..

— O rio não é bonito? — Pippa, diz, sorrindo muito.

Realmente, está um azul esverdeado glorioso aqui.

— Oh, eu sinto tanta saudades de todas vocês. Vocês sentem saudades de mim?

Felicity corre para abraçá-la. Ela segura Pip ferozmente.

— Eu pensei que nunca veria você de novo.

— Você não nos viu há somente dois dias atrás — a lembro.

— Mas eu mal posso suportar. É quase Natal — diz ela, pensativa. — Você já esteve em algum baile?

— Não. — relata Ann. — Mas a mãe e o pai de Felicity vão ter seu baile de Natal.

— Acho que vai ser muito grande — diz Pippa, fazendo biquinho.

— Eu vou usar meu primeiro vestido — Ann continua. Ela descreve o vestido em detalhes. Pippa nos pergunta sobre o baile. É como se estivéssemos de volta em Spence, nos sentando no grande salão na tenda de Felicity, fofocando, fazendo planos.

Sorrindo, Pippa gira em torno de Felicity conforme o barco range lentamente pelo rio.

— Estamos juntas. E nunca teremos que nos separar.

— Mas temos que voltar — eu digo.

A dor nos olhos de Pippa me fere.

— Mas quando vocês formarem a Ordem de novo, vocês virão para mim. Não virão?

— Claro que viremos. — diz Felicity. Ela anda em direção a Pippa de novo, feliz por estar perto dela.

Pippa envolve seus braços sobre Felicity e coloca a cabeça em seu ombro.

— Vocês são minhas amigas mais queridas em todo o mundo. Nada nunca vai mudar isso.

Ann se junta no abraço. No final, também eu coloquei meus braços sobre Pippa. Nós a cercamos como pétalas, e eu tento não pensar sobre o que deve acontecer com todas nós, uma vez que encontrarmos o Templo.

Em uma curva acentuada, o rio se abre, dando a visão mais majestosa da costa e as cavernas do penhasco que se eleva acima de nós.

Deusas foram esculpidas na rocha. Elas estão, possivelmente, a cinquenta metros de altura, decoradas com elaborados cocares cônicos. Seus pescoços estão cheios de jóias. Salvo por isso, elas estão nuas e muito sensuais, quadris levantados em um ângulo, um braço colocado atrás da cabeça, os lábios curvados em um sorriso. A decência me diz que eu deveria olhar para longe, mas eu me acho mantendo o olhar.

— Oh, graciosas — Ann diz, olhando para cima e imediatamente para baixo.

— O que são aquelas? — Felicity pergunta.

A Górgona abre a boca.

— As Cavernas dos Suspiros. Elas são apenas ruínas abandonadas agora, habitada apenas pelos Hajin, os Intocáveis.

— Os Intocáveis? — Eu pergunto.

— Ssssim. Lá está um. — A cabeça da Górgona se move para a direita. Alguma coisa fugiu no mato ao longo da costa. — Vermes imundos.

— Porque eles são chamados de Intocáveis? — Ann pergunta.

— Eles sempre foram assim. A Ordem os baniram para as Cavernas dos Suspiros. Ninguém vai para lá agora. É proibida.

— Bem, isso não é justo — diz Ann, levantando a voz. — Não é justo de qualquer modo. — Pobre Ann. Ela sabe o que é ser uma intocável.

— Para que foi usada antes? — Eu pergunto.

— Era o lugar onde a Ordem teve seus amantes.

— Amantes? — Felicity pergunta.

— Sim. — A Górgona faz uma pausa antes de acrescentar — Os Rakshana.

Eu não sei o que dizer a isso.

— Os Rakshana e a Ordem eram amantes?

A voz da Górgona soa muito longe.

— Uma vez.

Felicity dá um grito.

— Olhem isso! — Ela aponta para o horizonte, onde uma neblina pesada cai do céu, como tiras de ouro, obscurecendo a nossa visão do que está por vir. Ruge como uma cachoeira.

— Iremos passar por lá? — Ann pergunta, preocupada.

Pippa puxa Ann para perto.

— Não se atormente assim. Vai dar tudo certo, tenho certeza, senão a Górgons não iria nos conduzir através disso. Não está certo, Gemma?

— Sim, claro — digo eu, tentando não parecer tão verdadeiramente aterrorizada como me sinto. Porque eu não tenho nenhuma ideia do que será de nós — Górgona, você é obrigada a não nos fazer dano. É isso mesmo?

Mas a minha pergunta foi abafada pelo incansável bater da cachoeira dourada. Nós nos amontoamos juntas no assoalho do navio. Ann fechou os olhos com força. À medida que nós avançamos, eu fechei meus olhos também, com medo de saber o que iria acontecer em seguida.

Com o rugir nos nossos ouvidos, passamos por esta cortina úmida e emergimos do outro lado, onde o rio se torna como um oceano sem terra a vista, salvo por uma ilha verde no horizonte.

— Nós estamos vivas — diz Ann, tanto surpresa e aliviada.

— Ann — Pippa diz — Olha agora você é uma menina de ouro!

É verdade. Flocos de ouro revestiam nossas peles. Felicity gira as mãos de uma maneira e rindo alegremente quando ela nos vê brilhar.

— Oh, nós estamos bem, não estamos? Nenhum problema afinal!

Pippa ri. — Eu lhe disse para não ter medo.

— A magia é forte. — diz a Górgona. Quer se trate de uma declaração ou um aviso. Não posso dizer.

- Gemma – Pippa pergunta – Por que devemos prender a magia?
- O que você quer dizer? Porque está solta dentro dos Reinos.
- E se isso não for uma coisa tão terrível? Por que alguém deveria ser autorizado a usar esse poder?

Eu não gosto de onde isso vai dar. – Porque eles podem usar isso para entrar em nosso mundo e criar confusão. Não haveria nenhum sentido de ordem ou controle sobre isso.

- Você não sabe se os habitantes dos Reinos usariam imprudentemente.

Ela não ouviu a história da Górgona, senão ela deveria pensar o contrário. – Eles não vão? Você se lembra da criatura que escravizou minha mãe?

- Mas era associada à Circe. Talvez eles não sejam todos assim – Pippa considera.

- E como é que eu deveria decidir quem teria isso, quem pode ser confiável?

Ninguém tem uma resposta para isso. – Eu agito minha cabeça. – Está fora de questão. Quanto mais a magia está solta, maior o perigo de que aqueles espíritos aqui podem ser corrompidos. Temos de encontrar o Templo e prender a magia novamente. Então, vamos reformar a Ordem e manter o equilíbrio dos Reinos.

Pippa franze os lábios. Ela tem a irritante sorte de parecer bonita quando faz isso.

- Muito bem. Estamos quase lá de qualquer maneira.

DEZOITO

O rio diminui de novo. Nós entramos em um local onde as árvores crescem altas, espessas e verdes. Milhares de lanternas pendem de seus galhos. Isso me lembra de Diwali, o festival das luzes na Índia, quando mamãe e eu ficamos acordadas até tarde para assistir as ruas florescerem com velas e lanternas.

O navio foi descansar na areia macia e molhada da ilha.

— A Floresta das Luzes — A Górgona diz. — Fiquem em sua guarda. Exponham seus negócios para Philon e Philon somente.

A asa-prancha baixou e nós andamos em um tapete macio de grama e areia, que desapareciam em grossas moitas pontilhadas pela gordura branca de lótus duplas. As árvores são tão altas que desaparecem em um limite máximo de verde escuro. Olhando para elas me fez sentir tontura. As luzes balançaram e se moveram. Um dardo cruzou meu rosto, me fazendo arfar.

— O que foi? — Sussurrou Ann, os olhos arregalados.

— O que está acontecendo? — É Felicity. Várias das luzes desceram sobre a sua cabeça. Seu rosto arrebatador está iluminado pela grinalda brilhante.

As luzes se reúnem em uma bola que flutua à nossa frente, mostrando o caminho.

— Parece que elas querem que nós as sigamos — diz Pippa em êxtase.

As pequenas luzes parecem elfos, se é isso mesmo que elas são nos levam para dentro da floresta. O ar tem um rico cheiro de terra. Musgo cresce nas árvores enormes como uma pele verde suave. Olhando para trás, já não posso ver a Górgona. É como se nós estivemos absorvidas pela floresta. Eu desejo correr de volta, especialmente quando ouço o ritmo suave de cascos se aproximando. A bola de luz explode, as minúsculas iluminações voam para longe desordenadamente para dentro da floresta.

— O que é isso? — Felicity guincha, olhando ao redor descontroladamente.

— Eu não sei — diz Pippa.

O barulho parece vir de todos os lados. Seja o que for, estamos cercadas. Ela cresce mais e de repente pára. Um bando de centauros emerge um por um das árvores. Eles andaram inquietos em suas pernas fortes de cavalo, seus braços grossos cruzados sobre o peito nu de homem. O maior do clã veio para frente. Seu queixo apresentava um fio de barba.

— Quem são vocês? Que fazem aqui? — ele exigiu.

— Nós viemos para ver Philon — afirma Pippa. Ela está sendo muito corajosa, pois eu gostaria de correr.

Os centauros trocam olhares desconfiados.

— A Górgona nos trouxe — eu disse, esperando que isso iria abrir as portas.

O maior deles veio para frente até que seus cascos ficaram à polegadas de meus próprios pés. — A Górgona? Que a jogo quer brincar com a gente? Muito bem, então. Vou levá-las para Philon e deixar nosso líder decidir o seu destino. Subam, a menos que vocês se importem em andar. Sua pegada é forte conforme ele me pendura com uma mão em suas costas largas.

— Oh. — eu digo, pois não há rédeas como em um cavalo. Na verdade, não há nenhum lugar decente para me segurar, e eu sou forçada a envolver meus braços em volta de sua cintura grossa e descansar minha cabeça contra a vasta extensão de suas costas.

Sem me perguntar, ele galopa, comigo segurando a minha querida vida conforme nos lançamos através de árvores cujos ramos se aproximavam perigosamente. Alguns deles deixam riscos ao longo do meu rosto e braços, e eu suspeito que ele esteja fazendo isso de propósito.

Os centauros carregando Felicity, Pippa, e Ann ficaram do meu lado. Ann tem os olhos fechados e sua boca define firmemente uma careta. Mas Felicity e Pippa parecem quase desfrutar do estranho passeio.

Enfim, chegamos a uma clareira de ocas e casas de barro. O centauro me dá sua mão e me arremessa para o chão, onde eu caio com minha parte traseira. Ele coloca as mãos em seus quadris, elevando-se sobre mim, sorrindo. — Eu devo ajudá-lo com seus pés?

— Não, obrigada. — Eu pulei, tirando a grama da minha saia.
— Você é uma delas, não é? — diz ele, apontando para o meu amuleto, que ficou por baixo da minha blusa durante a difícil jornada. — Os rumores são verdadeiros! — ele grita para seus amigos. — A Ordem está retornando para os reinos. E aqui estão elas.

O clã se moveu, cercando nosso pequeno grupo de garotas.

— O que devemos fazer sobre isso? — o centauro perguntou, raiva em torno de suas palavras. Eu já não me importava sobre ver Philon ou perguntar para ele sobre o Templo. Eu só queria fugir.

— Creostus! — veio uma voz nova e estranha.

A porção de centauros recuou. Eles curvam suas cabeças. O maior, Creostus, se curvou, mas não se manteve pra baixo.

— O que é isso? — Sussurrou Ann, se agarrado a mim.

Na nossa frente, a criatura mais maravilhosa que eu já vi. Eu não sei se é um homem ou uma mulher, pois ela pode ser ambos. Ela é delicada, com a pele e os cabelos com a cor empoeirada de uma flor lilás e uma capa longa feita de nozes, espinhos e thistle¹⁴. Seus olhos são verdes e virados para cima nos cantos, como um gato. Uma mão é uma pata, a outra é uma garra.

— Quem vem? — pede a criatura com uma voz que é como o terceiro harmônico, os tons distintos, mas inseparáveis ao mesmo tempo.

— Uma bruxa — o centauro desafiador diz. — Trazida à nossa costa pela Górgona amaldiçoada.

— Hmmm — a criatura diz, olhando para mim até que eu me sentisse como uma criança travessa encarando o cinto. A borda afiada de sua garra levanta meu amuleto para uma inspeção. — Uma sacerdotisa. Nós não vimos uma de sua espécie em muitos anos. Você é a que quebrou as Runas, o selo da magia?

Eu puxo o meu colar para fora de seu alcance e o guardo em minha blusa de novo. — Sou eu.

— O que você procura de nós?

— Me desculpe, eu só posso falar com Philon. Sabe onde eu poderia encontrá-la?

— Eu sou Philon.

— Oh — eu disse. — Vim para pedir sua ajuda.

Creostus interrompe. — Não ajude ela, Philon. Você se lembra o que tem sido para nós todos esses anos?

Philon o silenciou com um olhar. — Por que eu deveria ajudar você, sacerdotisa? Eu não tenho nenhuma resposta pronta para isso. — Porque eu já desfiz o selo da magia. A Ordem deve ser restaurada.

Gargalhadas irrompem entre os centauros. — Então, vamos ser os únicos a restaurar e controlá-la

— grita um. Os outros se alegram.

— Mas só a Ordem pode vincular a magia e comandar os reinos — diz Felicity.

Philon fala novamente. — Essa é a maneira que foi para gerações, mas quem disse que deve ser sempre assim? O poder é efêmero. Muda como areia.

Há mais aplausos dos outros. Uma multidão se reuniu. Além dos centauros, as criaturas de luz tinham crescido cerca de um pé de altura. Eles pairavam como vaga-lumes super crescidos.

— Você prefere que Circe encontre primeiro? — Eu digo. — Ou os espíritos sombrios das Terras Invernais? Se eles controlarem isso, você imagina que vão ser generosos com vocês?

Philon considera isso. — A sacerdotisa tem um ponto. Você pode vir comigo. Creostus berra depois de nós. — Não lhes prometa nada, Philon. Sua lealdade é para seu povo em primeiro lugar! Lembre-se!

Philon nos colocou em uma grande cabana e derramou uma taça de líquido vermelho. Nenhuma foi oferecido para nós, o que me faz confiar na estranha criatura um pouco mais. Pois, se tivéssemos de comer ou beber qualquer coisa aqui, teríamos de ficar, como Pippa ficou. Philon balançou o líquido na taça e tomou um gole. — Concordo que a magia deve ser contida. É muito poderosa desta forma. Alguns nunca foram expostos à sua força, e eles são levianos com ela. Eles

¹⁴ [N/T: thistle – tipo de flor.]

querem mais e mais. Há inquietação. Tenho medo que eles entrem em alianças mal-aconselhadas e nos condene a escravidão. É uma ameaça para os nossos caminhos.

— Então você vai me ajudar a encontrar o Templo? — Eu pergunto.

— E o que você nos promete se ajudarmos vocês? — Quando eu não falo, Philon sorri afetadamente. — Assim como eu pensava. A Ordem não está interessada em compartilhar o poder dos Reinos.

— A Górgona disse que você e a Ordem foram aliados uma vez.

— Sim — Philon diz. — Uma vez. — A criatura circulou no quarto com uma graça elegante e felina. — Os centauros eram seus mensageiros, eu, o mestre de armas. Mas, depois da rebelião, eles mantiveram a magia longe de nós assim como eles fizeram com todos os outros, embora nós permanecêssemos leais. Esse foi o seu agradecimento a nós.

Eu não sei o que dizer. — Talvez não houvesse outra maneira.

A criatura olha para mim por um longo tempo até que eu sou forçada a desviar o olhar.

— Eles não vão nos ajudar, Gemma. Vamos ir pelo nosso caminho — diz Felicity.

Philon enche a taça novamente. — Eu não posso te dizer onde encontrar o Templo, porque na verdade, eu não sei onde ele está. Mas eu posso lhe oferecer alguma coisa. Venha comigo. Saímos para o dia de neblina novamente. Creostus pára o magnífico líder, falando baixo em uma linguagem que não podemos entender. Mas eu entendo a raiva em sua voz, a cautela em seus olhos cada vez que ele olha nosso caminho. Philon o descarta com um movimento brusco.

— Nyim!

— Não se pode confiar nelas, Philon — o centauro cospe as palavras. — Suas promessas são como glamour, com o tempo elas se desvanecem.

Philon nos leva para uma cabana baixa. As paredes brilham com uma variedade de armas, algumas das quais eu nunca tinha visto. Lariats de prata pendurados em ganchos. Cálices de jóias e espelhos requintadamente forjado estão lado a lado.

— Enquanto a magia está solta, nós a estamos usando para voltar aos velhos tempos. Se não soubermos o resultado, nós devemos estar preparados. Vocês podem pegar uma arma para sua viagem.

— Estas são todas as armas? — Eu pergunto.

— Com a magia certa, qualquer coisa pode se tornar uma arma, sacerdotisa. Há tantas. Eu não sei por onde começar.

— Oh — Felicity suspira. Ela encontrou um arco extremamente leve e uma aljava de flechas pratas.

— Parece que a escolha foi feita — diz Philon, os entregando para ela. As flechas são bem trabalhadas, porém normal salva pela marcas estranhas nas pontas de prata, uma série de números, linhas e símbolos que não consigo começar a entender.

— O que é isso? — Felicity pergunta.

— Essa é a linguagem dos nossos idosos

— Flechas mágicas? — Ann pergunta, espreitando nas pontas.

Felicity levanta o arco e fecha um olho contra um alvo imaginário. — Eles são flechas, Ann. Elas devem funcionar como outra qualquer.

— Talvez — Philon diz. — Se você tiver a coragem de apontar e disparar.

Felicity olhou carrancuda. Ela vira a ponta para Philon.

— Felicity! — Eu sibilo. — O que você está fazendo?

— Eu tenho muita coragem. — Felicity rosna.

— Será que você irá ter quando ela mais precisar? — Philon pergunta friamente.

Pippa empurra a ponta para baixo e para longe. — Fee, pare.

— Eu tenho muita coragem — diz ela novamente.

— Claro que você tem — Pippa a consola.

Philon as olha com curiosidade. — Veremos. — Para mim, diz. — Sacerdotisa, essas flechas, então, é sua escolha de arma?

— Sim — eu respondo — Suponho que elas são.

— Nós devemos ir. — diz Felicity. — Obrigado pelas flechas.

Philon abaixa sua magnífica cabeça. — Vocês são muito bem-vindas. Mas eles não são uns presentes. Eles são uns marcos contra uma dívida a ser paga.

Eu me sinto como se eu estivesse caindo em um buraco, e quanto mais eu tento cavar meu caminho, mais profundo ele fica. — Que tipo de pagamento?

— Uma parte da magia é o que nós pedimos, se você encontrar o Templo primeiro. Não temos a intenção de viver no escuro de novo.

— Eu compreendo — digo, fazendo uma promessa que eu não sei se posso honrar.

Philon anda conosco à beira da floresta, onde as estranhas luzes brilhantes esperam para nos levar de volta ao navio.

— Eles vão tentar de tudo para manter vocês longe do Templo. Você deve saber disso. Como você vai se proteger? Tem alguma aliança?

— Temos a Górgona — eu digo.

Philon balança a cabeça lentamente. — A Górgona. A última de sua espécie. Presa em um navio o tempo todo, como castigo por seus pecados.

— O que você quer dizer? — Eu pergunto.

— Quero dizer que há muito que não conhece — Philon, diz. — Cautela, sacerdotisa. Não é escondendo aqui. Seus desejos mais afeiçoados, os seus desejos mais profundos ou maiores medos podem ser usados contra vocês. Há muitos que gostariam de mantê-la longe da sua tarefa.

— Por que você está me dizendo isso? Você é leal à Ordem afinal?

— Isto é uma guerra — diz Philon, longos cabelos arroxeados sopram através dos ossos de sua bochecha. — Eu sou leal ao vencedor.

O círculo de luzes fica sobre a cabeça de Pippa. Ela os golpeia brincando. Eu tenho uma última pergunta antes de nós irmos, no entanto.

— A Górgona é nossa aliada, não é? Ela é obrigada a nos dizer sempre a verdade.

— Obrigada pelo quê? A magia não é mais confiável. — Com isso a alta e magra criatura se vira.

Quando chegamos à praia, Creostus está ali à nossa espera, de braços cruzados. — Você encontrou o que procurava, bruxa?

Felicity pega a aljava de flechas nas costas.

— Então Philon te deu um souvenir. O que vai nos dar em troca? Você pode nos dar poder? Ou você nega isso a nós?

Eu não respondo, mas subo a bordo da prancha tipo asa da Górgona, ouvindo quando ela range e se fecha atrás de nós.

O vento pega a vela vasta e translúcida e afasta-se da minúscula ilha até que é apenas uma mancha de verde atrás de nós. Mas a brutalidade do centauro me segue na brisa, prendendo minha respiração em seu punho.

"O que vai nos dar em troca, bruxa? O que vai nos dar?"

Navegamos mais uma vez através da cortina de ouro e descemos o rio. Quando chegamos novamente nas estátuas das falésias, nas Cavernas dos Suspiros, vejo fumaça colorida - vermelha, azuis, laranjas, roxas - levantando-se alto, e estou bastante certa que eu vejo uma figura atrás da fumaça. Mas quando o vento sopra, a fumaça muda de direção, e não vejo nada além de nuvens de cor.

Uma rã prateada pula na água. Insinuam-se alguns olhares da margem, aqui e ali, mas é difícil vê-las. Ann corre para o lado do navio.

— Escuta, você ouve? Essa música adorável está de volta!

Demora um pouco, mas agora eu ouço. A canção é fraca, mas bonita. Ela se infiltra em minhas veias e corre através de mim, me fazendo sentir quente e leve.

— Olhe! Na água! — Ann diz.

Um por um, três cabeças carecas emergem. Elas são mulheres como nenhuma que eu já vi antes. Seus corpos brilham fracamente com escamas luminosas que brilham rosa, marrom, e pêssego. Quando elas levantam suas mãos da água, eu posso ver uma teia tênue entre os dedos longos. Elas são fascinantes, e eu acho que não posso parar de olhar. Sinto-me tonta com a sua canção. Felicity e Ann riem e se amontoam do lado do barco, tentando chegar mais perto. Pippa e eu nos juntamos a elas. As mãos afagam o navio como se fosse o cabelo de uma criança.

A Górgona não reduz a velocidade. O emaranhado de serpentes silva descontroladamente.

Ann coloca uma mão para baixo, mas ela não pode alcançar. — Oh, eu gostaria de poder tocá-las — diz ela.

— Por que não podemos? — Pippa pergunta. — Górgona, desça a prancha, por favor.

A Górgona não responde e não reduz a velocidade.

As mulheres são tão bonitas, a sua música é tão linda.

— Górgona — eu digo. — Abaixue a prancha.

As serpentes se contorcem de dor. — É seu desejo, Altíssima?

— Sim, é meu desejo.

O grande navio reduz e a prancha é abaixada até que paira um pouco acima da água. Nossas saias ficam reunidas em nossas mãos, corremos para fora e agachamos, procurando por sinais delas.

— Onde elas estão? — Ann pergunta.

— Eu não sei — digo

Felicity está de quatro, as pontas dos cabelos arrastando na água. — Talvez elas tenham ido embora.

Eu paro, na tentativa de espreitar por meio do nevoeiro. Algo frio e molhado acaricia meu tornozelo. Eu grito e oscilo quando a criatura entrelaça sua mão na minha perna, deixando escamas brilhantes na minha meia.

— Oh, não! Eu tenho medo disso — eu digo. São tipo sereis e deslizam o corpo sob a prancha e desaparecem.

A superfície do rio é coberta com um brilho, de espessura oleosa. Depois de um momento, as criaturas emergem mais uma vez. Elas parecem tão fascinadas por nós como somos por elas. Eles sacodem em pequenas correntes, suas mãos estranhas se movendo para trás e frente, para trás e para frente. Ann fica de joelhos.

— Olá.

Uma das criaturas se move para perto e começa a cantar.

— Oh, que adorável — diz Ann.

Na verdade, sua música é tão doce que eu quero segui-las na água e ouvi-la para sempre. Uma multidão delas se reuniram, seis, então sete, em seguida, dez delas. Com cada adição, a música cresce, torna-se mais poderosa. Eu estou me afogando em sua beleza.

Uma criatura se atribui ao barco. Ela encontra meu olhar. Seus olhos são enormes, como espelhos do próprio oceano. Eu olho para eles e me vejo caindo rapidamente no profundo, onde toda a luz desaparece. Ela chega perto para afagar meu rosto. Sua música flutua sobre o meu rosto.

— Gemma! Não! — Eu estou vagamente consciente de Pippa chamando meu nome, mas ela se mistura com a música e se torna uma melodia me convidando para o rio. Gemma. . . Gemma. . . Gemma. . .

Pippa me puxa bruscamente para trás e caímos para a prancha em uma pilha. A canção das ninfas torna-se um grito feroz que envia ondas de arrepio nas minhas costas.

— O ... O quê? — Eu pergunto, como se estivesse acordando de um sonho.

— Essa coisa quase puxou você pra baixo — Pippa diz. Seus olhos se ampliam — Ann! — ela grita.

Ann cai sobre as duas pernas ao lado da prancha. O sorriso mais extasiante cruza seus lábios quando uma das coisas afaga sua perna e canta tão docemente que iria quebrar um coração. Felicity põe uma mão para fora, seus dedos muito perto das membranas de duas criaturas.

— Não! — Pippa e eu gritamos em uníssono.

Pego Ann quando Pipa prende seus braços em torno de Felicity. Elas lutam contra nós, mas nós as trazemos de volta.

A criatura solta outro grito horrível. Num acesso de raiva, elas agarram a prancha como se elas pretendessem nos sacudir na água ou nos rasgar completamente.

Ann se encolhe nos braços de Pippa enquanto Felicity bate nas suas mãos com suas botas.

— Górgona! — Eu grito. — Nos ajude!

— Omata! — É a voz da Górgona agora, crescendo e comandando. — Omata! Deixe-as irem ou vamos utilizar as redes!

As criaturas gritam e vão embora. Elas olham para nós com desapontamento antes de deslizarem vagarosamente para baixo d'água de novo. Não há nada, somente um óleo brilhoso na superfície que prova que elas estiverem aqui. Eu praticamente empurro as outras para o navio.

— Górgona, levante a prancha! — Eu grito.

— Como você quiser — ela responde, puxando a pesada asa. As mulheres brilhantes e carecas não gostam disso. Elas guincham de novo.

— O que são essas coisas? — Eu digo, ofegante

— Ninfas d'água — A Górgona responde, como se eu as visse diariamente para um chá. — Elas são fascinadas por suas peles.

— Elas são inofensivas? — Ann diz, esfregando as escalas de cores de sua meia.

— Isso depende — A Górgona diz

Felicity olha pra baixo para a água. — Depende do quê?

A Górgona continua — Em quão encantadoras elas julgam você. Se você for particularmente encantadora, elas vão tentar atrair você pra longe com elas para seu viveiro. Uma vez que elas tenham prendido você, elas vão tirar sua pele.

Quando eu percebo quão perto eu estava de segui-las para as profundezas, eu tiro tudo isso dos meus pensamentos.

— Eu quero ir embora — Ann choraminga.

Eu também.

— Górgona, nos leve de volta para o jardim imediatamente — Eu ordenei.

— Como você deseja — ela diz.

Atrás de nós, eu vejo as ninfas da água cutucando acima da superfície agitada, suas cabeças brilhantes balançando na água como jóias de um tesouro perdido.

Um trecho de sua bela canção nos encontra, e por um momento, eu vou em direção à borda do navio, querendo mais uma vez mergulhar. Nós puxamos para frente com uma guinada, afastando-se delas, e sua canção se transformam em raiva, um som como pássaros privados de comida.

— Espere — Eu digo sobre minha respiração disposta a acabar. — Porque elas não pararam?

— Elas esperavam um presente, um símbolo para a viagem — A Górgona responde

— Que tipo de presente? — Eu pergunto

— Uma de vocês.

— Isso é terrível — Eu digo

— Ssssim — A Górgona silva — Vocês a fizeram infeliz, estou com medo. Elas podem ser muito cruéis quando querem. E elas guardam rancor.

O pensamento de que aquelas mãos molhadas e frias puxam uma de nós pra baixo me faz tremer.

— Tem mais dessas ninfas por aqui? — Pippa pergunta, seu rosto pálido iluminado pelo céu laranja.

— Ssssim — A Górgona diz. — Mas eu não deveria me preocupar muito com elas. Elas só podem vir se vocês estiverem na água

Esse é um conforto desanimador.

A névoa se dissipou. Minhas pernas estão trêmulas, como se eu tivesse corrido por um tempo muito longo. As quatro de nós deitam-se no chão do barco, olhando para o céu brilhante.

— Como vamos encontrar o Templo se estas criaturas usam sua própria magia contra nós — Ann pergunta

— Eu não sei — Eu digo

Este não é o belo jardim que minha mãe me mostrou. É bastante óbvio agora que os reinos além do jardim não há lugar para baixar minha guarda.

— Górgona, — Eu pergunto quando tudo está calmo novamente e o jardim está à vista — É verdade que você está aprisionada neste navio como punimento?

— Ssssim — Vem um silvo de resposta

— Por qual mágica?

— Pela Ordem.

— Mas por quê?

O grande barco range e geme na água. “Fui eu quem levou o meu povo contra a Ordem durante a rebelião”.

As cobras da sua cabeça se contorcem. Uma prende a si mesma entorno do arco apontado, a sua língua a polegadas da minha mão. Eu puxo de volta a uma distância segura. — Você ainda é leal a Ordem? — Eu pergunto.

— Ssssim — Vem a resposta. Mas não é imediata, é como uma resposta obrigada pela magia. Há um momento de hesitação. Ela pára para pensar. E eu percebo que o aviso de Philon é adequado.

— Górgona, você sabia que as ninfas d’água estavam próximas?

— Ssssim — Ela disse.

— Porque você não nos avisou?

— Você não pediu. — E com isso, nós chegamos ao jardim, onde o monstro grande e verde fecha seus olhos.

Pippa nos aperta fortemente, não querendo nos deixar ir. — Devem se apressar para voltar? Quando vocês podem vir de novos?

— Logo que possível — Felicity assegura. — Não deixe nada pegar você, Pip.

— Eu não — Pippa disse. Ela pega minhas mãos. — Gemma, eu salvei sua vida hoje.

— Sim, você salvou. Obrigada

— Suponho que isso nos une, não é? Como uma promessa?

— Eu suponho que sim — Eu digo inquieta.

Pippa dá um beijo na minha bochecha. — Volte logo que possível!

A porta de tochas de luz ganha vida, e nós a deixamos acenando para nós como a última imagem fugaz de um sonho antes de acordar.

De volta no quarto de dormir, podemos fazer um balanço de nós mesmas. Estamos todas bem, um pouco abaladas, e pronta para retomarmos os nossos lugares para o chá.

— Você sentiu isso? — Felicity pergunta quando descemos as escadas.

Eu aceno. A magia passa através de mim. Bombeia meu sangue mais rápido, e todos os sentidos, está mais vivo para isso. É surpreendente, como ser iluminada por dentro. Por trás das portas fechadas da sala de jantar, eu posso ouvir trechos de conversas, posso sentir as necessidades e desejos, os ciúmes e desilusões de cada coração batendo até que eu sou forçada a afastá-los.

— Ah, aqui está a nossa senhorita Bradshaw agora — a ampla mulher diz à medida que entramos na sala. — Entendemos que você foi treinada pelos melhores mestres em toda a Rússia quando era criança, e que esta é a forma como a família da czarina sabia pela primeira vez que você estava com seu parente perdido há muito, por sua voz encantadora. Por que você não nos dá, por favor, a honra de cantar uma canção?

Esta história cresce selvagemmente quando a magia dos reinos diz a cada uma de nós.

— Sim, você simplesmente deve — Felicity diz, levantando o braço de Ann. — Use a magia. — Ela sussurra.

— Felicity! — Eu sussurro de volta — Nós não deveríamos...

— Nós deveríamos! Não podemos simplesmente abandonar Ann.

Ann me dá um olhar suplicante.

— Só essa vez — Felicity diz

— Só essa vez. — Eu repito.

Ann se vira para a multidão, sorrindo. — Eu vou ficar feliz em cantar.

Ela aguarda o farfalhar das saias para começar enquanto as mulheres tomam os seus lugares. Então ela fecha os olhos. Eu posso sentir a sua concentração, aproveitando a magia. É como se nós estivéssemos unidas por isso, trabalhando em conjunto para criar essa ilusão. Ann abre a boca para cantar. Ela tem uma bela voz, muito naturalmente, mas a música que sai por ela é muito poderosa e sedutora. Leva-me um momento para reconhecer o idioma. Ela está cantando em russo, uma língua que ela realmente não sabe. É um toque muito agradável.

As mulheres da Alexandra estão escravizadas. Quando Ann atinge o auge da música, algumas coisas estão em seus olhos, tão comovidas como elas. Quando Ann termina com uma reverência pequena e respeitosa, as mulheres correm para aplaudir e elogiar ela. Ann aquece em sua adoração.

Lady Denby passa para o lado de Ann e oferece seus parabéns.

— Lady Denby, quão adorável você parece — A mãe de Felicity diz.

Lady Denby acena, mas não responde. A desconsideração é notada por todo mundo. Há um silêncio desconfortável no quarto.

Lady Denby lembra a Ann friamente.

— Você disse que é parente do Duque de Chesterfield?

— S-sim — Ann gagueja.

— Estranho. Eu não acredito. Eu já conheci o Duque.

Eu sinto uma mudança no ar. A magia. Quando eu olho para cima, Felicity tem os olhos fechados em concentração, e um leve sorriso curva aqueles lábios carnudos. De repente, Lady Denby peida com um estalo enorme. Não há como esconder o choque e o horror em seu rosto quando ela percebe o que fez. Ela peida de novo, e várias das mulheres limpam suas gargantas e desviam o olhar como se elas pudessem fingir não perceberam a ofensa. Por sua vez, Lady Denby se desculpa, resmungando algo sobre o impedimento de sua saída.

— Felicity, que terrível o que você fez! — Eu sussurro.

— Por quê? — ela pergunta fria como ela é — Ela é uma peidona velha, afinal.

Agora que Lady Denby se foi, pessoas precipitam Ann e a senhorita. Worthington. Convites para chá, jantares, são oferecidos em abundância. A desconsideração foi esquecida.

— Eu nunca vou ser impotente de novo — Felicity disse embora eu não saiba exatamente o que ela quer dizer com isso, e ela não oferece uma explicação.

DEZENOVE

Antes de eu retornar para casa, a noite cai em Londres como um bálsamo¹⁵: lâmpadas de gás iluminam uniformemente a nebulosa escuridão. A casa está silenciosa. Vovó está jogando cartas com seus amigos. Papai está dormindo irregularmente em sua cadeira com o livro aberto no colo. Meu pai, que sofre, mesmo em seus sonhos. Os últimos fluxos da mágica correm através de mim. Eu fecho a porta e coloco minha mão sobre a sua testa. Apenas uma vez, como Felicity disse. É tudo o que necessito. Eu não estou usando o poder para um novo vestido de baile, uso para curar meu pai. Como pode isso possivelmente ser errado?

Mas como começar? Minha mãe disse que deveria concentrar-me. Tenho a certeza que quero e pretendo. Eu fecho meus olhos e deixo que meus pensamentos irem a meu pai, para curá-lo de sua aflição.

— Eu quero curar meu pai. — digo. — Eu desejo que ele nunca mais tenha desejo de láudano. Minhas mãos formigam. Algo está acontecendo. Rapidamente, como um fluxo, a magia flui através de mim para meu pai. Ele arqueia suas costas. Com os olhos ainda fechados, vejo nuvens se movendo através do céu. Vejo papai rir e saudável outra vez. Ele arrasta-me numa dança alegre, oferecendo presentes de natal para todos os empregados, que brilham de gratidão e boa vontade. Este é o pai que eu conheço. Eu não havia percebido o quanto sentia falta dele até agora. Meu rosto está molhado de lágrimas. Papai para de gemer na cadeira. Eu estou prestes a colocar minha mão sobre a dele, mas não, há uma última coisa, rápido como um truque mágico. Eu vejo o rosto de um homem, com olhos negros.

— Obrigado, pequena. — ele rosna.

E então eu estou livre.

As velas na árvore de natal queimam intensamente. Estou tremendo e suada pelo esforço. Papai está tão quieto que temo tê-lo matado.

— Pai? — digo gentilmente. Quando não acorda, sacudo-o. — Pai!

Ele pisca surpreso ao me ver tão agitada.

— Olá, querida. Cochilei certo?

— Sim. — digo, olhando para ele de perto.

Ele leva os dedos na testa.

— Que sonho estranho que tive.

— O quê, pai? Que sonho?

— Eu... Não me lembro. Bem, agora estou acordado. E de repente estou faminto. Dormir até a hora do chá? Eu vou pedir algo a nosso querido cozinheiro.

Ele atravessa a sala com um grande passo. Num momento, ouço a voz forte de meu pai e o cozinheiro rindo. Soa tão linda... E percebo que estou chorando.

— Obrigado. — digo a ninguém em particular. — Obrigado por me ajudar a curá-lo.

Quando entro na cozinha, papai está sentado numa mesa pequena, mordiscando um pato assado e apreciando o pão enquanto comenta sua aventura com o cozinheiro e a criada.

— Lá estava eu, cara a cara com a cobra maior do que você pode imaginar. Levantando como uma árvore jovem, com um pescoço tão grosso como o braço de um homem.

— Minha nossa. Disse o cozinheiro sugando cada palavra. — O que fizesse senhor?

— Eu disse, aqui agora, meu bom companheiro, você não quer me comer. Eu não sou nada, além de cartilagem. Leve meu colega, o Sr. Robbins.

— Ah, você não, senhor!

— Eu fiz!

Papai está desfrutando de sua audiência. Ele permanece para representar o resto, com uma pantomima¹⁶.

¹⁵ [N/T: balsamo – significa alívio, conforto...]

¹⁶ [N/T: pantomima – representação teatral em que a palavra é substituída por gestos e atitudes.]

— Ela foi imediatamente para o Sr. Robbins. Tive apenas um instante para agir. Quieto como um rato de igreja, eu peguei meu facão cortando a cobra um pouco antes dela lançar-se contra o Sr. Robbins e matá-lo.

A criada, uma menina mais ou menos da minha idade, suspira.

Fora não se dar conta que tem um pouco de fuligem no nariz. É encantadora.

— Estava delicioso.

Papai senta-se com um sorriso satisfeito. Estou tão feliz de vê-lo desta maneira, eu poderia ouvir suas histórias a noite toda.

— Oh, senhor, foi emocionante... As aventuras que ele teve! — O cozinheiro entrega o prato para criada. — Toma. Leve-a ao Sr. Kartik para mim.

— Kartik? — digo, me sentindo prestes a desmaiar.

— Sim. — disse alegremente. — Kartik, nosso novo cocheiro.

— Eu vou, se você não se importa. — digo pegando o prato da criada, que me olha bastante decepcionada.

— Eu gostaria de conhecer o Sr. Kartik.

Antes que alguém pudesse objetivar. Faço meu caminho pelo os estábulos, passo por uma criada coberta de fuligem e uma lavadeira cansada, com as mãos pressionadas nas costas. Há famílias inteiras que vivem em quartos acima dos estábulos. É difícil de imaginar. O cheiro me faz cobrir o nariz com a mão. A casa do cocheiro é a quarta abaixo, à direita. Um criado cuida de dois cavalos de meu pai. Quando o rapaz me vê, tira o chapéu.

— Eu estou procurando o Sr. Kartik. — digo.

— É ali, senhorita, do lado da carruagem.

Dou a volta pela carruagem, e ali esta, limpo-a com um pano.

Foi lhe dado um uniforme adequado, calças, sapatos, um colete listrado, uma camisa fina e um chapéu. Ele tem os cabelos penteados. Parece realmente um cavalheiro. Fico sem fôlego. Limpo minha garganta. Ele se vira e vê-me. Um sorriso travesso ilumina seu rosto.

— Olá, como está? — digo formalmente para o benefício dos criados, que estão agora nos vigiando.

Kartik segue-me.

— Boa tarde, senhorita?

— Willie! — ele chama um menino.

— Sim, Sr. Kartik?

— Seja um bom menino e façamos um passeio com Ginger. Você vai?

O garoto guia o cavalo marrom pra fora do estábulo.

— E o meu terno novo? — Kartik pergunta.

— Você não acha que é bastante arriscado aceitar o trabalho de cocheiro? Sussurro.

— Eu disse que estaria próximo.

— Sim, disse. Como você conseguiu?

— Os Rakshana têm suas maneiras.

Os Rakshana, é claro. Tudo está silencioso. Eu ouço Ginger soprando suavemente do outro lado dos estábulos.

— Bem. — digo.

— Bem. — repetiu Kartik. — Aqui estamos.

— Sim. Foi bom você ter vindo me ver. Você parece bem.

Deveria agradecê-lo pela gentileza.

— Eu trouxe o jantar. — digo oferecendo o prato.

— Obrigado. — diz ele, pegando mais um banquinho para mim e removendo o volume de A Odisséia que estava em cima. Ele se apóia sobre a carruagem.

— Suponho que Emily não está vindo então.

— Quem é Emily? — pergunto.

— A criada. Ela me trás o jantar. Parece-me uma menina muito agradável.

Minhas bochechas avermelham.

— E você diz isso, depois de conhecê-la apenas uns dias?

— Sim. — ele diz, descascando a casca de uma laranja provavelmente colocada pela adorável Emily. Pergunto-me se poderia Kartik pensar em mim como uma garota normal, alguém que esperar por muito tempo, e que considera agradável.

— Você tem alguma notícia do Templo? — diz ele sem olhar para cima.

— Nós visitamos hoje um lugar chamado a Floresta das Luzes. Conheci uma criatura chamada Philon. Ele não sabe onde encontrar o Templo, mas ofereceu ajuda.

— Que tipo de ajuda?

— Armas. — Kartik estreita os olhos. — Ele crer que você precisa delas?

— Sim. Philon nos deu setas mágicas. Eu não sei usá-los, mas Feli... Senhorita Worthington é hábil o suficiente. Ela...

— O que ele pediu em troca? — Kartik olha-me nos olhos.

— Compartilhar a magia quando encontrarmos o Templo.

— Você se recusou, é claro. — Quando não respondo, Kartik joga a laranja no prato com desgosto.

— Você fez uma aliança com as criaturas dos reinos?

— Eu nunca disse isso! — eu grito. É verdade, mas também é uma mentira. — Se não gostou. Se não gosta, porque não vai você mesmo?

— Você sabe que não posso entrar nos reinos.

— Então suponho que terá que confiar que estou fazendo tudo que posso.

— Eu confio em você. — responde com a voz baixa.

Os pequenos sons da noite nos cercam pequenas criaturas correndo aqui e ali, à procura de alimento e calor.

— Sabia que os Rakshana e a Ordem eram amantes? — eu pergunto.

— Não. Não sabia. — diz Kartik após alguns segundos de dúvida. — Que... Interessante.

— Sim, pois é.

Ele pega uma laranja e me oferece um pedaço.

— Obrigada. — digo eu, tendo o fruto nos dedos e levando-o a boca. É muito doce.

— Você é bem-vinda. — ele me dá um pequeno sorriso. Nós nos sentamos por um momento, saboreando a laranja.

— Já alguma vez...?

— O que?

— Eu queria saber se você já viu Amar lá nos reinos?

— Não. — eu digo. — Eu nunca vi.

Kartik faz um gesto de alívio.

— Então, ele deve ter cruzado. Hein?

— Sim, eu suponho.

— Como são os reinos? — ele pergunta.

— Uma parte é linda, tão linda que você nunca quer sair. No jardim, você pode transformar as pedras em borboletas ou um lindo vestido de prata que canta... Ou no que quiser. — Kartik sorri. Continuo. — Há um barco, como um navio viking com uma cabeça de Górgona. Ele levou-nos através de um fluxo de água de ouro, que nos deixou com glitter dourado em toda a pele.

— Como o ouro de seus cabelos?

— Mais ou menos. — digo, corando, pois a maioria ao contrário de Kartik não percebe nada sobre mim.

— Há algumas partes que não são tão agradáveis. Criaturas estranhas, coisas horríveis. Suponho que é por isso que devo prender a magia, de modo que eles não possam usá-la.

O sorriso dele desaparece.

— Sim, suponho que sim, senhorita Doyle.

— Sim?

— Você acha que...? Quero dizer que se você tivesse que ficar lá nos reinos, uma vez que você encontre o Templo?

— O que você quer dizer?

Kartik passa seus dedos onde o suco de laranja tornou-se esbranquiçada.

— Parece um bom lugar para se esconder.

— Por que você diz isso?

— Quero dizer para viver. Um bom lugar para viver, não acha?

Às vezes não entendo Kartik. Uma vela lança sua luz sobre a palha e ilumina a sujeira que está em nossos pés. Uma criada aparece do nada, um olhar de espanto no rosto.

— Perdão, senhorita. Eu esqueci de trazer o café para o Sr. Kartik.

— Já vou indo. — digo, levantando-me em pé. Eu suponho que esta é Emily. — Muito obrigada, muito informativa, ah, instrução sobre...

— Segurança de transporte?

— Sim. Uma garota não é suficientemente cuidadosa com estas coisas. Que tenha uma boa noite. — digo.

— Boa Noite. — ele responde.

Emily parece não ter nenhuma intenção de sair. Enquanto caminho à frente dos cavalos, ouço rindo gentilmente, como uma criança por algo que disse Kartik. Ginger bufa.

— É rude encarar. — digo, antes de correr para o meu quarto para que ninguém me visse triste e desanimada.

A caixa de Simon está em uma mesa ao lado da minha cama. Abro o fundo falso e vejo um frasco marrom escondido ali.

— Ele nunca mais irá necessitar. — E deslizo a caixa num canto de meu armário, onde se perde entre as saias e a barra dos vestidos.

Da janela vejo as luzes do estábulo e da casa do nosso cocheiro. Vejo Emily voltando do celeiro com a vela na mão. A luz ilumina seu rosto quando vira para sorrir para Kartik, que está acenando com a mão. Ele olha para cima e desaparece rapidamente da vista, desligo imediatamente a minha lâmpada.

A sala está mergulhada na escuridão. Por que eu deveria me importar se Kartik goste de Emily? O que devemos uns aos outros, além de uma obrigação? Eu acho que é o que me incomoda. Oh, eu deveria esquecer este assunto sobre Kartik. É estúpido.

Amanhã é um novo dia, 17 de dezembro. Jantar com Simon Middleton. Vou fazer o meu melhor para agradar sua mãe e tudo vai dar certo. Antes de tudo tenho que encontrar o Templo, mas por essa noite, uma noite gloriosa e despreocupada... Tenho a intenção de usar um elegante vestido de festa e desfrutar da companhia de Simon Middleton.

— Como está Sr. Middleton? — digo para o ar. — Não. — respondo, abaixando a minha voz. — Como está você, senhorita Doyle? Uau, está absolutamente esplêndida.

A dor me sufoca. Não posso respirar. Deus! Eu não posso respirar! Não, não, não, por favor, deixe-me sozinha, por favor! Não é bom. Algo na maré me empurra e escorrego para o fundo... É uma visão. Eu não vou abrir os olhos. Eu sei que elas estão lá. Eu posso sentir. Eu posso ouvir.

— Venha conosco. — sussurram.

Abro um olho, depois o outro. Lá estão elas, as três meninas fantasmas. Elas parecem tão perdidas, tão tristes, a pele tão pálida e as sombras escuras em seus rostos.

— Temos alguma coisa para mostrar...

Um delas coloca a mão no meu ombro. Fico tensa e penso na visão. Eu não sei onde estamos. Parece um castelo, uma fortaleza em ruínas. Musgo verde cresce sobre as pedras. Risos brilhantes flutuam para fora, e apesar da altura e os arcos das janelas, vejo flashes brancos. As meninas estão jogando. Não são quaisquer meninas, são as meninas de branco.

São encantadoras! Tão radiantes, alegres e vivas!

— Leve-me se você puder! — grita uma, e meu coração dói.

Esse era o jogo que minha mãe jogava comigo quando era criança. As outras duas meninas saltaram de trás de uma parede, apavoradas. Elas riem.

— Eleanor! — chamam-a as três. — Onde você está? É hora! Nós teremos o poder, nos foi prometido.

Elas correm em direção ao precipício, onde o mar bate com fúria. As meninas caminham pelas pedras balançando contra o céu cinzento, como estátuas gregas que ganharam vida. Elas estão rindo, tão felizes, tão felizes...

— Venha, mas não tão lentamente! — ri contente a quarta menina.

Eu não consigo vê muito bem, mas vejo uma mulher com capa verde escura se aproximando, eu posso ver como o vento empurra longe as mangas largas. A mulher toma a mão da menina que é deixado para trás.

— É a hora? — gritam as outras.

— Sim. — Responde a mulher com capa verde escura.

Ela segura a mão da menina junto à dela. Fecha os olhos e levanta as mãos em direção ao mar. Esta murmurando alguma coisa. Não. Está invocando algo! Eu estou apavorada e me sinto doente, é algo que emerge do mar, e ela está chamando! As meninas gritam de terror, mas a mulher de olhos verde não abre os olhos. Não pára.

Por que me mostrar isso? Eu quero sair! Devo ficar longe dessa coisa, o seu terror. Estou de volta no meu quarto. As meninas planejam cercar-me onde estou. Suas botas pontiagudas movem pelo chão: raspa, raspa, raspa. Acho que vou enlouquecer.

— Por quê? — suspiro, tentando não vomitar. — Por quê?

— Ela mente. — sussurram. — Ela confessou ter a... Não confie nela... Não confie nela...

— Quem? — suspiro, mas elas se foram.

A pressão me deixa. Eu me esforço para respirar, meus olhos se encheram de lágrimas escorrendo pelo meu nariz. Eu não agüento essas visões horríveis, e não entendo. Não confie em quem? Por que não devo confiar nela?

Mas havia algo diferente nessa visão, um detalhe que me lembro agora. Alguma coisa na mão da mulher. Ela usava um anel de algum tipo, algo incomum. Eu preciso de um momento, me estico no chão para recuperar a consciência e então eu acho que sei o que era.

O anel da mulher tinha a forma de duas serpentes entrelaçadas.

Eu vi esse anel antes. Na mala debaixo da cama da senhorita McCleethy.

VINTE

— Gemma, não jogue muito seu cabelo. — Vovó estala a língua em sinal de desaprovação de seu lugar na carruagem.

— Oh! — digo. Estou tão preocupada com meus pensamentos que não me dou conta que estava dando voltas ao redor de meu dedo com uma pequena mecha de cabelo. Durante o dia todo tenho pensando na visão da noite passada e seu significado. Uma mulher com um anel de cobras. A senhorita McCleethy tem um anel de cobras. Mas, que ligação poder haver entre a mulher de capa e as meninas? Essas visões não têm sentido. Quem são essas meninas e porque necessitam da minha ajuda? O que tentam dizer-me? Devo afastar esses pensamentos por agora.

Tenho uma festa para me preparar e devo pensar em como agradar Lady Denby. Isso é mais assustador do que qualquer outra visão que possa conjurar.

Quando chegamos à casa de Simon, vejo que existem mais três carruagens. É uma casa magnífica. Através do caminho, Hyde Park é uma mancha escura, perdido na neblina incandescente de luminárias que lançam auréolas¹⁷ no nevoeiro e faz-nos parecer mais brilhantes do que somos com ajuda do céu. Kartik pega minha mão para me ajudar a descer. Piso em cima da borda de meu vestido e caio sobre ele. Agarra-me pela cintura e por um segundo, eu sinto que estou em seus braços.

— Segure-se aqui, senhorita. — diz ele, me ajudando a levantar.

O velho Potts nunca teria conseguido pegar-me. Papai zomba de Tom. Viro-me e vejo Kartik olhando para mim, vestida com meu vestido azul e casaco de veludo, como alguém completamente diferente, uma estranha para ele. Papai pega meu braço e me leva até a porta. Barba feita, com uma gravata branca e luvas, assim que me lembro dele.

— Você está muito bonito, pai. — digo. Seus olhos brilham novamente.

— Fumo e charutos. — diz ele com uma piscadela.

Fumo e charutos. Esse é meu medo. Quanto tempo dura a magia? Não, não irei me preocupar com isso agora. Funcionou, e ele é o meu querido pai novamente e, por agora, eu vou jantar com um belo rapaz que por alguma razão, acho muito interessante.

Somos recebidos por um grande número de criados com uniformes muito enrustidos. Para que existe um criado para cada tarefa. Vovó esta ereta e toda animada. Se estivesse um pouco mais reta, quebraria a espinha. Eles nos levam a um grande salão. Simon está em pé perto do fogo, imerso em uma conversa com dois senhores. Ele me oferece um sorriso predatório. Imediatamente retribuo o olhar a distância, como se tivesse acabado de descobrir o papel de parede e estivesse fascinada além do normal, embora o meu coração bata em um novo ritmo: ele gosta de mim, gosta de mim, gosta de mim. Eu tenho pouco tempo para derreter-me. Lady Denby aparece na sala fazendo as apresentações, enquanto sua saia se eleva a cada passo. Cumprimenta calorosamente um cavalheiro, mas ela é muito fria com sua esposa. Se Lady Denby gosta de você, está estabelecido para a vida. Se ela te achar inadequado, todos te evitarão.

Minha língua adere ao céu da boca. Eu não consigo engolir. Ele olha para cima e para baixo, enquanto vem na minha direção. Simon aproxima-se um instante.

— Mãe, deixe-me apresentar o Sr. John Doyle, sua mãe, Sra. William Doyle, e o Sr. Thomas Doyle, e a Srta. Gemma Doyle. Thomas é um amigo de meus dias em Eton. Ele é atualmente assistente na clínica do Dr. Smith no Hospital Bedlam.

Sua mãe se dirigiu imediatamente a Tom.

— Bem, o Dr. Smith é um velho amigo. Diga-me, é verdade que um paciente havia sido um membro do Parlamento? — pergunta ela, esperando por uma fofoca.

— Senhora, se você tirar os lunáticos do Parlamento Europeu, o Parlamento não existiria. — brinca papai, esquecendo-se que o pai de Simon é um dos seus membros. Eu quero morrer. Surpreendentemente, Lady Denby ri.

¹⁷ [N/T: auréolas – espécie de círculos luminosos.]

— Oh, Sr. Doyle! Você é muito inteligente.

Aliviada suspiro, o que eu espero que ninguém ouça. O mordomo anuncia o jantar. Lady Denby une seus convidados como se fosse um experimento militar que traz as suas tropas para a batalha. Eu faço o meu melhor para lembrar de tudo que a Sra. Nightwing me ensinou sobre boas maneiras. Estou morrendo de medo de cometer alguma gafe horrível e envergonhar minha família.

— Vamos?

Simon oferece-me o braço e eu sigo-o. Eu nunca peguei no braço de um homem que não seja um parente de sangue. Mantemos entre nós uma distância respeitável, mas isso não o impede de sentar ao meu lado. Após a sopa, serviram carne de porco. Olho a carne de porco em uma bandeja com uma maçã na boca, perco o apetite. Enquanto todos conversam sobre suas propriedades, caça a raposa e como é difícil encontra bons serviçais, Simon sussurra:

— Eu ouvi que este era um porco muito feio. Sempre reclamando. Ele nunca teve uma palavra agradável para ninguém. Uma vez mordeu um pato. Eu não me sentiria culpado se você comê-lo.
— sorri.

A voz de Lady Denby rompe o momento.

— Senhorita Doyle, seu rosto parece familiar.

— Eu... Eu era uma convidada da senhorita Worthington no Alexandra ontem para ouvir cantar a senhorita Bradshaw.

— Senhorita Bradshaw cantou? — Tom tem o prazer de ouvir sobre a ascensão social de Ann.

— Que encantador!

Meus olhos se encontram com os de Lady Denby.

— Sim, esta é uma pergunta estranha. Sr. Middleton. — diz ao seu marido. — Você conhece o Duque de Chesterfield?

— Eu não posso dizer o que ele fez, a menos que seja um companheiro de caça. — Lady Denby morde seus lábios como se estivesse pensando algo, então diz:

— Eu ouvi que você está em Spence?

— Sim, senhora Denby. — eu digo nervosa.

— O que me conta?

Ela pergunta ao pegar algumas batatas cozidas. Eu me sinto como um inseto sob o intenso foco do microscópio.

— É uma escola muito boa. — digo, evitando seu olhar.

— Claro, tinha uma boa governanta inglesa na Índia. — Intervém vovó com medo dos inconvenientes sociais. — Tinha medo de mandá-la longe de casa, mas garanto-te que Spence é uma boa escola.

— O que você acha senhorita Doyle? Está inclinada a acreditar que as jovens devem ser ensinadas latim e grego estes dias?

Solicita Lady Denby. Não é uma pergunta inocente. Está me testado, tenho certeza.

Eu respiro profundamente.

— Eu acho que a aprendizagem é tão importante para as filhas como para os filhos. Além disso, como podemos ser boas esposas e mães?

É a resposta mais segura que posso encontrar. Lady Denby sorri calorosamente.

— Eu concordo absolutamente, senhorita Doyle. Que menina mais sensível que você é!

Respiro um pouco aliviada.

— Agora entendo por meu menino está encantado. — Anunciou Lorde Denby.

Fico corada, e percebo que não posso olhar para ninguém.

Tenho que lutar para que um sorriso bobo não apareça em meu rosto. Só tenho um pensamento em minha cabeça tonta: Simon Middleton, um cara tão perfeito, se interessa pela estranha e desagradável Gemma Doyle... Ouve risos entre os convidados.

— Não há. Você já teve. — Salta um cavalheiro de bigode. — Agora você não vai querer voltar.

— Oh, realmente, Sr. Conrad. — repreende Lady Denby, jogando.

Não entendo por que Felicity pensa tão mal de Lady Denby. Parece muito boa para mim, e eu gosto.

Noite passada foi como um sonho feliz. Eu não me senti tão feliz e em paz desde que mamãe morreu. Ver meu pai de volta à vida... É o céu, e depois de tudo estou feliz com essa força estranha e bela. Durante o jantar, ele é tão charmoso quanto costumava ser, e diverte Lady Denby e Simon com suas histórias da Índia. O rosto de vovó, geralmente marcado de preocupação, é hoje tranqüilo, e Tom é quase agradável, se tal coisa pode ser dito sobre ele. Claro, ele acredita que papai tenha se curado. Pela primeira vez, eu estou com vontade de contradizê-lo. Significa muito para mim, ver minha família desfrutar de uns aos outros. Quero preservar essa bolha de felicidade ao longo do tempo, esse sentimento que de pertença a algum lugar. Que sou amada. Quero que esta noite dure para sempre. O assunto da conversa muda de tópico para o Hospital Bedlam. Tom está entretido com contos da sua missão ali.

— Ele insistiu que era o Imperador de West Sussex e, como tal, necessita de uma ração extra de carne. Quando eu recusei, ele prometeu que eu ia ser decapitado.

— Minha nossa! — ri Lady Denby.

— É melhor manter sua mente jovem. Você não quer acordar sem cabeça. — diz o pai de Simon.

Tem os olhos azuis igual a seu filho.

— Ou será que, se for o caso, seria uma melhoria, meu querido amigo? — Simon provoca Tom, que é o agressor.

— Oh, oh! Touché!

— Bem, pelo momento meu filho deve manter a cabeça no lugar. — diz papai, com um ar bastante sério. — Eu paguei muito pelo seu novo chapéu, não quero devolvê-lo.

Todo mundo explode em gargalhadas.

Vovó fala.

— É verdade que Bethlem tem bailes públicos quinzenalmente, Lady Denby?

— Sim, certamente. É sempre rejuvenescedor para eles estar entre o público e recordar sutilezas sociais. Meu marido e eu temos ido várias vezes. Haverá outro baile em uma semana. Devem vir como nossos convidados.

— Estaremos encantados. — diz vovó, respondendo por todos nós, como de costume.

Meu rosto está doendo do esforço para manter uma expressão agradável o tempo todo. É hora de colocar as luvas novamente? Devo comer o último pedaço da minha sobremesa, como gostaria, ou deixando metade para mostrar meu apetite delicado? Eu não quero cometer um erro, não esta noite.

— Oh, conte uma outra história. — Lady Denby implora para Tom.

— Sim, vamos. — diz Simon. — Se não, vou ter de falar quando eu olhei nos olhos de um faisão infeliz no campo, e todos se aborrecerão.

Simon olha-me novamente. Percebo que gosta de olhar para minha reação. Gosto de ser cortejada. É como uma sensação de poder.

— Ah, vamos ver... — Tom diz pensativo. — Estava o Sr. Whaltham, que alegou que ele poderia ouvir o que estava acontecendo em cada casa ao longo de seu percurso, que cada pedra falou com ele. Estou feliz em dizer que já foi curado e lhe dado alta no mês passado.

— Bravo! — exclamou o pai do Simon. — Não há nada que a ciência e o homem possam descobrir de uma vez.

— Exatamente. — diz Tom, emocionado ao encontrar um amigo em um corpo de grande prestígio.

— Que mais? — pede uma mulher em um vestido de seda cor de pêssego.

— Há a Sra. Sommers, que parece achar que sua vida é um sonho e vê espíritos em seu quarto durante a noite.

— Pobre mulher. — diz vovó.

Essas histórias estão levando a minha felicidade. Que pensariam meus companheiros de jantar, se soubessem que tenho visões e visito outros reinos?

Tom continua.

— Tem Nell Hawkins, de dezenove anos. Diagnosticada como um caso de mania aguda, enquanto fora de casa, na escola.

— Está vendo? — disse o senhor de bigode, movendo os dedos. — A constituição feminina não pode suportar os rigores da educação formal. Nada de bom pode vir disso.

— Oh, Sr. Conrad. — adverte sua esposa. — Continue Sr. Doyle.

— Nell Hawkins sofre alucinações. — diz Tom.

Papai se junta.

— Ela pensa que é Joana d'Arc, certo?

— Não, esse é o senhor Sr. Jernigan, da sala MiB. A Senhorita Hawkins é única. Ela tem a ilusão de que é parte de uma espécie de seita mística chamada a Ordem.

Ouvindo isso, a sala parece estreita. Meu coração dispara. De longe eu ouço alguém perguntar:

— A Ordem?

— Sim. Ela diz que conhece os segredos de um lugar chamado os reinos, e que uma mulher chamada Circe quer todo o poder. Ela própria diz que enlouqueceu tentando manter sua mente limpa e longe da compreensão de Circe. — Tom balança a cabeça. — Um caso muito difícil.

— Eu concordo com você, Sr. Conrad, a educação formal demais não é boa para nossas filhas. E este é o preço. Estou muito feliz que Spence é tão cuidadosa com a formação das jovens senhoras.

— Vovó coloca um pedaço muito grande de creme de chocolate na boca.

Meu corpo todo treme. Quero sair correndo da mesa. Em algum lugar no Hospital de Bethlem existe uma menina que poderia me dizer tudo que eu preciso saber, e devo encontrar uma maneira de chegar até ela.

— O que pode ser feito neste caso? — pergunta o Sr. Conrad.

— Encontrar algum conforto na poesia. Os enfermeiros irão ler quando puderem.

— Talvez eu pudesse ler poesia? — Ofereço, esperando não soar tão desesperada como me sinto. Faria qualquer coisa para ver aquela garota. — Ela pode encontrar alívio conversando com uma menina de sua idade.

O pai de Simon brinda.

— A nossa senhorita Doyle, uma alma muito gentil.

— Ela é nosso anjo. — diz papai.

Não, eu não sou. Sou uma garota horrível por decepcioná-los tanto, mas eu tenho que ver Nell Hawkins.

— Muito bem, então. — diz Tom. — Irei levá-la amanhã à tarde.

VINTE E UM

Uma vez acabada a sobremesa, os homens se preparam para sair do salão para conversar, com uma bebida e um charuto na mão. As mulheres, entretanto, se dirigiram a outra sala para apreciar o chá e a conversa.

— Mãe, eu acho que a senhorita Doyle poderia estar interessada no retrato do vovô. — Simon aponta, nos prendendo no meio do caminho.

É a primeira vez que ouço falar do tal retrato.

— Sim, claro. Todos deveríamos vê-lo — diz lady Denby.

A cara de Simon o delata.

— Mas mãe, você sabe que na biblioteca tem muita umidade. Eu não gostaria de perturbá-los os afastando da lareira.

— Não se preocupe. Iremos bem agasalhadas. Foi pintado por um retratista renomado de Cotswold.

Eu não sei o que acabou de acontecer, mas minha intuição diz que Simon perdeu a batalha.

— Aqui está.

Lady Denby assinala uma sala espaçosa, dominada por uma pintura grande como uma porta. É uma obra que mostra um cavalheiro distinto montado a cavalo. Veste um colete vermelho e toda parafernália necessária para um dia de caça. A seus pés há dois cães obedientes. Simon assente com a cabeça enquanto o observa.

— Senhorita Doyle, te apresento meu avô, Cornelius George Basil Middleton, o visconde de Denby.

Vovó beira ao ridículo ao mostrar um interesse excessivo pelo quadro, apesar de seus conhecimentos de arte caber num alfinete. Mas consegue seu objetivo: lisonjear lady Denby. Agora se dirige a uma peça de arte que se exhibe sobre um tapete, obrigando um servo a se afastar e abandonar o seu trabalho de limpeza.

— Que pintura bonita! — digo para manter a aparência.

Simon levanta as sobranceiras.

— Se por bonita você entende uma pintura recarregada, estúpida e grotesca, então, aceito o elogio. Reprimos uma risada.

— Bom, os cães estão pelo menos.

Simon vem para perto de mim novamente e eu sinto uma espécie de corrente de novo. Ele inclina a cabeça como se estivesse levando em consideração meu comentário.

— Sim, de fato talvez pudéssemos considerá-los o melhor do quadro.

Seus olhos são tão azuis e seu sorriso tão quente... Só nos separam alguns centímetros. De lado, vejo como o resto das visitas se movem pela sala.

— Quanto você já leu? — pergunto enquanto me aproximo das prateleiras, como se me interessassem muitíssimo.

— Não muitos — admite Simon —. Tenho muitos outros hobbies e responsabilidades que roubam meu tempo. É meu dever me encarregar dos negócios da família, já sabe.

— Sim, claro — digo, e continuo andando pela sala.

— Você vai ao baile do almirante e da senhora Worthington?

— Sim — eu digo enquanto me aproximo da janela com vista para a rua.

— Eu também.

Surpreende-me. De novo estamos um ao lado do outro.

— Que bom! — digo nervosa.

— Talvez, poderia me reservar uma dança — pede timidamente

— Sim — respondo, sorrindo —. Talvez poderia.

— Vejo que esta noite não usa seu colar.

Eu levo as mãos ao pescoço nu.

— Você havia notado ele?

Vendo sua mãe distraída, aproveita para sussurrar algo em meu ouvido:

— Eu tinha reparado em seu colo e por isso vi o colar. É estranho.

— Era da minha mãe — digo, ainda corada pelo elogio —. Ela ganhou de uma mulher em uma Rua da Índia. Uma espécie de proteção. Mas eu temo que não lhe serviu muito.

— Talvez não sirva para proteger — responde Simon.

Nunca havia pensado nisso. E para que mais poderia servir?

— Qual sua cor favorita? — pergunta Simon.

— Lilás — Eu digo — Porque a pergunta?

— Por nada — responde com um sorriso — Acho que deveríamos convidar seu irmão ao clube. Parece um bom menino.

“Há”

— Estou certo de que ele adoraria ir.

Tom saltaria através de arcos de fogo para poder ir a um clube tão popular como o de Simon.

Este me olha por um momento.

— Você não é como as outras garotas que minha mãe me tem apresentado.

— Ah, não? — respondo desesperada para saber em que sou diferente.

— Há algo de aventura em você. É como se guardasse um monte de segredos que quero descobrir. Lady Denby nos vê juntos na janela. De repente, vejo algo que me interessa muitíssimo, um exemplar de *Moby Dick* que está sobre a mesinha mais próxima. Ao abri-lo, a capa range, como se eu fosse a primeira pessoa que toca o livro.

— É possível que não lhe interesse descobri-los.

— Como você sabe? — pergunta Simon, acariciando uma figura de cerâmica que representa dois cupidos —. Vamos tentar.

O que posso dizer? Que sofro das mesmas alucinações que a pobre Nell Hawkins e que não são alucinações?

Que temo estar a um passo do hospício? Seria maravilhoso poder confiar em Simon e ouvi-lo dizer: "Está vendo? Não era tão horrível e você não está louca. Eu acredito em você. Estou do seu lado".

É melhor jogar em outro sentido.

— Tenho um terceiro olho — digo, misteriosamente —. Sou descendente de Atalanta. E minhas maneiras na mesa são pouco apresentáveis.

Simon assente

— Eu suspeitava. Por isso havíamos decidido pedir-lhe que a partir de agora passasse a comer no celeiro. Só por precaução. Eu suponho que você não se importará?

— Claro que não. — Fecho o livro e me viro —. E você senhor Middleton, que terríveis segredos guarda?

— Além de ser um jogador problema, um ladrão e um perverso... — Ele se coloca atrás de mim —. A verdade?

Meu coração vai explodir.

— Sim — digo, virando-me para ele —. A verdade.

Ele olha nos meus olhos.

— Sou terrivelmente tedioso.

— Isso não é verdade — digo enquanto me afasto um pouco e olho o resto das prateleiras.

— Eu temo que seja verdade. Só tenho que encontrar uma mulher adequada com uma fortuna adequada e criar uma família que perpetue o sobrenome. É o que se espera de mim. Meus desejos não contam. Desculpe, estou sendo muito sincero. Não tem porque escutar essas coisas.

— Não, de verdade. Eu gosto que me conte. E a verdade é que me sinto feliz de ouvi-lo dizer isso

— Vamos nos retirar para a sala? — pergunta lady Denby.

Com um olhar, indica a todas as senhoras. Nós as seguimos lentamente.

— Sua flor está caindo, senhorita Doyle.

A rosa que levo em meu cabelo escorrega para meu pescoço. Vou pega-la justo quando ele tenta. Nossos dedos se tocam por um momento.

– Obrigado – digo, vermelha como um tomate.

– Me permite?

Cuidadosamente, Simon coloca de novo a flor atrás da minha orelha. Deveria impedi-lo ou pensará que sou muito permissiva. Mas não sei o que dizer.

Lembro-me em seguida que Simon tem dezenove anos, três a mais que eu. Ele sabe coisas que eu não sei.

Ouçó uma pancada na janela, e outra e outra.

– Quem está jogando pedras? – pergunta Simon na escuridão da noite.

Abre a janela. Entra uma onda de ar frio que me deixa arrepiada. Não se vê nada abaixo.

– Devo ir com as senhoras. Vovó deve estar preocupada.

Dou a volta repentinamente e passo ao lado do servo, que não afasta sua vista da frente.

É quase meia-noite quando nos despedimos e saímos à rua, iluminada só pelas estrelas e a esperança. A noite foi um pouco selvagem para mim. Primeiro o bom Simon, sua família, o calor que me mostraram, ver meu pai recuperado... Depois, as notícias sobre Nell Hawkins em Bedlam, a ilusão de que ela pode me dar a chave para acessar o Templo e a Circe. E finalmente a história curiosa das pedras lançadas contra a janela. Ao chegar o transporte, noto Kartik desconfortável.

– Uma noite agradável senhora?

– Sim, muito agradável, obrigado – respondo.

– Eu imaginei que sim – murmura, me ajudando a subir ao coche com talvez um pouco mais de coragem. O que acontece?

Uma vez que estão todos na cama, em casa, visto de novo o casaco e atravesso o campo frio e escuro para chegar aos estúbulos. Encontro Kartik lendo a *Odisséia* e tomando uma xícara de chá quente. Não está sozinho. Emily está com ele e escuta como lê.

– Boa noite – digo, enquanto me aproximo.

– Boa noite – responde, e se levanta. Emily parece atordoada.

– Oh, senhora... Eu só estava... Só...

– Emily, eu gostaria de discutir algumas coisas com o Sr. Kartik. Se nos permite...

Como um foguete, Emily sai correndo em direção a casa.

– O que você quis dizer com aquele comentário de hoje?

– Só perguntei se havia passado uma boa noite. Com o senhor Muddleton.

– Muddleton – Eu corriji – . É um cavalheiro, você sabe.

– Parece um pingüim.

– Te agradeceria se não o insultasse. Você não sabe nada dele.

– Eu não gosto da maneira como te olha. Ele pensa que você é um pedaço de fruta madura.

– Não é verdade. Espera um minuto, como você sabe como ele me olha? Você tem estado me espiando?

Pego, Kartik esconde o nariz no livro.

– Ele te olhou assim na biblioteca.

– Foi você quem atirou as pedras contra a janela!

Kartik se levantou de um salto e o livro cai no chão.

– Você permitiu lhe tocar o cabelo!

É verdade. Não foi muito digno da minha parte. Estou envergonhada, mas não posso permitir que Kartik se intrometa na minha vida.

– Lamento que não possa deixar de sentir pena de si mesmo.

– Não sinto pena de mim.

– Bem, boa noite.

– Espera. – Kartik vem atrás de mim. Estou suando. Não é muito próprio de senhoritas, mas é assim – . Desculpe. Prometo me comportar corretamente de agora em diante – disse. Ele cai de

joelhos com ar dramático, pega uma pedra e a sujeita sobre seu pescoço — . Eu te suplico senhorita Doyle. Diga que me perdoa ou terei que me matar aqui mesmo.

— Oh, vamos lá! — digo, rindo para meu pesar — . Tom tem uma paciente em Bedlam. Chama-se Nell Hawkins. Disse que sofre alucinações.

— Por isso deve estar trancada no hospício, eu acho — Sorri ironicamente. Como não continuo falando, ele corrigi seu comportamento — . Desculpe. Prossiga.

— Garante que é membro da Ordem, e que uma mulher chamada Circe tenta encontrá-la. Disse que ficou louca para evitar que Circe a encontre.

O sorriso desapareceu.

— Você deve ir ver Nell Hawkins.

— Sim, já está arranjado. Amanhã, por volta do meio-dia, irei ler poesia para Nell Hawkins e tentarei descobrir onde se acha o Templo. Realmente me olhava dessa maneira?

— Como?

— Como se eu fosse uma fruta madura...

— Você deve ter cuidado com ele — diz Kartik.

Está com ciúmes! Kartik está com ciúmes e Simon me vê... Apetitosa. Sinto-me satisfeita.

E confundida. Mas sobre tudo satisfeita.

— Sou capaz de cuidar de mim mesma — digo.

Viro de repente, e me choco com a parede batendo minha testa de maneira absurda.

VINTE E DOIS

No dia seguinte, vestida com uma roupa de flanela e um modesto chapéu, vou ao hospital Real de Bedlam. O edifício é impressionante. A fachada tem um pórtico¹⁸ sustentado por seis colunas brancas, e uma cúpula com janelas culmina a construção. Espero que Tom não sinta o ritmo inquieto do meu coração. Com sorte, a senhorita Hawkins me resolverá o mistério do Templo.

— Você está apresentável, Gemma. Uma pena o roxo na testa — Tom diz com tom zombador. — Como você fez isso?

— Não é nada — respondo, tentando cobrir o roxo com o chapéu.

— Não se preocupe. Você ainda assim será a menina mais bonita de Bethlem — diz Tom.

É sempre encantador saber que você é a mais bonita de todo um grupo de lunáticos. Pelo menos a mim me surpreende. Pobre Tom. Ele o faz com boa intenção; está se mostrando mais simpático comigo desde que Simon se interessou por mim. É como se eu voltasse a ficar visível para ele. Ou pelo menos para seu pensamento.

Eu decido desculpá-lo e responder educadamente:

— Obrigado. Eu gostaria de ver a senhorita Hawkins.

— Não se iluda, Gemma. Ela está torturada por sua mente. Diz e faz coisas estranhíssimas. Você não está habituada a este tipo de cenas. Eu te digo que se prepare.

"Se você soubesse as coisas que cheguei a ver, irmão..."

— Sim. Obrigado. Levarei a sério sua advertência.

Caminhamos por um longo corredor, com janelas e portas à esquerda. Penduradas no teto estão algumas plantas que fornecem alguma luz e alegria ao lugar. Não sei o que me esperava, mas a verdade é que não imaginava que o hospício seria assim. Seu eu não tivesse certeza de onde estou, pensaria que estou acessando a um desses clubes tão exclusivos de Londres. As enfermeiras nos adiantam com calma, com seus chapéis¹⁹ na cabeça, brancos como merengue. Tom me leva a uma sala forrada em madeira e ocupada por muitas mulheres costurando. Uma das mais velhas, ligeiramente fora, se concentra em tocar piano, cantarolando uma musiquinha infantil e cantando com um tom doce mais perturbado. Em um canto há uma gaiola com um lindo papagaio. A ave fala:

— Como estamos? Como estamos?

— Você tem um papagaio? — sussurro.

Tento manter a compostura, como se visitasse hospícios todos os dias.

— Sim. Chama-se Cassandra. É a mais tagarela da sala. Repete as palavras soltas dos pacientes. Botânica, navegação, frases sem sentido. Em breve teremos que curá-la.

Como que para confirmar, Cassandra diz:

— Eu sou um grande poeta. Eu sou um grande poeta.

Tom assente.

— Um dos nossos pacientes, o Sr. Osborne, pensa que é um poeta de renome. Ele está muito zangado porque nós o mantemos aqui trancado, assim, escreve diariamente cartas de protesto a seus editores e ao Duque de Gales.

A mulher mais velha ao piano pára de repente. Muito agitada e tremendo, se dirige a Tom:

— É um sonho? Você sabe? — pergunta ansiosamente.

— Não, eu te garanto que tudo isto é real.

— Me farão mal? Me ferirão?

Agarra os cílios e arranca alguns.

¹⁸ [N/T: Pórtico - Átrio. Portal de entrada de uma casa, cuja cobertura é apoiada em colunas.]

¹⁹ [N/T: No original do espanhol está Coifas, que é aquele chapeuzinho de enfermeira, mas eu não sei como se chama realmente em português então deixei chapéu, eu acredito que seria algo assim: http://www.mascarilha.pt/imagens/produtos/75318_grande.jpg.]

Uma enfermeira se aproxima imediatamente e a detém.

— Vamos, vamos Sra. Sommers. O que aconteceu com nossa música favorita? Voltemos ao piano.

A mão com que agarrava os cílios cai com todo peso sobre seu colo.

— Um sonho. Um sonho. Tudo é um sonho.

— Bem, você conheceu a senhora Sommers.

— Isso é o que parece.

Um homem alto e magro com barba e bigode se aproxima. Suas roupas estão velhas e rasgadas e seu cabelo desganhado. Por outro lado parece normal.

— Oh, Sr. Snow! Como está hoje? — pergunta Tom.

— Bem, bem — responde o homem —. Enviei uma carta ao doutor Smith. Logo, logo, atenderá meu caso. Assistirei ao baile. Sim, o farei.

— Já o veremos Sr. Snow. Não esquecemos o que aconteceu no último baile. Você tomou muita liberdade com algumas senhoritas.

— Tudo isto são mentiras. Meu advogado vai enfrentar essas acusações. Mentiras, digo eu.

— Iremos conversar. Bom dia.

— O doutor Smith tem minha carta. Ele me ajudará a recuperar a reputação.

— Senhor Snow — explica Tom enquanto continuamos nosso caminho para a salinha — tem o hábito de meter as mãos onde não deve durante os bailes.

— Nossa — digo ao mesmo tempo em que penso que tentarei não dançar com o Sr. Snow.

À medida que avançamos, Tom vai saudando todos os pacientes que deparamos. Dado a forma desagradável que pode chegar a ser em casa, é surpreendente vê-lo aqui, agradável e controlado. Estou orgulhosa dele. Me custa acreditar, mas é verdade.

Ao lado da janela, há uma criatura tímida. É pouca coisa. Seu rosto está apagado, mas tenho a impressão que uma vez foi linda. Seus olhos estão rodeados por círculos escuros. Ela passa os dedos pelos cabelos que estão recolhidos em um coque. Move constantemente a cabeça, o que há assemelha um pouco com Cassandra.

— Bom dia, senhorita Hawkins, — diz Tom simpaticamente. A menina não diz nada. — Senhorita Hawkins, quero apresentar minha irmã, a senhorita Gemma Doyle. Ela está muito ansiosa para conhecê-la. Trouxe um livro de poesia. Acho que as duas podem ter uma conversa muito interessante.

Novamente silêncio. Nell molha os lábios com a língua. Tom me olha como perguntando “Tem certeza?”. Eu aceno.

— Muito bem, te deixo aqui enquanto faço algumas visitas.

— Como você está? — pergunto enquanto me sento à sua frente.

Nell Hawkins continua penteando os cabelos.

— Me disseram que vai à escola.

Silêncio.

— Eu também vou à escola. A Academia Spence. Talvez te soe melhor.

Abaixo, a senhora Sommers continua batendo no piano.

— Você gostaria que eu lesse um texto da Sra. Browning? Sua poesia é muito relaxante. Ou a mim parece.

O papagaio se queixa.

— Segue o caminho. Segue o caminho.

Leio com muita efusividade a poesia da Sra. Browning.

Tom sai do quarto e fecha a porta.

— Eu não acho que está louca senhorita Hawkins. Eu sei que a Ordem e Circe existem. Eu acredito em você.

Sua mão pára imóvel. Treme.

— Não me assuste. Quero parar Circe. Mas preciso de sua ajuda.

É como se Nell Hawkins me visse pela primeira vez. Sua voz é alta e enérgica, como galhos jogados pelo vento.

— Eu sei quem você é.

A ave repete:

— Eu sei quem você é. Eu sei quem você é.

— Sim?

— Estão te procurando. Os ouço na minha cabeça. Todas essas coisas horríveis.

E volta a acariciar os cabelos e cantar fracamente.

— Quem está me procurando?

— Ela é uma casa de doces esperando devorá-la. Tem seus espiões — sussurra de uma maneira que me dá calafrios.

Eu não sei o que fazer com essa informação.

— Senhorita Hawkins, fale mais claro. Realmente você pode confiar em mim. Mas eu devo saber onde está o Templo. Se você sabe, é essencial...

Nell vira e me olha com olhos arregalados.

— Siga o caminho. Apenas o caminho.

— O caminho? Que caminho?

Rápida como um raio, Nell me arranca o amuleto com tanta força que minha pele queima. Antes que possa protestar, se inclina sobre ele e o balança com ambas as mãos. Ela se aproxima e se afasta como se tentasse ler algo que estivesse escrito no dorso.

— O Caminho da Verdade.

— O Caminho da Verdade. Siga o Caminho da Verdade — repete o papagaio.

— De que caminho fala? Está no jardim? Ou se refere ao rio — pergunto.

— Não, não, não — murmura Nell retumbante.

Inesperadamente, bate o amuleto contra a cadeira e amassa o olho.

— Chega — eu digo, recuperando meu colar.

O olho está um pouco pendurado.

— Siga o caminho — diz Nell novamente —. Tentaram separá-la dele. Te ensinaram coisas, mas não deve confiar nelas. Não confie em ninguém. Tenha cuidado com os Guerreiros Amapola.

Minha cabeça está dando voltas. Não entendo o que Nell está querendo me dizer.

— Senhorita Hawkins, por favor, como posso encontrar o caminho? Você me levará ao Templo? — pergunto, mas Nell Hawkins não responde, só murmura e bate suavemente a cabeça contra a parede até que chega uma enfermeira para impedi-la.

— Pronto, pronto, senhorita Hawkins. O que o doutor vai dizer se a vê se comportando desse jeito? Vamos costurar um pouco. Eu consegui um novo tipo de linha.

A enfermeira leva a senhorita Hawkins.

— O Templo está escondido na planície — diz ela —. Siga o caminho.

A enfermeira faz Nell se sentar em uma cadeira, lhe dá o trabalho e a convida a costurar. Estou mais confusa que nunca. Dirijo-me a gaiola de Cassandra:

— Você entendeu alguma coisa?

O papagaio pisca para mim uma e outra vez, fazendo desaparecer sua pupila como em um jogo de ilusão. Uma hora você a vê, outra não. Salta e se coloca sobre a barra, ostentando as cores de suas penas.

— Acho que não — opino.

Pergunto a uma das enfermeiras onde posso encontrar Tom e ela pede para tentar na área dos homens. Ela se oferece para me acompanhar, e eu sei que é necessário que o faça, mas em lugar disso, eu digo que irei ficar esperando ali onde estou. Então eu fujo e me dirijo a área dos homens. Os doutores cruzam comigo, conversando. Acenam ao passar e eu sorrio em resposta. Me olham uns segundos a mais, mas eu desvio o olhar.

É estranho se sentir observada assim. É gostoso e assusta. Há tanto poder nesses olhares sedutores... Mas não sei o que se esconde neles e isso é o que me assusta.

Como é possível se sentir preparada e não preparada para entrar no universo dos homens?

O senhor Snow se aproxima de mim. Escondo-me em um corredor até que ele passe.

Um homem está sentado e tocando os dedos, com o olhar fixo no horizonte.

“Por favor, senhor Snow. Passe e assim eu poderei voltar ao salão.”

— Tenho uma mensagem para você — diz o homem.

Estamos apenas eu e ele naquela sala.

— Perdão?

Ele vira de repente para me olhar.

— Os espíritos estão se juntando. Eles vêm te buscar.

Eu me sinto terrível, queimando.

— O que disse?

Ele se inclina e abaixa a cabeça, olhando-me com olhos semicerrados. O efeito é estranho, como se estivesse se transformado em outra pessoa.

— Viemos por você, senhorita. Viemos te buscar.

Com um movimento repentino, ele se atira pra cima de mim disposto a me morder como um cachorro faminto.

“Se afaste, Gemma”. Com um salto, eu escapo, saio correndo, viro no canto e vou parar nos braços do meu irmão.

— Gemma, que diabos está fazendo aqui sozinha?

— E-e-e-eu estava te procurando. Esse homem... — digo apontando para trás.

Tom avança e eu o sigo. O homem está sentado novamente e olha fixamente para frente.

— Pobre Sr. Carey. Ele perdeu a razão. Temo que tenham que isolá-lo em outro hospício.

— Ele... Ele me falou — digo gaguejando.

Tom parece confuso.

— O que? O Sr. Carey falou com você? É impossível. Ele não fala. Nunca. É mudo. O que você acha que ele te disse?

— Eles vêm te buscar — repito, e me dou conta que não era o senhor Carey que falava comigo, e sim, outra pessoa. Alguém dos reinos.

— O que aconteceu com Nell Hawkins? — pergunto enquanto pegamos um táxi que me levará até Regent Street, com Ann e Felicity.

— Essa informação é confidencial — responde Tom.

— Vamos lá. Não acha que vou contar a alguém? — minto.

Tom balança a cabeça.

— Não e não. É uma história horrível e seria pouco delicado da minha parte. Não é o tipo de coisa que uma dama deva escutar. Além disso, você tem muita imaginação. Não adicionarei combustível ao fogo dos seus pesadelos.

— Tudo bem — protesto —. Ela vai se recuperar?

— É difícil dizer. Trabalhamos para que isso aconteça, mas duvido que possa se recuperar do ocorrido em Santa Victoria, Eu diria que não.

Fico reta, com os nervos a flor da pele.

— O que você disse?

— Eu disse que eu diria que não.

— Não, antes disso.

— Santa Victoria, a escola para meninas. Está em Swab-sea, acredito. Dizem que é um colégio muito fino. Por quê?

Sinto algo mexendo em meu estômago. É por causa dos nervos. É como ter dentro uma cobra cascavel. Uma mulher de verde. “Não confie em ninguém”.

— Eu acho que uma de nossas professoras vem de Santa Victoria.

— Bom, espero que vigiem mais as meninas no Spence do que o faziam em Santa Victoria. Só posso dizer isso.

Estou preocupada. A senhorita McCleethy esteve em Santa Victoria enquanto Nell Hawkins estudava ali? O que poderia acontecer que resultasse tão "pouco delicado" para Tom? O que aconteceu com Nell Hawkins?

Fosse o que fosse, temo que eu possa sofrer o mesmo destino.

— Você tem algum endereço de Santa Victoria? — pergunto.

— Sim. Por quê? — Tom começa a suspeitar.

Eu olho as vitrines das lojas através da janela do táxi.

— Nossa diretora me castigou obrigando-me a fazer uma obra de caridade neste natal. E pensei que poderia escrever e informá-la de que tem uma aluna de outra escola ajudando a senhorita Hawkins a se recuperar e lembrar-se de seus dias felizes.

— Muito bem. Nesse caso, vou te dar o endereço. Nós chegamos.

VINTE E TRÊS

O táxi parou numa das lojas na Regent Street. Felicity e Ann se lançam em cima e por trás delas vem a sempre atenta Franny. Eu estou morrendo para dizer o que descobri sobre Nell Hawkins, e penso como posso fazer. Tom cumprimenta minhas amigas tirando o chapéu. Elogios são trocados.

— O que está achando de Londres, senhorita Bradshaw? — ele pergunta.

— Eu adoro. — Ann diz, dando um sorriso ridículo.

— Usa um chapéu muito elegante. Cai-lhe muito bem.

— Obrigada. — sussurra Ann, e olha para o chão, timidamente.

Eu estou a ponto de desesperar-me.

— Eu poderia acompanhá-las em sua visita à loja. — Tom se oferece.

Felicity sorri impacientemente.

— É muito amável da sua parte, mas não precisa se preocupar. Tenha um bom dia.

— Isso não foi muito amigável — protesta Ann entrando na loja, e é uma verdadeira novidade que proteste.

— Poderia ter dito a ele que o tão elegante chapéu é meu. — ataca Felicity.

— Eu tenho notícias. — digo, antes que Ann contra-ataque.

Consegui atrair sua atenção.

— Do que se trata? — Ann pergunta.

Franny paira olhando para o infinito, mas com os ouvidos atentos a nós.

— Não podemos ter um minuto de paz com ela. — murmura enquanto examina alguns laços feitos de papel prata e cores. — Ela mede cada passo que damos como a Sra. Nightwing. Pensava que Spence era o único lugar no mundo onde não me sentia livre, mas eu estava errada.

Saímos da loja e entramos em outras de roupas, brinquedos, tabacaria, um lugar onde os homens sentam-se para fumar charutos... As ruas estão cheias de dezenas de pessoas que procuram as luvas ideais para a tia Prudência ou o tambor perfeito para o pequeno Johnny. Franny não nos perde de vista, enquanto Felicity está prestes a perder a paciência.

— Minha mãe acha que pode escapar para a França, e agir como se ainda estivesse debaixo de suas ordens e fosse agradecê-la. Bem, está errada. Eu pretendo enviar Franny para o inferno. — reclama Felicity.

— Não, não faça. — Implora Ann. — Não quero mais escândalos.

— Sim, você está certa. Não devemos ficar trancadas no quartos enquanto estamos de férias.

Chegamos a uma padaria que nos atraiu especialmente pelas frutas e doces que vemos através da janela. Um jovem varrendo a entrada, de repente grita.

— Franny! Venha aqui e nos dê um beijo.

Franny se desperta e olha a sua volta.

— Acho que me confundi senhor. — diz ela.

Felicity interfere:

— Senhor, você conhece a minha criada?

O jovem não sabe o que fazer ou dizer. É evidente que conhece Franny, e bem, mas agora pode ter causado um problema. Para uma criada qualquer manchar sua reputação é o suficiente para ser demitida.

— Minha mãe estaria muito interessada em saber que sua criada beija um homem em plena luz do dia e diante de seus companheiros mais novos. — diz Felicity.

— Mas eu não fiz. — defende-se Franny.

— É sua palavra contra a nossa. — continua Felicity, tornando-nos suas cúmplices, quer queiramos ou não.

Franny cerra firmemente os punhos e golpeia as cadeiras dissimuladamente.

— Deus vai castigá-la senhorita. É a ovelha negra do rebanho, eu sei.

— Acho que vamos chegar a um acordo. — diz Felicity enquanto pega uma moeda. — Toma. Pegue e vá compra um bolo. Certamente este rapaz ficará feliz em ajudá-la a escolher. E esteja bem aqui as cinco em ponto. Entendida?

A moeda brilha na luva de Felicity. Se Franny pega, poderá apreciar um bolo e uma tarde com seu amigo. Mas assinou sua sentença com Felicity.

— Oh, não, senhorita. Não me peça para mentir a Sra. Worthington. Mentir é um pecado. Não posso fazê-lo, senhorita. Você acha que venderia meu posto de trabalho e minha alma por uma moeda?

Franny encontrou forças para jogar este sermão chantagista tão sem mérito. Acho que de agora em diante vou olhá-la com mais respeito.

— Eu tinha pensado em dizer a minha mãe de qualquer maneira. — dispara Felicity.

É uma frase vazia, todas sabem. Felicity está prestes a obter a liberdade que ela almejava. Entrega a moeda a Franny, o preço do seu silêncio. Franny esconde a moeda, fecha rapidamente a mão. Felicity ganhou a batalha.

— Se algum dia tiver que confessar isso para minha mãe, insistiremos que você é a única que queria passar a tarde toda com seu amigo.

Pobre de nós, sozinhas e abandonadas pelas perigosas ruas de Londres, porém só perdemos uma moeda... Isso foi à coisa mais estranha de todas.

Franny triunfou apenas um momento atrás, ela franze o cenho e seus lábios transformam-se em uma linha de tão apertados que estão.

— Ok, senhorita, as cinco em ponto.

Enquanto apresamo-nos atrás de Felicity, eu viro um momento e olho para Franny, mas não sei o que dizer.

— Obrigada, Franny. Está provado... Você tem demonstrado sua coragem.

E com isso, nós estamos sozinhas. A liberdade tem um sabor melhor do que bolo comprado em Regent Street. O sabor deste bolo delicioso enche minha boca enquanto assistimos os carros passarem sobre o chão sujo de lama e neve. As pessoas se movem rapidamente, apesar do frio, como tendo um objetivo claro. E nós circulamos entre elas sem atrair atenção. Somos uma parte da massa anônima prontas para enfrentar seu destino.

Fomos para Piccadilly e furtivamente no Alpendre de Burlington²⁰, passando diante um guarda que ordena o tráfego com num bastão e um olhar frio. Existem postos de venda ambulante por toda a parte. Eles vendem música, luvas, jóias, ornamentos de vidro e muitas outras coisas. E de repente eu sinto saudade da Índia, seus mercados frenéticos e seus bazares.

— Isso é quase tão grande como entrar nos reinos. — diz Ann, feliz com sua nova posição.

— Que notícias você tem? — pergunta Felicity.

— Meu irmão tem um paciente em Bedlam chamada Nell Hawkins. Um caso muito interessante...

— É tão nobre da parte de Tom... Cuidar dos pobres indefesos... — diz Ann, enquanto come o bolo novamente. — Sua noiva deve achá-lo encantador.

— Noiva? Tom? — eu digo, indignada com a interrupção. Muito tarde, me lembrei de minha mentira. — Claro você quer dizer a senhorita Richardson. Que tonta que sou.

— Você disse que seu nome era Dalton. E ela era linda.

— Eu... — Não posso pensar em mais nada a dizer. Eu coloquei meu pé. — Eles terminaram.

— Ohhh! — diz contente com a realidade.

— E se continuar com a história? — Interrompe Felicity.

— Nell Hawkins não acredita em Joana d'Arc ou a Rainha de Sabá. Sua alucinação mais comum é acreditar ser um membro da Ordem e que a persegue uma mulher chamada Circe.

Felicity interrompe novamente.

— Eu estou brincando.

Ann esta confusa.

²⁰ [N/T: Alpendre – entrada de um prédio.]

— Eu pensei que você disse que foi admitido no manicômio.

— Sim, isso é o que eu disse.

Apontando, e percebo o quão ridículo isto deve soar. Dois vendedores de jornais passam por nós, piscando para mim, de passagem. A verdade é que não paga nenhuma atenção.

— Mas você não acha que ela é louca, certo? Você acha que só finge para se proteger. — Antecipa Felicity.

Chegamos a um lugar que vende tabaco. Percebo que é revestido de marfim. É caro, mas ainda não tenho nenhum presente para papai, por isso peço à garota que embrulhe o presente.

— Na verdade eu já visitei esta manhã. E posso garantir que está doente. Olhe o que ela fez. — E eu mostro meu amuleto.

— Ah, desculpe... — diz Felicity.

— Então eu não sei como ela pode nos ajudar. — diz Ann.

— Ela já viu Circe. Eu tenho certeza. Para não falar do que me disse. “Siga o caminho”. Disse-me isso dezenas de vezes.

— O que você acha que isso significa? — Pergunta Felicity.

Atravessamos a rua e saímos na Avenida bond. Paramos diante de um sonho de vitrine. Cascatas de seda em um manequim feminino. Os pedaços de tecido e brilho encaixam como vinho ao luar. Nós não podemos parar de olhar para ela.

— Eu não sei o que isso significa, mas sei que Nell Hawkins era um estudante em Santa Victoria, em Gales.

— Não é a escola onde a senhorita McCleethy trabalhou antes de se mudar para Spence?

— Sim, mas eu não sei se ela se tornou professora de Nell. Escreverei uma carta à direção e perguntarei quando a senhorita McCleethy deixou o emprego. Eu suspeito que haja alguma relação entre o que aconteceu com Nell Hawkins e a senhorita McCleethy, tem algo a ver com os reinos. Se resolvermos este enigma, nós encontraremos o Templo.

— Não vejo como. — Opina Ann.

“Eu também não, mas essa é a minha única esperança.”

A seda tem nos fascina do outro lado da vitrine.

Ann diz:

— Vocês não gostariam de ter um vestido assim? Todo mundo ia virar para olhar.

— Minha mãe teve um vestido feito em Paris. Chega esta semana. — disse Felicity, como se falasse do tempo.

Ann baseia-se na vitrine.

— Eu adoraria...

Ela não ousa terminar a frase. É mesmo muito a desejar. Uma menina chama a nossa atenção dentro de outra loja. “Castelo e crianças. Moda e Vestuário.” é chamado de negócio. A moça no meio da multidão à procura de peças de vestuário de diferentes cores que são exibidas em prateleiras e entre os manequins. Continuamos nossa caminhada e chegamos a um beco. Um dos sinais me deixa paralisada. Eu encontrei apenas uma pequena loja escondida, a Golden Dawn.

— O que é isso? — pergunta Felicity. — Essa barraca.

— A senhorita McCleethy tinha um anúncio desta loja em sua mala. Foi uma das poucas coisas que estavam com ela, por isso deve ser importante.

— Uma biblioteca? — Ann pergunta surpresa.

— Vamos dar uma olhada. — Diz Felicity.

Entramos na tenda em forma de caverna. A poeira paira no ar. É uma loja agradável e me pergunto por que não gosto da senhorita McCleethy. Uma voz aparece de entre as prateleiras. A senhorita McCleethy está perigosamente perto do nosso esconderijo. Assustador realmente e observo como ela está na frente dos livros nas prateleiras acima. E se você está interessado nos livros das prateleiras mais baixas?

— Já vou. — diz o Sr. Day, aparecendo atrás da cortina lilás novamente. O livro misterioso está embrulhado e decorado com um arco. Um minuto depois a campainha anuncia que ela saiu. Olhamos entre os livros, com certeza, e saímos do esconderijo para se encontrar com o Sr. Day.

— Sr. Day, eu acho que foi uma grande amiga de minha mãe que acabou de sair. Você poderia, por favor, me dizer que livro foi? Tem bom gosto, como... — digo com tanta doçura quanto posso. Felicity ver lateralmente com a boca aberta em surpresa e admiração. Não é a única que pode mentir.

— Sim, claro. Foi o volume da senhorita Wilhelmina Wyatt, intitulado “Uma história de sociedades secretas”. Eu não li.

— Teria uma outra cópia, por favor?

— Claro. — Sr. Day volta para a loja e com o livro.

— Não é engraçado? Não estou interessado em qualquer coisa deste livro e hoje eu vendi dois. Pena o que aconteceu com a escritora.

— O que você quer dizer? — Pergunta Felicity.

— Aparentemente, ela morreu logo após a publicação. — Ele se inclina, murmurando: — Eles dizem que ela estava envolvida no ocultismo. Coisas horríveis. Bem, vamos colocar um arco...

— Não se preocupe senhor. Temos pressa.

— Tudo bem. Serão quatro pences²¹.

— Felicity. — Chamo.

— Eu. Porque eu tenho que pagar?

— Pois você tem dinheiro. — Digo mantendo o sorriso.

— Não olhe para mim. — Diz Anna. — Eu estou quebrada.

— São quatro pences. — Repetiu o Senhor bem sério.

No final, juntamos todas as moedas que tínhamos e conseguimos pagar o precioso exemplar da infeliz senhorita Wyatt.

— Nós leremos juntas. — Imponho.

— Está ali. — Murmura Ann. A senhorita McCleethy está justo diante de nós. — O que faremos?

— Eu voto por segui-la. — Opina já andando.

— Espere um minuto. — Digo mantendo um olho na senhorita McCleethy, aproximando-se da esquina. — Não sei se é sábio fazer isso.

Obviamente, Ann toma o lado da Felicity.

— Você queria descobrir as coisas. É a única maneira.

Eu não posso enfrentar as duas. A senhorita McCleethy para e vira. Em um salto, damos meia volta e seguimos um amolador ambulante. Ela continua sua caminhada.

— E aí? — Pergunta Felicity.

É mais uma ordem do que uma pergunta.

O amolador ambulante grita: “Facas. Facas, bem afiadas.”.

A senhorita McCleethy distancia-se.

— Venham. — digo.

²¹ [N/T: pences – dinheiro.]

VINTE E QUATRO

Seguimos a senhorita McCleethy por um tempo, passando todos os tipos de lojas e ruas. Uma mulher vem a nós e pede que acolhamos os pobres nessa época, mas não prestamos muita atenção. Agora temos uma missão.

Em Charing Cross, a senhorita McCleethy surpreende-nos ao entrar na estação de metrô.

— E agora o que fazemos? — Pergunta Felicity.

Tomo o ar antes de responder.

— Viajar no metrô.

— Eu nunca viajei de metrô. — Murmura Ann.

— Nem eu. — Felicity aponta.

— Hoje é um dia bom para fazer isso. — Digo.

Apesar da idéia me fazer suar. O metrô. Bem, é um metrô e está feito. Esta é uma aventura, e eu sou uma aventureira. Isso, disse Simon.

— Venha não tenha medo, dei-me a mão, Ann. — Digo.

— Eu não tenho medo. — Ela defende-se, e começa a descer as escadas que levam aos túneis subterrâneos.

Eu sigo. Tomo o ar e sigo em frente. Na metade do caminho me viro e vejo que Felicity ainda está hesitando. Ela parece Alice entrando no País das Maravilhas.

— Gemma. — chama-me antes de se juntar a mim.

Ao final da escada se abre um amplo caminho. Ficamos na plataforma. O teto do túnel esta sobre nossas cabeças. A poucos metros, a senhorita McCleethy aguarda a chegada do metrô. Ficamos fora da vista até a chegada do trem. A senhorita McCleethy entra e nós atrás. É difícil saber o que é mais interessante: a possibilidade de sermos descobertas pela senhorita McCleethy ou a primeira vez viajando de metrô. Nós nos revezamos para olhar discretamente em direção ao outro vagão, que viaja a senhorita McCleethy. Por seu lado, ela é absolutamente centrada na leitura da obra da senhorita Wyatt em sociedades secretas. Eu estou morrendo para saber o que descobriu, mas não me atrevo a concentrar-me no livro, se perdemos de vista nossa professora.

O condutor anuncia a partida. De repente, o metrô se põe em marcha e entra no túnel. Felicity pega a minha mão. É estranho estar no meio de toda essa escuridão, ver flashes de luz que iluminam o rosto momentaneamente como estrelas. Um revisor avisa da próxima parada. A senhorita McCleethy não olha para o livro. Quando o revisor anunciou Westminster Bridge, fecha o livro e sai do metrô. E nós três atrás. Fomos lá para fora, surpresas com a luz do dia.

— Ela vai pegar a carruagem. — Diz Felicity.

— Aqui termina nossa viagem, então. — Opino. — Não podemos segui-la no mesmo veículo. Descobriremos.

— Certo. Existem muitas pessoas. Nós misturamos com elas. Se nos descobrirmos, nós dizemos que estamos vendo os pontos turísticos, como o resto. — Diz Ann, levando minha mão.

É um plano muito arriscado. A senhorita McCleethy está localizada na parte de trás do bonde. Nós, na liderança, deixamos muitas pessoas no meio que pudermos. Na Westminster Bridge, a senhorita McCleethy sai e nós quase caímos umas sobre as outras tentando segui-la. Eu sei onde estamos. Eu vim aqui hoje. Estamos em Lambeth, perto do Hospital Real de Bedlam. Na verdade, a senhorita McCleethy decidiu ir lá. Em poucos minutos, entramos na varanda do prédio. Nós nos escondemos atrás das árvores no percurso.

— O que você está olhando para Bedlam? — Felicity pergunta desdenhosamente.

Sinto um calafrio.

— Nell Hawkins. — Disse.

— Você acha que ela quer machucar-la? — Ann pergunta tão animada que tenho medo de que ela ache a idéia interessante.

— Não sei. — Digo. — Mas agora tenho certeza que ela conhece Nell, provavelmente a partir da escola de Santa Victoria.

Nós esperamos fora no aberto, um bom tempo, mas a senhorita McCleethy não volta e não podemos esperar. Franny espera-nos. Saímos com relutância e com mais perguntas do que nunca. O que podemos esperar da senhorita McCleethy em Bedlam? Para quê? Sei, estou segura, que ela e Nell Hawkins estão relacionadas. Não sei como nem por que.

VINTE E CINCO

Felicity nos convidou para um chá tardio em sua casa. Com o apetite animado pela aventura, nós comemos petiscos sem sentimento de culpa.

— Bem, o que nós fazemos com tudo isto? A senhorita McCleethy em Bedlam... — resume Felicity entre mordidas e mordidas.

— Talvez a senhorita McCleethy tenha algum parente louco — comenta Ann. — Alguém muito próximo.

— E talvez tenha ido visitar Nell Hawkins — opino.

— Não sabemos. Mas podemos saber o que disse a senhorita Wyatt que resultou tão interessante para nossa senhorita McCleethy — propõe Felicity abrindo o livro ao acaso. — Cavaleiros Templários, Maçons, O Clube do Inferno, os Assassinos... Este índice não acaba nunca. Aqui. Aqui está. Página 255. A Ordem.

Procura a página e começa a ler em voz alta.

Em cada geração, algumas garotas jovens são treinadas rigorosamente para ocupar os altos cargos na estrutura da Ordem. Aos dezesseis anos, elas serão observadas com atenção para poder decidir quem delas é a escolhida pelos reinos para ter o poder real. O poder do resto das garotas acabará e ficará reduzido a cinzas. Muitas das que não foram escolhidas, voltarão a terra dos mortais, talvez para uma vida doméstica, sem voltar a pensar novamente em suas magias e seu tempo em que eram mulheres poderosas. No entanto, outras continuaram a servir a Ordem, para poderem desenvolver algumas missões esporádicas.

Algumas pessoas dizem que a Ordem nunca existiu, essa só existia nas mentes mais imaginativas. Comparam a Ordem com contos de fada, princesas, bruxas e os deuses imortais do Monte Olimpo. Com toda essa literatura escrita para impressionar as garotas jovens. Outras pessoas pensam que não foram mais do que pagãs celtas que desapareceram há muito tempo, como Merlim, Artur e seus cavaleiros. Mas há quem aponte uma versão mais escura: a de que a própria Ordem foi traída com um sacrifício humano...

Os olhos de Felicity não se afastam das páginas. Está lendo para ela.

— Leia em voz alta — exigo.

— Mas tudo isto já sabemos — diz ela.

— Me dê, eu leio — protesto, arrancando o livro dela.

Os loucos, os viciados, os bêbados, os pobres e os mendigos... Os pobres coitados requerem a proteção da Ordem, porque suas almas são muito débeis para suportar as vozes dos espíritos escuros que falam com eles todo tempo...

Os bêbados, os viciados. Penso em meu pai. Mais não, eu o salvei. Salvei ele.

— Se os espíritos podem entrar nas mentes dos loucos, como podemos confiar em Nell Hawkins?

— pergunta Ann. — E se estiverem utilizando ela para seus propósitos?

Felicity concorda.

— Sim, é preocupante.

É verdade que o senhor Carey me advertiu, mas Nell não parece assustadora. Em vez disso, ela parecia aterrorizada. Movo a cabeça.

— Tenho a impressão que Nell está lutando como todas as suas forças para manter os espíritos afastados. Por isso é tão difícil entendê-la. Certo.

— Quanto tempo você acha que ela vai aguentar? — pergunta Ann.

Não tenho resposta para isso.

— Vamos ler um pouco mais — segue Felicity, recuperando o livro novamente.

É um fato, embora alguns considerem loucura fazer essa afirmação, que a Ordem ainda existe hoje em dia. Que seus membros vivem escondidos. Reconhecem uns aos outros, por diversos símbolos que só eles

conhecem. Entre outros, são o olho da lua crescente, uma dupla flor de lótus, a rosa, as duas serpentes entrelaçadas...

— Como o anel da senhorita McCleethy. A senhorita Moore disse que era um símbolo — digo. — E eu vi um símbolo como esse em uma das minhas visões das três garotas de branco.

— Sério?

Os olhos de Ann se abrem como pratos. Felicity continua lendo.

Mas isso não é tudo. As sacerdotisas da Ordem utilizam também anagramas. Isto é especialmente útil na hora de se esconder daqueles que as perseguem. De maneira que Jane Snow era Jean Wons, e ninguém exceto os membros da Ordem conhecia a sua verdadeira identidade.

Felicity rabisca sobre um papel.

— Vamos fazer nossos anagramas. Quero saber qual seria meu nome secreto.

Está animada. Quando se encontra na intimidade, ela não é tão esnobe. Ela não tem medo de parecer animada.

— Muito bem — concordo.

Felicity escreve seu nome no final da página; Felicity Worthington. Olhamos as letras e tentamos criar um novo nome com ar misterioso.

Ann tenta:

— Felicity Worthington pode ficar City Worth Gin If Lento.

Felicity olha com desconcerto.

— E que tipo de nome é esse?

— Um muito ridículo — opino.

— Tenta de novo, Ann — pede Felicity.

Ann pega o lápis e se concentra:

— Wont Left in City Groh? — propõe.

— Não tem nenhum sentido — queixa-se Felicity.

— Estou fazendo o que eu posso.

Eu não progrido muito mais. Faço e desfaço nomes com as letras de Gemma Doyle mais não sai nada.

— Como você está indo? — pergunta Felicity, que olha por cima do meu braço e lê em voz alta Dog Mealy Em.

O nome faz com que ela dê muita risada e me sinto um pouco envergonhada.

— É perfeito, Gemma. De agora em diante te chamaremos como o nome da Ordem: Dog Mealy Em.

— Encantador. Vou tentar de novo — digo.

— Pode fazer o que quiser, mas para mim você é Dog Mealy Em.

Ann dá gargalhadas enquanto repete para si mesma Dog Mealy Em, e cada vez que o diz provoca a risada de Felicity. A situação me irrita.

— Bem, e teu nome secreto, Ann? — pergunto.

Ann escreve em letras bem claras Nan Washbrad.

— Isso é uma armadilha. Ele se parece muito com seu nome — opino.

Ann dá de ombros.

— Não é necessário que o nome seja impronunciável, não é? — sorri, triunfantemente, enquanto continua repetindo Dog Mealy Em.

Felicity continua concentrada no papel. Ela está ficando frustrada.

— Sou incapaz de criar algo com sentido. Não sai nada.

— Você tem algum outro nome? Isso ajudaria. Se tiver mais letras...

— Não, não ajudaria — responde Felicity, cortante.

— Por que não? — pergunta Ann.

— Porque não — solta Felicity em uma resposta imprópria dela.

— Muito bem. Então nós te chamaremos a partir de agora como City Worth Gin if Lento — digo, desfrutando do momento.

— Se vocês querem saber, meu outro nome é Mildrade — diz Felicity ainda concentrada no papel, como se não tivesse acabado de nos confessar que ela tem o pior segundo nome de que já ouvimos.

— Mildrade? Que tipo de nome é esse? — pergunta Ann, surpresa.

— É um velho nome de família — responde casualmente. — É um nome da tradição saxão.

— Sim — diz Ann.

— Encantador — opino, tentando segurar a risada.

Felicity tapa o rosto com as mãos.

— É horrível. Eu sei. Eu odeio.

Não sei como consolá-la, mas eu tento.

— Não — E eu não consigo resistir a pronunciar em voz alta. — Mildrade.

Felicity franze o cenho.

— Dog Mealy Em.

Isso está durando demais.

— Façamos um ajuste?

— Ajuste — responde.

Ann recortou as letras do nome de Felicity em pequenos quadrados e está unindo-os para formar um nome razoável. É muito aborrecido e depois de um minuto sigo olhando as letras mais pensando no jantar. Felicity se queixa da dificuldade do jogo e se senta no sofá para ler o livro da senhorita Wyatt. Só Ann continua com o código. Está concentrada e move as letras para cima e para baixo.

— Eu fiz — grita finalmente.

— Vamos ver...

Felicity lança o livro e se joga no chão. Eu me uno a elas. Ann assinala as letras com orgulho e Felicity lê em voz alta.

— Maleficent Oddity Ralingworth. É perfeito.

— Sim, é maléfico e escuro — opino.

— Dog Mealy Em — devolve-me Felicity.

Terei que trabalhar o tema do nome. Em um pedaço de papel Ann escreveu várias vezes Thomas Doyle, imitando uma assinatura que eu nunca tinha visto. E me envergonho de tê-la tirado da lista de Tom sem nem sequer ter dado a ela uma oportunidade. Tenho que corrigir isso. Ann olha fixamente um nome.

— O que é? — pergunto.

— Estou tentando com o nome da senhorita McCleethy — diz.

Felicity e eu nos aproximamos.

— O que você conseguiu?

Aponta para o seu trabalho.

Claire McCleethy. Let Her Claim CCy. I'm Clear Celt Hey. C Ye Thrice Calm Cel. The Mal Cire Leccy.

Felicity ri.

— Não tem nenhum sentido. ¿Let her Claim CCy? ¿Mal Cire?

— Cire em inglês é um tipo de fábrica — responde Ann orgulhosa.

Olho para a página. Tem alguma coisa estranhamente familiar em tudo isso. Algo que está fazendo com que meus cabelos fiquem em pé.

Ann aponta para outro C. Escreve Circe.

— Tenta com o nome todo — digo.

Uma vez mais, Ann escreve o nome, recorta as letras em quadradinhos e fica movendo-as. Tenta diversas combinações: Circe Lamcleethy, Circe the Lamcley, Circe the Mal Cley, Circe the Ye Call M.

– Coloca um y atrás do “the” – peço.

Circe They E Call M.

Ann volta a mover as letras até que consegue: *They call me Circe*, que em inglês significa “Eles me chamam Circe”. Nós não podemos acreditar.

– Claire McCleethy é um anagrama – diz Ann.

Felicity treme.

– Circe voltou para Spence.

– Temos que encontrar o Templo. E logo – afirmo.

Quando chegamos nos reinos, Pippa está sentada junto ao lado da Górgona.

– Olhem, eu fiz algumas coroas. São meu presente de Natal – Ela segura nos braços três coroas de flores e coloca nas nossas cabeça enquanto nos olha. – Estão lindas.

– São muito bonitas, Pip – diz Felicity.

– Eu vigiei nossas flechas mágicas – segue Pippa recolhendo o arco e flechas das costas de Felicity. – Vamos para o rio?

– Acho que não – respondo.

A Górgona vira e me olha.

– Não vão viajar hoje, senhorita? – sussurra.

– Não, obrigada – digo.

Eu ainda me lembro da nossa ultima viagem, aquele momento de dúvida. Não sei se posso confiar nesse grande monstro, sobretudo sabendo que um dia ele se rebelou contra a Ordem. Eu poderia tê-lo aprisionado.

Peço as outras que me sigam para o jardim. As árvores cresceram tanto que parece que vão explodir.

– Nós descobrimos que o nome de nossa professora é um anagrama que quer dizer “Eles me chamam Circe” – explica Felicity a Pippa, depois de dar todas as notícias do dia.

– Que estranho! – diz Pippa. – Eu teria ficado encantada de persegui-la com vocês. Que valentes!

– Você acha que a senhora Nightwing também é suspeita? – pergunta Felicity. – São amigas.

– Não tinha pensado nisso – digo, nervosa.

– Não queria que soubéssemos nada sobre a Ordem. E por isso despediu a senhorita Moore – diz Pippa. – Talvez a senhora Nightwing tenha algo a esconder.

– Ou talvez ela não saiba nada de nada – diz Ann.

A senhora Nightwing tem sido como uma mãe para ela. Sei o que é suspeitar de alguém a quem você ama.

– A senhora Nightwing era uma professora de Spence quando Sarah e Mary estudaram lá. E se ela estivesse ajudando Sarah avisando-a do momento em que ela deveria voltar? – aponta Felicity.

– Não gosto que vocês falem assim – queixa-se Ann.

– E se...?

– Fee – a interrompo olhando de soslaio para Ann. – Acho que a melhor coisa a fazer agora é tentar encontrar o Templo. Nell Hawkins disse que procurássemos um caminho. Você viu algum, Pip?

Pippa me olha desconcertada.

– Quem diabos é Nell Hawkins?

– Uma interna de Bedlam – responde Ann. – Gemma acredita que ela sabe onde podemos encontrar o Templo.

Pippa ri.

- Você está brincando.
- Não — digo, corando. — Você viu o caminho?
- Existem centenas de caminhos. Que tipo de caminho você procura?
- Não sei. O Caminho da Verdade. Foi isso que ela disse.
- Isso não é de grande ajuda — diz Pippa olhando ao redor. — Tem um que sai do jardim e que eu nunca segui.
- Mostre-me — peço.

O caminho que Pippa disse não é mais do que uma estreita linha que se perde em uma parede coberta de musgo. É lento e difícil de atravessar. A cada passo temos que ir afastando a vegetação que arranha a nossas mãos e pernas.

— Que confusão — protesta Pippa. — Espero que seja o caminho certo. Odeio pensar que estamos fazendo isso por nada.

Um galho bate no meu rosto.

- O que você disse? — pergunta Felicity.
- Eu? Nada — respondo.
- Eu ouvi umas vozes.

Nós paramos. Eu também as ouço. Algo se move no ar. De repente, parece que não é uma boa idéia entrarmos nesse caminho sem saber o que é. Levanto uma mão para deter as minhas amigas. Felicity pega o arco e uma flecha. Estamos tensas como as cordas de um piano.

Um par de olhos aparece entre os galhos das árvores.

- Olá? Tem alguém aí? — pergunto.
- Você veio nos ajudar? — pergunta uma voz doce. Uma jovem sai de detrás da árvore. A parte direita do seu corpo está queimada. De sua mão, só ficou o osso. Percebe que estamos assustadas e tenta cobrir a parte rasgada da roupa.
- Houve um incêndio na fábrica, senhorita. Espalhou-se muito depressa e não conseguimos escapar — explica.

— Quem? — pergunto quando consigo que a minha voz saia.

Detrás dela, entre a vegetação, tem uma dúzia de garotas jovens, muitas delas queimadas, todas mortas.

- As que não conseguiram escapar. O fogo pegou algumas, outras conseguiram escapar — diz como explicação.
- Quanto tempo faz que você está aqui? — pergunto.
- Não sei com segurança — responde. — Parece para mim uma eternidade.
- Quando foi o incêndio? — pergunta Pippa.
- Em dezembro de 1895, senhorita. Fazia muita ventania nesse dia. Eu lembro.
- Estão há duas semanas aqui. Menos tempo que Pippa.
- Já vi você antes, senhorita. — diz, apontando para Pippa. — Você e seu cavaleiro.

Pippa fica boquiaberta.

- Mas eu não a vi em toda a minha vida. Não sei do que está falando.
- Sinto muito tê-la ofendido, senhorita. Não era minha intenção.

Não sei por que Pippa reagiu assim, mas não ajudou. A garota se aproxima e põe uma mão no meu braço. Tenho que fazer um esforço para não gritar ao ver a mão queimada.

- Estamos no céu ou no inferno?
- Nem em um nem no outro — digo, afastando-me um pouco. — Como você se chama?
- Mae. Mae Sutter.

— Mae — sussurro. — Alguma de vocês tem se comportado de maneira estranha ultimamente? — Ela fica pensativa.

— Bessie Timmons — diz, apontando para uma das garotas queimadas. — Mas na verdade, senhorita, ela sempre foi uma garota muito estranha. Fala com gente que não podemos ver, nos diz que temos que seguir até um lugar chamado as Terras Invernais. Diz que ali nos ajudaram.

— Agora, escute-me atentamente, Mae. Acima de tudo, não vá às Terras Invernais. Logo tudo se resolverá e você e suas amigas poderão cruzar o rio e ficar do outro lado.

Mae me olha assustada.

— E o que tem do outro lado?

— Bom, eu, eu... Não sei — confesso. — Mas, enquanto isso, você não deve confiar em ninguém daqui. Entende?

Olha para mim desconfiada.

— Então, por que eu teria que confiar em você? — retrocede e se coloca ao lado de suas amigas e lhes diz: — Não podem nos ajudar. Estamos sozinhas.

— Todos estes espíritos esperando para cruzar... — diz Felicity.

— Esperando até que se corrompam — continua Ann.

— Isso você não sabe — responde Pippa.

Ficamos em silêncio.

— Vamos continuar — proponho. — Talvez estejamos perto do Templo.

— Eu não vou continuar — responde Pippa. — Não quero ver todos estes horrores. Vou voltar para o jardim. Quem vem comigo?

Olho para a vegetação que temos à frente. O caminho se abre entre arbustos e árvores. Mas eu acho que consigo ver por onde segue o rastro.

Bessie Timmons se aproxima do caminho. Olha-me de uma forma ruim.

— Por que você não vai embora, se não pode nos ajudar? Vá. Vá embora ou o que seja.

Não entendemos o que significa esse “o que seja”. Algumas das garotas se colocam do seu lado, apoiando-a. Não nos querem aqui. Não vale a pena enfrentar elas. Não nesse momento.

— Venham. Vamos voltar — digo.

Retrocedemos. Bessie Timmons grita:

— Não sejam tão orgulhosas. Logo vocês serão como nós. Minhas amigas vêm nos pegar. Ficaremos juntas. Transformaram-se nas rainhas. E vocês não serão mais que poeira.

Caminhamos em silêncio até o jardim. Estamos cansadas, confusas e assustadas. Principalmente Pippa.

— E se nos divertirmos um pouco? — ofega quando chegamos ao lugar onde estavam as runas. — Esta procura pelo Templo é horrorosa.

— Conheço um lugar fantástico, senhorita.

O cavaleiro aparece por trás da árvore e surpreende a todas nós. Tem um pedaço de tela em sua mão. Retrocedemos um passo e ele se ajoelha diante de nós.

— Eu as assustei? — pergunta abaixando a cabeça de maneira que sua franja loira cobre o seu rosto.

Pippa olha para ele duramente.

— Ninguém te chamou.

— Desculpe — responde o jovem, mais o tom não é de desculpa. Parece que ele não estava indo muito bem. — Como poderia pagar por meu atrevimento, senhorita? O que você me obrigará a fazer? — Leva o punhal até o pescoço. — Você quer sangue, minha senhora?

Pippa responde em um tom frio.

— Por que não.

— O que deseja minha senhora?

Pippa gira e os cachos negros colocam-se em seu ombro.

— Quero que me deixe em paz.

— Muito bem, minha senhora. Mas antes ofereço um presente.

Deixa um pacote sobre a grama e se perde novamente entre a vegetação.

— Pensei que você tinha dito que tinha se livrado dele — comenta Felicity.

— Sim, eu pensei que tinha conseguido — responde Pippa.

— O que ele te deixou? — pergunta Ann.

Desembrulha o pacote e cai de costas enquanto grita.

— O que é? — pergunta Felicity, correndo até o pacote.

É uma cabeça de cabra, toda coberta de moscas e sangue seco.

— É horrível — diz Ann, agüentando com a vontade de vomitar.

— Se esse homem voltar, lhe direi umas quatro coisas — promete Felicity, apressada.

Não sei se nos atreveríamos a fazer. Eu me pergunto por que o príncipe sonhado e largamente aguardado por Pippa — e conseguido através de magia — se transformou em um ser tão cruel. Pippa observa a cabeça com atenção. Leva as mãos ao estomago e abre a boca. Por um momento, penso que ela está a ponto de explodir a chorar. Mais ao invés disso, faz algo surpreendente: senta-se e olha a cabeça com desejo. Então, percebe que eu a observo e diz:

— Mais tarde eu a enterrarei como merece.

E agarra meu braço.

— Sim, acredito que seja o melhor — opino, enquanto me afasto.

— Voltem amanhã — grita. — Tentaremos outro caminho. Tenho certeza que amanhã encontraremos.

O relógio cuco de Felicity marca a hora. É como se estivéssemos estado fora durante muitas horas mais na verdade foi só um segundo no tempo de Londres. Estou inquieta com os descobrimentos de hoje: o anagrama da senhorita McCleethy, sua visita a Bedlam, Mae Sutter e suas amigas. E Pippa; sobre tudo por Pippa.

— Nos divertimos um pouco? — pergunta Felicity, saindo pela porta de seu quarto.

Shames, o criado, nos segue.

— Senhorita Worthington, o que aconteceu?

Felicity revira os olhos.

— Você nunca me viu aqui, Shames. Nós estamos na sala, tomando o chá.

Sem pronunciar uma palavra, Shames move a cabeça como se não pudesse entender porque a porta está aberta. Fecha-a e nos libera.

A neblina de Londres esconde as estrelas. Elas aparecem aqui e ali mais não podem luzir todo o seu esplendor.

— O que fazemos agora? — pergunta Ann.

Felicity dá um salto e responde:

— O que quisermos.

Sobrevoar Londres em uma noite como essa é maravilhoso. Vemos os cavaleiros saindo dos clubes, as carruagens que os conduzirão para casa, os mendigos e pobres que procuram alguma sorte e algum dinheiro nas margens do Tâmis... Se quisermos, podemos tocar as pontas dos teatros do West End ou nas torres góticas do Parlamento. Ann inclusive se senta na torre do Big Ben.

— Olha — diz rindo. — Tenho uma cadeira no Parlamento.

— Podemos fazer o que quisermos. Inclusive roubar as jóias reais em Buckingham Palace — comenta Felicity caminhando nas pontas dos pés pelas torres.

— Não fará isso, verdade? — pergunta Ann, assustada.

— Não, não fará — respondo séria.

É divertidíssimo se sentir tão livre. Voamos tranquilamente sobre o rio e descansamos na ponte de Waterloo. Um barco passa por debaixo iluminado apenas por uma lanterna. É estranho mais posso ler os pensamentos do homem que está no barco, como também os das mulheres de má reputação de Haymarket ou dos jovens que vão de carruagem para o Hyde Park. É muito estranho; é como escutar a conversa de outro quarto e, além disso, saber o que sentem enquanto falam.

Um velho tem os bolsos cheios de pedras e sei o que ele quer fazer.

— Temos que parar o homem do barco — digo.

— Por quê? — pergunta Ann.

- Você não os ouviu?
- Não — diz Ann, e Felicity também indica com a cabeça que ela não ouviu nada.
- Ele quer se suicidar.
- Como você sabe? — pergunta Felicity.
- Posso ouvir seus pensamentos.

Duvidam, mas me seguem através da neblina. O homem canta uma triste canção sobre coisas perdidas para sempre e põe mais pedrinhas nos bolsos. Está na borda do barco.

- Você tinha razão — diz Ann.
- Quem está aí? — grita o homem.
- Tenho uma idéia. Sigam-me — sussurro para as minhas amigas.

Nos movemos entre a neblina e ficamos a vista do homem.

- Você não deve fazer — digo com uma voz que parece do além-túmulo.

O homem fica de joelhos, com os olhos como pratos.

- O que você é?
- Somos os fantasmas de Natal, e viemos adverti-lo que deve seguir nossas ordens.

Felicity sorri, mas mantém a compostura ao dizer isso. Ann olha para ela muito surpresa, e eu mesma fico surpreendida ao vê-la improvisar assim.

- Do que você me adverte? — pergunta o homem.
- Se seguir com isto, caíra uma maldição em você — digo.
- E sobre sua família — aponta Felicity.
- E sobre a família de sua família — segue Ann, exagerando um pouco no recado.

Funciona. O homem tira as pedras do bolso tão depressa que temo que ele faça o barco afundar.

- Obrigada. De verdade, obrigada.

Satisfeitas, saímos, rindo e orgulhosas por termos salvado a vida de um homem. Quando chegamos de novo nas casas de Mayfair, me dirijo até a casa de Simon. Seria fácil entrar e escutar seus pensamentos. Por um momento me levanto, e me aproximo dele, mas no último momento decido seguir Ann e Felicity para a sala, onde encontramos o chá frio.

- Foi emocionante! — diz Felicity, sentando.
- Sim — diz Ann. — Pergunto-me por que Fee e eu não conseguimos ouvir os pensamentos.
- Não sei — digo.

Uma menina pequena vestida de branco entra no cômodo. Não tem mais que oito anos. Usa o cabelo penteado para trás e adornado com um laço branco. Seus olhos são azuis como os de Felicity. De fato, se parece muito com ela.

- O que quer? — pergunta Felicity.

Uma criada entra.

– Desculpe, senhorita Worthington. A senhorita Polly perdeu sua boneca. Já lhe disse que ela tem que cuidar mais de suas coisas.

Então esta é a pequena Polly. Sinto pena por ela viver com Felicity.

– Está aqui — diz Felicity, pegando a boneca por debaixo do tapete persa. — Espera. Vamos verificar se está bem.

Felicity finge ser uma enfermeira e atende a boneca. Polly ri com vontade. Mas quando fecha os olhos e põe as mãos na boneca sinto como a magia flui.

- Felicity — chamo-a, para romper a sua concentração.

Entrega a boneca para Polly.

- Aqui, Polly. Agora está muito melhor. Agora você tem alguém que cuidará de ti.
- O que você fez? — pergunto quando Polly sai do cômodo.
- Não me olhe assim. Tinha o braço quebrado e eu o reparei — diz Felicity.
- Você não seria capaz de fazer mal a ela, verdade? — pergunto.
- Não, não seria capaz — responde Felicity friamente.

VINTE E SEIS

A primeira coisa que eu fiz quando acordei foi escrever uma carta para a diretora da escola Santa Victoria perguntando-lhe quando a senhorita McCleethy trabalhou lá. Em seguida, enviei para Emily para que ela mandasse a carta antes mesmo que a tinta estivesse seca.

Como é quinta-feira, a senhorita Moore nos leva para o museu, como havia prometido. Viajamos em um ônibus através das ruas de Londres. É divertido sentar na parte de cima, e sentir o vento no rosto, contemplar as pessoas que passeiam nas ruas e os cavaleiros que saem de suas carruagens. Falta menos de uma semana para o Natal e a temperatura está mudando. Por cima de nós, as nuvens anunciam neve. As massas brancas que culminam pelas chaminés das casas e movem-se incessantemente, como se ainda estivessem longe de seu destino.

— Nossa parada, senhoritas — avisa-nos a senhorita Moore.

O vento sopra com tanta força que nós temos que segurar os nossos chapéus com uma mão. Com cuidado descemos as escadas que nos conduz para a rua. O guarda nos ajuda a descer.

— Muito amável — diz a senhorita Moore. Ajusta o chapéu e se dirige até nós: — Faz tanto vento que por um momento eu pensei que ia sair voando.

O museu que nós vamos visitar compartilha o edifício com um clube masculino. Muita gente veio hoje para visitar as suas salas. Nos movemos pelos patamares entre os visitantes e desfrutamos das pinturas. A senhorita Moore nos guia pelos patamares inferiores, onde se exibem as obras de artistas menos conhecidos. Vimos retratos tranqüilos de senhoritas, cenas ferozes de batalhas no mar e paisagens que fazem desejar viver nelas. Paro em frente a uma obra onde é possível ver um exército de anjos numa batalha. Também vejo um jardim frondoso com só uma árvore, e muita gente ao fundo, lamentando-se de algo. Abaixo tem uma faixa de rocha negra banhada de uma cor laranja. Uma cidade dourada descansa sobre as nuvens, à distância. No centro, os anjos lutam de tal forma que é difícil diferenciar dois corpos.

— Você viu algo que gostou? — pergunta a senhorita Moore, de repente ao meu lado.

— Não sei — respondo. — Estou desconcertada.

— Bem, às vezes acontece isso quando ficamos em frente à uma arte. O que te desconcerta nesta pintura?

Fixo-me nas cores mais chamativas, os vermelhos e os laranjas do fogo, o branco das asas dos anjos, os diferentes tons de cor da carne que transforma os músculos pintados em algo quase real.

— O desespero que transmite. É como se tivesse muita coisa em jogo.

A senhorita Moore se inclina sobre a placa que há ao lado da pintura. *Artista desconhecido. Feito em 1801. Um exército de anjos rebeldes.* Cita algo que parece poesia: “Para reinar faz falta ter ambição no Inferno: melhor reinar no Inferno do que servir no Céu”. John Milton. *Paraíso Perdido*. Livro I. Você já leu?

— Não — digo, ruborizando.

— E vocês? Senhorita Worthington, senhorita Bradshaw — pergunta a senhorita Moore. Elas dizem que não. — Não sei o que será de nós se as pessoas nem sequer lêem a obra do melhor poeta do Império. Falo de John Milton, nascido em 1608 e morto em 1674. Seu poema épico, *Paraíso Perdido*, narra a história de Lúcifer. — Aponta para o anjo de cabelos escuros no centro. — O anjo mais brilhante e mais amado do Céu, que foi expulso por se rebelar contra Deus. Uma vez perdido o Céu, Lúcifer e seu exército de anjos rebeldes prometeram continuar sua luta aqui, na Terra.

Ann assoa seu nariz discretamente em seu lenço enquanto diz:

— Não entendo por que tinha que lutar, se já estava no Céu.

— Certo. Mas para ele não era o suficiente. Ele queria mais.

— Mas ele tinha o que pedia, não é assim? — pergunta Ann.

— Sim — responde a senhorita Moore. — Mas ele tinha que pedir. Dependia de outro. E parecia terrível para ele não depender de si mesmo, que esse outro tenha lhe negado a possibilidade de ser autônomo.

Felicity e Ann olham para mim, e me sinto um pouco culpada. Eu tenho o poder. Elas não. Elas me odeiam por isso?

— Pobre Lúcifer — murmura Felicity.

A senhorita Moore ri.

— Bem, é um pensamento muito original. Embora você não seja a única que pense assim. Milton também sentia compaixão por Lúcifer. E este pintor também. Vejam que bonito ele pintou o anjo escuro?

Nós três ficamos olhando a perfeição e a força do anjo escuro. A cena de luta é tremenda.

— Pergunto-me... — sussurra a senhorita Moore.

— O que? — pergunta Ann.

— E se o mal não existir? E se o mal, o demônio, foi algo inventado pelos homens e não temos mais nada contra o que lutar a não ser contra nossas próprias limitações? A batalha contra nossa vontade, nossos desejos e nossas possibilidades.

— Mas o mal existe — digo, pensando em Circe.

A senhorita Moore me olha com curiosidade.

— Como você sabe?

— Nós vimos — diz Ann repentinamente.

Felicity tosse e golpeia dissimuladamente o braço de Ann.

A senhorita Moore se aproxima.

— Tem razão. O mal existe — Meu coração vai explodir. Vai fazer? Vai confessar algo agora? — E se chama o fim da escola. — afirma em tom de zombaria, e nós rimos da piadinha.

Um casal mais velho passa do nosso lado e nos olha de uma forma ruim por causa do ruído que estamos fazendo.

Felicity continua olhando a pintura como se quisesse tocá-la.

— Você acredita que há alguma pessoa não seja completamente boa? Que há algo de errado neles que faz com que os outros... — Para em seco.

— Faz que os outros o quê...? — pergunta Ann.

— Sofram algumas coisas.

Não sei do que ela está falando. A senhorita Moore olha para a pintura.

— Nós todos somos responsáveis por nossos atos, senhorita Worthington, se é o que está perguntando.

Se é isso o que ela quis perguntar, nós nunca vamos saber. Não sei se sua pergunta foi respondida.

— Vamos, senhoritas? Ainda temos que ver os românticos.

A senhorita Moore nos guia através do museu. Ann a segue, mas Felicity parece enganchada ao quadro.

— Você não me expulsaria, verdade? — me pergunta.

— De onde? — respondo com outra pergunta.

— Dos reinos. A Ordem. Tudo isso.

— Claro que não.

Inclina a cabeça.

— Você acha que eles o expulsaram por muito menos? Acredita que Deus chorou por seu anjo perdido?

— Não sei.

Felicity agarra meu braço e seguimos as outras, deixando para trás os anjos e sua luta feroz.

— Oh, se não é nossa Ann!

Uma mulher se aproxima. É muito elegante e usa grandes jóias e diamantes, mais apropriados para a noite. É obvio que tem dinheiro e quer que todos saibam. Envergonha-me um pouco. Seu marido, um homem com bigode, tira o chapéu em forma de saudação. Usa uma bengala na mão.

A mulher cumprimenta Ann efusivamente.

– Que surpresa te encontrar aqui! Mas, porque você não está na escola?

– Eu-eu-eu... – gagueja Ann. – Posso apresentar a minha prima, a senhora Wharton?

Nos apresenta e descobrimos que a mulher é uma prima distante de Ann, a mesma que paga parte dos gastos da escola com a esperança de que logo ela se instale em sua casa para cuidar das crianças.

– Espero que essa exposição seja de bom gosto – comenta a senhorita Wharton. – Fomos a uma exposição em Paris que era quase obscena. Retratos de selvagens que não usavam mais do que um pano para se cobrir. E os quadros eram bem caros – continua a senhora Wharton sem se dar conta que o que não é de bom gosto é falar do preço.

A senhorita Moore interrompe:

– Vejo que você se interessa por boa arte. Sendo assim, você não deve perder a grande pintura de Moretti – diz, e recomenda para eles uma Vênus nua, a deusa do amor que me fez corar só uns minutos antes.

Não me cabe nenhuma dúvida de que tal visão ofenderá os Whartons, e temo que a senhorita Moore fez isso de propósito, como uma provocação.

– Nós veremos. Mil obrigadas – diz a senhora Wharton. – Foi uma sorte nos encontrarmos, Annie. Acho que nossa criada irá embora antes do que nós pensávamos. Nos abandonará em maio, e precisamos que você comece mais cedo. Estou certa de que Caroline e Charlotte ficaram encantadas de ter a sua prima como governanta, mas temo que Charlotte, com apenas oito anos, já espera que venha alguém que lhe chame de senhorita Charlotte. Não deixe que mandem muito em você.

Ri, para atormentar mais ainda Ann.

– Temos que ir – diz o senhor Wharton.

Já se aborreceu conosco.

– Sim, claro. Escreverei para a senhora Nightingale – diz a mulher, pronunciando o nome errado. – Encantada de te ver. – despede-se se deixando arrastar por seu marido, como uma criança.

Vamos para a sala de chá para nos recompor. Não é como os clubes e as salas que freqüentamos, repleta de flores e conversas banais. Este é um local para mulheres trabalhadoras e nota-se a atividade. Felicity e eu nos sentimos plenas com o incentivo da arte. Falamos de nossos quadros favoritos e a senhorita Moore nos conta o que sabe sobre os artistas. Tudo isso nos faz sentir sofisticadas, como se estivéssemos em um famoso salão de Paris. Só Ann continua em silêncio. Bebe o chá e come duas porções de bolo, um detrás do outro.

– Continua comendo assim e veremos que vestido caberá em você no dia do Natal – repreende Felicity.

– O quê? – responde Ann. – Você ouviu a minha prima. Em maio tudo acabará.

– Vamos, senhorita Bradshaw – intervêm a senhorita Moore. – Sempre há outras opções. Seu futuro não irá ser decidido agora.

– Já foi decidido. Pagaram os meus estudos em Spence. Estou em dívida com eles.

– Também pode rechaçar a sua oferta e devolver o dinheiro que eles investiram em sua formação

– propõe a senhorita Moore.

– Como poderia devolvê-lo?

– Poderia. Com o tempo. Não será fácil, mas poderia.

– Mais ficariam muito irritados comigo – continua Ann.

– Provavelmente. Isso não a matará.

– Não suporto que alguém pense mal de mim.

– Você suportaria melhor passar a vida às ordens da senhora Wharton e de Caroline e de Charlotte?

Ann olha fixamente para as migalhas de seu prato. Eu conheço Ann e sei que a resposta é afirmativa. Sorri timidamente.

— Talvez eu me transforme na heroína de um desses romances da escola, e alguém venha me resgatar. Um tio rico. Ou talvez eu rompa o coração de um homem bom que quer me transformar em sua esposa — diz, olhando-me com timidez, e sei que está pensando em Tom.

— Isso é esperar muito — diz a senhorita Moore.

Ann começa a chorar e duas grandes lágrimas caem em sua xícara de chá.

— Vamos — diz a senhorita Moore, pegando a sua mão. — Temos tempo para arrumar tudo. O que podemos fazer para distraí-la? Por que vocês não me explicam mais coisas maravilhosas que vocês vêem nos reinos?

— Sou bonita, lá — diz Ann com voz chorosa.

— Muito bonita — acrescento. — Explique como assustamos as ninfas.

Um sorriso ilumina o rosto de Ann.

— Nós demos uma lição nelas, não foi?

A senhorita Moore mostra interesse pelo assunto.

— Por que não me explicam de uma vez? Quero saber tudo sobre as ninfas.

Enquanto descrevemos toda a cena, a senhorita Moore ouve com atenção.

— Bom, vejo que finalmente vocês estão lendo. Tudo isto que vocês me contaram é muito parecido com as ninfas e as sereias dos gregos que arrasavam os marinheiros para a morte com suas canções. E já conseguiram encontrar o Templo?

— Ainda não. Mas visitamos a livraria Amanhecer Dourado. Fica perto da rua Bond. Lá encontramos um livro sobre sociedades secretas escrito pela senhora Wyatt — explica Ann.

— Amanhecer Dourado... — repete a senhorita Moore enquanto pega um pedaço de bolo. — Acho que não sei qual é.

— A senhorita McCleethy tinha um anúncio desta livraria em sua mala — solta Ann. — Gemma viu.

A senhorita Moore levanta as sobrancelhas.

— Estava aberta — desculpo-me, ruborizando. — Não pude evitar ver.

— Vimos a senhorita McCleethy na loja. Pediu esse livro, e depois nós também o pedimos. Falava sobre a Ordem — diz Felicity.

— Sabia que a Ordem usava anagramas para esconder suas verdadeiras identidades? — pergunto.

A senhorita Moore nos serve mais chá.

— Isso é verdade?

Ann não consegue esperar mais e diz.

— Sim, e descobrimos que o anagrama da senhorita McCleethy é *They call me Circe*: “Eles me chamam Circe”. Isso prova tudo.

— O que prova? — pergunta a senhorita Moore limpando as gotas de chá que acabam de cair.

— Que a senhorita McCleethy é Circe, é claro.

— E regressou para Spence com algum propósito diabólico — explica Felicity.

— Como, por exemplo, ensinar latim e desenho... — brinca a senhorita Moore com um sorriso.

— É um assunto sério, senhorita — insiste Felicity.

A senhorita Moore se inclina com uma cara solene.

— Também é sério acusar as pessoas de bruxaria só por visitar uma livraria.

Enquanto pensamos nisso, bebemos mais um pouco de chá.

— Seguimos ela — diz Ann, mais calma. — Foi em Bedlam. Para visitar Nell Hawkins.

A senhorita Moore interrompe ela.

— Quem é Nell Hawkins?

— É uma garota que acredita na Ordem. Diz que Circe a persegue. Por isso enlouqueceu — diz Ann, tranquilamente.

Realmente parece macabro.

— Meu irmão, Tom, trabalha na clínica. Nell Hawkins é uma de suas pacientes — explico.

— Interessante. Você falou com ela?

— Sim.

— Ela disse se conhecia a senhorita McCleethy?
— Não — respondo envergonhada. — Ela está perturbada e é difícil decifrar seus comentários. Mas ela estava na escola Santa Victoria quando aconteceu a horrível mudança de estado mental, e temos razões para acreditar que a senhorita McCleethy trabalhava também lá na mesma época.
— Que curioso! — diz a senhorita Moore, colocando um pouco de leite no chá. — Você tem certeza disso?
— Não — admito. — Mas eu escrevi para o endereço do centro perguntando. Espero ter alguma resposta logo.
— Então, na verdade, vocês não sabem nada — diz a senhorita Moore, limpando a boca com um guardanapo. — Até que estejam certas, aconselho que vocês sejam prudentes com suas acusações: pode ter repercussões imprevisíveis.
Nos olhamos e nos sentimos culpadas.
— Sim, senhorita Moore.
— Ann, o que você está escrevendo? — pergunta.
Ann está escrevendo coisas em um papel. Tapa com a mão.
— N-nada.
Felicity arranca o papel de suas mãos.
— Devolve — diz Ann, tentando recuperar.
Felicity lê em voz alta. *Hester Moore. Room She Reet.*
— É um anagrama de seu nome. Não é muito bom — diz Ann, vermelha de vergonha.
Felicity continua lendo, encantada. Ou, Set Her More. Set More Hero. De repente, os olhos de Felicity brilham. Er Tom? Eros He.
Não importa que não tenha sentido. O fato de que saibamos que ela combinou as palavras Tom e Eros em uma frase humilha Ann. Ela pega a nota. Na sala de chá, todos nos olham por causa de nosso comportamento infantil. Temo que a senhorita Moore nunca mais queira nos levar para um passeio.
Em vez disso, ela pega seu porta-moedas e diz:
— Temos que nos ver em casa, garotas.

No táxi, a senhorita Moore diz:

— Espero que vocês não tenham problemas com as ninfas de água. Não parecem muito agradáveis.
— São como duas de nós — diz Ann tremendo.
— Talvez vocês possam me deixar entrar na história. Eu ficaria encantada de combater as ninfas — diz a senhorita Moore com um sorriso heróico.
Rimos. Me sinto melhor. Tive um ótimo momento. Odeio pensar que talvez não haja muitos dias como esses.
Quando deixamos Ann e Felicity seguras em casa, atravessamos a distância que fica até Belgrave Square. A senhorita Moore olha para a encantadora casa.
— Você gostaria de entrar e conhecer a minha avó? — pergunto.
— Em outra ocasião — diz, preocupada. — Gemma, você realmente desconfia da senhorita McCleethy?
— Tem algo muito estranho nela — opino. — Mas não sei dizer do que se trata.
A senhorita Moore assente.
— Investigarei o que eu possa. Talvez não seja nada, e daqui a alguns dias nós riremos como tontas de tudo isso. Enquanto isso, procure evita-la.
— Obrigada, senhorita — respondo. — Obrigada por tudo.

VINTE E SETE

Quando passo pela porta encontro-me com a senhorita Jones.

— Sua avó te espera na sala, senhorita. Ela pediu que fosse vê-la quando chegasse.

A voz soa tão grave que por um momento temo que tenha acontecido alguma desgraça na família. Entro na sala e encontro vovó conversando com lady Denby e com Simon. Sinto o contraste entre o frio da rua e o calor da sala. Meu nariz fica vermelho.

— A Sra. Denby e o Sr. Middleton veio nos visitar, Gemma — Diz vovó com um sorriso que esconde sua raiva pela minha entrada abrupta. — Esperaremos que você troque de roupa para recebê-los.

Eu fico apresentável e saímos para a rua. Seguimos um dos caminhos de Hyde Park. Lady Denby e vovó vão atrás de nós, permitindo que Simon e eu possamos conversar com privacidade, mas vigiados.

— Está fazendo um belo dia — digo, embora perceba como caem os primeiros flocos de neve.

— Sim — diz Simon, compadecendo-se de mim —. Gelado, mas lindo.

Caminhamos alguns passos em silêncio.

— Alguma vez você...?

— O quê?

— Esquece — digo.

— A culpa é minha. Por favor, continue — diz Simon, o que faz com que meu coração se acelere.

— Só estava me perguntando...

O quê? Não sei o que dizer. Estava desesperada para manter uma conversa e parecer uma garota interessante e desembaraçada.

O tipo de garota que você quer ter a seu lado. O problema é que nesses momentos não me sinto em posição de ditas virtudes. Será um milagre se puder fazer um comentário que não seja estúpido.

— Sim... isto... O que quero dizer é que... Não são lindas as árvores nesta época do ano?

As árvores, nuas e secas me olham pasmas.

— Acho que podemos dizer que estão elegantes — Simon me salva.

Isso não está indo bem.

— Desculpe incomodá-lo, Sr. Middleton — diz vovó —. Eu temo que seja a umidade. Acabam colocando-se nos meus ossos.

Simon oferece seu braço.

— Não se preocupe Sra. Doyle.

Nunca em minha vida apreciei tanto uma interrupção. Vovó está encantanda em passear por Hyde Park no braço do filho de um visconde. Todos podem vê-la.

Vovó fala de sua saúde, dos problemas com o serviço e de outros temas, e eu pude relaxar. Simon lança para mim olhares quentes de tempo em tempo e eu sorrio.

Ele tem a capacidade de converter um passeio com vovó em uma aventura.

— Você gosta de ópera, Sra. Doyle? — pergunta lady Denby.

— A italiana não. Mas nossos Gilbert e Sullivan sim. São encantadores. — responde vovó.

Envergonho-me de seu mau gosto.

— Que coincidência! Eles vão representar *The Mikado* no sábado à noite na Royal Opera. Temos um camarote. Vocês gostariam de vir?

Vovó fica em silêncio e ao principio temo que esteja catatônica. Mas depois descubro que só está muito comprazida. É um convite tão especial que lhe custa reagir.

— Estaremos encantadas — responde finalmente.

A ópera. Nunca vi uma ópera. Olá, lindas árvores nuas! Vocês ouviram? Vou à ópera com Simon Middleton. O vento agita os ramos das árvores e soa como uma salva de palmas.

Uma carruagem negra se aproxima devagar, guiado por dois cavalos brilhando. O cocheiro está elegantemente uniformizado. Quando a carruagem passa pelo nosso lado, seu ocupante nos olha e

sorri pra mim de maneira cruel. Tem uma cicatriz na bochecha esquerda. É o homem que vi na estação no dia que cheguei a Londres. O homem que me seguiu. Eu tenho certeza. Ao passar ao meu lado, ele tira o chapéu a modo de saudação. A carruagem segue seu caminho. Uma mão enluvada de mulher aparece do outro lado, pela janela. Ela se move como um aviso.

Posso ver um pedaço de sua roupa. É verde, um verde intenso.

— Senhorita Doyle — diz Simon.

— Sim — respondo quando encontro novamente minha voz.

— Você está bem? Parece enjoada.

— Temo que a senhorita Doyle deva ter pegado frio. O melhor é voltar para casa e sentar-se em frente à lareira — insiste a mãe de Simon.

A rua está tranquila. Inclusive sopra menos vento. Mas, por dentro, meu coração bate como nunca. Porque a roupa verde que está mulher usava eu já vi antes. Em minhas visões. Tenho certeza de que pertence a Circe e isso significa que ela viajava nesta carruagem com um membro dos Rakshana.

Quando a Sra. Denby e Simon se foram, vovó pede a Emily que me prepare um banho quente. Entro na água e relaxo. Fecho os olhos e deixo meus braços flutarem.

A dor chega de repente. Meu corpo fica rígido, como fora de controle. A água entra na minha boca e começo a tossir. O pânico me impede de sair da água.

Ouçoo um suspiro: “Venha conosco...”

A dor se foi, e sinto meu corpo leve como um floco de neve. Não atrevo a abrir os olhos. Não quero ver quem está ali. Mas possivelmente pode ter respostas para minhas perguntas.

Sim, estão ali. As três garotas de branco.

— O que vocês querem? — pergunto, ainda cuspidando água.

— Nos siga — dizem, e atravessam a porta fechada como se não estivesse.

Rapidamente, me visto e abro a porta, procurando algum sinal que me permita segui-las. As vejo na porta do meu quarto.

Indicam-me que entre com elas.

Estou tremendo de frio, mas as sigo e encontro coragem pra falar.

— Quem são vocês? Podem me ajudar a encontrar o Templo?

Não respondem. Vão até meu armário e param.

— O armário. Não há nada lá dentro.

Apenas minha roupa.

Acenam com a cabeça.

— As respostas que você procura estão aí.

No meu armário? Elas estão piores que Nell Hawkins. Abro a porta e começo a tirar vestidos e casacos, sapatos e chinelos sem saber o que procuro. Finalmente, a frustração me invade.

— Eu já disse que não há nada aqui.

Elas respondem fazendo ruídos no quarto. Eu fiz isto. As deixei irritadas.

Elas estão vindo para mim e eu não consigo me mexer. Prenderam-me contra a cama.

— Não, por favor — murmuro, fechando os olhos com força.

Colocam seus dedos gelados em meus ombros e neste ponto não posso me mexer. Sinto tanto pânico que fica fora de questão a possibilidade de gritar ou chorar. Elas riem e correm ao meu redor.

— Nos dará o poder hoje? Poderemos ver esses reinos tão preciosos — comenta uma delas.

— Espero que sim, porque morro de vontade de brincar com a magia — responde a outra.

A garota que brinca com meus cachos agora pergunta:

— Eleonor, ela não nos disse que seria hoje?

— Sim — responde outra em voz alta —. Virá logo. Entraremos nos reinos e teremos o quanto desejar.

— Você acha que poderá nos levar com ela?

- Isso é o que diz.
- Oh, Nell, isso é fabuloso.

Eleanor. Nell. O nome me insufla ar. Pela primeira vez, a vejo, andando para as outras. Ela parece mais forte e seu cabelo está bonito, mas é ela: Nell Hawkins, antes de ficar louca.

Ouçõ um sussurro de novo: "Assista"!

VINTE E OITO

Nell Hawkins e eu nos dispomos a passear pelos pátios interiores de Bedlam.

O dia está frio, mas se Nell quer andar, andaremos. Farei o que for para desbloqueá-la, porque tenho certeza que em algum lugar da mente torturada de Nell se esconde o segredo que procuro.

Só algumas das almas mais valentes saíram hoje. Nell não quis colocar luvas. Suas mãos estão geladas, mas parece que não se importa. Quando estamos a uma distância segura das portas do hospital, lhe entrego o recorte de jornal.

Nell o sustenta em suas mãos e começa a tremer.

— Santa Victoria...

— Você esteve lá, não é?

Ela se apoia em um banco, sem forças.

— Sim — diz como se tivesse acabado de se lembrar —, eu estive lá.

— O que aconteceu naquele dia, nas rochas?

Os olhos de Nell, cheios de dor, me olham como se eu soubesse a resposta.

Os fecha com força e relata:

— Jack e Jill subiram a colina para tocar a água. Jack caiu e quebrou a coroa e... — Ela para, frustrada —. Jack e Jill subiram a colina para tocar a água. Jack caiu e quebrou a coroa e... — Ela repete cada vez mais rápido: " Jack e Jill subiram a colina para tocar a água. Jack caiu e quebrou a coroa e...".

Ela abre os olhos de novo. Está apavorada.

— Sim, sim, mas eu não cai.

— O que você disse? Não estou te entendendo.

— Subimos a colina... a colina. Para tocar a água. Da água. Saiu da água. Ela fez sair.

— Circe — me aventuro.

— É uma casa de doces esperando para nos devorar.

A estranha Senhora Sommers está caminhando perto de nós, puxando seus cílios quando ninguém vê. Aproxima-se cada vez mais, e quer nos ouvir.

— O que Circe queria de vocês? Diga-me, porque as procurava?

— O caminho. — Nell diz em um sussuro e eu sinto um arrepio. Olha a direita e a esquerda como uma criança que quer guardar seu segredo —. Eu queria entrar. Fez. Fez. Nos disse que seríamos sua nova Ordem. As Rainhas. Rainhas com coroa. Jack caiu e sua coroa quebrou.

— Senhorita Hawkins, olha pra mim, por favor. Você pode me dizer o que aconteceu?

Ela parece triste, distante.

— Não podemos fazê-la entrar. Eu não pude entrar. Não completamente. Só aqui. — E ao dizer isto aponta para a cabeça —. Posso ver coisas. Dizer-lhe coisas. Mas ela queria mais. Queria entrar. Cansou-se de nós. Ela...

A Sra. Sommers está muito perto. Nell se vira repentinamente e grita tão alto que a mulher sai correndo. Meu coração vai explodir.

— Encontre a pessoa que possa devolver a magia a seu esplendor. A pessoa com poder suficiente para levá-la ao Templo. Isso é o que sempre quis — sussurra —. Não, não, não — grita para o ar.

— Senhorita Hawkins — Eu chamo para voltar a nossa conversa —. É a senhorita McCleethy? Ela estava lá? É Circe? Diga-me.

Nell se aproxima e toca minha testa com a sua. Ela me agarra pelo pescoço para que eu não me afaste.

— Não os deixe entrar, Dama da Esperança.

Isso é uma resposta? Nell continua entoando sua canção.

— As criaturas farão o que for para te controlar. Farão-te ver coisas. Ouvir coisas. Você deve mante-las afastadas.

Eu quero me soltar dessa mão que me imobiliza com força incomum. Mas tenho medo de me mexer.

— Nell, por favor. Você sabe onde posso encontrar o Templo?
— Você deve seguir o Caminho da Verdade — diz novamente.
— Há centenas de caminhos. Não sei qual é o da Verdade.
— Você o achará quando menos esperar. Está à vista. Olhe e você vai ver. O verá. O mar. Saiu da água. Saiu do mar. — Seus olhos se abrem mais —. Eu te vi. Desculpe. Desculpe.

Ela está indo outra vez.

— O que aconteceu às outras garotas, Nell?

Começa a se mover como um animal ferido.

— Não foi minha culpa. Não foi minha culpa.

— Senhorita Hawkins... Nell... Tudo bem. Eu as vi. Em minhas visões. Eu vi suas amigas.

Ela me olha fixamente. Com fúria.

— Não são minhas amigas. Não, não são.

— Mas tentam ajudar.

Ela foge de mim, gritando.

— O que você fez? O que você fez?

Alarmada, uma enfermeira vem até nós.

— Senhorita Hawkins, por favor, não queria...

— Shhhh. Silêncio. Eles ouvem tudo — diz movendo-se para cima e para baixo com os braços cruzados.

— Não há ninguém. Estamos sozinhas, você e eu.

Ela curva-se, ajoelha e me olha:

— Irão ver na minha mente.

— Senhorita... Nell... — gaguejo, mas eu a perdi.

Ela começa a cantar uma canção popular a plenos pulmões e vai correndo até a enfermeira, que a faz entrar. Eu fico pra fora, passando frio e com mais perguntas que nunca. O comportamento de Nell me deixou confusa. Não sei se posso acreditar no que disse.

A Sra. Sommers volta e se senta ao meu lado. Tem a pele dos olhos vermelha de tanto puxa-la.

— É um sonho? — me pergunta.

— Não, senhora Sommers — respondo enquanto recolho minhas coisas.

— Ela mente e você sabe disso.

— Do que você está falando? — pergunto.

As sobranceiras dão uma aparência estranha a senhora Sommers. É como uma figura domoníaca fugida de uma pintura medieval.

— Me falam. Contam-me coisas.

— Senhora Sommers. Quem fala e lhe conta coisas?

— Eles — diz como se eu pudesse entender —. Eles me têm dito. Não é o que parece. Há feito coisas horríveis. Está aliada com os maus, senhorita. Eu ouço pelas noites. Coisas terríveis, terríveis. Eles estão vindo para você.

A Sra. Sommers sorri e mostra uns dentes muito delicados para sua boca. Eu guardo o recorte de jornal, me viro e caminho a bom passo pelos corredores do hospital. Passo em frente às salas de costura e de piano desafinado. Estou indo tão depressa que parece que estou correndo. Quando chego à altura da carruagem, onde encontro Kartik, me falta respiração.

— Senhorita Doyle, o que aconteceu? E o seu irmão? — pergunta enquanto me olha inquieto.

— Disse... que volte logo...para lhe buscar — digo com voz entrecortada.

— O que acontece? Você parece mal. Vou te levar pra casa.

— Não. Preciso falar com você. A sós.

Kartik olha para mim e me vê agitada e respirando com dificuldade.

— Conheço um lugar. Nunca levaria uma garota lá, mas é o único lugar em que consigo pensar.

Confia em mim?

— Sim — digo.

Ele oferece sua mão e eu a pego. Viajamos através de Blackfriars Bridge e nós adentramos na escura zona de East London. Começo a duvidar de Kartik. As ruas são estreitas e irregulares. Vendedores ambulantes de verduras e carnes vêm atrás de nós na rua.

— Batatas, cenouras, ervilhas... — Eles gritam.

As crianças nos seguem, pedindo esmola ou qualquer coisa que possamos lhes dar. Kartik pára a carruagem em frente à porta de trás de um açougue. As crianças vêm em minha direção e começam a puxar minha roupa.

— Fora — grita Kartik com um sotaque de menino de rua que eu nunca havia ouvido.

Os garotos desaparecem imediatamente. Só fica um, e Kartik lhe dá um penny²².

— Vigia sua moeda, menino — diz ele, e o convida a sair.

— Foi impressionante — comento.

Kartik sorri timidamente.

— É o que tem que fazer para sobreviver.

Kartik caminha um pouco a frente de mim, e avança rápido como um caçador.

Viramos uma rua e logo outra. No final, paramos diante de uma pequena taberna. Batemos na pesada porta de madeira. Do outro lado, um olho vê pelo olho-mágico e a porta se abre. Homens fortes sentados diante de mesas repletas de comida. Agora entendo porque Kartik nunca havia trazido uma mulher a este antro. Acho que sou a única do local neste momento.

— Estou segura aqui? — pergunto.

— Tanto quanto eu. Isto é, se nós nos dedicarmos a nossas coisas não haverá problemas.

Eu sigo Kartik pelo local. Vamos avançando pelas mesas. No final escolhemos uma, me sento e ele se retira.

— Aonde você vai? — pergunto, horrorizada.

— É uma surpresa.

Ele volta depois de um minuto com uma bandeja cheia de comida indiana, picante, deliciosa. Não consigo parar de comer. Faz tanto tempo que não provava estes pratos...

— Está delicioso. Como conhece este lugar?

— Amar me falou dele. O proprietário é de Calcutá. Está vendo essa cortina? Há uma porta atrás e um quarto oculto. Se alguma vez precisar de mim...

Eu me dou conta de que ele está compartilhando seu segredo comigo e sinto que posso confiar nele.

— Obrigado — digo — Sente falta da Índia?

Ele dá de ombros.

— Minha família são os Rakshana. Isso faz que não sinta lealdade para outros países ou costumes.

— Mas por acaso você não se lembra das procissões e das flores flutuando no rio?

— Você fala como Amar — diz enquanto morde outra torta de carne.

— O que você quer dizer?

— Adorava a Índia. Ele zombava de mim e me dizia: “Irmãozinho, vou me retirar a Benares²³ com uma mulher gorda e doze filhos que me incomodem toda hora. E quando morrer, você pode jogar minhas cinzas no Ganges²⁴”.

Kartik nunca havia me falado assim de seu irmão. Sei que viemos falar de outras coisas, mas preciso saber mais sobre ele.

— Casou?

²² [N/T: Equivale a Centavo. Penny é moeda com valor de câmbio utilizada no Reino Unido.]

²³ [N/T: Varanasi ou Benares é uma cidade do estado de Uttar Pradesh, na Índia. Localiza-se nas margens do Ganges. Tem cerca de dois milhões de habitantes. É uma das mais antigas cidades do mundo e a mais sagrada cidade da religião hindu.]Um dos principais rios do subcontinente Indiano.]

²⁴ [N/T: Um dos principais rios do subcontinente Indiano.]

— Não. Os Rakshana não podem se casar. É um obstáculo para nosso propósito — diz enquanto continua comendo.

— Claro. Tinha muito poder dentro da irmandade?

— Não, mas haveria tido se...

Se não houvesse morrido tentando proteger minha mãe. Kartik afasta a bandeja.

Chegou o momento de falar do nosso assunto e deixar de confissões.

— O que você queria me dizer?

— Eu acho que a senhorita McCleethy é Circe — digo. Explico a ele tudo o que descobrimos —. A senhorita Hawkins disse que Circe tentou entrar nos reinos através dela, mas que não conseguiu. Nell só podia vê-los em visões. E quando se deu conta de que não podia acessar os reinos...

— O quê?

— Não sei. Tenho visto pedaços do que aconteceu em minhas visões — digo. Kartik me adverte com o olhar —. Eu sei o que você vai dizer, mas a verdade é que vejo as três garotas que eram amigas da senhorita Hawkins e cada vez as vejo mais claras.

As garotas, o mar e a mulher do casaco verde. Circe. E então... Não sei. Acontece algo horrível. Mas não consigo ver essa parte.

Kartik tamborila os dedos, impaciente.

— Te disse algo sobre como encontrar o Templo?

— Não, não para de repetir que só devo seguir o Caminho da Verdade.

— Eu sei que você gosta dela, mas não se esqueça que não é confiável.

— Nestas horas muito menos são a magia e os reinos. Não sei por onde começar.

— O que aconteceu com o seu amuleto?

— Oh — digo, levantando-o —. Foi Nell Hawkins na primeira vez que me viu. Ela o arrancou de mim, o olhou assim e o jogou assim.

Eu mostro-lhe como.

— Faz outra vez.

— O que acontece? — digo enquanto imito de novo o movimento.

— Não sei. Mas pelo visto o olhou como se olhasse uma bússola.

Uma bússola? Pego o amuleto e o ponho diante da tocha para examiná-lo bem.

— Está vendo alguma coisa? — pergunta Kartik aproximando-se de mim.

Posso cheirá-lo, e cheira bem.

— Nada.

Sou incapaz de reconhecer alguma direção, algum sinal.

— Bem, foi uma boa tentativa.

— Um momento — digo —. E se só serve nos reinos?

— Irá comprovar?

— Em quanto poder.

— Bem dito, senhorita Doyle. E agora te levarei pra casa antes que eu seja demitido.

Saímos da taberna. Andamos pelas ruas que nos separam da carruagem, mas ao chegar, o garoto não está. Em seu lugar encontramos três homens vestidos igualmente de negro. Dois levam paus nas mãos. O terceiro está sentado na carruagem, com um jornal nas mãos. A rua agora está deserta.

Kartik me para com a mão. Os homens o vê e assobiam. O homem da carruagem dobra o jornal. É ele. O homem da cicatriz. O que me segue desde que cheguei a Londres.

— A Estrela do Oriente é difícil de encontrar — diz o homem da cicatriz — Muito difícil.

Vejo o broche da irmandade em seu terno. Os outros dois não o levam.

Um deles se aproxima de Kartik e o golpeia com o pau enquanto lhe pergunta se ele lembra. O da cicatriz aproxima-se de mim. Eu ouvi que lhe chamam de Fowlson.

— Fowlson — digo —. Assim é como se chama. — O homem finge que não me ouve. — Você não precisa dissimular. Eu sei que você é um Rakshana e está me seguindo por Londres.

O homem responde em voz baixa e controlada.

— E eu sei que você é uma menina impertinente e irresponsável que não faz idéia da importância de sua missão. Você deveria estar nos reinos procurando o Templo e não passeando pelas ruas de Londres. É evidente que o reino não está aqui. Ou sim? Diga-me, estava no lugar onde este te levou?

Ele desconhece o local secreto de Kartik. Enquanto penso nisso, ouço como Kartik respira com dificuldade atrás de mim.

— Eu te garanto que estou trabalhando em minha missão — digo a Fowlson.

— Pois eu não acredito. É tão fácil: encontrar o Templo e prender a magia.

— E se é tão fácil, porque a irmandade não faz?

Talvez porque não possa.

Estão forçados a depender de mim, da garota impertinente.

Fowlson me olha como se quisesse me bater com força.

— Eu acho que no momento tem que ser assim — disse, e se volta para Kartik —: Não esqueça sua missão, aprendiz.

Dobra o jornal e os três se afastam lentamente. Kartik fica de pé e faz-me entrar na carruagem.

— O que ele quis dizer com isso de missão, Kartik?

— Eu te disse. Devo ajudá-la a encontrar o Templo. Porque você disse a Fowlson que parasse de te seguir?

— Porque ele tem estado me seguindo desde que cheguei a Londres. E uma das vezes ia com uma mulher vestida de verde.

— Há muitos vestidos verdes em Londres.

— Sim, mas Circe também tem um. Só quero saber se você está certo de que nós podemos confiar em Fowlson.

— É um Rakshana, por isso, sim.

Mas não me olha enquanto me responde. Kartik arranca e me leva a toda velocidade para casa.

À noite, vovó e eu pegamos o trabalho de costura e nos sentamos em frente à lareira. Percebo que vovó está inquieta, atenta as carruagens que passam. Está esperando a carruagem de papai, que ainda não voltou do clube. Hoje foi um dia difícil. Meu pai saiu de casa de mau humor, acusando o criado de haver perdido suas luvas. Quando finalmente as encontrou nem sequer pediu desculpas.

— Tenho certeza que chegará em breve — me diz, e continua —: Ele te ama inclusive mais que Tom. Você sabe não é? Nunca quebre o coração dele, Gemma. Ele já sofreu muito. Não suportaria. Fico tão nervosa que espeto um dedo.

— Não farei — prometo.

Nesse momento entra a senhorita Jones.

— Desculpe senhorita Doyle. Isto chegou esta tarde para senhorita. Eu me esqueci de entregar.

É óbvio que o pacote delicadamente embrulhado é para mim, mas ainda assim é entregue a vovó. Ela lê o cartão. É de Simon Middleton. Um presente? Trata-se de um colar de pérolas de cor lilás. Minha cor favorita. O cartão diz: "*Jóias²⁵ para Gemma*".

— É lindo — diz vovó —. Acho que Simon Middleton está apaixonado.

— Me ajuda a colocá-lo? — pergunto.

É o mais lindo que já vi. Eu tiro o amuleto de minha mãe e coloco o colar.

— Você deveria colocá-lo amanhã para ir à ópera — sugere vovó.

— Sim, o farei — digo enquanto vejo como brilham as pérolas.

Brilhão tanto que quase não me reconheço.

Encontro um bilhete de Kartik em meu travesseiro: "*Tenho que te dizer algo. Nos vemos nos estábulos*". Eu não gosto que Kartik pense que pode entrar no meu quarto quando quiser. Tão

²⁵ [N/T: Jóias, em inglês Gems, nessa frase seria uma espécie de trocadilho com o nome da Gemma: Gems (jóias) para Gemma. No espanhol, Gemas (jóias): Gemas para Gemma. Só no português que não deu mesmo.]

pouco eu gosto que tenha segredos comigo. Também vou lhe dizer. Mas não agora. Agora só quero pensar em Simon Middleton. Dou voltas pelo quarto com as jóias em minhas mãos. Jogo no fogo o bilhete de Kartik. O papel se enrruga e em um flash se converte em cinzas.

.

VINTE E NOVE

Se eu estou nervosa com o encontro desta noite, vovó esta histérica.

— Espero que estas luvas se enquadrem muito bem. — disse enquanto dava os últimos retoques. Vovó comprou as luvas em uma das melhores lojas de Londres. Meu cabelo foi escovado até a exaustão. Eles têm cuidado de todos os detalhes.

Reconheço que estou elegante, como uma verdadeira dama. Mesmo Tom ficou surpreso ao ver-me assim. Papai pega a minha mão e beija. Treme um pouco.

— Você esta uma princesa. Certo Tom?

— É claro, não parece ridícula.

É o mais lisonjeiro que vem à mente dele.

— É tudo que você tem a dizer? — Papai repreende.

— Você está mais apresentável, Gemma. Lembre-se que não deve roncar na ópera.

— Eu acho que nós vamos buscá-la, Tom. Obrigado pelo conselho.

Saímos e quando me aproximei da carruagem vejo o rosto de Kartik, seu olhar frio, como um fantasma, alguém que nunca vi. Sim, eu estou contente. Agora vejo que não sou uma garota pouco atrevida.

— Por favor, Sr. Kartik, a porta. — diz Tom, e segue papai. — Na verdade, pai. Eu gostaria de rever. Ainda ontem me foi oferecido um outro motorista que...

— Nada mais a dizer. Sr. Kartik me leva onde eu preciso e isso é tudo.

— Fiquem em paz. — Chama minha avó. — Estamos no Natal.

Passando pela porta da Opera Real, sinto-me em pânico. E se eu for ridícula e não inteligente? E se há algo errado: as minhas luvas, meus sapatos, o meu cabelo? Eu estou muito alta. Gostaria que fosse mais baixa. É tarde demais para fugir e se esconder em casa?

— Eles estão lá. — diz vovó.

Eu vejo Simon. Ele está muito bonito de terno branco e gravata preta.

— Boa noite. — digo.

— Boa noite. — diz ele, e sorri.

Quando você se sente tão feliz quer relaxar ao mesmo tempo. Fornece-nos os programas e juntamos-nos ao grupo. Nós conversamos e eu ouvi meu nome. São Felicity e Ann. Elas estão muito bonitas.

— Oh. É a horrível Sra. Worthington. — diz Lady Denby.

Vovó pega o comentário no ar.

— Sra. Worthington? A esposa do Almirante? O que aconteceu? Existe algum escândalo?

— Você não sabe? Três anos atrás, supostamente por causa da saúde, foi a Paris e mandou sua filha para Spence. Todos nós sabemos que houve um amante e o homem recentemente deixou-a. Bem, agora voltou com o Almirante, como se nada disso aconteceu. Não as recebem nas casas respeitáveis, embora todos assistimos os bailes realizados em sua casa por respeito para com o almirante, um grande homem. Silêncio, lá vêm ela.

— Boa noite, Lady Denby. — disse a Sra. Worthington, com um grande sorriso.

Lady Denby não oferece a mão. Em vez disso, ela abre o leque.

— Boa noite, Sra. Worthington.

Felicity mostra um sorriso frio. Conheço-a bem.

— Oh, Ann, eu acho que você perdeu a pulseira.

— Qual pulseira? — Ann pergunta.

— A que você enviou para o Duque de St. Petersburg. Nós devemos buscá-la. Você apóia Gemma?

— Claro. — digo.

— Vá rápido. A ópera vai começar daqui a pouco. — Avisa vovó.

Nós saímos e nos escondermos no armário. Algumas mulheres estão dispostas as jóias e vestidos.

— Ann, quando você diz que perdeu a pulseira, seguia o jogo? — repreende-a.

— Desculpe. — diz Ann.

- Eu odeio Lady Denby. É horrível.
- Eu não vejo isso, eu acho.
- Você diria se não estivesse apaixonada por seu filho.
- Não estou. Só me convidou para a ópera.

Felicity olha para mim como se não acreditasse em nenhuma palavra. Para mudar de assunto digo:

- Talvez você deva saber que eu tenho descoberto algo de novo sobre o meu amuleto.
- O quê? — Ann pede ao remover uma luva para fixar o cabelo dela.
- O olho Crescente é uma espécie de bússola. Isso é o que Nell Hawkins tentou me dizer. Eu acho que pode levar ao Templo.
- A bússola. — repete Felicity. — Nós temos que provar isso.
- Agora? Aqui? Impossível. Não podemos. — Nego.
- Claro que podemos. Na metade do tempo. Diga a sua avó que você quer retocar o seu vestido e nos encontramos aqui. E para encontrar um bom lugar para entrarmos nos reinos.
- Não é tão fácil. Não me deixam ir sozinha.
- Venha. Encontraremos uma maneira. — Insistiu Felicity. — Ou você está com medo do que Simon pode pensar?
- Eu nunca disse isso.

Felicity sabe quem ganhou.

- Então fique aí.

Estamos diante do espelho para darmos alguns retoques finais e Felicity dispara novamente:

- Você já tentou beijá-lo?
- Claro que não. — digo, esperando que ninguém ouvisse.
- Eu só queria lhe dizer que Simon tem uma grande reputação como um mulherengo.
- Ele se comportou como um cavalheiro comigo. — defendo-me.

Felicity se faz de tonta enquanto Ann aperta as bochechas para extrair a cor. De repente, ela diz:

- Eu adoraria encontrar alguém hoje à noite. Alguém tipo nobre. O tipo de pessoa que ajuda os outros. Alguém como Tom.

Enquanto eu a olho, descobrir duas novas cicatrizes em seu pulso. São recentes. Tornou-se a se cortar. Ann percebe meu olhar pálido e começa novamente. De repente, pode colocar de volta as luvas para cobrir as cicatrizes.

Felicity sai do vestibulo e eu aproveito para agarrar Ann pelos pulsos e repreende-la:

- Você me disse que não faria novamente.
- O que você quer dizer?
- Sabe perfeitamente.
- Eu sei. Prefiro me ferir já que eles me ferem. Dói menos.
- Eu não entendo.
- Seu caso é diferente. Eu não tenho futuro, Gemma. Nada e ninguém me esperam. Eu nunca vou ser uma grande dama nem poderei casar com alguém como Tom. Só posso sonhar. É horrível.
- Você não tem idéia do que vai acontecer.

Felicity retorna.

- O que aconteceu?
- Nada. Vamos indo. — respondo e seguro Ann pelo braço e repito. — As coisas podem mudar.
- Você acha? — Ela pergunta.

Chora silenciosamente.

- Eu prometo que você vai encontrar um caminho. Mas você deve me prometer que você vai acabar com esse absurdo.

Antes de sair, Felicity intercepta-nos com um anúncio:

- Nós temos um problema. Eu vi Cecily Temple.

Ann ficar branca.

- Este é o fim. Estou acabada.

— Bobagem. — repreende Felicity, embora ela saiba que está certa, porque Cecily pode desmentir a história dos antepassados russos de Ann.

— Eu vou evitar. — diz Felicity. — Venha comigo. Nós vamos sentar afastadas. Você, Gemma, lembre d enosso encontro.

Deixo o vestiário e eu acho Simon.

— Está aqui. Estava procurando-a. Você achou a pulseira da senhorita Bradshaw?

— Não ela lembrou que no último minuto, deixe-a na caixa.

A família de Simon tem um camarote privado bem situado. Sinto-me como a própria rainha, sentando-se acima do resto dos seres humanos.

Tudo o que vemos que estamos interessadas na opera, mas a verdade é que a ópera é para se admirar. Os binóculos movem para a direita e esquerda para considerar o público. Há mais drama na platéia do que no palco. É a minha primeira ópera e estou muito contente. Ainda mais para descobrir que Simon me olha furtivamente, sempre que possível. Nós sorrimos quando nossos olhos se encontram e me sinto feliz e culpada de uma vez. Culpada porque sinto que o amor me faz esquecer a magia que teria que ser olhada nos reinos. Antes de meia hora, eu olho com os meus binóculos para Felicity. Ela está olhando impaciente, assim viro-me pra vovó e digo que tenho que sair pra ir ao vestuário um momento. Antes que ela possa protestar, deixei o palco.

— Há um camarote vazio acima. — diz Felicity pegando minha mão.

Uma bela área nos acompanha pelo caminho. Com discrição abrimos as cortinas do palco e sentamos no chão. Damos as mãos. Com os olhos fechados, nos concentramos e aparece o portal de luz.

TRINTA

Estamos no jardim e o doce aroma de violetas nos recebe, mas tudo parece diferente. Árvores e grama estão mais selvagens como se tivessem sido estragados. Cogumelos venenosos brotaram e as suas longas sombras se projetaram em nossos rostos.

— Você está linda! — Pippa grita, sentando-se na beira do rio.

Corre em nossa direção e o vento levanta a sua saia esfarrapada.

As flores da coroa estão secas e quebradiças.

— Que lindas! Onde vocês estiveram tão elegantes?

— Na ópera. — respondeu Ann rodando para mostrar seu elegante vestido. — Ainda estão representando *O Mikado*; passamos despercebidas.

— A ópera. — diz Pippa suspirando. — Você esta muito elegante? Você deve me contar tudo!

— É deslumbrante, Pip. As mulheres estavam cobertas com jóias e um homem piscou para mim.

— Quando? — Felicity pergunta incrédula.

— Ele fez! Quando subimos as escadas. Oh! Gemma foi com Simon Middleton e sua família. Ela está sentada em seu palco. — conta Ann sem parar para respirar.

— Oh, Gemma! Estou tão feliz por você! — Pippa disse me beijando. Todos os mal-entendidos que possam ter tido com ela simplesmente desapareceram.

— Obrigada! — digo, devolvendo o beijo.

— Oh, tudo soa tão divino! Diga-me mais. — diz Pippa.

— Você gosta do meu vestido? — Ann pergunta, fazendo outro giro para que a vejam.

Pippa pega as mãos de Ann entre as suas e elas dançam juntas.

— É lindo! Você está linda!

Pippa parar de girar. É como se fosse chorar.

— Eu nunca fui à ópera, e eu acho que nunca vou. Como desejo que possa ir com você.

— Se você fosse seria a mais bonita de todas. — diz Felicity sorrindo para Pippa.

Ann corre para mim.

— Gemma, tente o amuleto.

— O que é isso? — Pippa pergunta.

— Gemma acredita que seu amuleto é uma espécie de bússola. — diz Felicity.

— Você acha que ele vai nos mostrar o caminho para o Templo? — Pippa pergunta.

— Vamos descobrir. — digo.

E pego o conteúdo da minha bolsa para conseguir o amuleto. No começo eu não vejo nada, exceto a superfície fria do metal duro, o que reflete uma imagem distorcida do meu rosto. Mas então algo muda. A superfície aumenta como uma nuvem. E move-se lentamente em um círculo. Quando encontro-me diante de duas fileiras de oliveiras, aumenta o brilho do olho da lua crescente que ilumina um tênue mais inegável caminho.

— Aponta para um caminho — murmuro lembrando as palavras de Nell. — Acho que encontramos o caminho para o Templo.

— Oh, deixe-me ver! — Pippa pega o amuleto em suas mãos e vê se como se ilumina na direção das oliveiras. — É fantástico!

— Você já seguiu por esse caminho? — eu pergunto.

Pippa balança a cabeça. A brisa sopra no caminho entre as árvores, levando consigo um punhado de folhas e perfume de violetas. Usamos o brilho intenso do amuleto como um guia e imergimos na folhagem das árvores; caminhamos pelo menos seis quilômetros, passamos por estranhos totens²⁶ com cabeças de elefante, serpente e pássaro. Quando chegamos a um corredor de terra, o amuleto brilha.

— Por aqui? — Ann diz ofegante.

²⁶ [N/T: totem - Símbolo para uma tribo, clã, família ou pessoa. O totem do clã pode ser uma ave, um peixe, uma planta ou outro elemento da natureza. Alguns grupos consideram o totem como um ancestral do clã.

— Temo que sim. — respondo.

É estreito, mas não muito alto. Mesmo Ann, a mais baixa de nós, tem que se agachar para passar por ele. De um terreno brando passamos para um mais rochoso. Atravessamos a abertura de um caminho forrado de ambos os lados por altas flores laranja-avermelhado tão fascinante. Enquanto passamos por ali, a brisa inclina para frente, de maneira que nos acaricia suavemente o rosto e ombros. Cheiram a frutas frescas. Pippa pega um ramalhete e coloca-as em sua coroa murcha.

Algo passa vibrando na minha direita.

— O que foi? — Ann pergunta ao se aproximar.

— Eu não sei. — respondo.

Não vejo nada, mas as flores ondulam ao vento.

— Vamos. — aconselha Pippa.

Nós seguimos o brilho do amuleto até que a trilha termina abruptamente em um muro de pedra enorme. Ele é tão alto quanto uma montanha e parece estender-se infinitamente, então não há saída.

— E agora? — pergunta Felicity.

— Tem que haver alguma outra maneira de passar. — digo embora não tenha nenhuma idéia de como. — Vamos encontrar um caminho.

Nós empurramos contra a parede de pedra até que estávamos muito cansadas pelo esforço.

— É inútil. — diz Pippa, ofegante. — É pura rocha.

Não podemos ter chegado aqui para nada. Deve haver uma saída. Eu ando pela parede movendo o amuleto frente e para trás. Acende momentaneamente.

— O que é isso? — digo.

Eu me viro lentamente e flashes em minha mão. Quando olho para a parede de pedra, vejo o esboço tênue de uma porta.

— Você vê isso? — pergunto, esperando que eu não esteja imaginando coisas.

— Sim! — Felicity grita. — É uma porta!

Eu estendo a mão e sinto a rocha fria de uma maçaneta. Respiro fundo e puxo-o. É como se você abrisse um enorme buraco escuro no chão. O brilho do amuleto é muito forte agora.

— Parece que este é o caminho. — anuncio, mas honestamente não tenho vontade de dar um passo naquela escuridão.

Felicity lambe os lábios nervosamente.

— Então adiante. Vamos segui-lo.

— Não me sinto aliviada com isso. — digo.

Meu coração acelera, em parte porque tenho medo que a rocha completamente me engula. Entro e espero que os meus olhos se acostumem com a escuridão. Está úmido e cheira a jardim recém plantado. Algumas lanternas de papel dourado e rosa estão pendurados nas paredes de pedra, lançando uma luz fraca no chão de barro. É difícil ver a poucos metros de distância, mas eu sinto que estamos subindo, subindo e girando. Então, torna-se difícil respirar. Minhas pernas tremem do esforço. Finalmente chegamos a outra porta. Eu giro a maçaneta e entro em uma névoa púrpura e vermelha que nos envolve como uma nuvem. Uma brisa limpa o nevoeiro e o lugar se abre diante de nossos olhos. Estamos na parte superior do rio. Longe de nós, a Górgona faz o seu caminho silenciosamente pela água azul.

— Como chegamos tão alto? — Felicity pergunta depois de tomar fôlego.

— Eu não sei. — respondo.

Ann estica o pescoço.

— Meu Deus! — Ann fica de boca aberta igual a sensual deusa esculpida logo no precipício, com as curvas de seus lábios e os quadris, as covinhas nos joelhos e a maciez exuberante de seu rosto redondo. Essas mulheres de pedra olhando-nos de cima, parecendo nos notar sem se preocupar.

— Lembro disso. — digo. — Estamos perto da Caverna de Suspiros, certo?

Pippa pára.

— Nós não deveríamos estar neste lugar. Os Intocáveis vivem aqui. É proibido.

— Vamos voltar. — diz Ann.

Mas quando voltamos, a porta desaparece na rocha. Não há caminho de volta para lá.

— E agora? — Ann pergunta.

— Eu gostaria de ter trazido minhas flechas. — sussurra Felicity.

Alguém está vindo. Uma figura aparece na névoa densa, é uma mulher pequena com a pele bronzeada e da cores de um barril de vinho. Seu rosto e as mãos são pintados com desenhos e severamente tensas. Tudo menos seus braços e pernas, que são marcados pelas mais horríveis cicatrizes. Uma perna esta tão inchada como o tamanho do tronco de uma árvore. Incapazes de olhar para ela, viramos o rosto com repugnância.

— Bem-vindas — diz — Sou Asha. Sigam-me.

— Melhor não irmos. — diz Felicity.

Asha ri.

— Onde você está pensando em ir? Esta é a única saída. Vamos adiante.

Como não podemos seguir pelo caminho que chegamos, nós a seguimos. O caminho segue em muitos outros. Todos são robustos, sinuosos, rochosos.

— Não fique aí olhando. — repreende Ann calmamente. — Olhe por onde você anda.

Asha nos conduz pelo precipício, através de túneis de arco apoiados por pilares. As paredes são pintadas com cenas de batalhas de fantasia: a cabeça decepada de uma Górgona; o retorno das serpentes, homens vestidos em trajes decorados com papoulas vermelhas. Eu vejo a Floresta da Luz, um centauro tocando uma gaita de foles, as ninfas de água, as runas do Oráculo. É como uma tapeçaria, com muitas cenas que eu não posso contá-las todas.

O túnel se abre, revelando um panorama magnífico. Estamos no topo da montanha. Algumas vasilhas de incenso bordeiam o estreito caminho. Anéis de fumaça de cor magenta, turquesa e amarelo fazem cócegas no meu nariz e fazem meus olhos arderem.

Asha está parada na boca da caverna. Uma primitiva escultura em forma de serpente enfeita a entrada. Não parece tanto uma escultura mais sim algo que surgiu a partir da mesma terra.

— A Caverna dos Suspiros.

— Eu pensei que você disse que era a saída. — protesto.

— E é.

Asha vai para a caverna e se confunde com a escuridão. Atrás de nós, na estrada, unimo-nos em um grupo. Não há volta.

— Eu não gosto disso. — diz Pippa.

— Nem eu, mas o que mais podemos fazer agora? — digo entrando na caverna.

Quando estou no interior vejo porque chamam assim esta caverna. É como se as próprias paredes suspirem para o arrebatamento de centenas de milhares de beijos.

— Que lindo!

É Ann, que está assistindo o baixo-relevo de uma face com um longo nariz em linha reta e grandes lábios arredondados. Seus dedos traçam a curva do lábio superior e imediatamente penso em Kartik. Pippa se junta a ela e delicia-se com a textura da pedra.

— Desculpe-me, mas estávamos seguindo um caminho e parece ter desaparecido. Você pode nos mostrar o caminho de volta, por favor? Nós temos uma pressa terrível — Felicity pede docemente.

— Você busca o Templo? — Asha pergunta. — Agora preste atenção.

— Sim. — digo. — Sabe onde?

— O que vocês oferecem? — Asha pede com as mãos estendidas.

Tenho que dar um presente? Não tenho nada para dar. De jeito nenhum eu poderia deixar o colar de Simon ou o meu amuleto.

— Desculpe. — respondo. — Eu não trouxe nada.

Os olhos de Asha mostram sua decepção, mas ainda sorri.

— Às vezes procuramos o que ainda não estão preparados para encontrar. O verdadeiro caminho é difícil. Para ver isso, você deve estar preparado para perder a pele como uma cobra. Você deve estar disposto a abrir mão do que é mais valioso para você. — quando ela diz isso olha para Pippa.

— Nós temos que ir. — diz Pippa.

Eu acho que ela está certa.

— Obrigada pela inconveniência, mas temos que voltar agora.

Asha faz um reverencia.

— Como quiser. Posso levá-las pelo caminho, mas você vai precisar da nossa ajuda.

Uma mulher cujo rosto está pintado um listras vermelho e verde escuro derrama uma mistura de argila em um longo tubo com um orifício na extremidade.

— O que é isso? — Felicity pergunta.

— Para pintar. — respondeu Asha.

— Para pintar? — Ann quase grita.

— Oferece proteção. — diz Asha.

— Defesa contra o quê? — eu pergunto, desconfiada.

— Proteção contra qualquer coisa vinda para você nestes domínios. Esconde o que deve ser escondido e revela o que deve ser visto. — E novamente dirige este raro vislumbre a Pippa.

— Eu não gosto de como isso soa. — diz Pippa.

— Nem eu. — concorda Ann.

— E se for uma armadilha? — sussurra Felicity. — E se a pintura é um veneno?

A mulher com o rosto vermelho pede que nós sentemos e coloca as mãos em uma grande rocha.

— Por que nós devemos confiar em você?

— Você pode fazer muitas escolhas. Você é livre para escolher. — responde Asha.

A mulher espera pacientemente com a pintura. Devo confiar em Asha, um intocável, ou tentar a sorte nos reinos, desprotegida? Eu ofereço as mãos à mulher de cara pintada.

— Eu vejo que você é valente. — diz Asha acenando para a mulher, que esmaga a mistura contra as minhas mãos.

Eu sinto frio na pele. Será que o veneno está fazendo o seu efeito antes de entrar no meu sangue? Eu só posso fechar os olhos e esperar, na esperança de que nada aconteça.

— Oh, olha! — Ann agora grita.

Temendo o pior, eu abro meus olhos. Minhas mãos. Nos lugares onde a mistura de argila seca tornou-se um incrível bloco vermelho com um desenho mais ornamentado de uma teia de aranha. Isso me lembra as noivas da Índia que desenham imagens em suas mãos com hena em honra de seus maridos.

— Sou a próxima. — diz Felicity, correndo para tirar as luvas. Sem medo de ser envenenado, só de ser excluída.

Nas profundezas da caverna, uma fina camada de água como vidro parece que sobe e desce ao mesmo tempo. O curso me entorpece. É a última coisa que vejo antes de dormir. Estou diante de um grande pote. A superfície está em constante movimento. Eu vejo as coisas nele. Rosa que florescem rapidamente em vinhas espessa verde. A catedral perdida em a ilha. Uma pedra negra coberta por neblina. Um guerreiro com um capacete adornado com chifres que monta um cavalo louco. Uma árvore retorcida contra um céu vermelho-fogo. As mãos pintadas de Asha. Nell Hawkins. O manto verde. Algo está se movendo nas sombras e me assusta, está se aproximando. Um rosto.

Eu acordei assustada. Felicity ri alegremente exibindo suas mãos, que pintaram belos enfeites. Comparado com os projetos de Ann e Pippa. Asha se senta perto de mim com as suas pernas grossas cruzadas.

— O que você viu em seus sonhos? — Ela pergunta.

O que eu vi? Nada que faça sentido para mim.

— Nada. — respondo.

Mais uma vez eu vejo a decepção em seus olhos.

— É hora de ir. — Leva-nos a boca da caverna. O céu não é azul, mas escuro, negro como a noite. Tanto tempo que nós estivemos aqui? Os icnensos atiram seu arco-íris de cores. Uma linha de

tochas ilumina o caminho todo. O Haijin fica com eles, curvando-se enquanto saímos. Quando mais uma vez chegamos à rocha, a porta aparece.

— Eu pensei que você disse que a única solução era seguir em frente. — digo.

— Sim, certamente. Mas este é o caminho pelo qual chegamos!

— Sim? — ela pergunta. — Tenha cuidado no caminho. Eles caminham de forma rápida e silenciosamente. A pintura ficará fora da vista. — Asha junta as palmas das mãos e se inclina. — Vai-te embora já.

Eu não entendo nada, mas já perdemos tempo para fazer mais perguntas. Temos de voltar ao caminho. No brilho do encanto delicado distingo as linhas das minhas mãos. Parece pouca proteção contra o que estamos procurando, mas espero que Asha esteja certa.

TRINTA E UM

O brilho da lua crescente nos conduz ao exterior da montanha, até que nos encontramos em uma terra estranha. O céu não é tão escuro aqui. Está banhado pela luz de uma lua vermelho-escura. Estamos rodeadas pelos contorcidos corpos de umas árvores gigantes. Os galhos que não tem folhas se arqueiam elevando-se sobre nossas cabeças, com seus retorcidos dedos de casca entrelaçados em um abraço assustador. O efeito é parecido a estar em uma jaula grande.

– Viemos por esse caminho antes? – pergunta Felicity.

– Onde estamos? – pergunta Pippa.

– Não sei – respondo.

– É um lugar assustador – diz Ann.

– Sabia que não deveríamos ter confiado neles! Bichos asquerosos! – diz Pippa.

– Silêncio! – digo.

Na minha mão o brilho do amuleto se reduziu a um trêmulo piscar, e logo se extingui como a chama de uma vela.

– Apagou.

– Ótimo! E agora como voltaremos? – gagueja Ann.

A lua vermelha sangra através dos finos e nus galhos, projetando longas sombras.

– Utilizaremos a luz da lua. Vamos continuar andando – digo.

Por que o amuleto deixou de funcionar?

– Meu Deus! Que cheiro é esse? – pergunta Felicity.

O vento sopra em minha direção e eu também consigo sentir o cheiro. É um odor à doenças e sujeira. Cheiro de morte. A brisa agita o corredor de árvores por trás de nós, fazendo ranger nossas sedas e cetins. É algo mais forte do que um sopro de ar. É um anúncio. Algo se aproxima.

Ann tapa o nariz e a boca com a mão.

– Oh, é realmente repugnante!

– Sssshhh – digo.

– O quê? – pergunta Pippa.

– Você ouviu isso?

Cavaleiros. Eles vêm rapidamente. Se aproximam em uma nuvem de poeira. Nos alcançarão em um minuto ou outro. Na frente, o corredor para se estreitar durante seis quilômetros. Podemos nos apertar nos espaços que há entre as árvores? Os espaços são como estilhaços de luz, muito estreitos para que possamos passar.

– Para onde vocês foram? – pergunta Pippa, olhando ao redor.

– O que você quer dizer? Estamos aqui – diz Felicity.

– Não estou vendo!

A pintura, de alguma forma, nos esconde de sermos vistas!

– A pintura nos protege. Eles não podem nos ver.

– E eu? – pergunta Pippa, examinando suas mãos, que são muito visíveis.

– Oh, meu Deus!

Parece desesperada e eu não sei o que fazer para ajudá-la. Os cavaleiros aparecem, esqueletos espectrais retorcidos muito distantes da forma humana que uma vez tiveram. E por trás deles paira uma figura muito terrível, uma coisa atroz com gigantes asas esfarrapadas e uma boca com um grande e afiado dente. Em algumas partes, ainda tem pregado retalhos de carne. Não tem olhos, mais cheira o ar nos procurando. Eu sei o que é por que uma vez me enfrentei com ele. É um rastreador, dos que Circe usa.

Fareja em nossa direção. Seu fedor me provoca ânsia de vomito e luto contra ela.

– Você está aqui – berra o espírito escuro.

E por um momento, penso que ele nos descobriu.

– Não passou por aqui, espírito?

– Eeuu? – diz Pippa. – Eu... eu...

Da boca da coisa caem pedaços viscosos de baba. Oh, Pip! Quero salva-la, mas estou assustada, incapaz de renunciar a segurança de minha invisibilidade. A horrível criatura fareja o ar.

— Umm, posso cheirá-las. Deixam rastros. A sacerdotisa esteve aqui. Você as viu?

Pippa nega com a cabeça.

— N-não — sussurra.

A criatura se aproxima dela. Sua voz é um rugido de desespero de milhares de almas.

— Você não mentiria para nós, não é?

Pippa abre a boca mais as palavras não saem.

— Não importa. No final a encontraremos. Minha senhora vê. E quando eu tiver o Templo, a balança do poder por fim recairá sobre as Terras Invernais.

Move-se se aproximando mais de Pippa, e mostra um terrível sorriso.

— Cavalgue conosco. Você poderá compartilhar de nossa vitória. Aquilo que você desejar pode ser seu. Bonita cachorrinha. Cavalgue conosco.

Seu rosto está realmente perto da encantadora bochecha de Pippa. Há uma pedra debaixo da minha bota. Com cuidado a recolho e a jogo fazendo-a voar através da trilha. A cabeça do rastreador gira completamente nessa direção. O espectro ruge e grita.

— Elas ainda estão perto. Têm magia. Posso senti-las. Estou certo que voltaremos a nos encontrar, cachorrinha. Cavalgar!

Gritando, saem cavalgando até que a terra se acalma e o vento desaparece.

— Você está bem, Pip? — grita Felicity.

— Sssim, acho que sim — diz. — Mas não vejo vocês. Me pergunto por que não funcionou comigo.

Sim, eu também me pergunto. Oculta o que deve estar oculto e revela o que deve ser visto. Por que razão Pippa não precisou se ocultar, a menos que ela já tenha proteção nos reinos? Não, Pippa não é como essa coisa. Isso é o que diz minha cabeça, mas em meu coração tenho um terrível pensamento: que ela logo será.

— Quero que nós deixemos esse lugar imediatamente — diz Ann.

Caminhamos depressa e em silêncio, como nos aconselhou Asha. Quando chegamos ao final do corredor, o amuleto crepita e volta a funcionar em minhas mãos.

— Está funcionando de novo! — digo.

Passo ele de um lado para o outro, e continua brilhando com força a minha esquerda.

— Por aqui!

Logo começamos a ver o dourado do entardecer que aponta o reino do jardim. Enquanto nos aproximamos do arco de prata e o rio, já somos visíveis outra vez.

Pippa está tremendo.

— Essa criatura... é tão horrível.

— Você está certa de que está bem? — pergunto.

Nega com a cabeça.

— Gemma — diz, mordendo o lábio, — o que acontecerá quando vocês tiverem encontrado o Templo?

— Você sabe o que vai acontecer. Eu tenho que prender a magia.

— E o que acontecerá comigo? Terei que ir? — Sua voz é um leve sussurro.

Essa é uma questão que eu tentei evitar todo tempo. Menos esta noite, quando eu comecei a dar conta — ao ver claramente como dizia Asha — de que isto não será assim para sempre. Pippa poderá se transformar em um desses espíritos escuros se não cruzar. Não tenho forças para dizer. Recolho do chão um punhado de orvalho. As gotas se unem em meus dedos, tornando-se uma teia prateada.

— Gemma! — suplica Pippa.

— É claro que você não terá que ir — diz Felicity, empurrando-me ao passar. — Encontraremos uma forma de mudar as coisas com a magia. A Ordem nos ajudará.

— Não podemos ter certeza — digo, com carinho.

— Mas é possível, não? — pergunta Pippa com um brilho de esperança em seus olhos. — Pensa nisso! Eu poderia ficar. Ficaríamos juntas para sempre.

— Sim, claro. Encontraremos uma forma. Eu te prometo — diz Felicity.

Lanço para ela um olhar de advertência, mas Pippa está chorando de alegria; rodeia Felicity com seus braços e a balança.

— Fee, obrigada. Eu te adoro muito.

A pintura de nossas mãos se descoloriu e agora não passa de uma sombra com linhas e rabiscos sob as finas e brancas luvas.

— Vocês não podem ir embora agora — roga Pippa. — Quero imaginar que eu também estou na ópera, e que depois haverá um baile! Vamos. Dancem comigo!

Ela sai correndo pela grama arrastando seu vestido, divertida. Ann corre atrás dela com uma risadinha tonta e eu afasto Felicity para um lado.

— Você não deveria ter prometido para Pippa esse tipo de coisas.

Os olhos de Felicity brilham.

— Porque não? Gemma, tínhamos perdido ela e agora a temos de volta. Tem que ter alguma razão para isso, você não acha?

Penso no momento em que mamãe morreu, como eu sinto ainda uma dor tão aguda por ter perdido ela, como uma ferida que parece ter curado até que o hematoma aparece e você sente a dor de novo. É horrível. E, além disso, a magia de Asha não funcionou com Pip. Pelo menos não com nossa Pippa. Esses espíritos escuros a viram, cortejaram ela, mas eles procuravam por nós.

— Não sei o que é, mas não é Pippa. Pelo menos, não a nossa Pippa.

Felicity se afasta de mim.

— Não a perderei duas vezes. Você pode ver que ela não mudou. Ainda é nossa Pippa, tão encantadora como sempre.

— Mas ela comeu os frutos. Ela morreu. Você viu ela ser enterrada.

Felicity não queria ouvir.

— A magia mudará as coisas.

— Esse não é o seu papel — digo em voz baixa. — Agora Pippa é uma criatura dos reinos e deve cruzar o rio antes que se corrompa.

Felicity olha para a grama onde Pippa e Ann estão brincando, dando voltas como bailarinas.

— Fee...

— Você não sabe de nada — diz, e sai correndo.

— Dança comigo, Fee! — chama Pippa, esboçando um sorriso radiante.

Pega as mãos de Felicity entre as suas. Algo flui entre elas, algo que não sei explicar. Ternura. União. Como se estivessem no grande salão de baile de Spence, Felicity coloca suas mãos na cintura de Pippa e dança uma valsa com ela. Giram e giram, e os cachos de Pippa voam pelo ar livres e soltos.

— Oh, Fee, quanto sinto a sua falta!

Pega Felicity pela cintura e esta faz o mesmo com Pippa. Poderiam ser irmãs siamesas. Pippa sussurra algo no ouvido de Felicity que ri.

— Não me deixe — diz Pippa. — Prometa que voltará. Prometa.

Felicity põe suas mãos sobre as de Pippa.

— Prometo.

Preciso pensar. Vou até a beira do rio para me sentar e pensar. De repente, aparece a Górgona deslizando-se em silêncio.

— Está preocupada, Sua Excelência? — diz com uma voz encantadora.

— Não — rosno.

— Não confia em mim — diz.

— Eu não disse isso.

Gira sua enorme cabeça verde em direção ao jardim onde minhas amigas dançam sobre a agradável grama.

- As coisas estão mudando. Você não pode deter a mudança.
- O que você quer dizer com isso?
- Você vai ter que tomar uma decisão. E temo que seja logo.

Fico de pé e deslizo a minha saia sobre a grama.

– Sei que você ajudou os carneiros da Ordem. Não nos avisou que as ninfas das águas estavam perto. Tudo me faz acreditar que você poderia ser parte das Terras Invernais. Por que eu deveria acreditar em algo que você diz?

- Fui obrigado pela magia a dizer a verdade e não machucar aos de suas espécie.

Outra vez, me viro para sair.

- Como você disse, as coisas estão mudando.

Voltamos para o palco da Ópera Real justamente no momento em que as cortinas caem para um intervalo. Trazemos a magia conosco; está em meu corpo, de uma maneira que me deixa alerta. O suave silvo do candeeiro de gás que está ao lado do palco retumba em minha cabeça. As luzes que sobem de intensidade faz com que meus olhos escureçam e os pensamentos das pessoas me assaltam de tal maneira que acredito que vou enlouquecer.

- Gemma, você está bem? – pergunta Ann.

- Não ouviu isso? – grito.

- Ouvir o quê? – diz Felicity irritada.

– A magia. É demais – Tapo os ouvidos com as mãos como se isso fosse parar. Ann e Felicity não parecem nenhum pouco incomodadas. – Tenta fazer algo mágico: faz um grilo ou um rubi.

Felicity fecha os olhos e estende as palmas de suas mãos. Por um instante, é possível ver um brilho, mas este logo se desvanece.

- Por que não podemos fazer com que funcione?

- Não sei – Eu mal consigo recuperar o fôlego. – Ann, tente você.

Ann estende as mãos e se concentra. Deseja uma coroa de diamantes. Posso ver seu desejo dentro de mim.

- Não entendo – diz.

- É como se toda a magia estivesse em mim – digo tremendo. – Como se eu tivesse triplicado.

Felicity olha para a beira do palco.

– Não estão em seus lugares! Estão nos procurando! Temos que sair para encontrá-los. Gemma, você consegue ficar de pé?

Minhas pernas parecem como as de um potro recém-nascido. Felicity e Ann me apóiam e agarram a minha mão. Ficamos por trás de um homem e sua esposa. Ele está tendo um caso com a irmã de sua esposa; planeja se encontrar com ela essa noite depois da ópera. Seus segredos penetram com rapidez por minhas veias, envenenando-me.

– Ah! – grunho e sacudo minha cabeça tentando desfazer-me de seus pensamentos. – Isto é horrível. Posso ouvir e sentir tudo. Não posso parar. Como terminarei esta noite?

Felicity me ajuda a descer as escadas.

– Te levaremos até o vestíbulo e diremos a sua avó que você está indisposta. Ela te levará para casa.

- Mas, dessa forma, eu perco minha noite com Simon! – lamento.

- Você quer que Simon te veja assim? – sussurra Felicity.

- Nãoooo – digo, enquanto as lágrimas rolam por minhas bochechas.

- Então, vamos.

Ann cantarola baixinho. Ela tem esse tique nervoso; de alguma forma resulta tranquilizador e me dou conta de que se eu me limitar a escutar sua voz, consigo caminhar e enxergar melhor.

Quando chegamos ao final das escadas e ao grande vestíbulo, Tom está lá me olhando. Ann para de cantarolar e me vejo assaltada pelo estrépito pensamento de alguém. Concentre-se, Gemma. Não os escute. Escolha um.

Ann. Sinto seu coração batendo em uníssono com o meu. Está se imaginando dançando nos braços de Tom enquanto ele a olha encantado. Ela o quer desesperadamente e sinto muito por ter descoberto desta forma.

Aí vem ele, junto com lady Denby e Simon. Perco o fio de pensamentos de Ann. Tudo volta a ficar confuso de novo. Sinto terror. Só posso pensar em Simon, na beleza de Simon com sua gravata branca e terno preto, e em mim, desfeita pela magia. Caminha a passos largos. Por um momento, seus pensamentos começam a penetrar-me com imagens fugazes. Seus lábios em meu pescoço e sua mão tirando minha luva.

Minhas pernas se dobras. Felicity me ergue rapidamente.

— Senhorita Doyle? — pergunta Simon, zombateiramente.

— A senhorita Doyle está ligeiramente indisposta — responde Felicity para meu embaraço.

— Lamento ouvir isso — diz Lady Denby. — Mandaremos pegar a carruagem agora.

— Sim, acho que isso é o melhor, lady Denby — diz vovó, decepcionada por ver sua noite encurtada.

— Lady Denby, como estou feliz por vê-la!

É a mãe de Cecily Temple, que se aproxima de nós com Cecily do seu lado. Os olhos de Cecily se agradam quando ela vê Ann.

— Boa noite — diz. — Nossa, senhorita Bradshaw! Que surpresa vê-la aqui! Por que você não voltou para Spence com Brigid e o serviço?

— Nós estamos felizes por ter conosco durante as férias a senhorita Bradshaw, já que seu tio avô, o duque de Chesterfield, teve que ficar na Rússia — informa a mãe de Felicity.

— O duque de Chesterfield? — repete Cecily como se não tivesse ouvido bem.

A senhora Worthington conta a história da nobre origem de Ann a Cecily e sua mãe. Cecily está com a boca aberta pelo espanto, mas a fecha com uma expressão cruel dando lugar a um sorriso malicioso. Uma sensação fria e dura flui pelo meu interior. São as intenções de Cecily. Ela vai fazer. Vai dizer. Agora é o aviso de Ann que me dá tapinhas, misturando com o rancor de Cecily e me deixando louca. Preciso pensar.

Ouçó a voz de Cecily:

— Ann Bradshaw...

Meus olhos piscam. Por favor, pare.

— ...é...

Pare, por favor.

— ... a pessoa mais...

Incapaz de suportar, grito:

— Pare!

Um agradável alívio me inunda.

Há um completo silêncio. Não há mais explosões de pensamentos. Não se ouve mais o ruído da multidão. Nenhuma melodia dos instrumentos. Nada mesmo. Quando abro os olhos, vejo o motivo. Fiz com que todos parassem: as damas recolhendo as saias e conversando. Os cavaleiros olhando seus relógios de bolso. Parecem com os manequins que ficam atrás das vitrines de qualquer grande loja. Não queria que acontecesse isso, mas ocorreu e devo me aproveitar disso. Tenho que salvar Ann.

— Cecily — digo, colocando a mão sobre o seu ombro. — Você não dirá nem uma só palavra contra a Ann. Acreditará em tudo que dissermos e mais ainda, tratará Ann como se ela fosse uma rainha.

— Ann — digo, enquanto retiro suavemente o cabelo de seu rosto preocupado. — Você não tem motivo para se preocupar. Você merece estar aqui. Você é querida.

O homem que tem um caso com sua cunhada está perto e não consigo resistir. Esbofeteio sua cara. Curiosamente, me sinto melhor.

— Você, senhor, é um sem-vergonha. Vai mudar de imediato para se dedicar a fazer sua esposa feliz.

Simon. Que estranho é poder olhar diretamente esses olhos azuis que estão abertos mais não vêem. Lentamente, eu retiro a luva e acaricio seu queixo. A pele é suave, recém barbeada. Na minha mão fica o cheiro de sua loção pós-barba. Será meu segredo.

Coloco de novo a luva e fecho os olhos, querendo que isso acabe.

— Começa de novo — digo.

A voz é transformada em ação como se não tivesse havido nenhuma pausa. O marido sente a ardência do meu tapa. Simon põe um dedo em seu queixo como se lembrasse de um sonho. A expressão presunçosa de Cecily não mudou e contendo minha respiração esperando que a magia tenha feito efeito quando abre a boca para dizer: “A senhorita Bradshaw é a pessoa mais...”

— ...generosa de toda a Spence — declara Cecily. — Na verdade, sua modéstia a impediu de nos contar sobre seu sangue azul. É a melhor garota que eu já encontrei.

Não sei quem ficou mais pasma, se Felicity ou Ann. Tom começa a falar.

— Senhorita Bradshaw, deve me conceder a honra de assistir ao baile de Natal no hospital de Bedlam.

Meu feitiço alcançou todo mundo? Começo a me dar conta que não. A mera sugestão de fama e fortuna preenche todo glamour. É muito alarmante a velocidade com que as pessoas transformam um engano de alguém sobre um fato com o fim de alimentar suas próprias ilusões. Mas ao ver o prazer no rosto de Ann, sabendo o que seu coração sente, não posso evitar ficar feliz com esta ilusão.

— Ficarei encantada — responde Ann para todo mundo.

Eu poderia ter aproveitado a oportunidade para mudar isso. Eu teria feito. Mas, invés disso, mostro que ela tem sangue real.

— Deveríamos enviar a carruagem para a senhorita Doyle — diz Lady Denby.

Detenho-a.

— Não, por favor. Eu gostaria de ficar até que a ópera acabe.

— Pensei que você estava se sentindo mal — diz vovó.

— Agora me sinto melhor.

E é verdade. Usar a magia me acalmou de alguma forma. Ainda posso escutar os pensamentos de algumas pessoas, mas não são tão urgentes como antes.

Felicity sussurra:

— O que aconteceu?

— Depois eu conto. É uma boa história.

Quando chega a hora de dormir, a magia já tem quase acabado. Estou exausta e tremendo. Minha testa está quente e não estou certa se o responsável é a magia ou que realmente estou ficando doente. Só sei que preciso dormir desesperadamente.

Quando durmo, meus sonhos não me deixam descansar. São como incontrolláveis caleidoscópios de loucura. Felicity, Ann e eu corremos por túneis iluminados por tochas, com o terror refletido em nossos rostos, enquanto tentamos salvar nossas vidas. A Caverna dos Suspiros. O amuleto gira. O rosto de Nell Hawkins aparece na minha frente: “Não siga a Estrela do Leste, lady esperança. Querem te matar. Essa é sua missão”.

— Quem? — murmuro, mas já tem ido, e vejo o perfil de Pippa contra um céu vermelho.

Seus olhos não são os dela novamente, são de um horrível azul pálido com pontinhos negros no centro. Tem o cabelo emaranhado com flores silvestres murchas. Umas profundas olheiras rodeando seus olhos. Sorri mostrando uns pontiagudos e afiados dentes. Vou gritar: “Oh, Senhor do céu!”. Quero gritar. Suas mãos me oferecem algo, algo sangrento e nauseabundo. É a cabeça de uma cabra arrancada pela raiz.

Um trovão retumba no céu, que está vermelho.

— Salvei sua vida, Gemma. Lembre disso...

Lança para mim um beijo no ar e então, veloz como um raio, agarra a cabeça da cabra e crava os dentes no pescoço.

TRINTE E DOIS

Nosso médico, o doutor Lewis, me diagnosticou com uma simples gripe, e depois de vários espirros estou de acordo com sua opinião. Sou obrigada a ficar na cama. A senhora Jones me traz chá quente e sopa em uma bandeja de prata. De tarde, papai passa uma hora me contando umas histórias muito bonitas sobre a Índia.

— Então ali estávamos Gupta e eu viajando para Cachemira em um burro que não queria se mexer nem por todas as jóias da Índia. Quando viu aquela estreita passagem na montanha, nos mostrou seus dentes e simplesmente se deitou, negando-se a continuar. Puxamos e puxamos pelo caminho, mas enquanto mais puxávamos, mas ele resistia. Pensei que estávamos acabados. Mas no final, uma idéia de Gupta nos salvou.

— O que ele fez? — perguntei, enquanto assoava o nariz.

— Tirou o chapéu, inclinou-se na frente do burro e disse: “Depois de você”. Então o burro se levantou e nós o seguimos.

Olho para ele com os olhos entrecerrados.

— Você inventou essa história.

Papai coloca a mão sobre o peito em um gesto dramático.

— Você duvida da palavra do seu pai? Para a força! Ingrata.

Isto me faz rir e espirrar. Papai me serve mais chá.

— Bebe, querida. Você não vai querer perder a noite do baile de Tom com todos esses lunáticos?

— Eu ouvi que o senhor Snow costuma tomar muita confiança com suas acompanhantes — digo.

— Lunático ou não, é melhor que cuide de sua pele se ele se atrever — diz papai inflando seu peito e vociferando como um oficial da Marinha aposentado. — A menos, que seja mais alto do que eu. Então eu precisaria que me protegessem, querida.

Rio outra vez. Hoje ele está de bom humor, mas vejo que ele está magro e as mãos ainda tremem de vez em quando.

— Tenho certeza que a sua mãe ficaria encantada com a idéia de ir a um baile em Bedlam. Ela adorava a originalidade...

Faz um silêncio. Papai remexe na aliança, que ele ainda usa, dando voltas e voltas. Não sei se falo com franqueza ou deixo que ele continue assim. A franqueza ganha.

— Sinto falta dela — digo.

— Eu também, meu amor.

Faz-se um silêncio por um momento; ninguém sabe o que dizer para romper esta distância entre nós.

— Sei que ela ficaria muito contente de te ver em Spence.

— Você acha?

— Claro. Foi idéia dela. Disse que se algo acontecesse com ela teríamos que te enviar para lá. Algo estranho da sua parte, agora que eu estou pensando. Quase como se soubesse... — Para e olha para a janela.

É a primeira notícia que tenho de que minha mãe queria que eu fosse para Spence, a escola que esteve prestes a destruí-la e onde conheceu a pessoa que seria sua melhor amiga e mais tarde inimiga: Sarah Rees-Toome. Circe. Antes que eu pudesse perguntar mais sobre isso a papai, ele se levanta e me dá adeus. A alegria foi vencida pela fria verdade, e ele não suporta nem consegue se aproximar de mim.

— Bom, vou indo, meu anjo.

— Não pode ficar um pouco mais? — choramingo, mais sei que ele detesta que eu faça isso.

— Não posso deixar os garotos esperando no clube.

Por que sempre parece que eu tenho apenas uma sombra de pai? Sinto-me como uma garota perdida que constantemente é tirada de sua casa.

— Está bem — digo.

Dedico a ele um sorriso para mostrar que eu sou uma garota boa e feliz. *Não quebre o coração dele, Gemma.*

— Te vejo no jantar, meu amor.

Beija minha testa e sai. O quarto não parece notar sua ausência. Ele nem sequer deixou uma marca em seu lado da cama onde se sentou.

A senhora Jones está ocupada com o chá e o correio da tarde.

— Carta para você, senhorita.

Não tenho nem idéia de quem pode ter me enviado um cartão de Natal. A surpresa dura até que eu consigo ver que o remetente é de Gales. A senhora Jones demora uma eternidade para organizar o quarto e abrir as cortinas. A carta descansa em meu colo, rindo de mim.

— Deseja algo mais, senhorita? — pergunta nossa governanta sem entusiasmo.

— Não, obrigada — respondo com um sorriso ao qual ela não devolve.

Finalmente, a senhora Jones me deixa só e eu abro a carta. É da diretora do colégio de Santa Victoria, uma tal senhora Morrissey.

Querida senhorita Doyle:

Obrigada por sua informação. É muito agradável descobrir que nossa Nell encontrou uma amiga tão amável. É verdade que em Santa Victoria esteve empregada uma professora chamada Claire McCleethy; esteve conosco desde o outono de 1894 até a primavera de 1895. Era uma excelente professora de arte e poesia e foi muito popular entre algumas de nossas alunas, entre elas Nell Hawkins. Infelizmente, não disponho de uma fotografia da senhora McCleethy para dar a senhorita Hawkins como você me pede, nem tampouco tenho seu endereço. Quando ela foi embora de Santa Victoria aceitou um cargo em uma escola perto de Londres onde sua irmã era diretora. Espero que essa carta seja útil e desejo a você um feliz Natal.

Atenciosamente,
Sra. Beatrice Morrissey

Então ela esteve lá! Eu sabia!

Aceitou um cargo numa escola perto de Londres onde sua irmã era diretora...

Uma escola perto de Londres. Spence? Isso significa que a senhora Nightwing é a irmã da senhorita McCleethy?

Escuto vozes subindo as escadas.

Em um minuto, Felicity invade meu quarto seguida por uma envergonhada Ann e uma enfurecida senhora Jones.

— Olá, Gemma, querida. Como você está? Ann e eu pensamos que teríamos que te fazer uma visita.

— O doutor disse que você deve descansar, senhorita.

A senhora Jones corta o final de suas palavras como se fosse a tesourada de um jardineiro irritado.

— Está bem, senhora Jones, obrigada. Acredito que a visita me fará bem.

Felicity desenha um sorriso triunfante.

— Como desejar, senhorita. Uma visita curta — insiste, fechando com força a porta.

— Agora você conseguiu. Você irritou a Jones — brinco.

— Que horror! — diz Felicity, revirando seus olhos.

Ann examina o vestido pendurado no armário.

— Você se recuperará para ir esta noite ao baile do hospital, certo?

— Sim — respondo. — Estarei lá, não se preocupe, e Tom também estará lá. Não o contagiei.

— Alegro-me ouvir que você desfruta de uma boa saúde — diz Ann, como se tivesse esperando escutar isso o tempo todo.

Felicity me olha.

— Você está com o rosto estranho.

— Tenho notícias interessantes — digo, e passo a carta para elas.

Felicity e Ann se sentam na minha cama e lêem em silêncio enquanto os seus olhos se abrem como pratos.

— É ela, não? — pergunta Ann. — A senhoria McCleethy é na verdade Circe.

— É ela — digo.

— “Quando ela foi embora de Santa Victoria aceitou um cargo em uma escola perto de Londres onde sua irmã era diretora...” — Felicity lê em voz alta.

— Se isso for verdade — digo, — a senhora Nightwing também é suspeita. Já não podemos confiar nela.

TRINTA E TRÊS

Depois de passar meia hora consumida pelos nervos, dando voltas, decidimos enviar uma mensagem para a única pessoa que pode nos ajudar, a senhorita Moore. Espero impaciente a volta do mensageiro, e justo ante de sair para o Baile de Bedlam, chega à resposta.

Querida Gemma,

Eu também estou transtornada por semelhantes coincidências. Ainda há uma explicação para tudo isso, mas de momento te aconselho a ficar atenta. E se você for ao Hospital Real de Bedlam, faça o seu melhor para afastá-la de Nell Hawkins.

Sua amiga,

Hester A. Moore.

Papai nem veio jantar como ele prometeu para mim, nem enviou qualquer mensagem para avisar. Ele levou Kartik com a carruagem, portanto Tom e eu temos de alugar uma carruagem para que ele nos leve a Bedlam. O hospital é muito bonito, está decorado com hera e azevinho, e os pacientes puseram seus melhores trajes. É tudo felicidade e cumplicidade.

Eu trouxe flores para Nell. Uma das enfermeiras me leva a ala das mulheres, para que eu entregue a ela.

— Que ramallete bonito! — a enfermeira diz.

— Obrigada — murmuro.

— Um dia feliz para a nossa Senhorita Hawkins. É a segunda vez que lhe trazem flores.

— O que você quer dizer?

— Hoje ela teve uma visita que lhe trouxe belas rosas.

Uma paciente passa dançando uma valsa com um companheiro de dança imaginário.

— Um visitante? Qual é o seu nome? — Pergunto-a.

A enfermeira franze o cenho em um gesto pensativo.

— Temo que não me lembre. Foi um dia terrível! O Sr. Snow esteve muito nervoso hoje. O doutor Smith disse-lhe que se ele não se acalmava ele perderia a sua oportunidade de ir ao baile. Aqui estamos. — Ela diz quando chegamos a uma pequena sala.

Nunca vi Nell com um aspecto mais desalinhado. Seu cabelo fino está com as pontas abertas e se espalha sobre os ombros feito uma ruína. Ela senta-se sozinha e mantém as mãos sobre o colo na jaula de Cassandra. O pássaro grasna para Nell e esta responde murmurando algumas palavras doces. Na mesa ao lado dela tem um vaso com rosas de um vermelho vivo.

— Senhorita Hawkins. — disse a enfermeira, — A senhorita Doyle veio visita-la e trouxe um lindo buquê de flores. Quer dizer boa noite?

— Boa noite! Boa Noite! — Pia como o pássaro Cassandra.

— Eu vou deixá-la com sua visita, — disse a enfermeira. — Você vai ter que se vestir depois, Senhorita Hawkins.

— Nell, — digo, quando ficamos sozinhas. — Você teve uma visita hoje. Foi a senhorita McCleethy?

Nell se estremece ao ouvir o nome, e se aproxima tão perto da gaiola que Cassandra dá um salto nervoso.

— Nos levou para as rochas. Ela prometeu poder e, em seguida, nos traiu. Emergiu do mar. Jack e Jill subiram a colina...

— Ela era sua professora em Santa Victoria, certo? O que ela te fez? O que aconteceu?

Nell coloca seus dedos através das grades da gaiola tentando tocar em Cassandra, que grasna e salta para impedir que ela a agarre.

— Nell! — Eu digo enquanto toco suas mãos.

— Oh, Dama da Esperança — diz ela com um suspiro profundo enquanto seus olhos se enchem de lágrimas. — Ela me encontrou. Encontrou-me e eu estou confusa. Estou com medo. Não me perdoaram.

— Quem não te perdoou? — Eu pergunto.

— Eles! — quase grita. — Aqueles que falam com você. Eles não são meus amigos. Eles não são amigos, não amigos.

— Sssshhh, está bem, Nell, — eu digo calmamente.

Eu posso ouvir o som distante de uns violinos afinando-se. A orquestra da câmara já chegou. O baile está prestes a começar.

Nell se balança com força.

— Eu tenho que ir imediatamente. Jack e Jill subiram no morro, subiram no morro esta noite. Hoje à noite lhe direi onde encontrar o Templo.

Com uma ferocidade surpreendente e agilidade, Nell agarra a perna de Cassandra. A ave grita desesperadamente com seu aperto; mas Nell parece determinada e sua boca desenha um sorriso estranho.

— Nell! Nell! Deixe-no ir! — Digo.

Eu puxo seus dedos e morde-me a mão firmemente. O sumo de uma fina dentada em forma de meia-lua perfura minha luva.

— Eh. Vamos. Que é todo este barulho?

Uma enfermeira veio até nós com cara de preocupada. Se ela vê a mordida não vai deixar Nell ir dançar esta noite, e então nunca saberei onde encontrar o Templo.

— O pássaro me bicou. — Digo — Fiquei assustada.

— Cassandra, você é muito má, isso é o que você é. — Cacareja a enfermeira enquanto pega a gaiola das mãos de Nell.

— Mal, mal! — grasna Cassandra.

— Esta noite — diz Nell com a voz rouca. — Você deve ouvir. Deve observar. É nossa última chance.

mão dói como o inferno. Para piorar a situação, no corredor o Sr. Snow me dá uma olhada lasciva. Ele não deveria estar aqui na ala das mulheres, e eu quero saber onde está indo. Este não é o momento para discutir o assunto. Eu tenho que andar adiante para chegar ao baile. Saco coragem como posso, levanto meus ombros e caminho rapidamente, como se fosse a dona do hospital. Sr. Snow segue meus passos.

— Você é uma menina muito bonita, realmente é,

Continuo a caminhar sem responder. O Sr. Snow se coloca na minha frente repentinamente e vai andando de costas. Procuro ajuda, mas todos estão no salão.

— Deixe-me passar, senhor?

— Dá-me um beijo, então. Um beijo para não esquecer.

— Sr. Snow, não me esquecerei de você, por favor, — digo.

Tento parecer forte, mas a minha voz treme.

— Eu recebi uma mensagem delas para você — ele sussurra.

— Elas?

— As meninas de branco. — Estou tão perto que eu posso cheirar acidez de sua respiração. — Ela fez uma parceria com a escuridão. Com essa vinda. Ela vai levá-la pelo mau caminho. Não confie nela — Sussurra, me olhando com aquele olhar de cobiça doente.

— Você está tentando me assustar? — Pergunto.

Sr. Snow põe as mãos na parede e deixar a minha cabeça entre elas.

— Não, Senhorita. Tentando preveni-la.

— Sr. Snow, o que é que está fazendo?

Por fim aparece uma das enfermeiras e o Sr. Snow foge pelo corredor, mas antes anuncia:

— Cuidado, senhorita! Uma cabeça tão bonita.

Quando me encontro longe dele, tomo minha luva e examinei o ferimento na mão. Não é tão terrível. É como um arranhão profundo, mas desta vez eu tenho minhas dúvidas sobre Nell Hawkins.

Pela primeira vez, estou com medo dela.

TRINTA E QUATRO

O baile de Bedlam é um evento muito popular. O hospital está cheio de gente que entram como convidados ou depois de adquirir uma entrada. Alguns vêm pela música e pela dança, sem nenhuma intenção de caridade; outros, pela curiosidade de ver os loucos de Bedlam fazendo reverências e saudando, com a esperança de que ocorra algo estranho e escandaloso, algo para se falar neste baile ou naquele jantar. Na verdade, duas damas observam discretamente como uma enfermeira persuade um paciente para que solte uma boneca esfarrapada, convencendo a anciã com promessas de que sua filhinha será a melhor servida no jantar desta noite no quarto das crianças.

As damas murmuram “Pobrezinha” e “É de romper o coração”, embora eu possa ver em seus olhos que elas já tem o que estavam procurando: levantar a cortina da desesperança, do horror e do desespero. Assim estarão felizes ao voltarem para manter-se a salvo na comodidade de suas vidas. Desejo para elas um longo baile com o senhor Snow.

O baile já começou há um tempo quando começo a espiar Felicity e Ann, que avançam muito lentamente até mim através da multidão. A senhora Worthington veio com uma acompanhante, mas ela está envolvida novamente, conversando com o superintendente do hospital, o doutor Percy Smith.

— Gemma! Oh, mas o que aconteceu com você? — diz Felicity ao ver a minha luva manchada de sangue.

— Nell Hawkins me mordeu.

— Que horror! — diz Ann.

— A senhorita McCleethy esteve aqui hoje. Nell está em um estado lamentável, mas sabe como encontrar o Templo e está noite vai revelar.

— Então ela é de confiança — diz Ann.

— Sim, claro — admito. — Ela é de confiança.

De repente vejo Tom ao meu lado. Mexe nervosamente com a gravata.

— Parece que está tudo andando muito bem, não é?

— É o melhor baile que eu já assisti — diz Ann.

É o único baile que ela já assistiu, mas não parece ser o momento para dizer.

— Espero que a sessão de hoje seja de seu agrado — diz Tom olhando em direção do doutor Smith. — Tenho vários pacientes preparando uma série de espetáculos para esta noite.

— Estou certa que encantarà todos nós — diz Ann como se tratasse de uma questão de grande importância.

— Obrigado, senhorita Bradshaw. Você é muito amável — Tom sorri para ela de uma maneira única.

— Absolutamente — responde Ann olhando ansiosamente para a pista de dança.

Felicity me belisca suavemente. Tosse delicadamente tapando a boca com um pano, mas sei que tenta desesperadamente não começar a rir desta lamentável troca de palavras. Vamos, Tom, rogo para mim mesma. Tire ela para dançar.

Tom faz uma reverência.

— Espero que tenha uma noite agradável — diz, desculpando-se.

O rosto de Ann reflete decepção e depois surpresa.

— Ela está aqui! — sussurra.

— Quem?

Ann abre completamente seu leque, e ocultando-se com ele aponta para a área mais afastada do salão. Só vejo o senhor Snow dançando uma valsa com a sorridente senhora Sommers, mas então meus olhos tropeçam com algo familiar. Custa-me reconhecê-la imediatamente por causa de seu vestido cor lavanda pálido e seu pescoço nu.

É a senhorita McCleethy. Ela veio.

— O que faremos? — pergunta Felicity.

Recordando a carta da senhorita Moore, digo:

– Devemos afastá-la de Nell a todo custo.

A orquestra parou de tocar e o brilho das luzes se atenua, até que fique uma iluminação acolhedora. As pessoas abandonam a pista de dança em pares, e ficam nos lados do salão. Tom fica no centro. Está prestes a passar as mãos no cabelo, um tic nervoso, mas pensa melhor quando se lembra das luvas e do fixador. Pigarreia demais. Estou nervosa por ele. Finalmente, a sua voz sai.

– Prestem atenção, senhoras e cavalheiros. Obrigada por sair de suas casas e vir aqui em uma noite tão fria. Como sinal de gratidão, os atores do Hospital Real de Bedlam prepararam para vocês um breve espetáculo. E agora, bom... apresento a vocês os atores do Hospital Real de Bedlam.

Depois de ter se defendido bem, Tom sai, acompanhado de uns amáveis aplausos. Percebo que perdi a senhorita McCleethy entre a multidão. O medo passa lentamente pelas minhas costas.

– Eu perdi a senhorita McCleethy – sussurro para Felicity. – Você a vê?

Felicity estira o pescoço.

– Não. Aonde você vai?

– Procurá-la – digo enquanto escapo entre as pessoas.

Enquanto a senhora Sommers começa a teclar uma melodia no piano, movo-me lentamente como uma névoa pelo salão a procura da senhorita McCleethy. A música da senhora Sommers é penosa, mas apesar disso todo o público aplaude. Fica um momento mais fazendo reverências e sorrindo enquanto tapa a boca com a mão. Quando começa a esticar o cabelo, Tom oferece um assento. O pavoroso senhor Snow nos deleita com um solilóquio²⁷ de *Um conto de Inverno* de Shakespeare. Tem uma voz feita para o palco e seria impressionante se eu pudesse esquecer a atuação que ele me fez anteriormente.

Conseguí chegar no meio da multidão mas não consigo ver a senhorita McCleethy.

Apresentam Nell Hawkins. Está vestida com a sua melhor roupa, e com o cabelo cuidadosamente penteado para trás parece uma boneca. Bonita, como a garota sorridente que eu vi em minhas visões. Usa meu ramallete preso em sua blusa. Parece tão grande que faz ela parecer uma anã.

Nell continua em pé olhando para as pessoas até que se ouvem murmúrios de confusão: “O que ela está fazendo? Faz parte do espetáculo?”

O pavoroso e destacado fonógrafo ressoa sua voz:

– Jack e Jill subiram a colina para pegar um balde de água. Jack caiu e rompeu o crânio, e Jill caiu depois.

Pelo salão se ouvem algumas risadas em tom baixo e educado, mas acho que vou chorar. Ela me prometeu, e agora sei que sua promessa não era nada mais do que outra ilusão tecida por sua mente perturbada. Não sabe onde se encontra o Templo. É uma pobre louca e me dá vontade de chorar por nós duas.

Animada, Nell vai se exaltando.

– Para onde iremos, donzelas? Aonde iremos? Vocês têm que abandonar o jardim. Deixá-lo para trás com uma triste despedida. Rio abaixo com a ajuda das Górgonas, passar pelas garras das escorregadias e travessas ninfas. Pelo vapor dourado da magia. Encontre a tribo da Floresta da Luz. As flechas, vocês tem que usar bem e sabiamente as flechas. E guardem uma. Guardem uma para mim, por que eu precisarei.

Uma dama que está perto de mim vira para seu esposo.

– Isto é um *Pinafore*? – diz confusa, pensando que é uma opereta²⁸ de Gilbert e Sullivan.

²⁷ [N/T: Solilóquio é uma forma dramática ou literária do discurso em que a personagem extravasa de maneira ordenada e lógica os seus pensamentos e emoções em monólogos, sem dirigir-se especificamente a qualquer ouvinte.]

²⁸ [N/T: Opereta é, etimologicamente, uma "pequena ópera", é um estilo de opera leve. Leve em termos tanto na sua substância musical como no conteúdo do assunto. É mais próxima, em estilo, com a ópera e a outras formas do teatro musical mais leve, e em muitos casos é difícil definir uma obra de teatro musical a um gênero específico.]

Estou ardendo. Ela sabe! Encontrou uma forma geniosa para revelar o lugar onde o Templo está. Mas, Deus nos ajude, quem pode entender esses jargões? A senhorita McCleethy sai de detrás de uma coluna mostrando seu lado esquerdo; o direito fica oculto na penumbra. Ela também está escutando atentamente.

— Oferece esperança aos Intocáveis, por que eles devem ter esperança. Continua a viagem para além das flores de lótus. Siga o caminho. Sim, não o deixe por que ele pode lhe conduzir ao caminho errado, com falsas promessas. Cuidado com os Guerreiros Amapola: roubam a força e podem devorá-las. Devorar, devorar!

Isto faz as pessoas acharem graça. Vários doentes repetem divertidos: “Devorar”. Parecem galinhas cacarejando, até que são calados pelas enfermeiras. Deixam-me de cabelo em pé. A menos que esteja completamente louca, é como se Nell estivesse fazendo essa pantomima²⁹ para mim, falando em um código que eu devo decifrar.

— Não abandone o caminho por que é difícil voltar a encontrar de novo uma vez perdido. Tocarão a canção da rocha; não deixe que a canção acabe. Também deve ter cuidado com a beleza. A beleza deve passar. Há sombras escuras dos espíritos, logo atrás das Fronteiras onde se ergue a árvore solitária e o céu volta a sangrar...

Algumas damas se abanam incômodas ante a menção do sangue.

— ...nas Terras Invernais conspiram e fazem planos com Circe. Não descansaram até que o exército se levante e os reinos sejam seus para poder governá-los.

Há tensão no ambiente, um sentimento geral de que já foram muito indulgentes com Nell. Tom se dirige para frente. Não! Não até que diga onde se encontra o Templo!

— Obrigada, senhorita Hawkins. E agora...

Nell não se senta. Está muito agitada.

— Quero entrar! Ela me encontrou e eu não posso fugir dela!

— Enfermeira, por favor...

— Vá aonde ninguém vai, onde está proibido; ofereça esperança... Jack e Jill subiram a colina ; o mar, o mar, veio do mar... vá onde a escuridão oculta um espelho de água. Enfrenta seus medos e prenda logo a magia!

— Venha por aqui agora, senhorita Hawkins! — diz a enfermeira segurando-a com força.

Nell não se rende e luta contra a enfermeira com uma força brutal. Sua camisa rasga-se ao longo do braço, de tal forma, que toda a manga fica na mão da enfermeira. As pessoas gritam. Nell está fora de si.

— Ela quer me utilizar para encontrar você, Dama da Esperança! Usará nós duas e eu perderei, perderei para sempre! Não deixe que ela me leve! Não hesite! Liberte-me, Dama da Esperança! Liberte-me!

Dois fortes enfermeiros chegaram com a camisa de força.

— Venha conosco, senhorita. Não se preocupe.

Nell chuta e grita mostrando de novo uma força surpreendente, mas para eles isso não é nada. Um deles envolve o esbelto pescoço de Nell dobrando o cotovelo de seu braço musculoso, enquanto o outro a força a meter o braço na camisa e amarra os cintos nas suas costas. Seu corpo se dobra contra os homens, que em parte a levam e em parte arrastam a fraca garota até tudo que se ouvem são gemidos e o baque de seus saltos contra o chão.

Após o choque daquele espetáculo, o tom dos murmúrios do público se eleva. Tom pede aos músicos que voltem a tocar. A música acalma o salão e logo os mais valentes se lançam na pista. Estou tremendo. Nell está em perigo e tenho que salvá-la.

Abro caminho até Felicity e Ann.

— Tenho que escapulir daqui e encontrar Nell — digo.

— O que ela queria dizer com “Cuidado com os Guerreiros Amapola”? — pergunta Ann.

— Parece uma loucura — acrescenta Felicity. — O que você acha?

²⁹ [N/T: Pantomima é um teatro gestual que faz o menor uso possível de palavras e o maior uso de gestos.]

— Acho que era uma espécie de chave para nós, para que encontremos o Templo — digo. — E estou certa de que a senhorita McCleethy também estava escutando.

Felicity examina a multidão.

— Onde ela está?

A senhorita McCleethy abandonou a coluna. E também não está entre os que estão dançando. Ela sumiu.

Felicity me olha com os olhos muito abertos.

— Vá agora mesmo e pegue ela!

Fuji silenciosamente da sala e corro tão rápido como posso até o pavilhão de mulheres. Tenho que chegar antes que a senhorita McCleethy. Ela me encontrou! Bem, pois não pretendo deixar que ela te pegue, Nell. Não se preocupe.

O corredor está lotado devido as idas e vindas das enfermeiras. Quando a última sai, levanto a saia e vou até o quarto de Nell tão rápido como posso.

Está sentada em um canto. Tiraram a camisa de força. Meu bonito ramallete se estragou; as pétalas se desprenderam ou estão esmagadas. Nell balança-se para frente e para trás golpeando ligeiramente a cabeça contra a parede com cada movimento. Pego suas mãos.

— Senhorita Hawkins, sou Gemma Doyle. Nell, não temos muito tempo. Preciso saber a localização do Templo. Você estava prestes a dizer quando te agarraram. Agora você está a salvo. Deve dizer.

Um fino fio de baba corre pelo canto de seus lábios. Um cheiro de frutas passadas perfuma o fraco hálito de sua boca. Deram algo para sedá-la.

— Nell se você não me disser como encontrar o Templo, tenho medo que estejamos perdidas. Todas nós. Você sabe. Circe nos encontrará e então... Suponho que não tenho que dizer o que vai acontecer. Ela conseguirá governar os reinos. E fará com uma menina e depois outra o mesmo que fez para você.

Muito abaixo de nossos pés, a música muda de ritmo enquanto outro baile começa. Não sei quanto tempo poderei permanecer fora antes que comecem a me procurar.

— Ela nunca vai parar — A voz áspera de Nell rasga o silêncio. — Nunca. Nunca. Nunca.

— Então nós devemos detê-la — digo. — Por favor. Por favor, me ajude.

— Você é tudo o que ela quer, o que sempre quis — diz, arrastando as palavras. — Me fez dizer onde encontrar o Templo, da mesma forma que ela me fez dizer onde encontrar você.

— O que você quer dizer?

Um som penetra meus ouvidos. Ouço passos que se aproximam do vestibulo. Vou para a porta e olho às escondidas. Alguém está vindo. Alguém com um manto verde escuro. Para, olhando todos os quartos do corredor. Fecho a porta lentamente.

— Nell — digo com o coração batendo depressa. — temos que nos esconder.

— A pequena senhorita Muffet se sentou em um banquinho... a assustava, assustava.

— Ssshhh, Nell. Tem que ficar calada. Aqui, depressa, debaixo da cama.

Nell é uma menina pequena, mas pesa como uma pedra devido ao narcótico e fica difícil carregá-la. Caímos juntas no chão. Com esforço consigo empurrá-la para debaixo da cama e depois eu entro. Os passos param na porta de Nell. Quando se abre, fecho a boca com a mão. Não sei o que me dá mais medo, que Nell comece a falar, descobrindo nosso esconderijo, ou que a batida de meu coração nos delate.

Ouve-se um sussurro na escuridão.

— Nell?

Nell se encosta contra mim, completamente rígida. O sussurro se ouve outra vez.

— Nell, querida, onde você está?

De repente posso ver a borda de seu manto. Debaixo vejo os fios polidos e delicados de umas botas brilhantes. Estou convencida de que era possível ver meu medo refletido em seu brilho. As botas se aproximam. Prendo a respiração sem deixar de fechar a boca de Nell, com toda a sua saliva na minha palma.

Ao meu lado, Nell está tão quieta que eu temo que esteja morta. As botas viram e a porta se fecha com um estalo. Deslizo de debaixo da cama e tiro depois Nell, que se segura com a mão em minha cintura. Está com os olhinhos de uma criança pequena e aperta os lábios, fazendo uma careta que só a deixa dizer quatro palavras.

— Vejo o que vejo...

Caímos repentinamente em uma visão. Mas não é a minha visão, e sim a de Nell. Vejo o que ela vê. Estamos correndo pelos reinos. A grama fica presa nos nossos tornozelos, mas tudo acontece muito depressa. A mente de Nell é uma confusão de coisas e não encontro sentido no que vejo. Rosas que saem das paredes. Um vidraceiro vermelho na pele. Umas mulheres vestidas de verde arrastam com força a mão de Nell até um poço profundo e claro.

Eu caio de costas na água. Não posso respirar. Me afogo. Saio da visão e vejo que Nell está apertando o meu pescoço. Tem os olhos fechados. Não me vê e nem parece saber o que está fazendo. Desesperada, bato em seu braço, mas não cede.

— Nell — digo com uma voz rouca. — Nell, por favor.

Me solta e eu caio no chão tentando respirar; dói a minha cabeça pelo seu repentino e brutal ataque. Nell volta novamente para seu estado de loucura, mas seu rosto está sulcado de lágrimas.

— Não duvide, Dama da Esperança. Liberte-me.

TRINTA E CINCO

Hoje é véspera de Natal; as lojas e bares estão cheios de gente alegre, nas ruas você vê pessoas levando para casa uma árvore aromática ou quem escolheu um enorme ganso para jantar. Deveria compartilhar esse alegre espírito natalino e o impulso de repartir bons desejos com meus semelhantes. No entanto, contemplo as peças do quebra-cabeça que Nell Hawkins me deixou para que eu o complete.

Ir aonde ninguém vai, onde é proibido, oferecer esperança. Ir onde a escuridão oculta um espelho de água. Enfrentar seus medos e prender rápido a magia a você! Não tem sentido. Siga o caminho. Eles podem te conduzir ao caminho errado com falsas promessas. Quem? Que falsas promessas? Tudo é um enigma que envolve outro. Tenho o amuleto que me guia mais não sei onde procurar o Templo, e sem isso não tenho nada. Fico tão irritada que estou a ponto de jogar meu prato ao chão.

Para piorar as coisas, papai não está em casa. Não voltou do clube ontem à noite. Sou a única que parece preocupada com isso. Vovó está ocupada resmungando ordens aos criados para o jantar de Natal. A cozinha é uma maré de cozinheiros que preparam os pudins com molho e o faisão com maçãs.

— Não veio para o café da manhã? — pergunto.

— Não — diz vovó, enquanto me afasta para chamar a cozinheira.

— E se ele estiver ferido? — pergunto.

— Gemma, por favor! Senhora Jones, acredito que com a seda vermelha é suficiente.

O jantar de Natal está a ponto de começar e ainda não há sinal de papai. Nós três nos sentamos no salão para abrir os presentes fingindo que nada aconteceu, mas na verdade estávamos muito preocupados.

— Caramba! — diz Tom, desenrolando um longo cachecol de lã. — Perfeito. Obrigada, vovó.

— Estou contente que você tenha gostado. Gemma, por que não abre os seus?

Começo com uma caixa de vovó. Talvez seja um bonito par de luvas ou uma pulseira. Dentro tem uns lenços bordados com as minhas iniciais. São muito bonitos.

— Obrigada — digo.

— Eu acho que os presentes práticos são sempre os melhores — comenta, sorvendo pelo nariz.

A abertura de presentes dura só uns minutos. Além dos lenços, recebi de Vovó um espelho de mão e uma caixa de chocolates, e de Tom um alegre quebra-nozes vermelho. Eu dou de presente um xale para vovó. E para Tom, um crânio para que ele um dia coloque em seu escritório.

— Chamarei-o de Yorick — diz Tom, encantado.

Fico contente de ter feito ele feliz. O presente de papai fica sem abrir debaixo da árvore.

— Thomas — diz vovó. — talvez você devesse ir ao clube perguntar por ele. Tente descobrir algo com discrição.

— Mas esta noite eu vou para o Ateneo; Simon Middleton me convidou — protesta Tom.

— Papai está desaparecido — digo.

— Não está desaparecido. Estou certo de que ele voltará para casa a qualquer momento carregado de presentes que ele teve o capricho de ir pegar em algum lugar. Você lembra quando ele chegou na manhã de Natal como o próprio Papai Noel, montado em um elefante?

— Sim — digo, sorrindo com a lembrança.

Presenteou-me com meu primeiro sarí e Tom e eu bebemos leite de coco lambendo da tigela como se fôssemos tigres.

— Ele voltará para casa. Lembre de minhas palavras. Ele não volta sempre?

— Você tem razão, claro — digo, por que quero acreditar desesperadamente.

A casa está envolta pelo silêncio dos fogos apagados e do constante som dos relógios, as lâmpadas silenciadas pelos incandescentes sopros de seu novo resplendor. Como já são onze horas, os criados se retiraram para seus quartos. Vovó está aconchegada na sua cama e acha que eu estou na

minha também. Mas não consigo dormir. Não com papai fora. Quero que ele volte para casa, com seu elefante. Então me sento para esperar no salão.

Kartik está na sala; ainda usa o casaco e as botas. Parece sem ar.

— Teu irmão está em casa? — pergunta, muito nervoso.

— Não, saiu. Por que você quer saber?

— Eu preciso falar com seu irmão.

Fico de pé.

— Eu te disse que ele não está em casa. Você tem que me contar.

Pego o atizador e remexo em uns frágeis troncos, que voltam a acender. Ele não diz nada e começo a imaginar o pior.

— Oh, não! É sobre papai? Sabe onde ele está? — Kartik concorda. — Onde?

Kartik não se atreve a me olhar nos olhos.

— Bluegate Fields.

— Bluegate Fields? — repito. — Onde fica isso?

— É a escória do mundo, um lugar habitado só por ladrões, viciados, assassinos e pessoas assim.

— Mas... por que meu pai está ali?

Outra vez Kartik não se atreve a me olhar.

— É viciado em ópio. Está em Chin-Chin, um antro de ópio.

Não está certo. Não pode ser. Eu tinha curado papai. Desde que eu fiz o feitiço ele tinha melhorado, não tinha pedido nem mais uma gota de láudano.

— Como você sabe disso?

— Porque ontem à noite ele me mandou que eu o levasse lá e desde então ele não saiu dali.

Meu coração se parte.

— Meu irmão está com o senhor Middleton no clube.

— Temos que ir chamar ele.

— Não! Que escândalo! Seria uma humilhação para Tom.

— Sim, nós íamos irritar o honorável senhor Simon Middleton.

— Você é um atrevido — digo.

— E você está mentindo ao dizer que não quer humilhar Tom.

A dura verdade dói e eu o odeio um pouco por ter dito isso.

— Não tem nada que possamos fazer a não ser esperar que seu irmão volte.

— Você quer dizer que deixaremos meu pai nesse lugar?

— Não temos outra opção.

— Ele é tudo o que eu tenho — suplico. — Me leve até ele.

Kartik balança a cabeça.

— Isso está fora de discussão. Bluegate Fields não é lugar para uma dama.

— Eu vou, quer você me leve ou não.

Dirijo-me rapidamente para a porta. Kartik me segura pelo braço.

— Sabe o que pode acontecer com você lá?

— Me arriscarei — Kartik e eu estamos um de frente para o outro. — Não posso deixá-lo lá, Kartik.

— Muito bem — diz cedendo, e faz uma atrevida inspeção em mim. — Você terá que usar roupas de seu irmão.

— O que você quer dizer?

— Se você for, terá que ir vestida como um homem.

Subo as escadas esperando não acordar nem vovó nem os criados. As roupas de Tom são um mistério para mim. Consigo me despir com alguma dificuldade, removendo as camadas de roupa que uso e o espartilho. Suspiro aliviada quando me libero de tudo. Coloco as calças de Tom encima das meias de lã e escolho uma camisa e um casaco. Ficam um pouco apertados. Sou alta, mas não tão magra quanto ele. Embora eu ainda tenha o que fazer. Segurar o cabelo sob o chapéu é uma tarefa difícil, por que ele corre o risco de escapar sobre os meus ombros. E colocar os

sapatos de Tom requer que eu encha as pontas com lenços porque seus pés são um número e meio maior do que os meus. Caminho com eles como se eu estivesse bêbada.

— Como estou? — pergunto, enquanto desço as escadas.

Kartik zomba.

— Como alguém que pode ser assaltada pelos bandidos do leste de Londres. É uma péssima idéia. Vamos esperar até que seu irmão volte.

— Não vou permitir que meu pai morra num antro de ópio — digo. — Traga a carruagem até aqui.

Começa a cair uma ligeira neve que cobre a crina de *Ginger* enquanto nos aproximamos lentamente dos bairros pobres do Leste de Londres. A noite está tranqüila e fria. Dói meu peito quando respiro. Avenidas estreitas e sujas abrem caminho através dos edifícios em ruínas que ainda estão em pé, parados como mendigos. Chaminés destruídas sobressaem dos telhados empapados; braços tortuosos de metal pedindo aos céus caridade e esperança, algum consolo de que esta vida não é tudo o que eles vão conhecer.

— Tapa o rosto com o chapéu — adverte Kartik.

Inclusive nesta noite e com este frio, as ruas estão repletas de bêbados que vociferam e amaldiçoam. Três homens param na soleira da porta aberta de um bar e olha a minha roupa fina; Kartik está do meu lado.

— Não olhe para eles — diz Kartik. — Não fale com ninguém.

Um grupo de meninos de rua nos rodeia mendigando. Um tem uma irmãzinha doente em casa; o outro oferece limpar minhas botas por um xelim. Outro, um garoto de não mais que onze anos, sabe de um lugar onde podemos ir e “será bom” comigo o tempo que eu quiser. Enquanto diz isso não sorri nem mostra nenhum sentimento. Na verdade, faz como o garoto que se ofereceu a limpar minhas botas.

Kartik pega seis moedas do bolso, que brilham sobre a lã negra de suas luvas. Os olhos dos garotos se abrem na escuridão.

— Três xelins para que vocês vigiem a carruagem e o cavalo — comenta.

Três rapazes vão até ele imediatamente, prometendo todo tipo de maldade para quem fizer algo com a carruagem desse bom cavalheiro.

— E três para que nos escoltem até Chin-Chin sem incidentes.

Eles ficam em silêncio. Um menino imundo com farrapos e sapatos tão desgastados que tem buracos, pega a última moeda.

— Eu *mermo* conheço o Chin — diz.

Os outros garotos olham para ele com inveja e desprezo.

— Por aqui, *senhores* — diz, nos levando por um labirinto de ruas úmidas onde sopra o vento que vem do cais próximo.

Faz muito frio. Uns ratos gordos escapolem pelas pedras das calçadas fisingando Deus sabe o que na calçada. Ainda é véspera de Natal e as tabernas e ruas estão cheias de gente, alguns se desequilibrando por causa da bebida.

— *Qui mermo* — diz o garoto quando chegamos a um alpendre que está dentro de um minúsculo pátio.

O garoto empurra a porta frágil e nos escolta no caminho para cima por umas escadas que fedem a urina e mofo. Tropeço em algo e vejo que é um corpo.

— *É o velho Jim* — diz o garoto sem dar importância. — *Sempre tá'qui*.

No segundo andar abrimos outra porta.

— *Qui'tá Chin-Chin*. Dê um copo de gim para o problema, hein, tio? — diz o garoto estendendo a mão com a esperança de receber mais dinheiro.

Coloco outros dois xelins na sua mão.

— Feliz Natal, tio.

Desaparece e bate a lúgubre e grossa porta que range ao ser aberta, deixando-nos ver um ancião chinês. As olheiras que tem embaixo de seus profundos olhos o fazem parecer mais uma aparição do que um homem de carne e osso. Então sorri mostrando um punhado de dentes marrons como frutas podres. Faz-nos segui-lo para um quarto de teto baixo, e pouco espaço. Por todas as partes para onde olho tem corpos. Estão estendidos com olhares perdidos; alguns balbuciam uma sequência de frases sem sentido interrompidas por longas pausas e um riso repentino que congela a alma. Um marinheiro, com a pele da cor da porcelana chinesa, assente dormindo num canto. Ao lado dele tem um homem que parece que nunca vai acordar.

A fumaça de ópio me faz chorar e a garganta me queima. Neste ponto, seria muito esperar que saíssemos do quarto sem pegar a droga. Tapo a boca com um pano para evitar as arcadas.

— Olha onde você pisa — diz Kartik.

Vários cavalheiros estão sentados em um grupo ao redor de uma taça de ópio e estão com a boca aberta com expressão de estupor. Encima deles, uma corda cruza o quarto e nela se penduram uns trapos sujos que formam uma cortina apodrecida que cheira a leite podre.

— Em que barco você está, garoto? — diz uma voz vinda da escuridão.

Um rosto surge à luz de uma vela. É um homem indiano.

— Não sou nem um marinheiro, nem um garoto — diz Kartik.

O marinheiro indiano ri. Ele tem uma horrível cicatriz que nasce na extremidade do olho e cruza a bochecha. Estremeço ao pensar o que ele poderia fazer e no que aconteceu com o outro homem. Ele apalpa a adaga que usa no lado.

— Treina cachorros ingleses?

Aponta para mim com a adaga. Solta uma espécie de latido que se transforma em uma gargalhada até que uma tremenda tosse faz com que cuspa sangue na mão.

— Os ingleses — cospe — nos deixam viver. Você e eu somos seus cachorros. Cachorros. Não pode confiar em suas promessas. Mas o ópio de Chin-Chin faz com que o mundo inteiro seja bom. Fume, amigo e você esquecerá o que eles te fazem. Vai esquecer de que você é um cachorro e de que sempre será.

Assinala a ponta de sua adaga para dentro da bola pegajosa de ópio, pronto para fumar seus problemas e flutuar no esquecimento, ali onde ninguém é inferior. Kartik e eu avançamos através da neblina de fumaça. O homem chinês nos conduz até um quarto pequeno e nos faz esperar um momento enquanto desaparece por trás dos trapos que estão penduradas sobre a porta. Kartik ainda aperta o maxilar.

— O que esse homem disse... — Paro porque não estou certa se devo continuar. — O que eu quero dizer é que espero que você saiba que eu não penso dessa forma.

O rosto de Kartik endurece.

— Não sou como esses homens. Eu sou um Rakshana. Uma casta superior.

— Mas você também é indiano. São seus compatriotas, não é?

Kartik nega com a cabeça.

— O destino determina a sua casta. Você deve aceitar e viver de acordo com as regras.

— Você não pode acreditar nisso de verdade.

— Acredito. A desgraça desse homem é porque ele não consegue aceitar a sua casta, seu destino.

Sei que os indianos usam sua casta como uma marca que pintam na testa para que todos vejam. Também sei que na Inglaterra temos nosso próprio, e não reconhecido, sistema de castas. Um trabalhador nunca poderá se sentar no Parlamento. Nem tampouco uma mulher. Não acho que eu tenha me questionado sobre essas coisas até esse momento.

— E o poder e o desejo? O que acontece se alguém quiser mudar as coisas.

Kartik olha o quarto.

— Você não pode mudar a sua casta. Não pode ir contra o destino.

— Isso significa que não há esperança de uma vida melhor. Isso é uma armadilha.

— É assim que você vê? — diz suavemente.

— O que você quer dizer?

— É um alívio seguir o caminho que foi traçado para você, saber qual é o seu caminho e tomar parte dele.

— Mas, como você pode estar certo de que está seguindo o caminho certo? O que aconteceria se não existisse o destino, só as escolhas?

— Então eu não escolheria viver sem destino — diz com um leve sorriso.

Parece tão certo e, no entanto, eu só sinto insegurança.

— Alguma vez você tem dúvidas? Sobre qualquer coisa?

Sorri vaidoso.

— Sim.

Eu gostaria de saber quais são, mas o homem chinês retorna e interrompe nossa conversa. Seguimos ele, afastando os fétidos trapos. Aponta para um inglês gordo com os braços do tamanho de um elefante.

— Procuramos o dono do Chin-Chin — diz Kartik.

— Estão na frente dele — responde o inglês. — Eu comprei do proprietário anterior há três anos. Alguns me chamam de Chin. Outros me chamam de Tio Billy. Venham e saboreiem a felicidade.

A tigela com o ópio está numa mesinha baixa. Chin remove a grossa mistura preta. Pega uma pegajosa bola de ópio que parece piche e a coloca em um cachimbo de madeira. Com horror vejo que usa a aliança de papai pendurada em uma corrente no pescoço.

— Onde você conseguiu esse anel? — pergunto com um sussurro rouco que espero que passe pela voz de um jovem homem.

— Bonito, não é? Um cliente me deu para comprar ópio.

— Esse homem, ainda está aqui?

— Não sei. Não dirijo uma casa de hóspedes agora, cara.

— Chin... — É uma voz urgente e rouca que vêm de detrás da cortina de trapos.

Aparece uma mão que treme a procura de seu cachimbo. Entre seus dedos finos balança-se um relógio de bolso de ouro.

— Pegue, Chin... Me dê mais...

Papai.

Retiro a cortina. Meu pai está deitado em um sujo e esfarrapado colchão, apenas com suas calças e camisa. A jaqueta e o casaco adornam uma mulher que está deitada sobre ele, roncando suavemente. Ele já não tem nem sua fina gravata nem as botas; não sei se foram roubadas ou trocadas. O fedor de urina me sufoca e eu tenho que me esforçar para não ficar enjoada.

— Papai.

Ele tenta distinguir na penumbra quem está falando. Tem os olhos vermelhos e as pupilas dilatadas e vidradas.

— Olá — diz sorrindo como se estivesse sonhando.

Tenho arcadas e tento contê-las.

— Papai, você tem que ir para casa.

— Só um pouco mais. Quando eu me recompor nós poderemos ir...

Chin pega o relógio e mete ele em seu bolso, passando o cachimbo para papai.

— Não dê mais para ele — suplico.

Tento pegar o cachimbo, mas papai arranca da minha mão e, além disso, me dá um empurrão. Kartik vem me ajudar.

— Chin, a luz. Há um bom homem...

Chin aperta a vela no cachimbo. Meu pai se vê por trás da fumaça. Aperta os olhos, que deixam escapar uma lágrima que faz um sulco através de sua bochecha com barba por fazer.

— Deixe-me, meu amor.

Não posso suportar mais. Com a pouca força que me resta, tiro ele de cima da mulher e o coloco em pé. Nós dois tropeçamos para trás. Chin ri ao nos ver, como se fosse uma briga de galos ou um evento esportivo. Kartik pega meu pai pelo outro braço e juntos nos dirigimos através dos

fumadores de ópio. Me envergonha ver meu pai nesse estado. Queria chorar, mas temo que se eu começar não consiga parar nunca.

Descemos tropeçando pelas escadas, mas de alguma forma conseguimos chegar até a carruagem sem nenhum inconveniente. Os garotos cumpriram com sua palavra. No grupo há agora uns vinte garotos a mais, que descem dos assentos e de *Ginger*. O ar frio da noite, que antes me surpreendeu, é um miserável bálsamo depois da fumaça de ópio. Respiro com avidez alguns bocados de ar enquanto Kartik e eu ajudamos papai a subir na carruagem. As calças de Tom se engancham na porta e rasgam a costura. Não importa, estou muito destroçada. Tudo o que eu deixei atrás: frustração, solidão, medo e a tristeza opressiva, tudo isso sai aos borbotões entre torrentes de lágrimas.

— Gemma?

— Não... olhe... para mim — digo, sorvendo pelo nariz e girando a cabeça até o aço frio da carruagem. — Tudo é... tão... horrível... e é por... minha culpa.

— Não é sua culpa.

— Sim, sim! Se eu não fosse quem sou, mamãe não teria morrido. Papai nunca teria ficado assim! Eu destruí sua felicidade! E... — paro.

— E?

— Usei a magia para tentar curá-lo.

Temo que Kartik fique com raiva, mas ele não diz nada.

— Não posso suportar ver ele sofrer assim. Para que serve todo esse poder se não posso fazer nada com ele?

Assalta-me um novo fluxo de lágrimas. Para minha surpresa Kartik as retira com a mão. “*Meraa mitra yahaan aaiye*”, sussurra.

Só entendo um pouco de hindu, o bastante para entender o que ele disse: “Vem aqui, minha amiga”.

— Nunca tinha conhecido uma garota tão valente — diz.

Ele me deixa apoiada contra a carruagem durante alguns instantes, até que minhas lágrimas cessam e meu corpo volta a se sentir, como de costume, depois de um bom choro: tranquilo e aliviado. No Tâmis os grandes sinos do Big Ben tocam os dois.

Kartik me ajuda a ir do assento contíguo até onde meu pai está dormindo com um “Feliz Natal, senhorita Doyle”.

Quando chegamos em casa, as luzes estão acesas, o que é um mal sinal. Tom espera na sala. Não tem maneira de esconder o que aconteceu.

— Gemma, onde você estava a essas horas? Por que está usando minhas roupas? E o que você fez com as minhas melhores calças?

Kartik entra no cômodo, segurando papai como pode.

— Pai! — diz Tom, vendo ele meio vestido e drogado. — O que aconteceu?

As palavras saem de mim como uma torrente.

— Encontramos ele em um antro de ópio. Ele esteve ali durante dois dias. Kartik queria que fosse você, mas eu não queria que você fosse objeto de escândalo no clube e por isso eu, eu, eu...

Ao ouvir todo o barulho, a senhora Jones chega com seu gorro de dormir ainda posto.

— É algo sério, senhor? — pergunta.

— O senhor Doyle está doente.

A expressão da senhora Jones indica que ela percebeu a mentira, mas se põe em ação imediatamente.

— Prepararei agora um chá, senhor. Posso chamar o médico?

— Não! Só o chá, por favor — grita Tom, e olha Kartik com aspereza. — Posso levá-lo sozinho.

— Sim, senhor — responde Kartik.

Por um momento não sei se vou até Kartik ou até meu irmão. No final, ajudo Tom e a senhora Jones a levar meu pai para cama. Tiro as roupas de Tom e esfrego todo o corpo para tirar o odor

do leste de Londres e coloco meu pijama. Encontro Tom sentado na sala olhando para o fogo. Pega os galhos que são muito pequenos, e parte em dois para alimentar com elas as chamas furiosas.

— Sinto muito, Tom. Não sabia o que outra coisa eu poderia fazer — digo.

Fico esperando que ele diga que eu sou uma desgraça para a família e que eu não voltarei a sair de casa novamente.

Pega outro galho. Crepita no fogo e consome. Não sei o que dizer.

— Não pude curá-lo — diz Tom em uma voz tão baixa que eu tenho que me inclinar para poder ouvi-lo. — Um estudante de medicina é um homem da ciência. Supõe-se que eu teria respostas.

Mas nem sequer posso ajudar meu pai a dominar seus demônios.

Reclino a cabeça contra o marco de madeira da porta. Algo firme que me sustenta para não me derrubar.

— Com o tempo, você encontrará a maneira.

Pretendo soar tranquilizadora, mas não consigo.

— Não. A ciência acabou para mim. Acabou.

Coloca sua cabeça entre as mãos e eu ouço um som abafado. Está tentando não chorar, mas não consegue. Queria cruzar o tapete correndo e abraçá-lo com força, mas não faço com medo de seu desdém. Em vez disso, giro a maçaneta da porta lentamente e saio para que ele possa salvar as aparências. Eu me odeio por isso.

TRINTA E SEIS

O som distante dos sinos da igreja me acorda. É manhã de Natal. A casa está tão silenciosa como um necrotério. Papai e Tom ainda estão dormindo depois da longa noite, e Vovó preferiu ficar na cama também. Só estão acordados os criados.

Me visto rapidamente e me dirijo silenciosamente para a cocheira. Ainda adormecido, Kartik está imóvel e parece encantador.

— Vim me desculpar por ontem à noite e agradecer pela ajuda — digo.

— Todo mundo alguma vez precisa de ajuda — responde.

— Menos você.

Não me responde. Em vez disso, me entrega algo envolto em um pedaço de pano.

— Feliz Natal, senhorita Doyle.

Estou surpresa.

— O que é isso?

— Abre.

Dentro do pano tem um canivete do tamanho de um polegar.

A parte superior do canivete é um totem primitivo que representa muitos homens armados com uma cabeça de búfalo.

— Megh Sambara — explica Kartik. — Os hindus acreditam que protegem contra os inimigos.

— Eu pensava que você não acreditava em nenhum costume que não fosse dos Rakshana.

Apressadamente, Kartik coloca as mãos no bolso, e se balança sobre seus sapatos.

— Era de Amar.

— Então você não deve dar ele — digo, tentando devolver.

Kartik dá um salto tentando evitar o canivete.

— Cuidado, é pequeno mais afiado! E pode ser que você precise.

Detesto que ele me lembre o que eu tenho que fazer agora.

— Guardarei comigo. Obrigada.

Vejo que tem outro pequeno pacote ao lado dele. Eu gostaria de perguntar se é para Emily, mais não me atrevo a fazer.

— Não é hoje o baile de Natal da senhorita Worthington? — pergunta Kartik, passando o dedo por seus cabelos emaranhados.

— Sim — respondo.

— O que acontece nesses bailes? — pergunta timidamente.

— Bom — suspiro, — é uma grande ocasião para sorrir, e falar do tempo e de como as pessoas estão bem. Há um jantar rápido e refrescos. E o baile, é claro.

— Nunca fui a um baile. Não sei que tipo de dança se dança nos bailes.

— Não é difícil de aprender para um homem. As mulheres precisam exercitar-se para irem para trás sem pisar no pé.

Kartik coloca a mão numa posição de agarrar uma acompanhante imaginária.

— Assim?

E começa a dar voltas e voltas.

— Um pouco mais devagar. É assim — indico.

Kartik fica roxo como uma ameixa.

— Eu me perguntava Lady-como-se-chama, se já recebeu muitas visitas desde que chegou a Londres.

— Oh, Lorde Presumido — respondo imitando seu tom, — eu recebi tantos convites que tive que colocá-las em duas sopeiras chinesas.

— Duas sopeiras, você disse?

— Duas sopeiras.

— Que pena para você e sua cerâmica chinesa! — diz Kartik rindo. Fica tão encantador quando ri!

— Eu gostaria de ver você com um colete preto e uma gravata branca.

Kartik para.

— Você acha que eu ficaria parecido com um desses elegantes cavaleiros?

— Sim.

Ele se inclina para mim.

— Me concede esta dança, senhorita Doyle?

Faço uma reverência.

— Oh, é claro, Lorde Presumido.

— Não — diz, suavemente. — Você concede a mim esta dança?

Kartik está pedindo que eu dance com ele. Olho ao redor. Enquanto dormia, os postigos da janela permaneceram fechados. Até o sol parece se esconder atrás das nuvens cinzentas de seus lençóis. Não tem ninguém por aqui, mas podem aparecer a qualquer momento. Não devo. É inapropriado. O que aconteceria se alguém nos visse? O que aconteceria com Simon?

Mas as minhas mãos tomam a decisão por mim, empurrando-me no frio desta manhã de Natal a me encostar nele.

— É, a sua, é, a sua outra mão tem que estar na minha cintura — digo enquanto observo nossos pés.

— Aqui? — diz, deixando sua mão descansar em meu quadril.

— Mais para cima — digo com uma voz rouca, enquanto sua mão encontra minha cintura. — É isso.

— E agora o quê?

— Bem, nós dançamos — digo, enquanto respiro em pequenas tragadas.

Inicialmente damos voltas lentamente e sem jeito. Há tanto espaço entre nós dois que caberia outra pessoa. Continuo olhando nossos pés enquanto damos passos muito perto um do outro e deixamos sulcos sobre a camada de serragem.

— Acho que seria mais fácil se você não me afastasse tanto.

— É assim como se faz — respondo.

Ele me atrai para ele, muito mais perto do que seria apropriado. Cabe apenas um sussurro entre seu peito e o meu. Olho ao redor instintivamente, mas ninguém nos vê, exceto os cavalos. A mão de Kartik vai de minha cintura para a parte baixa de minhas costas, e fico sufocada. Enquanto damos voltas e voltas, e sua mão esquentas as minhas costas, sua outra mão segura a minha, e logo minha cabeça começa a girar.

— Gemma — diz de uma maneira que me obriga a olhar para esses maravilhosos olhos castanhos.

— Tem algo que devo te dizer.

Não deve dizer. Vai jogar tudo a perder. Me solto e seguro meu estômago com a mão para me acalmar.

— Você está bem? — pergunta Kartik.

Sorrio debilmente e nego com a cabeça.

— O frio — digo. — É melhor eu voltar.

— Mais primeiro eu preciso te dizer.

— Tenho muito que fazer — digo de maneira cortante.

— Está bem — diz com um tom ferido. — Não se esqueça do seu presente.

Me entrega o adorável canivete. Nossas mãos se roçam e por um instante é como se o mundo contivesse a respiração, então seus lábios, esses suaves e cálidos lábios, me beijam. Sinto como se tivesse caído um aguaceiro.

Quando me afasto, parece haver pássaros revolvendo meu estômago.

— Não, por favor.

— É por que eu sou indiano, não é? — pergunta.

— Claro que não — digo. — Eu nem sequer penso em você como um Indiano.

Me olha como se eu tivesse apunhalado ele. Então, começa a rir jogando a cabeça para trás. Não sei o que eu disse que foi tão engraçado. Olha para mim tão duro que temo que meu coração vá se romper.

- Então nem sequer me vê como um de lá. Bem, isso é um tremendo alívio.
- Eeu... não quis dizer isso.
- Os ingleses nunca querem.

Ele vai para o estábulo, comigo em seus calcanhares. Nunca tinha pensado o quão insultante isso soava. Mas agora é tarde demais, me dou conta que ele tem razão, no mais profundo do meu coração eu assumi que era tão sincera com Kartik e comigo mesma... por que ele é indiano e não pode haver nada entre nós dois. Qualquer coisa que eu dissesse agora seria uma mentira. Eu fiz uma bagunça das coisas.

Kartik coloca seus escassos pertences em uma mochila.

- Para onde você vai?
- Para Rakshana. Já chegou a hora de eu reclamar meu lugar. Devo começar meu treinamento e avançar.
- Por favor, não vá, Kartik. Não quero que você vá.

É a coisa mais verdadeira que eu já disse durante esse dia.

- Pois eu sinto muito por você.

Começa a ter movimento na cocheira. Os criados ficam em ação como as figurinhas mecânicas dos relógios de cuco.

- É melhor que você vá para dentro. Teria a gentileza de dar isto para Emily por mim? — diz com um tom glacial.

Me passa o presente, que se abre: é a *Odisséia*.

- Diga que sinto muito por não poder continuar ensinando ela a ler. Terá que procurar outra pessoa.

- Kartik — começo a dizer.

Percebo que ele esteve com meu presente pendurado na parede durante meses.

- Não quer levar o bastão de críquete?
- Críquete. É um jogo muito inglês — responde. — Adeus, senhorita Doyle.

Coloca a mochila nas costas e vai embora, desaparecendo na fraca luz da manhã.

TRINTE E SETE

Ao meio-dia, as ruas de Londres são um show de sinos que chamam as pessoas a igreja. Vovó, Tom e eu nos sentamos nos duros bancos de madeira, deixando que as palavras do reverendo nos invadam.

— Então Herodes, quando teve diante de si os sábios que havia chamado, perguntou-lhes quando apareceria a estrela. E lhes enviou a Belém e disse: “Ide e procure com presteza ao menino; e quando o houver encontrado, faça-me saber que eu irei e também o adorarei”...

Deixo meu olhar passear pela igreja. Ao meu redor, as cabeças das pessoas estão inclinadas, rezando devotamente. Felizes, porque afinal de tudo é Natal.

A luz colorida proveniente das janelas mostra o anjo da anunciação.

Maria está ajoelhada a seus pés, tremendo enquanto recebe com temor a mensagem que lhe traz o visitante celestial. Seu rosto se mostra temeroso e sobressaltado ante o anúncio do presente que não pediu, mas que, no entanto suportará. Eu me pergunto por que não há nenhuma passagem que descreva suas terríveis duvidas.

— Então Herodes, quando viu que havia sido enganado pelos sábios, se enfureceu e assim enviou seus homens e mandou assassinar todos os meninos que encontrassem em Belém e seus arredores...

Porque não há nenhum painel que diga: “Não, sinto muito. Não desejo seu presente. Leva-o. Tenho ovelhas para cuidar e pão para sovar, não quero ser uma santa enviada”.

A janela é a única que olho. Um raio de luz atravessa o cristal e, por um momento, o anjo parece tão brilhante como o sol.

Deixaram-me passar à tarde com Felicity e Ann para que Vovó e Tom atendam Papai. A Sra. Worthington está admirando o belo conjunto da pequena Polly, que tem deixado Felicity de mau humor para se equiparar comigo. Só Ann parece apreciar o dia. É o primeiro Natal que pode lembrar-se em um verdadeiro lar e com um baile para assistir, e dá tantas voltas em torno de nós, atormentando-nos com perguntas.

— Devo colocar flores e pérolas no cabelo? Ou é muito cafona?

— Cafona — responde Felicity —. Não sei por que temos que levá-la. Há um montão de parentes mais adequados, eu acho.

Sento-me na penteadeira de Felicity e penteio meus cabelos contando cada passada e recordando a dor do olhar de Kartik cada vez que passo a escova.

— Sessenta e quatro, sessenta e cinco, sessenta e seis...

— Mimam ela e se preocupam como se nos visitasse uma princesa. — resmunga Felicity.

— Ela é uma gracinha — diz Ann impensadamente —. Estava pensando em colocar perfume.

Gemma, Tom gosta de garotas que usam um aroma muito intenso?

— Ele gosta do cheiro de esterco — diz Felicity —. Você deveria rolar no estábulo para lhe mostrar todo seu amor.

— Você está em um grande humor — resmunga Ann.

Eu não deveria ter dançado com ele. Não deveria ter deixado ele me beijar. Mas eu queria que me beijassem. E então eu o insultei.

— Oh, isto tudo é um grande incômodo.

Felicity pigarreia enquanto se dirige para sua cama, que está inundada de meias de seda e anáguas descartadas. Todos os armários de Felicity estão abertos escancarados, como se quisesse que todo mundo veja. E ainda não encontrou nada a seu gosto.

— Não penso em ir — solta Felicity.

Ela se senta desajeitadamente e com petulância em uma espreguiçadeira, com as meias de lã enroladas nos tornozelos. Toda sua alegada modéstia desapareceu.

— É o baile de sua mãe — digo —. Você tem que ir. Sessenta e sete, sessenta e oito...

— Eu não tenho nada para vestir!

Faço um gesto solene para a cama e retomo a conta.

— Você não pode colocar uma das roupas de noite que sua mãe mandou fazer para você em Paris? — pergunta Ann enquanto mantém um dos vestidos contra seu corpo e o afasta.

Depois faz uma reverência a seu acompanhante imaginário.

— São burgueses — bufa Felicity.

Ann passa seus dedos pelas águas do material de seda azul e pelas contas bordadas ao redor do pescoço.

— Este me parece encantador.

— Então, coloque-o.

Ann retirou os dedos como se tivesse se queimado.

— Não poderia nem começar a entrar nele.

— Poderia se você deixasse de devorar esses pãezinhos³⁰ no café da manhã.

— Não importa. Seria como um insulto para o vestido.

Felicity salta como uma mola e lhe dirige um olhar feroz.

— Porque você faz isso? Se subestima quando tem oportunidade?

— Só estava esclarecendo as coisas.

— Não, você não estava. Ela estava Gemma?

— Setenta e sete, setenta e oito, setenta e nove... — respondo em voz baixa —. Ann, se você continuar dizendo o pouco valiosa que é as pessoas começaram a acreditar nisso.

Ann encolhe os ombros e devolve o vestido a pilha de roupas na cama.

— Eles acreditam no que vê.

— Então mude o que eles vêem.

— Como?

— Coloque este vestido. Podemos tirar as costuras.

— Cem. — Me volto para elas —. Sim, mas já não servirá para você.

O amplo sorriso de Felicity tem algo de selvagem.

— Exatamente.

— Você realmente acha uma boa idéia? — pergunto.

O vestido é muito caro, foi feito em Paris especificamente para Felicity.

— Sua mãe não ficará zangada? — pergunta Ann.

— Ela estará muito ocupada com os convidados para se dar conta do que estou vestindo. Só estará preocupada com seu próprio vestido e se ele a rejuvenesce.

Parece uma má ideia, mas Ann volta a tocar o tecido como se fosse um precioso tesouro, e não serei eu que o estragarei.

Felicity pula.

— Eu vou chamar Franny. Embora seja irritante, ela em grande parte é uma costureira excelente.

Franny comparece a chamada. Quando Felicity lhe explica o que quer fazer, abre os olhos com incredulidade.

— Nós vamos consultar a senhora Worthington primeiro, senhorita?

— Não, Franny. Quero fazer uma surpresa para mamãe. Ela ficará muito feliz de ver o quão bem fica na senhorita Bradshaw.

— Muito bem, senhorita.

Franny toma as medidas de Ann.

— Será difícil, senhorita. Não estou certa que haja tecido suficiente.

Ann enrubesce.

— Oh! Por favor, não se incomode. Irei colocar o que vesti na ópera.

— Franny — diz Felicity pronunciando seu nome como se cantasse uma canção de ninar. — Você é uma costureira tão boa, que tenho certeza de que se alguém pode fazê-lo é você.

— Mas uma vez que o arrume senhorita, já não pode voltar a deixar como estava — diz Franny.

³⁰ [N/T: No original 'Scones' que são pão e bolo ao mesmo tempo. Scones são especialmente populares no Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia, Irlanda e Canadá, mas é comido em muitos outros países.]

— Deixe isso comigo — diz Felicity, empurrando-a com o vestido.

— Agora vamos ver como deixaremos a cintura.

Olhando para a parede, Ann abraça a si mesma com os dois braços. Quando começa a virar-se para me dizer alguma coisa, Felicity vira sua cabeça para frente outra vez.

— Você não vai me beliscar muito forte, certo?

— Sim — digo —. Agora fica quieta.

Eu dou um forte puxão nos laços do espartilho, apertando a cintura de Ann tanto como posso.

— Cé... Céus — ofega.

— Outra vez — diz Felicity.

Puxo com força e Ann se endireita buscando ar enquanto lágrimas umedecem seus olhos.

— Muito apertado — diz com uma voz afogada.

— Não quer usar o vestido? — zomba Felicity.

— Sim... mas não quero morrer.

— Ok, não adianta nada se você desmaiar em cima de nós. — afrouxo as tiras e a cor retorna ao rosto de Ann.

— Sente aqui — digo a ela, levando-a ao sofá.

Não lhe fica outra opção a não ser se sentar. Respira da mesma forma que um cavalo cansado.

— Não é tão ruim uma vez que você tenha se acostumado — sussurra Ann com um fraco sorriso.

Felicity se joga outra vez na espreguiçadeira.

— Mentirosa.

— O que vocês acharam da atuação de Nell Hawkins? Para mim foi uma verdadeira charada — diz Ann tentando respirar —. Tom estava tão bonito, eu acho. É tão amável.

— Não tenho sido capaz de encontrar sentido naquilo — respondo —. Oferece esperança aos intocáveis; não deixe a canção acabar. Cuidado com a beleza; a beleza passa.

— Não saia do caminho. O que quis dizer? — pergunta Ann levantando a voz.

— E o que me diz das esquivas e travessas ninfas — Felicity diz rindo —. Ou de Cuidado com os Guerreiros Amapola! Eles vão te devorar!

Devorar, devorar!

Ann começa a rir, mas o espartilho corta a risada. Só pode sorrir e ofegar.

— Tentava nos dizer algo. Estou convencida. — Mas neste assunto estou na defensiva.

— Vamos, Gemma! Era um poema sem sentido. Pobre Nell Hawkins, está totalmente louca.

— Então, como ela sabia sobre a Górgona ou do Bosque da luz ou do vapor dourado?

— Pode ser que você tenha dito.

— Eu não disse!

— Então leu em algum lugar.

— Não — protesto —. Acho que falava conosco em código, e se não podemos decifrá-la não poderemos resolver o mistério da localização do Templo.

— Gemma, eu sei que você quer acreditar que Nell tem a chave de tudo isto, mas devo te dizer, depois de vê-la, que está equivocada.

— Você fala como Kartik — digo, e no mesmo instante me arrependo de tê-lo mencionado.

— Qual é o problema, Gemma? Porque está franzindo o cenho? — diz Ann.

— Kartik se foi.

— Foi? Foi pra onde? — pergunta Felicity colocando uma meia e examinando-a pela curva da panturrilha.

— Regressou a Rakshana. Eu o insultei e ele foi embora.

— O que você disse a ele? — me pergunta Felicity.

— Eu disse que nunca pensei nele como um indiano.

— O que tem de insulto nisso? — diz Felicity sem compreender.

Ela tira a meia e a deixa cair no chão.

— Gemma, iremos esta noite aos Reinos? Eu quero mostrar a Pip meu traje de noite e desejar-lhe Feliz Natal.

- Vai ser difícil escapar — digo.
- Bobagem. Sempre há alguma oportunidade de escapar dos espões. Eu já fiz outras vezes.
- Eu gostaria de me divertir no baile — digo.

Felicity me olha com um sorriso zombador.

- Você deseja se divertir com Simon Middleton?
- Eu tenho a esperança de dançar com Tom — admite Ann.
- Iremos amanhã — digo jogando um osso para Felicity.
- Detesto você quando fica assim. Um dia terei poder e então entrarei nos reinos quando tiver vontade — diz Felicity aborrecida.
- Não fique com raiva, Felicity — súplica Ann —. É só uma noite. Amanhã. Amanhã entraremos de novo nos reinos.
- Sinto saudades de Pip. Com ela tudo era mais divertido — diz Felicity, e se afasta de nós com desprezo.

Depois de Felicity sair de forma tão abrupta, Ann e eu conversamos um pouco e passamos o tempo brincando com as fitas. Então, como se não houvesse acontecido nada, Felicity irrompe no quarto com Franny, que tem delicadamente em seu braço o vestido de seda azul.

- Vamos dar uma olhada! Podemos? — exclama Felicity.

Ann dá alguns passos para o brilhante tecido e desliza seus braços dentro, colocando o vestido. Franny fecha os botões de pérolas nas costas. É lindo. Ann se vira para o espelho como se não pudesse acreditar que a garota do espelho fosse seu próprio reflexo.

- O que você acha? — pergunto segurando o cabelo de Ann.

Ela move a cabeça e observa seu colo nu.

- Sim, eu gosto. Obrigado, Felicity.
- Não me agradeça. Desfrutarei muito vendo a cara da minha mãe.
- O que você quer dizer? — pergunta Ann —. Achei que havia dito que ela não se importaria.
- Eu disse? — diz Felicity, fingindo surpresa.

Eu lanço a Felicity um olhar de advertência. Ela me ignora e tira um veludo cor Borgonha³¹ da pilha na cama.

– Franny, você é uma costureira incrível. Eu tenho certeza de que não será um problema para você fazer um pequeno arranjo neste vestido de noite. Porque estou certa de que você o fará a tempo.

Franny ruboriza.

- Sim, senhorita.
- O que acontece é que o corpete deste vestido é algo pudico para que uma jovem dama assista a um baile tão importante como este. Você não concorda?

Franny examina o corpete.

- Suponho que poderia baixar um pouco o decote, senhorita.
- Oh, sim, por favor. Agora mesmo — diz Felicity, empurrando Franny para fora.

Ela senta-se na penteadeira onde eu estava e começa a rir com uma gargalhada maligna.

- Porque você a odeia assim? — digo.
- Na verdade estou pegando carinho por Franny.
- Eu me referia a sua mãe.

Felicity pega dois brincos de pedras granada³² e os examina.

- Não me interessa seus gostos em vestidos de noite.
- Se não quer falar sobre isso...
- Não, não quero — diz Felicity.

³¹ [N/T: Borgonha: é um tom de vermelho com uma pequena porção de púrpura associado ao vinho de Borgonha do qual deriva o nome, o qual por sua vez, deriva da região Francesa; Borgonha. A cor Borgonha é similar a outros tons de vermelho escuro como bordô.]

³² [N/T: Granada:

http://4.bp.blogspot.com/_vd5AOUZHw/SAO92aOZPnI/AAAAAAAAAWY/sWN2LiVVx9k/s400/granada]

Às vezes, Felicity é um mistério para mim como o local onde está o Templo. Pode ser rancorosa e infantil agora, e animada e alegre no minuto seguinte. Uma garota amável suficiente para levar Ann para sua casa no Natal e imatura o suficiente para acreditar que Kartik é inferior.

— Para mim, parece muito agradável — diz Ann.

Felicity olha para o teto.

— Ela tem investido muito em parecer agradável, divertida e acessível. Isso é com que ela se importa. Mas não cometa o erro de ir para ela quando precisar falar sobre algo importante.

Uma sombra de dureza escurece o rosto de Felicity.

— O que você quer dizer? — pergunto.

— Nada — murmura.

E o mistério que Felicity Worthington é para mim, fica maior.

Para me divertir coloco um dos vestidos de mulher que Felicity tem, um de cetim verde escuro.

Ann ajusta os colchetes e começa a se ver uma cintura sugestiva. Fico espantada ao ver-me com este aspecto; as meias luas de meus pálidos seios ficam esmagados pelo tecido de seda e flores. É essa a garota que as pessoas vêem?

Para Felicity e Ann sou um meio de acessar os reinos.

Para vovó sou algo que deve ser moldado.

Para Tom sou a irmã que tem que suportar.

Para papai sou uma boa garota, sempre ao um passo de decepcioná-lo.

Para Simon sou um enigma.

Para Kartik sou uma tarefa que deve ser realizada.

Meu reflexo olha de volta para mim e fico esperando ser apresentada.

“Olá, garota do espelho. Você é Gemma Doyle. E não tenho nem idéia de quem você realmente é”.

TRINTA E OITO

Em Park Lane as luzes da mansão dos Worthington brilham com intensidade.

A casa resplandece em meio à nevasca silenciosa.

As carruagens vão enfileirando-se ao chegar a uma longa fila negra. Os lacaios ajudam as damas a descer sobre a calçada, onde tomam os braços dos cavaleiros e se dirigem lentamente para a entrada principal, com as cabeças muito erguidas, mostrando as jóias e os chapéus.

Nosso novo cocheiro, o senhor Jackson, observa enquanto um laiaio ajuda vovó a sair da carruagem.

— Tenha cuidado com a poça, senhora — diz Jackson ao notar uma suspeita lagoa na rua

— Você é um bom homem — diz Tom —. Temos sido afortunados de lhe encontrar agora que o Sr. Kartik desapareceu sem deixar rastros. A verdade é que se seu novo empregador entrar em contato comigo não direi nada sobre ele.

Faço um gesto ao ouvir isto. Eu voltarei a ver Kartik novamente?

O senhor Jackson se levanta e inclina seu chapéu. É um homem de uma altura brutal, e seu longo e fino bigode enrolado nas pontas lembra-me das morsas. Talvez eu não esteja sendo amável porque sinto falta de Kartik.

— Onde você encontrou o senhor Jackson? — pergunto enquanto nos reunimos com os elegantes casais que desfilam rumo ao baile.

— Oh! Foi ele que nos encontrou. Passou em casa perguntando se precisávamos de um cocheiro.

— No Natal? Que engraçado! — digo.

— E afortunado — diz Tom —. Agora se lembre: Papai caiu enfermo e não pode comparecer esta noite, mas envia suas mais sinceras desculpas.

Como não digo nada, vovó agarra meu braço sorrindo e saudando com a cabeça aos que chegam.

— Gemma?

— Sim — digo suspirando —. Eu vou lembrar.

Felicity e sua mãe nos saúdam quando chegamos. O vestido de Felicity, o que Franny ajeitou, mostra um atrevido decote que não passa despercebido entre os convidados, que não escondem seu assombro e ficam a olhando. O sorriso forçado da senhora Worthington revela seus sentimentos, mas não pode fazer outra coisa que mostrar-se desafiadora, como se sua filha não a estivesse envergonhando em seu próprio baile.

Não entendo porque Felicity tortura dessa maneira sua mãe, nem porque sua mãe o agüenta sem muito mais que um suspiro de martírio.

— Como você está? — murmuro a Felicity enquanto intercambiamos saudações de cortesia.

— Encantada de que você tenha vindo — diz ela.

Nós duas estamos tão formais que tenho que conter uma gargalhada. Felicity gesticula para o homem à sua esquerda.

— Eu acredito que você não conheça meu pai, Sir George Worthington.

— Como está senhor Worthington? — digo, fazendo uma reverência.

O pai de Felicity é um homem atraente, com olhos cinza e claros, e um bonito cabelo louro escuro. Ele tem o tipo de perfil imponente que alguém imagina delineado contra o cinza do mar. Eu o imagino com os braços para trás, como está agora, dando ordens a seus homens. Como sua filha, possui um sorriso carismático que se abre quando a pequena Polly entra no salão com seu vestido de veludo azul e seus cabelos penteados em cachos.

— Posso ficar no baile, tio? — pergunta a menina calmamente.

— Ela deveria ir para a creche — diz a mãe de Felicity.

— Não, Não. É Natal. Nossa Polly quer dançar e o fará — diz o almirante.

— Tenho medo de me converter em um velho tolo quando se trata de ceder a jovens senhoritas.

Os convidados dão risada, apreciando o espírito natalino. Quando nos vamos, eu o ouço cumprimentar as pessoas com cortesia e encanto.

— ...Sim, amanhã vou tirar o dia para ir ao Hospital Real de Greenwich para visitar os anciãos da Marinha. Você acha que me darão uma cama? Stevens, como está a perna? Ah, bom bom... Em uma mesa lateral estão colocados uns bonitos cartões de dança. Foram habilmente decorados com galões de ouro e um pequeno lápis para que possamos escrever o nome do nosso parceiro ao lado da dança: valsa, quadrilha, galop, polca.

Embora eu gostaria de colocar em todos eles o nome de Simon, sei que não devo dançar mais de três danças com qualquer cavalheiro.

Além disso, tenho que dançar uma vez com meu irmão.

O cartão será uma recordação maravilhosa do meu primeiro baile, embora realmente seja uma colegial, porque ainda não fiz meu debut nem chegou meu momento.

Mas isto é uma festa familiar e como tal, terei todos os privilégios de uma senhorita de dezessete ou dezoito anos.

Vovó passa muito tempo saudando várias damas, e eu não me vejo forçada a segui-la sorrindo, fazendo reverências e geralmente sem poder falar a menos que me dirijam a palavra. Eu me encontro com as damas de companhia — a maioria são chatas tias solteiras — e uma tal senhora Bowles promete a vovó que me vigiará como uma galinha choca enquanto ela se diverte por aí jogando cartas. Espio Simon quando entra no salão com sua família. Sinto cócegas no estômago. Estou tão absorvida com sua chegada que não ouço uma pergunta que me dirige uma senhorita Não-sei-o-que. Ela, vovó e a senhora Bowles ficam me olhando esperando uma resposta. Vovó fecha os olhos brevemente com um gesto envergonhado.

— Sim, obrigado — digo desejando não estar equivocada.

Senhorita Não-sei-o-que sorri e se abana com um leque de marfim.

— Maravilhoso! A próxima dança está a ponto de começar, e aqui vem meu Percival.

Um jovem aparece a seu lado. Sua cabeça me chega ao queixo e tem o infortúnio de parecer um peixe grande, de olhos esbugalhados e boca excepcionalmente ampla. E eu acabo de aceitar uma dança com ele.

Enquanto dura a polca, eu chego a duas conclusões. Um, esta dança é um pouco como estar sendo sacudida durante a eternidade. Dois, o motivo porque Percival Não-sei-o-que tem uma boca tão excepcionalmente grande é por excesso de uso. Ele passa a dança falando e só se detém para me fazer perguntas que ele mesmo responde. Lembro-me de histórias de sobreviventes nas que os homens corajosos se virão forçados a amputar seus próprios membros com o fim de escapar de armadilhas feitas para animais, e temo que terei que recorrer a esta drástica medida se a orquestra não parar. Misericordiosamente, eles param, e consigo escapar dizendo a Percival que "lamento" ter todas as danças ocupadas.

Enquanto abro caminho pela pista de dança para voltar à companhia da senhora Bowles e as damas de companhia, vejo Ann saindo para dançar com Tom. Não se pode vê-la mais feliz, e Tom parece estar encantado em sua companhia. Sinto-me feliz de vê-los juntos.

— Me permite esta dança, senhorita Doyle? — Simon me faz uma leve reverência.

— Estarei encantada.

— Eu vi que lady Faber te pegou para que dance com seu filho Percival — me diz Simon enquanto dançamos a valsa.

Sua mão enluvada descansa nas minhas costas e me leva facilmente ao redor da pista.

— Ele é um dançarino muito cuidadoso — digo tentando ser amável.

Simon sorri.

— É assim como você chama isto? Suponho que seja uma habilidade ser capaz de dançar polca e falar incessantemente ao mesmo tempo.

Não posso evitar rir.

— Olhe lá — diz Simon —, a senhorita Weston e o senhor Sharpe.

Ele aponta uma jovem mulher de aspecto severo que está sentada em uma cadeira sozinha, com o cartão de dança na mão. Ela dirige olhares fugazes a um homem alto de cabelo escuro, que conversa com outra jovem mulher e sua governanta de costas para a senhorita Weston.

— Todo o mundo sabe que a senhorita Weston tem fantasias com o senhor Sharpe. Sabemos também que o senhor Sharpe não sabe que ela existe. Olhe como ela anseia que ele lhe peça uma dança. Aposto que ela deixou seu cartão de dança livre na chance que ele vá perguntar. O senhor Sharpe anda em direção a senhorita Weston.

— Olha — digo —. Talvez ele vá perguntar agora.

Sentada com ar digno, a senhorita Weston mostra em seu delgado rosto de agulha um sorriso esperançoso. O senhor Sharpe passa por ela e ela simula olhar para outro lado, como se não se incomodasse em nada sua rejeição. É tudo tão cruel.

— Ah, talvez não — diz Simon.

Simon se dedica a fazer comentários dos casais que nos rodeiam.

— O senhor Kingsley vai atrás da viúva Marsh que tem uma confiança considerável. A senhorita Byrne está muito maior do que em seu baile em maio. Em público come como um passarinho, mas eu ouvi dizer que em particular pode comer uma dispensa inteira em um piscar de olhos. Falaram que o senhor Braxton tem uma relação com a governanta. E logo está o caso dos nossos anfitriões, os Worthington.

— O que você quer dizer?

— Eles apenas são civilizados um com outro. Olha como ela o evita.

A mãe de Felicity vai de um convidado ao outro, atendendo a todo mundo, mas ela não é vista muito com seu marido.

— Ela é a anfitriã — digo, sentindo a necessidade de defendê-la.

— Todo mundo sabe que ela vive em Paris com seu amante, um artista francês. E a jovem senhorita Worthington deixou muita pele a mostra esta noite. Ela já está sendo a fofoca do baile. Provavelmente terá que casar com um americano imprudente. É uma pena. Seu pai foi nomeado cavaleiro da Ordem do Banho por sua distinta carreira naval. E agora inclusive tomou a tutela de uma jovem, a filha orfã de um primo distante. É um bom homem, mas sua filha começou a se converter em uma mancha para sua boa reputação.

O que Simon disse sobre Felicity é verdade, embora eu não goste de ouvi-lo falar de minha amiga dessa maneira. É um aspecto de Simon que não conhecia.

— O que acontece é que ela é muito alegre. — protesto.

— Eu fiz você ficar zangada? — diz Simon.

— Não, você não fez — minto, embora não sei por que finjo não estar com raiva.

— Sim, você está. Foi muito imprudente da minha parte. Se você fosse um homem, eu te daria uma pistola para que defendesse sua honra — diz ele com esse meio sorriso diabólico dele.

— Se eu fosse um homem, eu deveria pegá-lo — digo. — Mas eu gostaria de ter certeza de falhar. Simon ri disso.

— Senhorita Doyle, Londres é um lugar muito mais interessante com você nele.

A dança termina e Simon me escolta pela pista, prometendo-me outra dança quando meu cartão esteja livre. Ann e Felicity correm para meu lado e insistem para que as acompanhe a outra sala onde há limonada. Com a senhora Bowles a reboque, atravessamos as salas de braços dados, fofocando de forma rápida e silenciosa.

— ...e então me disse que era muito jovem para usar um vestido tão decotado e que poderia muito bem haver me impedido de sair assim se soubesse que iria envergonhá-la com esse vestido tão vulgar, e que o de seda azul está arruinado... — balbucia Felicity.

— Ela não está irritada comigo? Está? — pergunta Ann com a preocupação desenhada no rosto — Você contou a ela que eu tentei impedi-la?

— Você não precisa se preocupar tanto. Sua reputação está intacta. Além disso, papai saiu em minha defesa e mamãe recuou imediatamente. Ela nunca o enfrentou...

O salão de baile vai dar em um cômodo que foi destinado aos refrescos.

Tomamos nossa limonada, que estão frescas. Apesar do frio de Inverno estamos aquecidas por causa do baile e a excitação. Ann olha ansiosamente em direção ao salão. Quando a música começa de novo, ela pula com seu cartão de dança.

— Isso é uma quadrilha?
— Não — digo —. Parece outra valsa.
— Oh, graças a Deus. Tom me pediu para dançar a quadrilha. Eu não iria querer perde-la. Felicity está momentaneamente atordoada.

— Tom?

Ann está radiante.

— Sim. Ele me disse que queria saber tudo sobre meu tio e como me tornei uma dama. Oh, Gemma, você acha que ele gosta de mim?

O que temos feito? O que vai acontecer quando descobrir o engano? Eu começo a me sentir incomodada sobre isso.

— Você gosta dele de verdade?

— Muito. Ele é tão... respeitável.

Eu engasgo com a polpa da minha limonada.

— Como está se saindo com o senhor Middleton? — me pergunta Felicity.

— É um dançarino muito talentoso — digo para torturá-las, é claro.

Felicity esmaga brincalhona seu cartão de baile contra mim.

— Isso é tudo o que tem a dizer? É um dançarino talentoso?

— Vamos, conta — pressiona Ann.

A Sra. Bowles nos descobriu. Agora rodeia por perto, esperando que nós lhe de um pouco de conversa, algum escândalo.

— Oh querida, eu rasguei o vestido! — digo.

Ann inclina seu corpo para olhar a minha saia.

— Onde? Eu não vejo nada.

Felicity compreende em seguida.

— Oh, sim. Temos que ir ao vestiário agora mesmo. Uma das empregadas pode concertá-lo. Não se preocupe conosco, Sra. Bowles!

Antes que nossa dama de companhia possa dizer uma palavra, Felicity nos leva voando pelas escadas até chegar ao pequeno guarda-roupa.

— Bem?

— Ele é encantador. É como se eu o conhecesse a vida inteira. — digo.

— Ele não dá muita atenção a mim — diz Felicity.

Ela sabe o que ele me disse sobre ela? Eu ruborizo pensando que poderia tê-la defendido melhor.

— Porque você diz isso?

— Ele queria me cortejar. Eu recusei ano passado, e ele nunca me perdoou.

É um golpe duro.

— Pensei que não tivesse interesse em Simon.

— Sim. Exatamente. Eu não sinto nada por ele. E também você não me perguntou se eu estava interessada.

Meus bons sentimentos se afogam no fundo do meu estômago, como o confete espalhado pela pista de dança. Simon esteve prestando atenção todo este tempo em mim para incomodar Felicity? Ou realmente eu interesse a ele?

— Acho que devemos voltar ao baile — digo, dirigindo-me ao primeiro andar com um passo mais rápido que o necessário, de maneira que deixo um abismo entre Felicity e eu.

Eu ainda não quero me unir a alegria geral. Preciso de um momento para me recuperar. No lado mais distante da sala vejo um par de portas francesas que se abrem para uma pequena varanda. Eu deslizo para fora, e fico olhando a vasta extensão de Hyde Park. Nas árvores nuas vejo Felicity, tentadora em seu vestido decotado, e eu, a alta e desengonçada brincando de ser elegante, a menina que é assombrada por visões. Felicity e Simon. Juntos poderiam ter uma vida sem complicações. Ambos são atraentes, elegantes e bem viajados. Será que ela entenderia suas piadas espirituosas? Ele as contaria a ela? Talvez ela lhe fizesse a vida um horror. Talvez. O ar frio me acalma. Cada vez que tomo ar, o frio limpa minha cabeça um pouco mais. De repente

me dou conta que me recuperei o suficiente para sentir o frio. Abaixo vejo os cocheiros e os lacaios reunidos perto de um posto com café. Eles estão agarrados aos seus copos de bebida quente enquanto caminham acima e abaixo pela neve, tentando se manterem aquecidos. Estes bailes devem ser um sofrimento para eles. Por um momento acho que vejo Kartik, mas então me lembro que ele se foi.

A noite continua entre música, danças, sussurros, sorrisos e promessas. O champanhe flui livremente e as pessoas riem com alegria e se esquecem das preocupações. De repente, as damas de companhia perdem interesse em vigiar as garotas e dedicam-se a dançar ou a jogar whist com as outras jogadoras na sala abaixo. Quando por fim Simon retorna do salão de jogos onde jogava cartas, eu estou toda nervos.

— Aqui está você — diz sorrindo —. Será que você me reservou outra dança?

Não posso evitar e digo:

— Eu pensei que talvez preferisse dançar com a senhorita Worthington.

Ele me olha com o cenho franzido.

— Uma dança com Felicity a carnívora? Por quê? Será que ela comeu todos os cavalheiros disponíveis?

Eu fico tão aliviada com sua resposta que sorrio apesar de minha amizade com Felicity.

— Eu não deveria rir. O que você disse é horrível.

— Sim — responde Simon levantando uma sobrancelha —. Sou muito bom fazendo coisas horríveis. Quer descobrir?

— O que você quer dizer?

— Podemos dar um passeio?

— Oh — digo com um medo misturado com certa excitação. — Eu apenas vou dizer a Sra. Bowles. Simon sorri.

— Só será um passeio. Além disso, olha como ela está desfrutando com a dança. Porque vamos interromper um momento tão agradável?

Não quero que Simon se irrite e pense que sou uma chata. Mas seria impróprio que eu saísse sozinha com ele. Não sei o que fazer.

— Eu realmente deveria avisar a Sra. Bowles...

— Muito bem — responde Simon, que, com um sorriso, se desculpa e sai. Agora sim eu sei que estraguei tudo. Eu o mandei embora. Entretanto, pouco depois ele volta com Felicity e Ann.

— Agora nós estamos salvos, ou ao menos sua reputação está assegurada. Não sei a minha.

— O que está acontecendo aqui? — pergunta Felicity.

— Se as senhoritas não se importarem em acompanhar-me a sala de bilhar, descobrirão logo. — diz Simon pedindo licença.

Esperamos um tempo respeitável antes de irmos para cima, onde se encontra a sala de bilhar dos Worthington. Eu fico enjoada só de pensar em ficar sozinha com Simon, e sinto-me duplamente enjoada de que Felicity esteja conosco.

— O que você tem em mente, Simon? — ela pergunta.

Ao ouvi-la pronunciar seu nome com tanta familiaridade sinto meu estômago se revirando. Simon se dirige à estante e puxa um volume da prateleira.

— Você pretende ler para nós? — Pergunta Felicity enrugando o nariz.

Com o taco ela tira uma bola branca que atravessa o feltro verde da mesa e bate no triângulo de bolas no centro, fazendo que estas saiam em várias direções.

De um espaço por trás do livro, Simon tira uma garrafa com um espesso líquido cor esmeralda. Não é como os licores que já vi.

— O que é isso? — pergunto com a boca seca.

Seus lábios se curvam em um sorriso maroto.

— Um pouco de fada verde. Ela é uma senhora muito agradável, eu acho que você vai pensar o mesmo.

Eu ainda estou confusa.

— Absinthe³³. A bebida dos artistas e dos loucos. Alguns dizem que a fada verde vive em um vaso de absinthe e que te leva como por um passe de mágica a seu covil, onde se podem ver todo tipo de coisas estranhas e maravilhosas. Você quer experimentar estar em dois mundos ao mesmo tempo?

Eu não sei se devemos rir ou chorar com isso.

— Oh — diz Ann preocupada —, talvez devêssemos voltar. Certamente estão nos procurando.

— Diremos a eles que estávamos no vestiário consertando a parte descosturada de seu vestido — diz Felicity —. Quero provar o absinthe.

Eu não quero provar o absinthe. Bem, talvez um pouquinho, embora não estou segura do efeito que possa fazer em mim. Tenho medo de ficar, mas não quero sair agora da sala e deixar que Felicity compartilhe esta experiência sozinha com Simon.

— Eu também gostaria de experimentá-lo — resmungo.

— Um espírito aventureiro — diz Simon, olhando para mim. — Eu amo isso.

Simon estende a mão novamente, tira uma colher plana com fendas³⁴ que está encaixada dentro. Serve-se de meio copo de água de uma garrafa. Ele põe o copo na mesa e coloca a estranha colher sobre a boca do copo. Em seguida, introduz com elegância seus dedos no bolso pra pegar um cubo de açúcar, que deixa em cima da colher³⁵.

— Para o que é isso? — pergunto.

— Para tirar o sabor amargo do absinthe.

Espessa como a seiva de uma árvore, verde como a grama no verão, o absinthe flui sobre o açúcar, dissolvendo-se em seu fluxo lento. Dentro do copo, uma bonita alquimia está ocorrendo. O redemoinho verde se transforma em branco leitoso. É extraordinário.

— Como ele faz isso? — pergunto.

Simon tira uma moeda do bolso, a coloca na palma da mão e depois me mostra a palma vazia. A moeda desapareceu.

— Magia.

— Vamos ver se é verdade — diz Felicity tratando de alcançar o copo, mas Simon o pega e me oferece.

— Primeiro as damas — diz ele.

Felicity o olha como se pudesse cuspir fogo pelos olhos. Foi uma crueldade provocá-la assim, mas eu também devo ser cruel porque sinto-me satisfeita de haver sido escolhida a primeira. Minha mão treme quando pego o copo. Em parte espero que esta estranha bebida me transforme em rã. Inclusive o cheiro é inebriante, como o licor de noz moscada. Ao engolir minha garganta queima. Quando termino, Felicity o arranca de minhas mãos e bebe sua parte. Depois o oferece a Ann, que apenas toma um pequeno gole. Por fim vai para Simon, que toma sua parte e me passa novamente. Fazemos a ronda três vezes mais até que não fique nada no copo. Simon usa seu lenço para limpar os restos de absinthe do copo e o coloca todo atrás do livro, para voltar a pegá-lo novamente em outro momento. Ele se aproxima de mim e Felicity se interpõe entre nós me segurando pelo pulso.

³³ [N/T: Absinthe, em português Absinto. É uma bebida destilada feita da erva *Artemisia absinthium*. É por vezes incorretamente chamado de licor, mas é na verdade uma bebida destilada. A bebida tem um grande teor alcoólico. O absinthe foi especialmente popular na França, sobretudo pela ligação aos artistas parisienses de finais do século XIX e princípios do século XX, até a sua proibição em 1915, tendo ganhado alguma popularidade com a sua legalização em vários países. É também conhecido popularmente de fada verde em virtude de um suposto efeito alucinógeno. Charles Baudelaire, Paul Verlaine, Arthur Rimbaud, Vincent van Gogh, Oscar Wilde, Henri de Toulouse-Lautrec e Aleister Crowley eram adeptos da fada verde.]

³⁴ [N/T: Essa é a colher especial usada no ritual de preparação do absinthe:

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a1/Absinthe_spoons.jpg

³⁵ [N/T: Algo como isso: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9a/Two-absinthe-glasses.jpg>]

— Obrigada Simon. Agora o que deveríamos fazer é ir ao vestiário para que nossa história seja acreditável. — diz com um brilho de satisfação em seu olhar.

Pelo que posso ver, Simon não se agrada com a idéia.

Mas faz uma reverência e nos deixa ir.

— Eu não me sinto muito diferente — diz Ann quando chegamos e nos alegramos vendo como as empregadas ficam procurando no vestido nosso descosturado imaginário.

— Isso é porque você apenas bebeu um gole — sussurra Felicity —. Eu estou me sentindo completamente bem.

Há um doce calor na minha cabeça, uma leveza que faz parecer que tudo está bem e nenhum mal pode me machucar. Eu sorrio a Felicity; já não estou brava com ela, estou desfrutando da nossa ousadia. Porque é que os segredos emergem quando você está perto de outras pessoas dessa maneira que não gostaria que acabasse?

— Você está linda — diz Felicity com a pupilas tão grandes como luas.

— Você também — respondo sem deixar de sorrir.

— E eu? — pergunta Ann.

— Sim — eu digo, me sentindo leve pelo segundo —. Tom não conseguirá resistir a você. Você é uma princesa Ann.

Isso faz com que a empregada que se encarrega de meu vestido lance um olhar para mim por um instante, para em seguida voltar a ele.

Quando entramos novamente ao salão de baile, tudo parece haver transformado-se, as cores parecem mais escuras e as luzes mais difusas. A erva de fada se mistura como um líquido de fogo que corre por minhas veias como um bisbilhoteiro, como as asas de milhares anjos, como o sussurro do mais delicado segredo que nunca ouvi. Ao meu redor o salão se transforma em uma linda mancha de cor, som e movimento; o farfalhar das saias engomadas das damas se mistura com os verdes e azuis, prateados e borgonhas de seus adereçados corpos. Se balançam e se curvam para os cavalheiros como imagens de um espelho que beijam e saem voando, beijam e saem voando.

Eu sinto meus olhos úmidos e bonitos. Minha boca está inchada como um fruto de verão e tudo o que posso fazer é sorrir como se soubesse tudo o que há para saber e sem esperar nada em troca. Simon encontra-me e ouço a mim mesma aceitar dançar com ele. Misturamo-nos com o turbilhão de gente. Eu estou flutuando. Simon Middlenton é homem mais sedutor que já conheci. Eu quero dizer a ele, mas não me saem as palavras. Através dos meus olhos embaçados, o salão se transformou em uma dança espiral sagrada dos Whirling Dervishes³⁶, suas batas brancas esvoaçam como a primeira neve do inverno, seus chapéus altos e roxos desafiam a gravidade quando as cabeças giram. Mas sei que não posso estar vendo isso.

Com esforço, eu fecho os olhos para limpar a cena, e quando os volto a abrir vejo damas e cavalheiros com as mãos dadas dançando uma valsa. Por cima de seus delicados ombros, as damas se comunicam entre elas com sutis olhares e movimentos de cabeças. "A garota dos Thetford e o jovem Roberts fazem um bom casal não acha?" Um destino selado, futuros decididos em três quartos de hora sob o ouropel criador de ilusões e dos candelabros que irradiam luz através dos prismas de cristal, banhando-o todo com um reflexo de fria beleza. A dança termina e Simon me leva para fora da pista. Atordoada, dou um leve tropeço. Minha mão procura algo firme onde possa me sustentar e me encontro com o amplo espaço do peito de Simon. Meus dedos dobram-se ao redor das pétalas brancas da rosa de sua lapela.

— Tranqüila. Quero dizer, você se encontra bem, senhorita Doyle?

Eu sorrio. Oh sim, completamente. Não posso falar nem sentir meu corpo, mas estou tão encantada, por favor, deixe-me aqui. Sorrio. As pétalas caem e giram lentamente, executando sua

³⁶ [N/T: Whirling Dervishes: Rumi and Whirling Dervishes Screensaver é um screensaver exótico que mostra cerimônias turcas tradicionais como "A Dança dos Dervixes" ou "O Rodopio Daroês" (há várias traduções possíveis para o português). Conta com uma música sufi muito agradável ao fundo. Foto: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/70/Istanbul_-_Monestir_Mevlevi_-_Dervixos_dansaires.JPG]

própria dança. A palma de minha luva fica manchada com o resíduo pegajoso da rosa. Eu não consigo imaginar quem é nem o que tenho que fazer. Isso me produz uma incontável risada e me encontro rindo a gargalhadas.

— Tranqüila... — diz Simon pressionando levemente meu pulso.

A dor volta lentamente aos meus sentidos. Simon me faz passar pelos grandes cântaros de samambaias que ficam perto da entrada até atrás de um biombo muito decorado. Entre seus vinhos posso distinguir o torvelinho da pista de dança que atravessamos. Estamos ocultos mais aqui poderíamos ser descobertos. Eu deveria estar alarmada, mas não estou. Eu não me importo.

— Gemma — diz Simon.

Seus lábios roçam logo abaixo do lóbulo da minha orelha, traçando um arco úmido até a nuca. Minha cabeça está quente e pesada. Tudo em mim sente-se inchado e maduro. A sala continua com sua dança de luzes, mas os sons da festa estão abafados e se ouvem longe. O que ouço dentro de mim é a voz de Simon.

— Gemma, Gemma, você é um elixir.

Ele se pressiona contra mim. Eu não sei se é o absinthe ou algo mais profundo, algo indescritível, mas eu vou afundando dentro de mim e não desejo parar.

— Vem comigo — ele sussurra.

O eco de sua voz soa em minha cabeça. Ele me toma pelo braço como se fossemos dançar. Em vez disso ele me tira do salão e me leva para cima, longe da festa. Ele leva-me a um pequeno quarto no sótão, o quarto da empregada, eu acho.

Está muito escuro, iluminado apenas por uma vela. É como se eu não tivesse nenhuma vontade própria.

Eu me afundo na cama maravilhando-me de como minhas mãos se vêem contra a luz da vela, como se não fossem minhas. Simon olha como eu observo as mãos e começa a desabotoar minha luva. Quando abre, beija as veias azuis que batem no meu pulso.

Eu quero dizer-lhe que pare. A névoa do absinthe clareia um pouco. Estou sozinha com Simon. Ele está beijando meu pulso despido. Não deveríamos estar aqui. Não devemos.

— Eu... eu quero voltar.

— Ssshhh, Gemma.

Ele tira minha luva. Minha pele nua é tão estranha.

— Minha mãe gosta de você. Faríamos um bonito casal, o que você acha?

Achar? Eu não posso pensar. Ele começa a tirar a outra luva. Meu corpo se arqueia ficando esticado. Oh, Deus! Está acontecendo. Está acontecendo. Por cima da cabeça inclinada de Simon vejo um resplendor e sinto que meu corpo se tenciona por uma das visões que não posso sair. O último que ouço é a voz preocupada de Simon dizendo "Gemma, Gemma". E depois eu estou caindo, caindo em um buraco escuro.

As três garotas de branco flutuam atrás de Simon. O encontramos. O encontramos. Olhe e veja...

As sigo rapidamente através dos reinos até o topo de uma colina. Eu posso ouvir choros. Rápido, vamos rápido. A colina dá lugar a mais magnífica catedral que já vi. Ela brilha como uma miragem.

O Templo.

— Depressa... — as garotas sussurram —. Antes que o encontrem.

Atrás delas se agrupam nuvens escuras. O vento afasta o cabelo dos rostos pálidos e sombreados. Algo esta se aproximando. Algo surge atrás delas e se eleva como uma Fênix. Uma negra criatura alada. As garotas não olham, não o vêem. Mas eu sim.

Ele abre as asas até que cobre o céu e mostra seu interior, uma horrível agitação de rostos chorando.

Então eu começo a gritar.

— Gemma, Gemma! — ouço a voz de Simon chamando-me para que volte. Ele põe a mão na minha boca para que não grite —. Desculpe, não pretendia te machucar.

Apressadamente, ele devolve minhas luvas. Custa-me voltar à sala e me dar conta de que Simon estava beijando meus ombros nus e de que pensa que gritei por causa disso. Ainda estou tonta pela bebida e sinto náuseas.

Vomito no lavatório da empregada e Simon corre para me trazer uma toalha. Estou mortificada e minha cabeça dói. Também estou tremendo toda, tanto pela visão como pelo que aconteceu entre nós dois.

— Você quer que eu vá buscar alguém? — pergunta Simon, que está parado na porta, sem aproximar-se mais.

Eu digo que não com a cabeça.

— Não, obrigado. Eu quero voltar ao baile.

— Sim, imediatamente — diz Simon, parecendo com medo e aliviado ao mesmo tempo.

Eu gostaria de explicar para ele, mas como? Então descemos as escadas em silêncio. Ele me deixa no primeiro andar. O sino toca para o jantar e eu simplesmente me junto às outras senhoritas.

A ceia se prolonga e, gradualmente, com a comida e o tempo, vou sentindo-me melhor. Simon não veio ceiar, e ao mesmo tempo que minha mente se limpa, cresce minha vergonha. Eu fui uma tola por beber absinthe e haver ido sozinha com ele. E logo essa visão horrível! Mas por um instante eu vi o Templo. Eu vi.

Está ao nosso alcance. Não é o maior consolo da noite, mas, se há um consolo, me agarrarei a ele rapidamente.

A Sra. Worthington faz um brinde pelo Natal. Ann é apresentada e convidada a cantar. Ela faz, todos os presentes aplaudem, embora ninguém tão forte como Tom, que grita "Bravo!". A governanta chega com uma Polly sonolenta que abraça sua boneca.

O almirante Worthington chama a menina com um sinal.

— Sente-se aqui no meu joelho, criança. Ainda sou seu melhor tio?

Polly pula em seu colo e lhe dedica um tímido sorriso.

Felicity olha com um gesto desagradável. Não posso acreditar que seja tão imatura para estar com ciúmes de uma menina.

Porque ela faz essas coisas?

— O que? Isso é tudo que você dá ao seu tio em todos esses dias? Vamos, dê em seu tio um beijo de verdade.

A menina se mexe com um gesto tímido, lançando seu olhar de uma pessoa a outra. Cada um lhe devolve a mesma expressão de encorajamento: Vá lá, então, dê-lhe um beijo. Resignada, Polly inclina-se de olhos fechados e beija a atraente bochecha do almirante Worthington. Ouvem-se murmúrios de aprovação e afeto por toda a sala.

"Ah, bem feito. Lá estamos nós. Você vê senhor Worthington, a menina o ama como se fosse seu próprio pai. Que homem tão bom".

— Papai — diz Felicity levantando-se —. Polly deve ir para a cama agora. Já é tarde.

— Senhor?

A governanta olha o almirante Worthington, esperando ordens.

— Sim, muito bem. Vá então, Polly querida. Irei mais tarde para polvilhar pó de fadas em você, minha menina, assim me assegurarei que tenha doces sonhos.

Felicity pára a educadora.

— Oh deixe-me levar nossa Polly para a cama.

A governanta dá um leve aceno com a cabeça.

— Como quiser senhorita.

Eu não gosto disso. Porque Felicity quer ficar sozinha com Polly? Não iria machucar uma criança? Iria? Peço desculpas e escapulo da sala para segui-la.

Felicity conduz Polly para as escadas até o quarto de crianças. Eu fico fora, observando. Felicity está agachada e apoia as mãos nos ombros de Polly.

— Agora, Polly, você deve me prometer uma coisa. Promete que fechara a porta antes de ir para a cama. Você promete?

— Sim, prima.

— E deve trancar a porta todas as noites. Não se esqueça Polly. É muito importante.

— Mas porque, prima?

— Para que não entrem monstros, é claro.

— Mas se tranco a porta, o tio não poderá me polvilhar com pó de fadas.

— Eu polvilharei pó de fadas, Polly. Mas não deve deixar que seu tio entre.

Eu não entendo. Por que ela insiste tanto em que deixe de fora seu próprio pai? O que poderia fazer o almirante que pudesse...?

Oh, Deus! Surge em mim a horrível compreensão do que acontece, como um grande pássaro de verdade que lentamente agita as asas e cria uma terrível sombra.

Você não pode ir a ela aconteça o que acontecer.

Não. Não, almirante. Você acha que há um demônio que empurra as pessoas a fazer essas coisas?

Saio das sombras quando Felicity deixa o quarto de Polly. Passa um momento até que se ouve um clique de fechadura. Ela parece tão pequena. Nas escadas eu dou um passo adiante e a surpreendo.

— Gemma! Você me assustou. Sua cabeça não está assobiando? Eu te digo de verdade, não voltarei a beber absinthe outra vez. Porque você não estava na festa?

— Eu ouvi o que você disse a Polly — digo.

Os olhos de Felicity são desafiadores, mas desta vez não tenho medo.

— Sério? O quê?

— Sua porta não tinha fechadura? — pergunto.

Felicity respira profundamente.

— Eu não sei o que você está insinuando, mas acho que você deve parar imediatamente — me diz.

Eu coloco minha mão na sua, mas ela se afasta.

— Pare — ela cospe fora.

— Oh, Fee, eu sinto tanto...

Ela balança a cabeça e se vira, de forma que não vejo seu rosto.

— Você não sabe realmente como é, Gemma. Não é culpa dele. A culpada sou eu. Eu fiz com que acontecesse com ele. Ele me disse.

— Felicity, eu lhe digo com toda segurança que não é culpa sua.

— Eu sabia que você não entenderia.

— Eu entendo que ele é seu pai.

Ela volta a me olhar com lágrimas nos olhos.

— Ele não queria fazer isso. Ele me ama. Ele me disse.

— Fee...

— Isso é algo? Não? É algo.

Seus soluços se entrecortam, e coloca a mão na boca como se quisesse pega-los e devolve-los para dentro.

— Os pais devem proteger seus filhos.

Seus olhos se acendem. Sua mão me assinala.

— Você não é uma boa especialista nisso? Diga-me, Gemma. Como seu pai pode te proteger com o torpor do láudano?

Eu estou chocada demais para responder.

— Essa é a verdadeira razão de ele não estar aqui hoje, não é? Ele não está doente. Pare de fingir que tudo está bem quando você sabe que não está!

— Não é a mesma coisa!

— Você é tão cega. Você apenas vê o quer ver. — Ela me olha enfurecida —. Você sabe o que é sentir-se impotente, indefesa? Não, claro que não. Você é a grande Gemma Doyle. Você tem todo o poder, não?

Ficamos ali, olhando uma a outra sem dizer nem uma só palavra. Ela não tem direito de me atacar dessa maneira. Eu só tentava ajudá-la. No momento, só posso pensar em que não quero voltar a ver Felicity novamente.

Sem outra palavra, começo a descer as escadas.

— Sim, segue. Adiante. Sempre está indo e vindo. O resto fica preso aqui. Você acha que ele te amaria se soubesse quem você é? Realmente não se importa, só quando lhe convém.

Por um momento não sei se ela refere-se a Simon ou a meu pai. Continuo caminhando e deixo Felicity no topo da escada, de pé, nas sombras.

O baile termina. A sala é um barulho de gente. Eles pegam seus casacos, bocejam boa noite e os que antes dançavam agora pisam nos restos das sujeiras do chão: confetes, migalhas, cartões esquecidos de dança e pétalas de flores murchas.

Alguns dos cavalheiros têm o nariz avermelhado e estão um pouco embriagados.

Apertam a mão da Sra. Worthington com muito ardor e falam com uma voz muito alta. Suas esposas os puxam com um educado mais firme "Nossa carruagem está esperando, senhor Johnson" Outros continuam. Alguns saem com o rubor de um novo amor refletido em seus rostos sonhadores; outros luzem esperanças quebradas e corações partidos em seus olhares baixos e seus sorrisos trêmulos.

Percival pergunta se pode nos chamar algum dia. Não vejo Simon. Parece que os Middleton foram embora. Ele foi embora sem se despedir.

Eu fiz tudo errado: Kartik, Simon, Felicity, Papai. Feliz Natal. Deus abençoe a todos. Mas em minha visão eu vi o Templo.

Só queria poder contar a alguém.

TRINTA E NOVE

Passaram dois tristes e solitários dias, antes de eu encontrar a coragem de chamar Felicity, sob o pretexto de devolver um livro.

— Perguntarei se está em casa, senhorita. — disse Shames, o mordomo, levando o cartão de visita da minha avó em que eu escrevi meu nome com uma caligrafia clara.

Em seguida, ele volta só e me devolve o cartão.

— Desculpe, mas parece que a senhorita Worthington se foi.

Saio e viro-me. Olho para cima e vejo o seu rosto na janela. Imediatamente se oculta atrás da cortina. Ela está em casa e decidiu me esnobar.

Ann vem correndo até minha carruagem.

— Gemma, eu sinto muito. Tenho certeza que ela não queria fazer isso. Você sabe como ela fica.

— Isso não é desculpa. — digo.

Ann parece incomodada por algo mais que isso.

— Tem algo errado?

— Recebi uma carta da minha prima. Alguém fez perguntas sobre a minha suposta relação com o Duque de Chesterfield. Gemma, me descobriram.

— Eles não vão descobrir!

— Sim! E quando os Worthington souberem quem sou e que lhes enganei... Oh, Gemma, estou perdida!

— Não fale da carta com a Sra. Worthington.

— Ela ainda está irritada com o vestido. Escutei por casualidade como ela disse a Felicity, que depois de colocá-lo, ficou um desastre total. Eu não deveria ter usado. Agora... me afundei pra sempre.

Ann está doente de preocupação e medo.

— Mudaremos isso — digo, mesmo não tendo idéia de como fazer isso.

Vejo Felicity de novo na janela. Tenho tanto coisa para mudar...

— Pode dar uma mensagem a Felicity de minha parte?

— Claro. — diz Ann. — Estou aqui para dizê-la.

— Pode dizer que estive no Templo? E que tive uma visão ontem a noite no baile.

— Você viu?

— As três meninas de branco me mostraram o caminho. Diga que quando estiver pronta, voltaremos.

— Eu direi. — promete-me Ann. — Gemma...

Outra vez, não. Eu não posso ajudá-la agora.

— Não contará nada disso para Tom, verdade?

Se descobrir, não sei quem odiará mais por desapontá-lo se Ann ou a mim.

— Seu segredo está a salvo.

Não suporto voltar para casa. Papai esta piorando rapidamente, pede aos gritos láudano ou o cachimbo ou qualquer droga que remova a dor. Tom está sentado atrás da porta do quarto de papai. Tem os joelhos dobrados e seus longos braços repousando sobre ele. Não está barbeado e tem olheiras.

— Eu trouxe-lhe o chá — digo pegando um copo. — Como ele está?

Como se me respondesse, papai lamenta-se do outro lado da porta. Eu ouço o rangido da cama sob o peso de seus movimentos ansiosos. Chora baixinho. Tom cobre as orelhas com as mãos como se pudesse expulsar todos os pensamentos da cabeça.

— Eu falhei, Gemma.

Desta vez me sento ao lado de meu irmão.

— Não, não é verdade.

— Talvez não devesse pensar que eu sou um médico.

— Claro que você é. Ann pensa que você será um dos melhores doutores de Londres. — digo-lhe com a esperança de lhe dar ânimo.

Custa para mim ver Tom assim, o impossível, o arrogante, o imparável Tom, afundado assim. É o único constante em minha vida, mesmo se o constante é a irritação.

Tom sorri envergonhado.

— A senhorita Bradshaw disse isso? É muito amável, e igualmente muito rica. Quando eu pedi que você me encontrasse um par apropriado com uma pequena fortuna estava gracejando somente. Mas pelo que vejo você fez ao pé da letra.

— Sim, bom, mas sua fortuna... — começo.

Como posso explicar Tom essa mentira? Eu devo dizê-lo antes que as coisas cheguem muito longe, mas ainda não tenho as forças para confessar-lhe que Ann não é herdeira, mas sim uma simpática e esperançosa alma que acredita nisso.

— Ela é rica de outras muitas maneiras, Tom. Lembre disso.

Papai se queixa em voz alta e Tom age como se fosse retirar sua pele.

— Eu não aguento mais. Talvez eu tenha que dar-lhe um pouco de algo, brandy ou...

— Não. Por que você não sai para dar um passeio e vai ao clube? Vou sentar-me com ele.

— Obrigado, Gemma.

Me dá um impulsivo beijo na testa que me deixa com a pele quente.

— Não sucumba as súplicas. Eu sei como são as mulheres: muito moles para serem boas guardiãs.

— Vá embora. Vá — digo.

O quarto de papai está imerso por uma névoa púrpura de poeira. Lamenta-se e agita-se na cama, retorcendo os lençóis de linho. O ar tem cheiro de suor, papai está encharcado de suor e tem a roupa de cama grudada no corpo.

— Olá, pai! — digo enquanto corro as cortinas e acendo a luz.

Coloco água em um copo e seguro nos seus lábios, que estão rachados e pálidos. Ele toma goles em intervalos.

— Gemma. — diz ele sem fôlego. — Gemma, querida. Ajude-me.

Não chore, Gemma. Seja forte.

— Você poderia ler um pouco? — Segurou-me o braço. — Eu estou tento sonhos horríveis. Eles são tão reais que eu não sei dizer se estou acordado ou dormindo.

Retorce-me o estômago.

— Que tipo de sonhos?

— São as criaturas que me contam histórias terríveis de sua mãe. Dizem que não era a pessoa que dizia ser. Que era uma bruxa, uma feiticeira que fez coisas terríveis. Minha Virgínia... minha esposa.

Recolhe, soluçando. Algo se precipita dentro de mim.

Meu pai, não. Deixem meu pai em paz.

— Minha esposa era virtuosa. Era uma mulher nobre. Uma boa mulher.

Seus olhos tropeçam com os meus.

— Dizem que é por sua culpa. Que tudo é por você.

Eu tento respirar. O olhar de papai suaviza.

— Mas você é minha filha querida, minha boa menina, não é, Gemma?

— Sim. — Murmuro. — Claro que sim.

Aperta-me com força.

— Eu não aguento mais um minuto dessas coisas. Seja uma boa menina, Gemma. Encontre a garrafa antes que esses sonhos voltem.

Minha resolução fraqueja. Quando suas súplicas se tornam ainda mais presentes, já não estou tão certa de mim mesma, sua voz sussura asperamente.

— Por favor. Por favor. Por favor. Eu não aguento.

Uma pequena bolha de saliva permanece em seus lábios rachados.

Acho que vou enlouquecer. A mente do meu pai, como a de Nell Hawkins, está se desgastando. E agora as criaturas estão em seus sonhos e não lhe deixam em paz por minha culpa. Eu sou responsável e tenho que corrigir isso. Hoje à noite vou para os reinos e não vou sair até que tenha encontrado o Templo.

Mas eu não posso deixar que meu pai sofra enquanto faço isso.

— Sssh, papai. Vou ajudá-lo. — digo.

Subo a barra da minha saia, mais que o apropriado, e saio correndo para meu quarto e procuro pela caixa onde eu escondi a garrafa. Volto rapidamente para meu pai. Tem os lençóis enrolados ao redor dos seus dedos e balança a cabeça para frente e para trás. Está suado e se contorcendo de dor.

— Pai, aqui. Aqui! — Eu coloquei a garrafa na boca e bebo o láudano como se estivesse morrendo de sede.

— Mais. — suplica-me.

— Sssh, isso é tudo o que tem.

— Não é o bastante. — grita. — não é o bastante.

— Dei-me tempo.

— Não! Vá embora! — grita, e bate a cabeça contra a cabeceira.

— Pai, para. — Seguro sua cabeça com as mãos para evitar que se machuque.

— Você é minha boa menina, Gemma. — sussurra.

Revira os olhos. Seu olhar se acende e ele entra num estado de sono narcótico. Espero ter feito o certo.

A senhora Jones está ao lado da porta.

— Senhorita, está tudo bem?

Dou um tropeção.

— Sim — digo, contendo a respiração. — O senhor Doyle vai descansar agora. Acabo de me lembrar que tenho que fazer uma coisa. Pode ficar aqui com ele? Não demorarei muito.

— Sim, senhorita — responde.

Começou a chover de novo. Não tem carruagem, então pego um coche de cavalos até o Hospital Real de Bedlam. Quero dizer a Nell que vi o Templo em minha visão e que está ao meu alcance. E quero lhe perguntar como eu posso encontrar a senhorita McCleethy, Circe. Se ela acha que pode enviar as suas criaturas para atormentar meu pai, está muito enganada.

Quando chego lá, há um pandemônio. O senhor Sommers corre pelo vestíbulo, esfregando as mãos. Fala aos gritos. Está muito agitado.

— Está fazendo coisas muito ruins, senhorita. Muito ruins!

Vários pacientes se reuniram no vestíbulo, ansiosos para saber qual é a causa de todo esse problema.

Ouve-se um terrível grito que provém de depois do vestíbulo. Duas mulheres começam a imitá-lo. Esse som, que se repete em todas as partes ao mesmo tempo, perfura meus ouvidos.

— Que Deus nos ajude! — exclama uma enfermeira. — O que é isso?

Passamos correndo ante as barulhentas mulheres, com o eco de nossos passos ressoando através do chão polido, até que chegamos a sala de estar. Nell está lá de pé, de costas para nós. A jaula de Cassandra está vazia e a porta entreaberta.

— Senhorita Hawkins? Que barulho é esse...? — A enfermeira não diz mais nada enquanto Nell se vira para nós.

QUARENTA

No dia seguinte pela tarde, a curiosidade de Felicity já dissipou sua raiva contra mim. Ela e Ann respondem meu chamado. Nossos dias em Londres estão chegando ao fim e logo devemos voltar para Spence. Tom cumprimenta Ann calorosamente, o que a anima muito. Nas duas últimas semanas em Londres ela ganhou confiança em si mesma, como se acreditasse finalmente que é digna de felicidade. Ainda assim, eu continuo preocupada pensando que tudo isto pode acabar mal.

Felicity me leva para o salão.

— Não devemos falar sobre o que aconteceu no baile nunca mais — Nem sequer olha para mim.
— De todas as formas, não é o que está pensando. Meu pai é um bom homem e um perfeito cavalheiro que nunca faria mal a ninguém.

— E o que aconteceu com Polly?

— O que aconteceu com Polly? — diz, de repente, olhando-me fixamente.

Felicity pode ter um olhar glacial quando algo realmente a incomoda.

— Ela teve sorte que nós a recolhemos. Ela tem tudo o que quer: as melhores tutoras, escola e um guarda-roupa que acabará com todos os outros guarda-roupas. Muito melhor do que um orfanato, não?

Calo a boca porque meu silêncio é o preço de sua amizade.

— Façamos um trato?

Ann se une a nós.

— Eu perdi alguma coisa?

Noto como Felicity espera a minha resposta.

— Não — digo para Ann.

Felicity deixa cair os ombros.

— Não nos preocupemos com os horrores das visitas que vêm para casa de férias. Gemina sabe onde encontrar o Templo.

— Eu acho que o vi.

— E, então, o que estamos esperando? Vamos — diz Ann.

Quase não reconheço o jardim. Os ramos de erva daninha brotam secas, fortes e altas como sentinelas. A carcaça de um pequeno animal, um coelho ou um porco-espinho, encontra-se aberto sobre a grama enquanto as moscas sobrevoam fazendo um horrível ruído.

— Está certa de que estamos no jardim? — pergunta Ann olhando ao redor.

— Sim — digo. — Olha, ali está o arco prateado. Na realidade, não está brilhando muito, mas todos os arcos são iguais.

Felicity encontrou a rocha onde Pippa escondeu suas flechas, e coloca a aljava em suas costas.

— Onde está Pip?

Nesse momento, um belo animal sai lentamente dos arbustos. É um cruzamento entre um cervo e um pônei e ostenta uma longa e brilhante crista, com manchas cor de malva nas laterais.

— Olá! — cumprimento.

A criatura caminha lentamente para nós até que para e fareja o ar. Vai embora nervoso como se tivesse farejado algo que o alertasse, mas algo salta sobre ele dos arbustos, com um grito guerreiro.

— Fora! — grito ao mesmo tempo em que as empurro sobre os arbustos.

O animal é jogado no chão com violência. Ouvem-se gritos e o som horrível de ossos se rompendo. Depois nada, absolutamente nada.

— O que era essa coisa? — sussurra Ann.

— Não tenho ideia — digo.

Felicity pega seu arco e a seguimos até a borda dos arbustos onde nos escondíamos. Vemos algo perto do belo animal, que está aberto no canal.

— Fique onde está! — grita Felicity em posição de ataque.

O terrível ser levanta seu olhar e nós ficamos petrificadas ao ver que se trata de Pippa com o rosto salpicado pelo sangue do animal. Juro que, por um instante, vejo seus olhos mudar do azul para o branco, com um olhar malévolo que divide seu até agora rosto bonito.

— Pippa? — pergunta assustada Felicity enquanto baixa seu arco. — Mas... o que você está fazendo?

Pippa se levanta com seu vestido rasgado e os cabelos completamente emaranhados.

— Eu tinha que fazer isso. Ia machucar vocês.

— Não, não ia fazer nada conosco — digo.

— Sim, estava prestes! — grita para nós. — Vocês não conhecem esse tipo de coisa — diz, aproximando-se de nós.

Por puro instinto retrocedo lentamente. De repente, ela arranca um dente de leão do chão e oferece a Felicity.

— Por que não descemos o rio novamente? É um lugar maravilhoso. Ann, conheço um lugar onde a magia é muito forte. Poderíamos te fazer tão feliz e bonita que se cumpriria o desejo que você anseia em seu coração.

— Eu gostaria de ser assim tão bonita — responde Ann, — mas é melhor que deixemos para quando encontrarmos o Templo.

— Ann... — advirto com certo tom de reprovação.

Pippa passeia seu olhar de Ann para Felicity até chegar a mim.

— Sabe onde está?

— Gemma o viu muito perto do lu...

— Não, ainda não — interrompo rapidamente Felicity.

Os olhos de Pippa começam a se encher de lágrimas.

— Você sabe onde está, mas não quer que eu as acompanhe.

E tem razão. Começo a temer Pip, ou aquilo em que ela está se transformando.

— Claro que queremos que venha conosco, não é? — solta Felicity, me colocando em evidência na frente das outras.

Pippa joga por terra os esforços de Felicity e me olha com ódio.

— Não, ela não quer. Ela não gosta de mim. Nunca gostou.

— Isso não é verdade — respondo.

— Eu acho que sim! Você sempre teve ciúmes de mim, da minha amizade com Felicity, e de como aquele garoto indiano, Kartik, me olhava, como se me quisesse. Acho que é por isso que você me odeia. Não se incomode sequer em negar por que se nota em seu rosto!

Pippa acaba de me atravessar com a verdade, e sabe disso.

— Não seja ridícula — defendo-me, embora eu mal possa respirar.

Pippa segue cravando-me seu olhar de animal ferido.

— Eu não estaria aqui se não fosse por você.

Aí está; acaba de soltar o que ainda ninguém havia dito.

— Por você... foi sua escolha comer os frutos — respondo bruscamente. — Você escolheu ficar.

— Você me deixou aqui para que eu morresse no rio.

— Não podia lutar contra o assassino de Circe... Esse espírito escuro! Então voltei por você.

— Diga o que quiser, Gemma, mas no seu coração você sabe a verdade. Me abandonou aqui com aquela coisa. E se não fosse por mim, você não saberia... — De repente se cala.

— Nós não teríamos sabido o quê? — pergunta Ann.

— ...Não teria sabido que eles vinham por vocês. Fui eu quem as advertiu em seus sonhos.

— Mas você nos disse que não sabia nada disso — intervem Felicity parecendo ferida. — Mentiu. Mentiu para mim.

— Fee, por favor, não fique zangada comigo — diz Pip.

— Por que você não me disse isso antes? — pergunto.

Pippa cruza seus braços.

— Por que eu teria que me arriscar a te contar tudo quando você não me prometia nada em troca?

Sua lógica é como uma teia bem tecida e o pior é que estou presa nela.

— Muito bem. Se não confia em mim — continua Pippa enquanto se afasta de nós, — então talvez vocês devessem entrar no Templo sem mim. Mas não me procurem depois para que eu as ajude.

— Pippa, não vá — diz Felicity saindo atrás dela.

Nunca havia visto ela suplicando para ninguém. E pela primeira vez, Pippa ignorou Felicity e continuou caminhando até que desaparecesse de nossa vista.

— Não deveríamos segui-la? — pergunta Ann.

— Não. Se quer se comportar como uma menina mimada, deixe-a. Não pretendo ir atrás dela — diz Felicity acariciando suavemente seu arco. — Vamos.

O amuleto aponta o caminho; nós entramos no bosque e atravessamos o mato onde as infelizes damas da Fábrica de Fogo esperam. Seguimos o caminho que marca o olho da lua crescente através de um longo e sinuoso caminho até que chegamos a uma estranha porta que nos conduz para a Caverna dos Suspiros.

— Como acabamos aqui outra vez? — pergunta Felicity.

Estou realmente confusa.

— Não sei. Temo que eu tenha me desorientado completamente.

De repente Ann para com uma expressão de pânico em seu rosto.

— Gemma...

Viro e ali estão, flutuando sobre o caminho.

Felicity agarra suas flechas, mas eu a paro.

— Tranqüila — digo. — São as garotas de branco.

— O Templo está fechado — sussurram com suas vozes harmoniosas. — Sigam-nos.

E fazemos em um passo rápido, embora quase chegamos a perdê-las de vista. A selvagem trilha verde abre-se na distância em colinas onduladas com áreas secas. De repente, já não consigo distingui-las. Elas se evaporaram.

— Onde elas estão? — pergunta Felicity enquanto remove a aljava para não arranhar seu ombro.

— Não as vejo — digo ofegante.

Ann senta-se em uma rocha.

— Estou cansadíssima. É como se tivéssemos levado dias inteiros caminhando.

— Talvez possamos ver algo se subirmos em uma dessas colinas — aponta Felicity.

— As garotas de branco nos disseram que o Templo estava fechado.

— Vamos, Ann!

Relutante, Ann se levanta e continuamos a marcha até a colina mais rochosa com bastante esforço.

— Vocês ouviram alguma coisa? — pergunto.

Aguçamos o ouvido e escutamos um choro abafado e distante.

— São pássaros? — pergunta Felicity.

— Gaivotas — responde Ann. — O mar não deve estar muito longe.

Ofereço para Ann a minha mão para puxá-la para o topo da colina. Já estamos muito perto.

— Por Deus! — exclama Ann apontando para o grande panorama que se desenrola diante de nossos olhos.

Diante de nós, mas além de uma grande extensão de água, se vê uma ilha da qual emerge uma majestosa catedral coroada com uma cúpula dourada e azul. As gaviotas que ouvimos antes a sobrevoam traçando círculos perfeitos.

— Aí está. Essa é uma de minhas visões — digo.

— Encontramos — grita Felicity. — Encontramos o Templo!

A rapidez da subida me fez esquecer completamente de olhar para o amuleto que marcava o nosso curso. Quando faço isso percebo que ele parou de brilhar.

— Nós nos desviamos do caminho — anuncio um pouco assustada.

— E o que importa? — diz Felicity, — finalmente encontramos o Templo.

— Sim, mas fora do caminho — digo. — Nell insistiu que não saíssemos dele.

O cansaço da travessia deixa Felicity mais irritável.

— Gemma, eu já disse que essa garota é uma verdadeira confusão. Não percebe que você está confiando no conselho de uma louca?

Dou voltas sobre mim mesma e movo o amuleto para cima e para baixo, tentando que volte a brilhar. Nada.

Ann pega minhas mãos e tenta me acalmar.

— É verdade, Gemma. Não temos nem idéia se podemos confiar no que Nell disse. Talvez ela esteja somente louca. Na pior hipótese, pode estar trabalhando para Circe. Não sabemos.

— Além disso... como pode estar certa que podemos confiar nesse amuleto? — Olho-a friamente.

— Até onde ele nos guiou até agora? Até os Intocáveis? Até essas meninas no mato? Se quase nos matou na noite da ópera, nas mãos daqueles horríveis rastreadores... — segue insistindo Felicity.

Ann assente.

— Você mesma disse que as garotas de branco apareciam para você em uma visão e te mostravam o Templo. Pois aqui está...

Certo. E ainda assim...

Estamos fora do caminho. Nell disse que não saíssemos, a mesma Nell que estrangulou o pobre pássaro, a mesma que tentou me estrangular.

Não confie nela, nos advertiu as garotas de branco.

No entanto, Kartik disse que nos reinos não se podia confiar em ninguém.

A verdade é que já não sei em quem acreditar.

A catedral que temos diante de nossos olhos se eleva imponente como se tivesse estado ali há muitos anos. Tem que ser o Templo, que outra coisa poderia ser? Um pouco mais abaixo, um bote com remos repousa na areia, como se esperasse nossa presença.

— Gemma — Felicity se dirige para mim.

— Sim — respondo guardando por fim o amuleto.

— Tem que ser o Templo.

Felicity se lança colina abaixo para o bote, gritando de alegria enquanto na distância as milhares de tochas que rodeiam a soberba catedral parecem piscar para nós. Desamarramos o bote, e o empurramos para puxá-lo da margem e remarmos com rapidez até a ilha.

Uma vez na água, a névoa paira sobre nós e subitamente é noite. Os grasnidos das gaivotas nos acompanham durante todo o trajeto. A distância que ainda nos separa do Templo é incrivelmente grande. Tento olhar através da neblina e, por um instante, o edifício não parece mais que uma ruína. Em uma das torres, a luz amarela da lua entra sobre uma janela quebrada e reflete-se intermitente nos cacos de vidros, como um farol que guia um navio perdido.

Fecho os olhos e quando volto a abri-los a visão se torna magnífica e completa: o imponente monumento de pedra com volutas³⁷ e janelas góticas finalmente está diante de nós.

— Parece deserto — diz Felicity. — Não acredito que alguém possa viver aqui.

Ou algo, eu gostaria de acrescentar.

Empurramos o barco até a margem. O Templo coroa a colina, e para chegar ali teremos que subir por umas escadas esculpidas na rocha.

— Quantos degraus você acha que tem? — pergunta Ann, seguindo com o olhar as escadas que conduzem para cima.

— Só há uma maneira de descobrir — digo enquanto começo a subir.

A subida não é fácil. A escadaria é tão íngreme e cansativa que no meio do caminho Ann tem que se sentar e recuperar o fôlego.

— Acho que não consigo — afoga-se.

— Acho que consegue — digo. — Não está tão longe. Olha.

— Ah! — sobressalta-se Ann.

³⁷ [N/T: Volutas é basicamente essas espirais como nesse desenho de uma coluna jônica: <http://symbolom.com.br/wp/wp-content/uploads/2009/10/Jonica.jpg>]

Um grande pássaro preto acaba de voar muito perto de seu rosto e aterriza em um degrau acima de onde estamos. Trata-se de uma espécie de corvo. Grasna muito forte e me deixa arrepiada. Outro de sua espécie se une a ele e ambos parecem desafiar-nos a seguir em frente.

— Venha, vamos! — digo. — São só pássaros.

Conseguimos afastá-los e chegar até o final da escadaria, onde uma imponente porta dourada, com bonitas flores esculpidas nela, nos dá as boas-vindas.

— Incrível! — diz Ann enquanto passa seus dedos pelas pétalas e se assusta ao ver como a porta se abre.

A catedral é enorme, com tetos que se elevam imensos sobre nossas cabeças. Tochas e velas estão acesas por todos os lados.

— Olá? — grita Ann, e sua voz se perde com um eco: “Olá, oolá, olá, lá...”

Todo o chão está coberto com lajotas de mármore esculpidos com rosas vermelhas. Se viro a cabeça para um lado, o chão parece sujo, lascado e com as lajotas quebradas, mas se pisco por um segundo a imagem seguinte muda por completo e me aparece um chão resplandecentemente bonito. É uma loucura.

— Você vê algo? — pergunto. — Algo, go, go...

— Não... espera, o que é isso?

Ann aponta para algo na parede mais próxima. Uma parte da pedra se desprende e algo oco desliza rolando pelo chão até meus pés. É um crânio.

Ann se estremece.

— O que isso estava fazendo ali dentro?

— Não faço idéia — respondo.

O cabelo da minha nuca se arrepia de medo. Meus olhos jogam de novo com a minha mente, por que o chão voltou a ficar quebrado e destruído. A beleza da catedral tremula como a chama das velas, e passa de desagradável para absolutamente majestosa. Durante um instante, vejo outra catedral; estamos nas ruínas de um edifício destruído, com as janelas desconjuntadas encima de nós que ameaçam como as bases vazias de um crânio.

— Acho que deveríamos ir — sussurro.

— Gemma! Ann! — É a voz de Felicity e se percebe o medo nela.

Corremos até ela e a vemos iluminando com uma vela a parede. Então percebemos que as paredes estão cheias de ossos. Milhares. Sem abrir a boca, grito com todas as forças em meu interior.

— Isto não é o Templo — digo sem poder afastar a vista de uma mão presa na pedra.

Sinto um calafrio quando percebo a verdade. Não se separem do caminho, donzelas.

— Fizeram com que nos perdéssemos, justamente como Nell nos advertiu.

Notamos como algo foge por cima de nós e percebemos umas sombras fugazes que atravessam o templo.

— O que é isso? — Ann aperta meu braço com muita força.

— Não sei — digo, e ouve-se o eco de minhas palavras. “Sei, sei, sei...”

Felicity acaricia suas costas. Alguma presença está se aproximando pelo outro lado e o sentimos muito próximo.

— Vamos embora agora mesmo — consigo dizer.

De repente, começa um movimento frenético por toda a sala. As sombras se elevam até a cúpula do templo como morcegos gigantes e quando estamos quase na porta ouvimos um grito tão forte que me gela o sangue.

— Corram! — grito.

Corremos até a porta, seguidas por um frenético repicar que faz os nossos sapatos quando pisam nas lajotas quebradas, embora não seja o suficientemente alto para apagar o grito que está aumentando.

— Venham, venham! — grito.

— Olha — grita Felicity.

A escuridão do vestíbulo está se movendo para cima e, seja o que for, conseguiu chegar na porta antes que nós, prendendo-nos aqui. O grito vai desaparecendo pouco a pouco até morrer com um canto mortiço e gutural.

— Queridas, queridas, queridas...

De dentro das sombras surge meia dúzia das criaturas mais grotescas que eu já vi. Estão vestidas como no passado, com umas esfarrapadas e sujas túnicas brancas dos tempos de Caim e suas correspondentes botas pontiagudas com pontas metálicas... Alguns têm cabelos, emaranhados e longos, até os ombros. Outros raspam completamente a cabeça e ainda é possível ver o sangue fresco dos cortes. Uma dessas almas pavorosas usa somente uma longa franja de cabelo que vai da testa até a base da nuca. Usa os braços repletos de braceletes, assim como um colar feito de ossos de dedos. É o líder, e dá um passo a frente.

— Olá, queridas — diz com um sorriso assustador.

Nos estende a mão. Tem as unhas pintadas de preto. Seus musculosos braços estão tatuados com umas grossas linhas negras que representam caules espinhosos em forma de lágrimas e acabam no cotovelo. A partir daí brotam flores vermelhas que cobrem seu braço. São amapolas.

As palavras de Nell voltam para mim: “Tenha cuidado com os Guerreiros Amapola”.

QUARENTA E UM

As sombras não param de se mover e percebemos que apareceram muitas outras. Multíssimas criaturas do submundo se divertem acima de nós, pendurando-se em vigas ou cercas como se fossem uma multidão de gárgulas. Uma delas empurra um grande martelo, que preso a uma corrente, balança para frente e para trás como um grande pêndulo. Tenho medo de olhar para o homem que está na minha frente, mas finalmente olho diretamente em seus olhos. Uns olhos delineados com kohl³⁸ preto em forma de diamante. É como olhar para uma máscara de arlequin³⁹. A minha garganta está seca e apenas consigo balbuciar uma saudação estúpida.

– Como vai?

– Como vai o que, querida?

– Como andam as coisas por aqui?

– Não andamos, voamos.

Os outros riem com um som que me assusta. O líder dá um passo para frente. Leva uma espada primitiva que usa como bastão, e aperta os punhos com força. Cada um de seus dedos está adornado com um anel.

– Sinto muito se nos metemos onde... – Minha boca está muito seca para que possam sair as palavras.

– ...nos perdemos – sai Felicity ao resgate.

– E não estamos todos, querida? Me chamo Azreal e sou um guerreiro Amapola, como os outros aqui presentes. E vocês, nobres damas, não se apresentaram ainda.

Continuamos caladas.

Azreal estala a língua.

– Bem, isso não ajuda muito, na verdade. Vamos ver o que temos aqui... Ah, vejo que vocês fizeram amigos entre os povos da floresta – diz ao mesmo tempo em que joga no chão o arco e as flechas de Felicity.

– Encanto imprudente, o que vocês prometeram para eles?

– É um presente – defende-se Felicity.

A multidão de criaturas começam a sussurrar instantaneamente.

– Mente, mente, mente, mente...

Azreal sorri mostrando toda a boca.

– Ninguém presenteia nada nos reinos, querida. Todo mundo espera algo em troca. O que faz uma garota tão doce como você com um presente tão horrendo? Digam-me, encantos, o que estão procurando? Vocês acreditaram, por acaso, que isso era o Templo?

– Que Templo? – Felicity se faz de tonta.

Azreal zomba da pergunta.

– Que fofa! Será quase uma pena rompê-la em pedaços. Quase.

– E se estivéssemos procurando esse Templo? – Resolvo dizer no momento em que sinto que as veias do meu pescoço incham.

– Bom, encanto, nesse caso teríamos que evitar que vocês chegassem lá.

– O que quer dizer?

– Pode prender a magia? Não, querida. Então, não quero ninguém perambulando por aqui, e ninguém com quem eu possa jogar seriamente.

³⁸ [N/T: Kohl é o primeiro cosmético da humanidade. Era usado pelos egípcios. É um pigmento preto, feito de uma mistura de mineral malaquita com carvão e cinzas, e usado até hoje no contorno dos olhos, nos cílios e sobrancelhas.]

³⁹ [N/T: Algo como isso: https://awicpa.bay.livefilestore.com/y1muy-DhV5LfBJ07uOP5ua-y3MazzmsWyqgYY5ggk1h5nUHIXZa5EQ-6mvc51TcAST-eB13D96AUoFZHvZ8BAR7kluhw-3wc2P_xeB1UUsP8iuBO_Af_fe8TubF-IrbRuio4R11Ee6oO6WWup-glIFvOg/masqpic.jpg]

— Não estamos aqui para prender a magia. Só queremos o mesmo que vocês, um pouquinho dela — minto.
— Mente, mente, mente, mente.
— Ssssh — intervêm Azreal, estendendo suas mãos e movendo os dedos. — Os Guerreiros Amapola sabem por que vocês estão aqui. Sabemos que uma de vocês é a Escolhida. Podemos cheirar a magia que tem aqui.

— Mas... — Tento encontrar uma saída para despistá-los e argumentar com eles.

Azreal coloca os dedos nos meus lábios.

— Ssssh, não se negocia conosco. Uma vez que tenhamos acabado com vocês, minhas meninas, começaremos a absorver a energia de cada um de seus ossos. Um sacrifício que nos proporcionará um poder implacável.

— Mas isso os condenará — queixa-se Ann.

— Já estamos condenados, querida. Não precisa chorar sobre o sangue derramado, você sabe? Qual de vocês devemos sacrificar primeiro? — Azreal para na frente de Felicity.

— Hum, quantos jogos podemos jogar juntos, querida — diz, e crava sua afiada unha na bochecha de Felicity até desenhar uma fina linha de sangue. — Sim, você será nosso melhor esporte, minha preciosa cachorrinha. Garotos, acredito que encontramos nossa primeira oferenda.

Azreal retorce o braço de Felicity que, aterrorizada, cai de joelhos.

— O que posso oferecer? — grito.

— Nos oferecer, querida?

— O que você quer?

— Que você jogue com nossas regras. Não estamos procurando nada, não queremos atravessar. Só jogamos.

Depois de um tapa, dois das bestas agarram Felicity.

— Espera — exclamo. — Digamos que isso não é muito esportivo.

Azreal detém seus dois lacaios.

— Continua — diz.

— Proponho um jogo.

Volta a sorrir malevolamente e seu rosto adquire a aparência de uma máscara da morte.

— Estou intrigado, querida — diz, e como a carícia mortal de uma serpente, agarra meu pescoço enquanto sussurra em meu ouvido. — Diga, que tipo de jogo?

— Uma caça — desafio.

Azreal se inclina para trás.

— Mas, o que você disse? — me adverte Ann.

Tento cravar meus olhos nos de Azreal. Se eu pudesse nos manter juntas, poderia fazer emergir a luz do portal e escapar dos Guerreiros Amapola. Azreal aplaude e ri. O resto dos soldados fazem o mesmo e se forma um coro espectral semelhante aos pássaros que ouvimos em nosso caminho até aqui.

— Uma proposta bem esportiva. Sim, sim, sim... eu gosto. Aceitamos sua palavra, encanto. A caça pode abrir nosso apetite. Está vendo aquela porta? — diz, apontando para um arco de aço no final da catedral.

— Sim — digo.

— Conduz para as catacumbas que estão embaixo. Há cinco túmulos e um deles tem uma saída para o exterior. Talvez vocês possam encontrar. Isso sim que seria magia da boa. Podem começar.

— De acordo, mas precisamos de um momento para nos reunir — proponho.

Azreal aponta para mim com seu dedo.

— Não há tempo para invocar o portal, sacerdotisa da Ordem. — É como se pudesse ler a minha mente. — Sim, você pode perceber que eu já sei de tudo. Seu medo nos prenderia dentro. — Sacode suas mãos sobre as nossas como se estivesse espalhando pó de fadas, e seus braceletes geram um eco surdo na sala. — Tentem encontrar o túnel agora mesmo, queridas. Corre! — Suas palavras soavam como um exorcismo. — Corre, corre, corre!

Os Guerreiros Amapola se unem ao canto macabro.

— Corre, corre, corre.

Como propulsadas por um canhão, Ann e eu saímos disparadas para a porta.

— Felicity! — grito, e ela agarra como um raio seu arco e suas flechas.

— Muito inteligente, querida — Azreal dá um grito. — Você tem caráter, garota.

— Rápido! — grita para nós enquanto corre e fica no nosso nível.

Não perdemos nem um segundo em abrir as pesadas portas que dá para um longo corredor iluminado por velas.

— Me dê suas mãos — grito.

— Agora? — grita Felicity. — Se estão logo aqui atrás.

— Que motivo melhor para irmos todas juntas!

Unimos nossas mãos e tento concentrar-me enquanto os uivos mais primitivos que já ouvi em minha vida vão se aproximando do interior da grande catedral. Estão quase pisando em nossos calcanhares e em poucos segundos terão atravessado a porta e não teremos nem uma só oportunidade. Meu corpo inteiro começa a se convulsionar em pânico.

— Gemma, nos tire daqui e chame o portal de luz agora! — grita histericamente Ann.

Volto a tentar. Umas agudas gargalhadas do outro lado me confundem e perco a concentração. Felicity fica com raiva de mim.

— Gemma. — Está prestes a chorar.

Não posso fazer. Não consigo me concentrar.

A malévola voz de Azreal ressoa forte e muito próxima.

— Não têm magia aqui, querida. Não quando eu quero jogar jogos como estes.

— Não me deixam acessá-la. Teremos que encontrar outra saída — lamento.

— Não, não, não — queixa-se Felicity.

— Vamos! Olhem por todos os lados — ordeno.

Tocamos todas as paredes do corredor em busca de uma saída. É um trabalho desagradável: minhas palmas tocam ossos lascados e dentes quebrados. Ao arrancar uma mecha de cabelo da parede me afasto com uma mistura de medo e repulsa. Do meu lado, Ann começa a gritar como uma louca. Acaba de encontrar um esqueleto inteiro incrustado, como um macabro aviso de nosso futuro imediato.

— Estão prontas ou não? Nós estamos escondidos!

Oh, Deus! Meus dedos começam a tatear a maçaneta da porta que quase se funde com a própria parede.

— O que é isso? — grito ao mesmo tempo em que a porta se abre com um rangido seco.

Ao abrir-se, quase caímos por uma longa fileira de degraus criminosos que serpenteiam perto do muro e acabam abaixo de tudo. É quase um precipício, e da sala que aparece no final saem cinco túneis.

— Por aqui! — grito para minhas amigas.

Empurramos a pesada porta, e fechamos firmemente. Por baixo de minha respiração frenética, então uma pequena oração para que a tábua que colocamos na porta agüente firmemente.

— Permaneçam o mais perto possível do muro! — digo enquanto tento ver o fundo do precipício.

Ann dá um chute em uma pequena pedra e esta cai no vazio. Demoramos muito para ouvir quando ela atinge o fundo. Lentamente, mas sem pararmos e de forma muito cuidadosa, iniciamos a descida para o que poderia ser o inferno. Escoltadas pelo resplendor dantesco das tochas nas rochas, chegamos ao final da escada. Encontramo-nos em uma sala circular que se abre em túneis como se fosse uma estrela de cinco pontas. Ann está com o rosto cheio de lágrimas, e de seu nariz caem gotas de suor incessantemente.

— E agora o quê? — pergunta angustiada.

Os gritos dos Guerreiros Amapola deslizam entre as rachaduras da porta fechada. Estão batendo nela sem piedade e a madeira solta lascando-se.

— Temos que encontrar o túnel que conduz para fora.

— Sim, mas, qual é? — diz Felicity.

Os cinco túneis estão iluminados com tochas que piscam e não deixam ver o fundo. Não temos nem idéia do quão longo eles podem ser ou do que está nos esperando no final de cada um.

— Devemos nos separar. Cada uma pegará um túnel.

— Não! — lamenta Ann.

— Sssh! É a única maneira. Se virmos que não é o correto, voltaremos aqui, e se alguém o encontrar que grite com todas as suas forças.

— Não posso, não posso fazer isso — grita Ann.

— Sempre estaremos juntas, certo? — Felicity invoca a promessa que fizemos em meu quarto na Academia Spence.

Disso faz só duas semanas mais parece que se passou toda uma vida.

— Muito bem, andem todas juntas — digo.

Pego uma tocha da macabra parede e nos metemos dentro da boca negra de um dos túneis. A chama somente ilumina uns poucos metros na frente, o suficiente para podermos ver os ratos que correm entre nossos pés. Tenho que sufocar um grito. Seguimos avançando até que chegamos ao final. Não têm saída.

— Por aqui não é — digo, enquanto viro decidida.

Outra vez nos chegam gritos abismais que parecem sair das paredes, dos mesmos ossos dos mortos que uma vez foram brinquedos mortuários nas mãos dos Guerreiros Amapola. Daria o que fosse para não voltar a escutar esse som assustador. Encima de nossas cabeças vemos que a porta está mais acabada do que antes mais, por sorte, ainda se mantém firme.

Aqueles grandes pássaros negros que vimos lá fora nos rodeiam agora nas catacumbas. Alguns estão acomodados na escada. Outros voam grasnando. Segunda tentativa com outro túnel, e segundo fracasso. Ann começa a soluçar sem se conter quando chegamos ao final do terceiro túnel e a fraca luz da tocha nos mostra que tampouco está aqui a nossa tão ansiada saída.

Então a voz de Azreal nos petrifica.

— Posso ouvir você, meu cachorrinho. E já sei quem você é, a mais cheinha, certo? Como escaparam desta vez os seus preciosos ossos?

— Ann, para de chorar! — ordena Felicity, enquanto a sacode.

— Estamos completamente presas — soluça. — Vão nos encontrar e morreremos neste lugar horrível.

Os gritos dos Guerreiros Amapola cresceram até se converter em rugidos e grasnidos horrorosos. É uma estranha caça onde os animais são seres humanos encurralados. Esse maldito som gutural arrepiava minha pele.

— Silêncio. Logo encontraremos — digo, liderando a volta para o círculo central, onde cada vez nos encontramos com mais pássaros e o ar fica mais e mais denso.

— Ânimo, só restam dois túneis — grita Azreal.

Como diabos ele sabe? Não estão na sala central conosco. Devem estar em alguma sala secreta nos espiando.

Meu coração segue batendo com força e estou prestes a desmaiar quando Felicity me lembra:

— Gemma, o amuleto!

Boa idéia. Aqui está, brilhando sutilmente debaixo do tecido do meu vestido.

Bom Deus, sim, ele pode nos mostrar a saída. Frenéticos, meus dedos puxam com força o colar onde está o meu amuleto, que ficou enganchado em um encaixe. Com um forte puxão, libero-o da prisão de meu vestido mais faço isso tão energicamente que este voa e desliza pelo chão, aterrissando em algum lugar na escuridão.

— Venham, temos que encontrá-lo. Rápido, ajudem-me a procurá-lo — peço.

A caverna está muito escura e nós nos ajoelhamos e apalpamos como loucas o chão em busca de algo brilhante. O meu coração está a cem por hora; acredito que nunca tinha estado com tanto medo. Venha, venha, encontra-o Gemma. Seja uma boa menina e afaste o medo de sua mente.

Acho que posso ver algo que brilha na escuridão. Algo metálico. Meu amuleto! Corro rastejando até o lugar.

— Encontrei — grito para as meninas.

Minha mão desce para pegar o amuleto brilhante mais ele resiste a subir, está enganchado em algo. Parece uma bota com a ponta de aço? Isso é o que está embaixo de meus dedos. De minha garganta surge um grito. Levanto o olhar e vejo Azreal, que segura uma tocha.

— Não, meu cachorro precioso. Eu encontrei você.

QUARENTA E DOIS

Os enormes pássaros grasnam. Há um enorme agitar de asas quando abandonam o lugar onde estavam pousados. Enquanto descem das alturas transformam seu corpo em homens e se convertem nos Guerreiros Amapola, que nos cercam, interceptando qualquer tentativa de fuga.

Ao ver minha expressão chocada, Azreal explica:

— Sim, foi a Ordem que nos enfeitiçou assim para podermos nos divertir com estes pequenos jogos. Tem sido assim por muito tempo desde que tivemos belezas como vocês para jogar. Tanto tempo desde que fomos capazes de visitar o mundo encantador de vocês e ter umas cachorrinhas tão lindas.

Ele entrelaça meu cabelo em torno de seus dedos como cordões. Sua respiração é quente no meu ouvido quando ele se inclina.

— Muito, muito tempo.

Minha garganta está tão seca que parece que tem lascas dentro, e minhas pernas tremem.

— Não acredito que isto te sirva de muito agora — diz ele, deixando cair um amuleto inerte em minha mão —. Muito bem, com quem jogamos primeiro? — Azreal para na frente de Ann —. Quem iria sentir sua falta, querida? Alguém que suspire por outra donzelinha perdida? Talvez sim, se fosse a melhor. Mas isto não é um conto de fadas. E você não é a melhor. Em absoluto.

Ann está com tanto medo que ela está quase em transe.

— Seria uma bênção para você se nós a escolhêssemos, hummm? Não mais queimando-se por dentro, enquanto os outros têm tudo o que poderiam querer e muito mais. Não mais necessidade de cortar sua própria carne. Não mais ter que manter a boca fechada em torno do grito que explode em seu interior enquanto eles zombam de você.

Ann assente com a cabeça em sinal de concordância. Azreal inclina-se sobre ela.

— Sim, nós podemos dar fim nisso para você.

— Pare! — cospe Felicity.

Azreal se dirige a ela e lhe acaricia o pescoço.

— Ummm, a cachorrinha com caráter... Quanto tempo você duraria esquartejada e sangrando? Uma semana? Duas? — Ela dá um sorriso lento —. Ou... você iria para dentro de algum lugar distante, como fazia cada vez que ele te tocava?

Uma vergonha imensa assola Felicity e por sua bochecha rola uma única lágrima.

Como ele sabe disso?

— Cala a boca! — Ela sussurra, a voz dela trai sua angústia.

— Todas essas noites em seu quarto. Sem nenhum lugar para onde ir. Sem ninguém em quem confiar. Ninguém para te escutar. Onde estava seu caráter, encanto?

— Pare com isso! — suplica Felicity.

Azreal lambe seu pescoço e continua com a tortura.

— Foi sua decisão, e quando mais arrasada estava, você se deu conta de que era muito tarde. E no fundo você mesmo disse, "É minha culpa. Eu causei isto..."

Sinto o medo terrível que Felicity está sofrendo. Todos os presentes podem notar. O que é que Azreal me disse? "Podemos cheirar seu medo. É o que nos deixa entrar". Existe algo no medo que dá poder a sua mágica?

— Fee, pare de escutá-lo — grito.

— Sabe de uma coisa, cachorrinha? Acho que você desfrutou de tudo aquilo. Isto é melhor que ser ignorada, não é? Assim é disso que você realmente tem medo, hmmm? De sua incapacidade de ser amada.

Felicity soluça, incapaz de responder.

— Não pode viver mais com isso, não é querida? A vergonha. O desgosto. A alma suja. Por que não pega a espada e seja corajosa apenas uma vez?

Felicity estende a mão e pega a adaga que ele oferece.

— Não! — grito, mas eu sou contida por um dos guerreiros.

Ele murmura docemente para ela como uma mãe com um bebê.
— Isso é que é. Acaba de uma vez com toda essa dor. Toda a dor. Indo para sempre.
— Não deixe que ele entre em você — digo a Felicity —. Estão usando seu medo contra você. Você tem que ser forte. Seja forte.
Forte, fortaleza... Lembro-me de algo que Nell me disse.
— Felicity! — grito — Nell nos disse que os Guerreiros Amapola nos roubariam a força. Fee, você é sua própria força! Precisamos de você!
De repente, eu me encontro cara a cara com Azreal e seus olhos pintados com kohl insensíveis a vida.
— E sobre o seu medo, encanto? Por onde começamos? Nem sequer consegue ajudar seu próprio pai.
— Não estou te escutando — digo.
Tento me concentrar e ignorar o meu medo, mas é muito difícil.
Azreal continua.
— Com todo esse poder e nem sequer é capaz de fazer a única coisa que realmente importa.
Faz alguns instantes que o amuleto começou a brilhar, indicando-me a saída. O agarro com força em minha mão e dissimuladamente o deixo de frente para os dois túneis pelo que nós passamos. Qual é? Qual é?
Um tapa selvagem na minha bochecha me diz onde estou.
— Você está me escutando querida?
Continua concentrada, Gemma. Eu estou imaginando ou realmente o amuleto está brilhando?
Sim, é uma sensação fraca mais real. O túnel logo atrás de Azreal é o que nos pode tirar daqui.
— De vez em quando, visitamos seu pai — diz ele.
— O quê? — subitamente perco a concentração e o brilho deixa de fazer cócegas em minha mão.
— Quando ele está sob o feitiço das drogas, sua mente está mais receptiva para nós. Tais jogos. Tais jogos. Dissemos a ele sobre você. Sobre sua mãe. Mas ele está enfraquecendo e nós estamos perdendo toda nossa diversão.
— Deixe-o em paz!
— Sim, por agora. Vamos jogar.
— Pare onde você está!
Felicity foi para cima de uma rocha, ela tem o arco recuado, um olho vesgo na flecha que ela visa, em um arco varrendo todo o lugar. Os Guerreiros Amapola grasnam para ela. Sua boca se curva em um sorriso de ódio que imita a forma do arco.
— Baixe isso agora mesmo, querida.
Felicity aponta a flecha lentamente para Azreal.
— Não.
O sorriso deste desaparece.
— Eu vou me encarregar de te comer viva.
— Não acredito em você, sanguinário — diz ela entre lágrimas.
Com um poderoso grasnido, Azreal se lança sobre ela. As flechas de Felicity voam rápidas até perfurarem o pescoço de Azreal, logo acima da proteção de seu chain mail⁴⁰. Este arregala os olhos enquanto se ajoelha de um golpe e cai no chão, morto.
Se produz um momento de silêncio atordoado, seguido por um pandemônio. Os Guerreiros Amapola gritam de ódio e tristeza. Nós não temos tempo a perder.
— Por aqui! — grito enquanto começo a correr pelo túnel que o amuleto me indicou.
Felicity e Ann me seguem de perto e também os guerreiros. Não tivemos chance de pegar nenhuma tocha. O túnel está escuro até o ponto que chocamos umas nas outras. Os ratos nos fazer

⁴⁰ [N/T: É um tipo de armadura constituída por pequenas argolas metálicas unidas em um padrão para formar uma malha. Olha um chain mail aqui: <http://www.raisonsbrassband.com/images/chainmail%20shirt%20for%20ebay.jpg>.]

cosquinhas nos pés e ouvimos nossos ofegos desesperados. Logo atrás de nós vêm os odiosos grasnidos dos cavaleiros mutantes.

— Onde ela está? — Felicity chora. — Onde está a saída?

Tudo é tão escuro que não posso ver minha mão.

— Não sei!

— Gemma! — me avisa Ann.

Nossos perseguidores já estão no túnel. Posso escutar como cortam a distancia muito rápido.

— Continuem se movendo! — grito.

O túnel tem uma curva acentuada. De repente, eu vejo lá na frente, uma abertura, e, além disso, a neblina cinzenta do nevoeiro. Nós damos um inesperado impulso à corrida, e nos precipitamos ao exterior respirando com excitação e alívio. Nós estamos na costa.

— Ali está o barco — grita Felicity —. Justo onde o deixamos.

Ann se ocupa em recolher os remos e Felicity me ajuda a empurrá-lo para longe da costa, para as turvas águas. Nós três subimos com muito esforço dentro do barco.

Então, ouvimos chegar os pássaros, todos reunidos em um grande enxame negro de grasnidos. Ann e eu nos dedicamos a remar contra a corrente enquanto Felicity aponta sua arma para essas temíveis criaturas aladas. Eu fecho os olhos e remo tão forte como posso, estimulada pelo som desses horríveis grasnidos e pelos zumbidos das flechas de Felicity cortando o ar.

De repente, algo sacode o barco.

— O que foi isso? — pergunta Ann.

— Não faço idéia. — Abro os olhos e olho ao redor. Não há nada.

— Continuem remando! — nos ordena Felicity.

Os pássaros caem despencando do céu ao mesmo tempo em que se transformam em homens que submergem dentro da água.

— Eles vão voltar! — grita Felicity. — Eles estão saindo!

Ann e eu também comemoramos, mas então o remo é arrancado da mão de Ann. O barco é golpeado com tanta força que nós balançamos sobre a água.

— O que está acontecendo? — diz Ann aterrorizada.

Com um grande empurrão, o barco vira e somos lançadas para dentro do tenebroso fosso. Saio a superfície, limpando a água dos meus olhos com meus dedos.

— Felicity, Ann! — Eu grito. Não há nenhuma resposta. Eu tento gritar mais alto. — Felicity!

— Aqui! — ela aparece cuspiendo água atrás de mim —. Onde está Ann?

— Ann! — Eu grito o nome dela de novo. — Ann!

Sua fita de cabelo azul flutua sobre as águas, abandonada.

Ann está desaparecida, e tudo que podemos avistar é o brilho oleoso das ninfas da água.

— Ann! — a chamamos até que ficamos roucas.

Felicity mergulha e sai depois de alguns segundos.

— Eles a pegaram.

Molhadas e tremendo, conseguimos chegar à terra seca. À distância, as janelas ocas da catedral parecem piscar para mim. O antigo brilho mágico e ancestral evaporou mostrando seu lado verdadeiro, o de uma grande ruína.

Coloco a cabeça entre os joelhos, tossindo sem parar.

Felicity está chorando.

— Fee — digo colocando uma mão em seu ombro —. Vamos encontrá-la, eu te prometo. Não será como... Não será como Pippa.

— Ele não deveria ter dito aquelas coisas para mim — diz chorando soluçando —. Ele não deveria ter dito.

Levo um instante para perceber que ela está falando de Azreal e o que aconteceu nas catacumbas. Penso nela, de pé, naquela rocha, cravando nosso algoz com uma flecha.

— Você não deve se desculpar pelo que fez.

Ela olha-me diretamente no rosto. Seu soluço se torna em um frio e implacável olhar de fúria. Ela leva a aljava quase vazia no ombro.

— Eu não estou.

O caminho de volta para o jardim é longo e difícil. Logo reconheço a vegetação silvestre da selva e o lugar onde nos encontramos com as garotas do incêndio na fábrica.

— Nós estamos perto. Posso ouvir falar as garotas da fábrica.

— Aonde vamos? — pergunta uma delas.

— Com os amigos de Bessie. Conhecem um lugar onde podemos estar todos juntos outra vez em comunidade.

Eu puxo Felicity para o chão. Estamos agachadas atrás de uma grande samambaia e agora podemos vê-las bem. As três meninas de branco, as de minha visão, estão levando às outras para o interior da selva onde não estivemos ainda. As levaram pelo mau caminho com falsas promessas...

Nell tinha razão. Quem quer que fossem essas garotas antes, agora são espíritos das trevas que jogam no mesmo time que Circe.

— Onde estão indo? — sussurra Felicity.

— As Terras Invernais, eu temo — digo.

— Nós não deveríamos detê-las? — pergunta Felicity.

Nego com a cabeça.

— Temos que deixá-las ir. Nossa prioridade agora é salvar Ann, se é que ainda é possível. Felicity assente. Parece uma péssima escolha, mas já está feita. Assim que as vemos partir, algumas delas de mãos dadas, outras cantando. Felizes em seu caminho para a perdição.

QUARENTA E TRÊS

Quando chegamos nesse jardim que já é tão familiar para nós, o sol já está se pondo, banhado em um intenso tom alaranjado. O penoso passeio deixou empapadas as nossas botas e nós acabamos com bolhas nos calcanhares, de tal forma que eles beliscam ao andarmos, como se mordessem nossos pés. No entanto, não posso pensar nisso agora. Temos que salvar Ann, se é que ela ainda esta viva.

— Deus! O que aconteceu? — É Pippa. Já não tem sangue em seu rosto nem a aparência feroz da última vez, mas sim parece relaxada e bonita.

— Não temos tempo para explicar — digo secamente. — As ninfas de água seqüestraram Ann. Temos que encontrá-la.

— Espero que você não tenha sido capaz de abandonar Ann — murmura Pippa. — Eu disse que vocês não viessem pedir minha ajuda

— Pip! — reclama Felicity. — Juro que se você falhar agora, nunca mais voltarei a te ver enquanto estiver viva.

Pippa se assusta com o repentino ataque de fúria de Felicity.

— Faria isso?

— Sem dúvidas.

— Muito bem — aponta Pippa. — Qual é a sua proposta para atacá-las? Somos somente três.

— Pip tem razão. Precisamos de ajuda — digo a Felicity.

— E a Górgona? — pergunta Pip. — Já nos ajudou uma vez.

— Agora não sabemos se é digna de confiança. Na verdade, não sabemos se neste momento podemos confiar em alguma criatura dos reinos.

— Quem poderia ser, então? — pergunta Pippa.

Respiro fundo e digo:

— Eu deveria voltar para pedir ajuda.

As sobranceiras de Felicity se arqueiam em um gesto de contrariedade.

— Você disse que não deixaríamos Ann presa. Que não seria como na última... como na última vez.

Pippa olha para outro lado.

— Estou pensando na senhorita Moore — confesso.

Pippa olha para mim, incrédula.

— A senhorita Moore? E o que ela pode fazer?

— Bem... eu não sei — digo enquanto esfrego a minha dolorida cabeça. — Não posso pedir ajuda a ninguém de nossas famílias e explicar tudo, me prenderiam pelo resto da vida. É a única pessoa que eu acho que poderia nos escutar.

— De acordo, então — diz Felicity. — Traga-a para cá.

É preciso de muita magia e concentração para fazer aparecer o portal de luz, ainda mais para não ser surpreendida na tentativa no meio das ruas de Londres. Estou assumindo um risco muito alto ao utilizar este poder tão imprevisível, o que acontece é que eu nunca antes tinha ficado tão desesperada. Embora a magia não me proteja da chuva de Londres. Quando chego na rua da senhorita Moore estou encharcada até os ossos. Felizmente, a senhora Porter não está em casa e é minha antiga professora quem me recebe.

— Senho... senhorita, M... Moore — ranjo, congelada até a medula dos ossos.

— Senhorita Doyle! O que aconteceu? Você está encharcada. Pelo amor de Deus, entre rápido!

Leva-me escada acima até os quartos, e me coloca perto do fogo para que me aqueça.

— Sinto muito aparecer assim, mas devo dizer algo. É urgente.

— Sim, claro — dispõe-se a me escutar alertada pelo medo em minha voz.

— Precisamos de sua ajuda. Lembra-se daquelas histórias sobre a Ordem? Não fomos completamente honestas. São reais, histórias de verdade. Os reinos, a Ordem, Pippa, a magia...

Estivemos lá, nós vimos e vivemos cada momento. Agora mesmo as ninfas de água capturaram Ann e temos que recuperá-la. Você deve nos ajudar.

Parece que minhas palavras saíram em uma torrente que acompanha o contínuo repicar da chuva nas janelas da senhorita Moore. Quando acabo vejo que ela está me analisando cuidadosamente.

— Gemma, sou consciente que você passou por muita tensão ultimamente, com a perda de sua mãe e sua amiga — Pousa sua mão sobre o meu joelho.

Não acredita em mim. Tenho uma vontade louca de chorar.

— Não! Não estou contando essas histórias para me divertir. São verdadeiras! — lamento.

Escapam dois espirros. E sinto que meu pescoço está inchando.

— Quero acreditar, mas... — Avança até a lareira. — Você pode provar o que diz?

Assinto, sem dizer nada.

— Muito bem. Se você puder fazer aqui e agora, não terei mais escolha do que acreditar. Caso contrário, levarei você para sua casa e teremos uma conversa com sua avó.

— De acordo, Hester... — digo.

Não posso perder nem um minuto. Então agarro sua mão e uso o pouco poder que me resta para invocar o portal. Quando abro os olhos, ali está, iluminando o rosto assombrado da senhorita Moore, que fecha e abre os olhos com incredulidade, mas o portal não desaparece.

— Me acompanhe — digo.

De mãos dadas passamos para dentro. Tenho que fazer um grande esforço, por que estou cada vez mais fraca. Sinto como o sangue flui por minhas veias tentando chegar com dificuldade ao coração, o mesmo coração que está aceitando que a lógica é também outra ilusão no qual acreditamos.

O jardim parece brilhante no centro. A terra está cheia de flores lilás; há uma árvore retorcida da qual brotam pétalas de rosa, e também ervas daninhas e imensos e estranhos cogumelos venenosos. Por um instante, temo que a senhorita Moore não seja capaz de suportar o choque. Coloca uma mão trêmula na sua boca e com a outra se apóia na árvore, arrancando um punhado de pétalas que deixa cair entre seus dedos enquanto vaga atordoada pelo campo verde-esmeralda. Finalmente senta-se sobre uma rocha.

— Estou sonhando. Isto é uma alucinação. Tem que ser.

— Eu disse — relembro.

— Sim, você disse — diz, enquanto toca uma das flores lilás, que repentinamente se transforma em uma serpente que desliza para cima da árvore até sumir.

— Ah!

Os olhos da senhorita Moore se abrem com surpresa.

— Pippa!

Felicity e ela vêm correndo ao nosso encontro. A senhorita Moore levanta uma mão para tocar o sedoso cabelo de Pippa.

— Você é real?

— Sim, senhorita Moore, sou eu — responde.

A senhorita Moore coloca uma mão em seu estômago numa tentativa de se acalmar.

— Eu realmente estou aqui, não é? Isso não é um sonho.

— Não, você não está sonhando — acalmo-a.

A senhorita Moore descobre as maravilhas do jardim, observando tudo pela primeira vez. Lembro-me do quão fascinada eu estava na primeira ocasião em que pisei meus pés nestas terras mágicas. Seguimos ela através do escuro arco de prata que conduz até onde as ruínas existiram uma vez. Não para de olhar para a terra queimada.

— Aqui é onde Gemma destruiu as runas do Oráculo, o que prendia a magia — informa Pippa.

— Oh! — diz a senhorita Moore, como se tivesse vindo de milhões de quilômetros daqui. — Por isso vocês estão procurando o seu famoso Templo, não é?

— Sim — digo. — Ainda estamos procurando.

— E vocês não sabem onde procurar?

— Não. Tentamos encontrar mais os espíritos escuros nos impediram até agora. E depois, as ninfas de água levaram Ann.

— Temos que salvá-la, senhorita Moore — implora Felicity.

A senhorita Moore parece decidida.

— Claro que salvaremos. Onde podemos encontrar essas criaturas?

— Estão no rio — indico.

— É ali onde elas vivem? — pergunta ela.

— Não sei, na verdade.

Pippa interrompe.

— A Górgona sabe onde esses seres vivem.

O rosto da senhorita Moore empalidece de novo.

— Há uma Górgona?

— Sim — respondo —, mas não sei se podemos confiar nela agora. Está obrigada pela magia da Ordem a sempre dizer a verdade e a não causar nenhum dano, mas a magia já não é o que era. Perdeu sua essência.

— Entendo — diz a senhorita Moore. — Existe outra forma de fazer isso.

— Nenhuma que seja mais rápida — argumenta Felicity. — Não temos nem tempo nem outra alternativa que confiar na Górgona.

Não me entusiasma depositar minha confiança em uma criatura dos reinos, mas Felicity tem razão. Temos que encontrar Ann o mais rápido possível.

Encontramos a Górgona sentada tranquilamente perto do rio. Quando nos aproximamos, vira sua deformada cabeça para nós. A senhorita Moore não consegue acreditar.

Os insuportáveis olhos amarelos da Górgona piscam.

— Vejo que trouxeram uma amiga nova.

— É uma velha amiga — diz Felicity. — Górgona, te apresento a senhorita Hester Moore.

— Senhorita Moore... — assobia as palavras da cabeça verde e escorregadia.

— Sim, Hester Moore — responde. — Como você está?

— Nem melhor nem pior do que nunca.

A passarela do barco baixa e a senhorita Moore caminha por ela até entrar na embarcação, olhando ao seu redor como se esperasse que tudo desaparecesse a qualquer momento.

— Górgona — digo. —, no dia em que visitamos a Floresta de Luz, as ninfas de água nadaram em nossa direção. — Aponto para o rio abaixo. — Você sabe exatamente onde elas vivem?

— Siiim — diz, enquanto seus olhos de serpente se abrem e fecham lentamente. — O lago é o seu lar, mas está rodeado por uma grande rocha negra. Só que eu só posso levá-las até a rocha. Depois, terão que continuar a pé.

— Isso será suficiente — diz Pippa.

— Elas têm uma canção belíssima — adverte-nos a Górgona. — Vocês acham que podem resistir ao seu feitiço?

— Temos que tentar — respondo.

Enquanto seguro o amuleto entre as minhas mãos, nós subimos no grande barco e viramos lentamente rio abaixo.

— O olho da lua crescente... — responde a senhorita Moore. — Posso?

Entrego para ela.

— É uma bússola. Você tem que segurar assim.

Coloco-o corretamente em suas mãos, mas o amuleto não mostra nenhum sinal que nos guie. Parece claro que estamos fora do caminho certo e completamente a nossa sorte. A embarcação passa do anoitecer do jardim até uma névoa verde que não nos deixa ver a paisagem.

— Como você descobriu esse lugar? — A senhorita Moore pergunta completamente maravilhada.

— Minha mãe — confesso. — Ela era um membro da Ordem. Chamava-se Mary Dowd.

— A mulher do diário? — pergunta-me.

Assinto.

- E você acha que a senhorita McCleethy a matou?
- Sim, e está indo de escola em escola à minha procura.
- O que você vai fazer quando ela te encontrar?

Olho fixamente como a névoa redemoinha formando pequenos funis.

- Me assegurarei que não machuque ninguém mais.

A senhorita Moore pega minha mão e diz:

- Tenho medo por você, Gemina.

Eu também.

Está começando a fazer calor. As gotas de suor fazem com que mechas do meu cabelo preguem na minha testa.

- Que vergonha! – queixa-se Felicity, enxugando a testa com a mão.
- É horrível – Pippa levanta seu cabelo deixando a nuca descoberta, mas não sopra nenhuma brisa de ar que posso aliviar o calor.

A senhorita Moore está totalmente concentrada no rio, percebendo cada sinal, cada ruído. Eu olho como a água flui e desaparece no longínquo rio abaixo, e me pergunto o que terá acontecido com Mae, Bessie Timmons e o resto das garotas da fábrica. Terão sido engolidas ou escravizadas pelos escuros espíritos das Terras Invernais? Foi rápido ou tiveram tempo para perceber o horror daquilo? Fecho os olhos para afastar tais pensamentos e me deixo embalar pelo balanço do barco.

- Estamos nos aproximando da planície – diz a Górgona.

A cor do rio começa a mudar. É fácil distinguir o fundo cheio de pedras fosforescentes, e os bancos de areia tingem nossas mãos da cor verde e azul. O barco procura um canto seguro.

- Não posso ir mais longe – diz a Górgona.
- Seguimos de pé daqui – digo. – Górgona, podemos levar as redes?

Assente com a enorme cabeça e minhas amigas se esforçam em desenredá-las. A Górgona pede que eu me aproxime.

- Escolhida, tenha muito cuidado para não cair em uma rede.
- Me cuidarei – digo, sentindo-me insegura.

A Górgona sacode sua cabeça com um chiado constante.

- Algumas redes são difíceis de ver até que esteja, inevitavelmente, presa nelas.
- Gemma! – chama-me Felicity em voz baixa.

Corro para me unir a elas. Felicity está com suas flechas, e Pip e a senhorita Moore seguram as redes e a corda. Saímos do barco e a água cobre apenas nossos tornozelos. Sobre nós o céu está ficando cheio de nuvens. Debaixo de nossos pés a terra parece dura e implacável. Devemos segurar as nossas mãos para nos ajudar a avançar. A neblina desaparece ligeiramente e posso distinguir uma desolada paisagem de rochas e colinas negras. Um lagoas pequenas aparecem em todo o terreno, e o vapor surge de umas colunas sulfurosas de cor verde.

Nós continuamos com as mãos e os joelhos, e subimos até em cima na superfície irregular da rocha. Por debaixo de nossos olhos estende-se um longo e profundo lago. As pedras fosforescentes do fundo conferem um brilho azul esverdeado que se filtra através da névoa que sobe a superfície.

- Eu estou vendo ela! – grita Felicity.
- Onde? – pergunta a senhorita Moore, espreitando à distância.

Felicity aponta para uma grande rocha no extremo mais afastado do lago. Ann está amarrada nas pedras sem sua blusa, como se fosse a proa de um barco. Está com o olhar perdido no horizonte como se estivesse em transe.

Elas ficarão com a canção cravada na rocha e não deixarão que a canção morra.

- Não deixe que a canção morra – exclamo. – Ann é a canção. Isso é o que Nell tentava dizer.
- Andem – Felicity começa a descida.
- Espera – digo, agarrando-a pelas costas.

As ninfas de água acabaram de emergir das profundezas, suas cabeças são como pedras brilhantes polidas pela água. Entoam uma doce canção para Ann e a sedução de suas vozes começa a fazer efeito em mim.

— São como as sereias de antigamente. Não as escutem, tapem os ouvidos — diz a senhorita Moore.

Pippa é a única exceção a essa ordem, pois ela é imune aos seus encantos. Isso me lembra que ela já não é a Pippa que conhecíamos, apesar de que nós gostaríamos que fosse de outra forma.

Abaixo vemos como as ninfas passam uma esponja do mar no embaraçado cabelo de Ann, tingindo seus cabelos com mechas de um bonito verde-dourado. Acariciam também seus braços e pernas com seus belos dedos, e a cobrem com uma luz brilhante como as escadas pelas quais as ninfas subiram. No final daquela massagem mágica a pele de Ann fica tingida da mesma cor verde de seu cabelo.

As ninfas param de cantar.

— O que vai acontecer agora? — pergunto.

Uma expressão triste aparece no rosto da senhorita Moore.

— Se as lendas estiverem certas, estão preparando a senhorita Bradshaw.

— Preparando-a para o quê? — pergunta Felicity.

A senhorita faz uma pausa intrigante.

— Pretendem tirar a sua pele.

Um arrepio de horror percorre nós quatro.

— Por isso a água deste lugar é tão bonita e delicada — explica a senhorita Moore. — É pele humana.

Por todo o lago a névoa fica mais densa e começa a brilhar mais e mais. Uma jovem emerge da água e depois mais duas, até que as três formas fantasmagóricas ficam corpóreas: são as três garotas de branco. Durante um segundo olham em nossa direção e sorriem de uma forma estranha. Parecem nos alertar, que ainda não é a nossa vez.

— Abaixo, abaixe — digo, enquanto puxo a saia da senhorita Moore até que ela caia na mesma rocha. — São espíritos muito malignos. É melhor que não a vejam mais do que o necessário.

As garotas de branco falam com as ninfas em uma língua que não conheço. Quando me levanto e olho do topo da rocha, vejo-as levando as ninfas para uma embarcação.

— Agora! — sussurro.

Tão rápido como podemos, descemos por um barranco rochoso até a margem do lago.

— Quem de nós vai até lá? — pergunta Pippa ansiosamente.

— Eu vou — propõe a senhorita Moore.

— Não — corrijo-a. — Serei eu. É minha responsabilidade.

A senhorita Moore assente.

— Como quiser, Gemma.

Amarra a corda na cintura.

— Se as coisas ficarem feias, puxa a corda forte e te colocaremos a salvo o mais rápido que pudermos.

Pego a outra ponta da corda e nado em direção da rocha onde está Ann. A água está surpreendentemente quente e me dá calafrios pensar no motivo de sua temperatura e aspecto. Enquanto me afasto, decido fechar os olhos para continuar nadando. Finalmente alcanço Ann.

— Ann? — Ela não me ouve. — Ann! — sussurro mais alto.

— Gemma? — diz, acordando de seu sonho drogado. — É você?

— Sim — sussurro. —, viemos te resgatar. Segure-se firme.

Envolvo a corda ao redor da cintura de Ann e a amarro com força. Estou com os dedos escorregadios por causa da água do lago, mas consigo soltar os nós que a amarram pelos pés e mãos. Ann se mete na água com um pequeno mergulho.

— Gemma! — chama-me Felicity, sussurrando da margem. — Não deixe que ela se afogue.

Estico a corda e Ann sobe na superfície tossindo fortemente e acordando.

— Ann! Sssh... Você vai atraí-las para cá.

Já é tarde demais. Do outro lado do lago, as ninfas terminaram sua reunião com as repugnantes garotas de branco e percebem as minhas intenções. Muito irritadas, desabafam com um grito que se crava no meu coração. Não parecem gostar do que eu fiz com o seu troféu. Submergem-se uma a uma deixando sobre a água um rastro prateado. Pretendem aumentar sua coleção de peles humanas.

Pulo da rocha arrastando Ann comigo. Sinto como a senhorita Moore puxa a corda forte. Nossa máxima preocupação agora é lutar contra o peso morto de Ann.

— Vamos Ann, tem que nadar para poder se salvar — rogo.

Ela movimenta seu braço torpemente sobre a água, chapinhando, mas dessa forma não levaremos vantagens das ninfas que se dirigem até nós furiosas.

Sem tentar falar em voz baixa, grito:

— Puxem a corda, puxem mais forte!

Felicity e Pippa vão tentar ajudar a senhorita Moore. Arfando pelo esforço puxa tão forte quanto podem, mas não avançamos muito. Sua força não é o suficiente.

— Utilizem as redes! — exclamo antes que um gole de água me faça tossir convulsivamente.

Pippa corre para recolher as redes. Lança uma delas com força, fazendo-a voar por cima de nossas cabeças até cair dentro da água. As ninfas ficam com raiva: algumas ficam assustadas; mas só param temporariamente e continuam com renovados esforços. Na segunda tentativa de Pippa a rede cai sobre quatro ninfas. Ao contato, a rede queima a pele delas e ouve-se um grito horrível. Depois se retorcem e explodem até que ficam reduzidas a espuma de mar.

As outras ficam para trás, retidas pelo medo. Felicity e Pippa nos arrastam da água até os bancos de areia onde elas estão.

A senhorita Moore me ajuda.

— Você está bem?

Ann corre e vomita sobre a areia. Está fraca, mas viva.

Sim, nós conseguimos enganá-las e ficamos com seu grande troféu. Não posso evitar zombar, cheia de satisfação.

— Levarão também a nossa pele? Há, há, há. Tomem isso!

— Gemma! — aconselha-me a senhorita Moore quando sai da água. — Não zombe delas.

Certo. As ninfas não aceitam muito bem a minha celebração. Abrem a boca e começam a cantar um salmo que mais parece uma rede que me prende e me joga no lago novamente. É... é... é um som que parece me prometer que não terei necessidade de me preocupar ou de querer algo novamente. Poderia me afogar sem problemas com essa melodia.

A senhorita põe as mãos nas orelhas.

— Não escutem.

Seduzida pelo feitiço na canção das ninfas, Felicity vai para a água até que está cobre o seu tornozelo. Quando a água chega em seus joelhos, Pippa se aproxima da margem:

— Fee, Fee!

De repente, Ann se une ao coro das ninfas. Me distraio um momento e me meto inconscientemente na água. As criaturas do lago me inundam outra vez os sentidos com suas doces promessas musicais.

Apenas sou consciente de que a senhorita Moore está ordenando a Ann com todas as suas forças que ela volte a cantar.

Ann começa de novo sua canção e com sua entonação consegue me tirar da água. As ninfas percebem o que está acontecendo e Felicity, no entanto, nada cada vez mais rápido para elas.

— Canta, Ann! — grito. Minhas mãos apenas distinguem o pulso de seu pescoço. — Canta como se sua vida dependesse disso!

Ainda fraca, o canto de Ann não chega aos ouvidos de Felicity, mas pouco a pouco sua voz vai ganhando força e começa a cantar mais forte. Não lembro alguma vez tê-la ouvido cantar com tanta energia. Parece que ela tinha se tornado a mesma canção enquanto olha fixamente essas

criaturas como um guerreiro que se prepara para a batalha. Felicity para dentro da água e Pippa corre em seu resgate.

— Fee, volta para a gente.

Ela estende a mão e Felicity agarra.

— Venha, vamos. — diz Pippa docemente, tirando-a da água.

Felicity segue a voz de Ann e a mão de Pippa até que pisa em terra firme.

— Pippa? — diz Felicity enquanto as duas se abraçam tão forte que tenho medo que rompam os ossos uma da outra.

Conscientes de sua derrota, as ninfas começam a gritar com uma verdadeira raiva.

— Melhor não esperarmos por aqui, certo? — diz a senhorita Moore enquanto coloca a corda em seu ombro.

Estou tão agradecida que estou prestes a soltar as lágrimas.

— Obrigada, Hester — digo.

— Sou eu quem deve te agradecer, Gemma.

— Por que? — pergunto.

Infelizmente ela não tem tempo de responder já que as garotas de branco voltaram. E não estão sozinhas. Trazem consigo a temível criatura que eu vi antes em uma visão, aquela que nos seguiu nas Cavernas dos Suspiros: um rastreador. Emerge da escuridão que tem atrás dela e seu tamanho é tão grande que temos que olhar para cima para captar a totalidade de seu imenso corpo. As garotas de branco se penduram nele como as crianças fazem com a saia da mãe.

— Finalmente... — diz aquela coisa.

Corram. Vão embora. Não posso me mover pelo medo. Tanto medo. As asas abertas revelam os horríveis rostos que tem dentro do monstro. Ódio. Terror.

A senhorita Moore me empurra do caminho com uma voz firme.

— Corram!

Nós deslizamos rocha abaixo como se fosse um tobogã. Chegamos rápido no final, mas ao descer cortei um pouco a mão.

— Vamos até a Górgona! — grita Felicity que corre na frente de todas nós.

Pippa está justamente atrás dela e eu empurro Ann, que mal consegue correr sem cair. Mas, onde está a senhorita Moore? Aí está! Pouco se distingue entre a névoa verde pelo enxofre. A besta e as garotas estão em nossos calcanhares. Acenam.

— Rápido, rápido. Vamos embora.

Com Ann a reboque, corro o mais rápido que posso até que vemos a Górgona ancorada em águas rasas. Nós quatro subimos rapidamente no barco. Vemos como a senhorita Moore se aproxima, mas o monstro é mais rápido do que ela e consegue obstruir o seu caminho.

— Senhorita Moore! — grito.

— Não, Gemma, não! — ordena. — Não me espere!

Com um enorme rangido, a Górgona coloca o barco em direção do jardim. Me inclino sobre a borda com mais de meio corpo para fora mais Felicity e Pippa me seguram. Luto contra elas totalmente fora de mim.

— Górgona, pare isto agora mesmo! Ordeno que pare!

Mas não para, e nos afastamos da margem enquanto a terrível criatura enfrenta a minha amiga.

— Senhorita Moore, senhorita Moore! — grito com o fio de voz que me resta. — Senhorita Moore! Estou com a voz rouca de tanto gritar e deslizo até o chão da cobertura.

De volta ao jardim, me sinto exausta, cansada e com os olhos secos de tanto chorar. Viro para a Górgona.

— Por que você não parou quando eu ordenei?

Sua grossa e escamosa cabeça se vira para mim.

— Minha primeira tarefa, Escolhida, é protegê-la do mal.

— Mas poderíamos ter salvado ela — grito.

Sua cabeça olha agora para frente.

— Acho que não.

— Gemma — Ann diz, educadamente. — Você tem que invocar o portal.

Felicity e Pippa sentam juntas com os braços entrelaçados. Odeio ter que separá-las. Fecho os olhos.

— Gemma... — diz Ann.

— Essa maldita criatura começou a caçar e eu não a evitei. — Ninguém pode dizer algo que me reconforte nesse momento. — Vou matá-la. — Minhas palavras saem frias como o aço. — Vou enfrentar Circe e a matarei com minhas próprias mãos.

Minhas companheiras tentam acalmar a minha ira, mas me custa um tremendo esforço fazer com que o portal apareça. No entanto, finalmente ele se materializa fraco. Pippa nos dá adeus com a mão e nos lança beijos do outro lado. Como sou a última em entrar no portal, jogo um último olhar ao mundo arcano que deixamos para trás.

De repente, Pippa tira algo de detrás de uma árvore. É o cadáver de um animal ao qual ela olha durante um momento antes de se ajoelhar e lançar-se sobre ele como uma besta faminta.

Leva a carne crua à boca e devora com desejo até que seus olhos ficam brancos de pura ansiedade.

QUARENTA E QUATRO

A senhorita Moore se foi. Se foi e eu não consegui encontrar o Templo. Os Rakshana erraram ao encarregar isso a mim. Não sou a Dama da Esperança de Nell Hawkins. Não sou a Escolhida, que vai recuperar a glória da Ordem e a magia. Sou Gemma Doyle e fracassei.

Estou cansada. O meu corpo doi e é como se eu tivesse a cabeça cheia de algodão. Eu gostaria de me esticar e poder dormir por dias. Estou muito cansada inclusive para me despir. Deito na cama. Por um momento o cômodo gira, mas logo em seguida eu adormeço e começo a sonhar.

Estou voando por ruas escuras e úmidas, por becos com garotos sujos que comem pão duro rodeado por insetos. Continuo voando até chegar às portas do hospital Bedlam e subo até o quarto de Nell Hawkins.

— Dama da Esperança — sussurra. — O que você fez?

Não a entendo e, portanto, não posso responder. Ouço passos no corredor.

— O que você fez? O que você fez? — grita. — Jack e Jill foram para a montanha; Jack e Jill foram para a montanha; Jack e Jill foram para a montanha...

Vou até o corredor flutuando, confusa, e chego até onde está a senhora com o manto verde, que foge sem deixar rastros. Saio voando para a escuridão da noite até St. George, quando de repente ouço o pranto silencioso de Nell Hawkins.

— Senhorita, senhorita! Deve se vestir rápido. Lady Denby chegou para buscar o senhor Simon, e sua avó me mandou que a levasse rápido para baixo.

— Não me sinto nada bem — digo, deixando-me cair na cama.

A senhorita Jones me estica para que eu me sente.

— Quando eles tiverem ido poderá descansar tudo o que quiser, senhorita. Mas agora, tenho que vesti-la e levá-la.

Quando desço, estão todos conversando na sala com as taças nas mãos. Se isto é uma reunião social, algo não está bem. Inclusive Simon está sério.

— Gemma — diz vovó. — Sente-se, querida.

— Temo que eu tenha más notícias sobre a procura da senhorita Bradshaw — diz lady Denby.

Meu coração para.

— É? — digo em um sussurro.

— Sim, pensei que era estranho que não conhecesse sua família, então eu tenho feito averiguações. Não existe nenhum duque de Chesterfiel em Kent. Na verdade, eu não sei nada sobre a garota que pertence a nobreza russa.

Vovó balança a cabeça.

— Nossa, é surpreendente.

— O que descobri é que ela tem uma prima muito normal, a esposa de um comerciante que vive em Croydon. Temo que a sua senhorita Bradshaw seja um pouco mais do que uma caçadora de fortunas — diz a senhorita Denby.

— Nunca percebi — diz vovó.

— Tem que haver algum erro — digo, fracamente.

— São informações verdadeiras, querida — diz a senhorita Denby, pegando a minha mão.

— Lembre que você também está imersa nesse escândalo. E a senhorita Worthington, é claro. E pensar que abriram as portas de sua casa. Claro que a senhorita Worthington não é conhecida por seu sábio juízo, se me permite dizer.

Vovó sentencia.

— Você não deve mais ter contato com essa garota.

Tom entra no salão com uma cara péssima.

— Tom? O que aconteceu? — pergunta vovó.

— É a senhorita Hawkins. Ficou doente durante a noite, com febre. Não acredito que acorde.

Fez um movimento com a cabeça, incapaz de continuar.

— Eu sonhei com ela esta noite — digo.

— Sim? E o que sonhou? — pergunta Simon.

Sonhei com Circe e com as lágrimas de Nell. E se não era um sonho?

— Não me lembro — minto.

— Pobrezinha, está pálida — diz lady Denby. — É duro saber que uma amiga te enganou. E, além disso, a senhorita Hawkins está doente. Deve ser um impacto terrível.

— Sim, obrigada — respondo. — Não estou nada bem.

— Pobrezinha — diz lady Denby, novamente. — Simon, seja um cavalheiro e ajude a senhorita Doyle.

Simon pega meu braço e me tira do cômodo.

— Nem me atrevo a pensar em como Ann deve estar se sentindo com todos estes problemas — digo.

— Se tiver nos enganado, ela merece tudo o que virá — diz Simon. — Ninguém gosta de ser enganado.

Eu também minto para Simon ao deixá-lo se iludir com esta aluna inglesa? Iria embora se soubesse a verdade? Sentiria que eu falhei com ele? Guardar segredos é tão complicado como organizar um carnaval.

— Sei que é um pedido terrível, senhor Middleton — digo. — Mas, poderia atrasar a visita de sua mãe a senhora Worthington até que eu possa falar com a senhorita Bradshaw?

— Farei o que eu possa. Mas você deve saber que quando mamãe se empenha em algo, pouco se pode fazer. Acho que ela se fixou em você.

Deveria me sentir lisonjeada. E estou, mas não muito, por que não posso deixar de pensar que para ser querida por Simon e sua família, eu deveria ser um tipo de garota diferente. Se me conhecessem realmente, não me dariam uma recepção tão calorosa.

— E o que você faria se eu o decepcionasse?

— Nunca me decepcionaria, querida.

— Mas e se descobrisse... algo surpreendente de mim...

Simon assente.

— Já sei o que é, senhorita Doyle.

— Ah, sim? — sussurro.

— Sim — diz, muito sério. — Vira uma corcunda à meia-noite, mas não se preocupe. Vou levar seu segredo para o túmulo.

— Sim. É isso — respondo, sorrindo e tentando segurar as lágrimas.

— Está vendo? Eu sei tudo sobre você — diz Simon. — Agora vá descansar. Vejo você amanhã.

Ouçó-os falar no salão. Posso ouvi-los por que estou na escada, macia e leve como a luz das estrelas. Depois saio em silêncio e me dirijo para a casa dos Worthington para avisar a Felicity e a Ann. Depois procurarei a senhorita McCleethy e ela responderá pela minha mãe, a senhorita Moore, Nell Hawkins e todos os outros. Para poder fazer isso, coloco nas botas o pequeno canivete que Kartik me deu de presente.

O mordomo de Felicity abre a porta e entro para o interior, enquanto ele protesta.

— Felicity! — grito sem me preocupar com os modos ou o protocolo. — Ann!

— Aqui! — responde Felicity da biblioteca.

Avanço com o mordomo pisando nos meus calcanhares.

— A senhorita Doyle quer vê-la, senhorita — diz, tentando dar algum decoro a situação.

— Obrigada, Shames. Isso é tudo — diz Felicity. — O que ocorreu? — pergunta, quando ficamos a sós. — Ocorreu algo com a senhorita Moore? Você encontrou a maneira de fazer com que ela volte?

Balanço a cabeça.

— Nos descobriram. Lady Denby fez algumas averiguações e encontrou a sua prima, Ann. Sabe que tivemos os enganado todo esse tempo.

Sento numa cadeira totalmente exausta.

— Então todo mundo saberá, pode estar certa — diz Felicity, presa ao pânico.

Ann empalidece.

— Pensei que você tinha dito que ninguém seria tão esperto.

— Não tinha levado em conta lady Denby e seu ódio pela minha mãe.

Ann se senta, tremendo.

— Estou acabada. E o pior é que não permitiram nos ver nunca mais.

Felicity está com um nó no estômago.

— Papai, cortará a minha cabeça.

— Foi idéia sua — diz Ann apontando para Felicity.

— Te iludi muito para que você me seguisse no jogo.

— Não continuem — interrompo. — Temos que evitar que lady Denby conte o que sabe.

— Ninguém poderá impedi-la — diz Felicity. — É muito teimosa e esse é o tipo de fofoca pelo qual ela vive.

— Nós poderíamos inventar outra história — diz Ann.

— E quanto demorará a investigar tudo de novo? — aponto.

Ann se senta no sofá, apóia a cabeça no braço e começa a chorar.

— Poderíamos usar a magia — diz Felicity.

— Não — respondo.

Os olhos de Felicity piscam de espanto.

— Por que não?

— Por acaso você já se esqueceu do que aconteceu na noite passada? Necessitaremos toda a magia possível para encontrar o Templo e para enfrentarmos Circe.

— Circe! — diz Felicity. — Pippa tem razão, você só se preocupa com você mesma.

— Não é verdade.

— Ah, não?

— Por favor, Gemma. — balbucia Ann.

— Vocês viram como a magia me afeta — respondo. — Hoje não sou eu. E Nell Hawkins caiu em um transe. Na noite passada sonhei que Circe tinha encontrado ela.

O mordomo nos interrompe.

— Está tudo bem, senhorita Worthington?

— Sim, Shames. Obrigada.

Vai embora, mas não leva nossa irritação com ele. A irritação que há entre nós permanece no cômodo de uma maneira dolorosa e se acentua devido ao nosso silêncio hostil. Doi a minha cabeça.

— Acredita que é verdade? Acredita que Circe possuiu Nell Hawkins? — pergunta Ann, enquanto choraminga.

— Sim — respondo. — Por isso, é necessário que voltemos para os reinos esta noite. Uma vez que tenhamos encontrado o Templo e tivermos conseguido a magia, poderá usá-la para fazê-la acreditar que você é a Rainha Victoria se quiser. Mas primeiro temos que encontrar o Templo. E a Circe.

Felicity suspira ruidosamente.

— Obrigada, Gemma. Posso fazer mamãe ficar ocupada esta manhã, longe de lady Denby. Ann, você está prestes a ficar doente.

— Eu?

— Ninguém se atreve a falar mal de uma inválida — explica. — Agora, desmaie.

— Mas, e se notam que eu estou fingindo?

— Ann, não é tão difícil fingir. As mulheres sempre fazem isso. Você só tem que cair no chão, fechar os olhos e ficar quieta.

— Sim — assente Ann. — Caio aqui mesmo ou sobre o sofá?

— Juro que não importa. Só desmaie!

Ann assente. Com a elegância de uma estrela nata, põe os olhos em branco e se deixa cair no chão dramaticamente, como um suflê que vem abaixo. É a tontura melhor fingida que eu já vi na minha vida. É uma pena que só tenhamos presenciado nós duas.

— Esta noite — diz Felicity, segurando minhas mãos.

— Esta noite — repito.

Passamos pela porta do salão tão rápido como podemos.

— Shames! Shames! — grita Felicity.

O alto e frio Shames aparece.

— Sim, senhorita?

— Shames, a senhorita Bradshaw desmaiou. Temo que ela tenha ficado doente. Devemos chamar mamãe.

Inclusive o calmo Shames não pode evitar ficar um pouco nervoso.

— Sim, senhorita, agora mesmo.

Enquanto a casa está em pleno andamento com a notícia — todo mundo gosta de um potencial desastre que rompa a aborrecida rotina —, aproveito para ir embora. Devo admitir que estava ficando louca ao ensaiar o que eu diria a vovó sobre esta visita: “...e então a encantadora e educada senhorita Bradshaw ficou tão afetada por estas falsas acusações que se sentiu mal e desmaiou”.

Sim, seria um grande momento, se eu não estivesse tão cansada.

Londres está anoitecendo e cai um pouco de neve. É uma tarde triste; deveria estar contente por ir para casa e me sentar junto ao fogo. Mas me pergunto o que terá acontecido com a senhorita Moore e se há algo que eu possa fazer para salva-la desse terrível destino. Penso se alguma vez voltarei a ver Kartik ou se o absorveram as sombras dos Rakshana.

Jackson está me esperando do lado de fora. Isso só pode significar que me descobriram e que chegaram há uma conclusão lógica. Agora tenho tantos problemas como Ann e Felicity. Tenho quase certeza que Tom deve estar sentado dentro da carruagem.

— Boa tarde, senhorita. Sua avó está muito preocupada com você — diz Jackson abrindo a porta da carruagem para que eu entre, ao mesmo tempo em que me dá a mão para me ajudar a subir.

— Obrigada, Jack.

Estou congelando. Tom e Vovó não me esperam. Dentro da carruagem está a senhorita McCleethy. Se uniu aos Rakshana através de Fowlson.

— Entre, por favor, senhorita — diz Jackson, empurrando-me pelas costas.

Estou prestes a gritar mais ele me aperta forte com a mão, para que eu não o faça.

— Sei onde vive sua família. Pense em seu pobre pai, tão doente e vulnerável.

— Jackson — diz a senhorita McCleethy. — É suficiente.

Jackson me deixa de má vontade. Fecha a porta atrás de mim e sobe na parte da frente. As luzes de Mayfair vão desaparecendo a medida que os cavalos conduzem a carruagem até Bond Street.

— Para onde estão me levando? — digo.

— Para um lugar onde possamos conversar — diz a senhorita McCleethy. — Você é uma garota muito escorregadia, senhorita Doyle.

— O que você fez com Nell Hawkins? — pergunto.

— Agora mesmo a senhorita Hawkins é o último de seus problemas. Melhor falarmos do Templo.

Fowlson molha um pano com o líquido de uma pequena garrafa.

— O que está fazendo? — pergunto, aterrorizada.

— Não podemos permitir que você conheça nosso esconderijo — diz Fowlson ao mesmo tempo em que se lança sobre mim.

Resisto, movendo minha cabeça para a esquerda e para a direita para evitá-lo, mas ele é muito forte. A cor branca do pano é a única coisa que posso ver a medida que me tapa a boca e o nariz. O sufocante cheiro de éter me invade e caio sem oferecer resistência. A última coisa que vejo antes de sucumbir a escuridão é a senhorita McCleethy pondo um caramelo na boca, indiferente ao que ocorre ao seu redor.

Desperto lentamente. Primeiro, sinto um gosto repugnante na boca, como algo sulfuroso que se prega na minha língua e me dá vontade de vomitar. Logo, a minha visão nubla e tenho que levantar o braço para defender meus olhos de uma luz oscilante. Estou em um quarto escuro e há velas acesas. Não tem ninguém mais? Não posso ver ninguém, mas é como se tivesse mais pessoas. Ouço suspiros que vêm de cima.

Dois homens com máscara entram no quarto levando alguém com uma venda nos olhos. Retiram-se. É Kartik! Os homens vão embora e nós ficamos sozinhos.

— Gemma — diz.

— Kartik. — Tenho a garganta seca e apenas sai a minha voz. — O que você está fazendo aqui? Também te pegaram?

— Você está bem? Toma um pouco de água, anda.

Provo um pequeno gole.

— Sinto muito pelo que disse naquele dia. Não queria te machucar — desculpo-me.

Balança a cabeça.

— Está esquecido. Está certa que você está bem?

— Você deve me ajudar. Fowlson e a senhorita McCleethy me seqüestraram e me trouxeram para cá. Se ela conta com sua lealdade, não podemos confiar nos Rakshana.

— Silêncio, Gemma. Ninguém me trouxe aqui contra a minha vontade. A senhorita McCleethy é membro da Ordem. Está trabalhando com os Rakshana para encontrar o Templo e restaurar por completo o poder da Ordem; ela só quer te ajudar.

Baixo minha voz para quase um sussurro.

— Kartik, você sabe que a senhorita McCleethy é Circe?

— Fowlson disse que isso não é verdade.

— E como ele sabe? E como você sabe se ele também não é um corrupto? Como você sabe se ele é uma pessoa de confiança?

— A senhorita McCleethy não é quem você pensa que ela é. Seu nome real é Sahirah Foster. Ela esteve perseguindo Circe também. Tomou o nome McCleethy como sobrenome, por que queria chamar a atenção da verdadeira Circe, e esse era o nome que ela tinha enquanto estava em Santa Victoria.

— E você acredita nessa história? — não posso evitar zombar dele.

— Fowlson acredita.

— Estou certa de que Nell Hawkins poderia te dar uma visão diferente dessa história — suplico.

— Como é que você não vê? Ela é Circe. Ela assassinou essas garotas, Kartik. Ela assassinou minha mãe e teu irmão, e não deixarei que ela faça o mesmo comigo.

— Gemma, você está errada.

Circe o encantou e já não posso confiar nele.

A senhorita McCleethy entra no quarto. Sua capa verde se arrasta no chão.

— Isto já durou muito, senhorita Doyle. Nos levará aos reinos e te ajudarei a encontrar o Templo.

Então, nós prenderemos a magia e restauraremos a Ordem.

Uma voz se eleva por cima de minha cabeça.

— Teremos acesso aos reinos e finalmente a magia estará garantida para os Rakshana.

A luz do candelabro só pode distinguir um rosto mascarado.

— Sim, é claro — assente a senhorita McCleethy.

— Sei tudo sobre você — digo. — Escrevi para Santa Victoria. Sei o que fez com Nell Hawkins e as outras antes dela.

— Você não sabe de nada, senhorita Doyle. Só acha que sabe e aí é onde está o problema.

— Sei que a senhorita Nightwing é sua irmã — digo triunfante.

A senhorita McCleethy parece surpresa.

— Lilian é uma amiga, eu não tenho nenhuma irmã.

— Mente — acuso.

A voz que sai de cima diz:

- Já é o suficiente. Acabou o tempo.
- Não os levarei para os reinos — grito a todos.

Fowlson me agarra pelo braço.

- Já me fartei de seus jogos, senhorita Doyle. Já nos fez perder bastante tempo.
- Não podem me obrigar a fazer isso — desafio.
- Ah, não? — intervêm a senhorita McCleethy. — Senhor Fowlson, deixe-me um momento a sós com a senhorita, por favor.

Empurra-me para um lado. Sua voz profunda é agora só um sussurro.

- Não se preocupe, querida. Não tenho intenção de que os Rakshana tenham nenhum papel importante nos reinos. Só lhes estou entretendo com uma promessa.
- Depois que eles ajudarem você, se desfará deles.
- Não se preocupe muito — fala com uma voz ainda mais baixa. — Eles prentedem ficar com os reinos. Que palavras eles disseram para você para se apoderarem da magia?
- Prendo a magia em nome da Estrela do Leste.

Pela primeira vez, a vejo sorrir.

- E com essas palavras, lhes dará todo o poder do Templo...
- Por que eu deveria acreditar? Kartik me disse...
- Kartik? — diz com irritação. — Ele confessou para você qual era sua missão?
- Ajudar-me a encontrar o Templo.
- Senhorita Doyle, você é bastante ingênua. Sua tarefa era ajudá-la a encontrar o Templo para que os Rakshana pudessem se apropriar. Quando tivessem todo o poder, acredita que realmente precisariam de alguma coisa mais de você?
- O quer dizer?
- Se chegasse esse momento você só seria um estorvo, uma carga pesada. E isso nos leva a sua verdadeira intenção: matar você.

De repente, o quarto fica mais e mais pequeno. Sinto que me falta o ar.

- Você está mentindo!
- Ah, sim? E por que você não pergunta para ele? Não espero que ele lhe diga a verdade, mas olhe-o, olhe-o nos olhos. Eles nunca mentem.

Não esqueça sua missão, principiante...

Era tudo uma mentira? O que havia de verdade?

- Veja, querida, depois de tudo voltaremos a ficar juntas.

Estou muito cheia de amargura para chorar, e noto como o ódio corre por minhas veias.

- Isso é o que parece — digo, cheia de raiva.
 - Você tem dons extraordinários, Gemma. Sob minha tutela aprenderá muito. Mas primeiro, lembre que você deve obter a magia em nome da Ordem. — A senhorita McCleethy sorri, e para mim me lembra uma serpente. — Esperei vinte anos para que esse momento chegasse.
- Acho que eu morrerrei antes.
- Devo saber toda a verdade — digo.

Ela assente.

- Muito bem, Fowlson! — grita.

Momentos depois, Fowlson aparece com Kartik e o quarto de cima parece estar cheio de gente. O chão ganha vida com o doce som de uns delicados passos. Em nosso quarto, tudo permanece em repouso exceto o piscar dos candelabros.

- Kartik — pergunto, e noto como minha voz ecoa nas paredes. É um quarto menor do que eu tinha imaginado. — Qual era o teu trabalho com os Rakshana? Não o que eu deveria encontrar o Templo — digo com raiva. — O outro.
- O... outro? — gagueja, sem que acabem de sair as palavras.
- Sim, uma vez encontrado o Templo, qual era a sua outra missão?

Estou certa de que nunca olhei ninguém com tanto rancor, com tanta raiva no olhar que poderia matar. Tampouco havia visto Kartik tão aterrorizado.

Com dificuldade traga saliva e seus olhos lançam um rápido olhar para cima, onde estão os homens sem rosto escondidos por trás das sombras.

— Vai com cuidado, irmão — sussurra Fowlson.

— Era só ajudar você a encontrar o Templo. Não tinha nenhuma outra tarefa — diz Kartik, sem me olhar nos olhos.

E então é quando percebo que ele estava mentindo e de que seu segundo trabalho consistia realmente em me matar.

— Mentiroso! — acuso-o com tanta violência que me olha e rapidamente afasta seu olhar de mim.

— Estou preparada.

— Muito bem — diz a senhorita McCleethy.

Agarro os braços dela e fecho os olhos pensando quão fácil é desmaiar. As mulheres fazem isso habitualmente. Fecham os olhos e caem no chão.

— Ohhhh! — gemo; logo fecho os olhos e caio no chão.

Não tenho tanta graça natural como minha amiga Ann. Mas quando estou no chão consigo esticar um pouco mais as minhas mãos, até chegar as minhas botas. Meus dedos encontram o cabo do canivete Megh Sambara escondido em minhas botas. Se alguma vez eu precisei de proteção contra os meus inimigos, é nesse momento.

— E o que faremos agora? — pergunta Fowlson.

— Está fingindo — grita a senhorita McCleethy enquanto me chuta no chão. Nem me movo. — Ela está mentindo. É uma artimanha.

— Levante-a — ressoa uma voz estridente vinda de cima.

Kartik agarra-me pelos braços e me leva até a porta.

— Vá acordá-la — ordena Fowlson.

— Está fingindo, ouçam-me! — tenta convencê-los de novo a senhorita McCleethy. — Não a deixe enganá-los nem por um momento.

Entreabro os olhos o suficiente para ver para onde Kartik me leva. No momento estamos em um corredor escuro. De cima ouço vozes de homens rindo e conversas abafadas. Haverá alguma maneira de sair daqui?

Finalmente decido e meus dedos agarram o cabo totem. Afasto-me de Kartik e aponto a pequena lâmina ameaçando todo mundo.

— Você não conseguirá escapar. Não sabe sequer que porta te leva para fora — diz Fowlson.

Tem razão, estou presa. Fowlson e Jackson se aproximam lentamente. A senhorita McCleethy espera impaciente. Com um pouco de sorte esta noite eu poderia ser seu jantar.

— Basta agora de idiotices, senhorita Doyle. Não sou tua inimiga.

Vamos, que porta me tira daqui, Kartik? Olho para ele inquisitivamente e por um momento ele hesita. Seu olhar se dirige até a porta da minha direita e assente muito sutilmente. É assim que ele traiu sua comunidade e me mostrou o caminho.

— *Ei, garoto, que está fazendo?* — grita Jackson.

É a distração suficiente para que eu possa empurrar a porta e Kartik me siga por trás. Vira-se e fecha a porta o mais rápido que pode.

— Gemma! Rápido, o canivete. Passa no trinco.

Coloco minha adaga salvadora através do trinco de aço, bloqueando a porta. Do outro lado pode-se ouvi-los dando golpes e gritando. Não aguentará para sempre mais espero que seja o suficiente para que possamos fugir.

— Por aqui — diz Kartik.

Saímos a uma rua muito escura de Londres. Os flocos de neve se misturam com os redemoinhos negros da iluminação de gás, impedindo ver muito mais além. Há muitas pessoas nas ruas e eu acho que conheço essa área. Não estamos muito longe da praça de Pall Mall onde estão os mais exclusivos clubes masculinos de Londres. Eu percebo que é por isso que se ouvem tantas vozes masculinas ali dentro.

— Eu os entretereirei enquanto você foge, Gemma — diz Kartik, quase sem fôlego.

— Espera, Kartik. Você não pode voltar — digo. — Já não pode regressar nunca mais.

Vira sobre seus calcanhares e fica paralisado. Suas pernas não sabem que ordem executar, se fica com seus antigos companheiros ou volta correndo para mim como faz um menino com sua mãe: sinto muito, sinto que tenha feito. Agora, por favor, perdoe-me. Mas os Rakshana não vão perdoá-lo nunca. Kartik acaba de se dar conta do significado de sua precepitada ação. Ao me ajudar, ele jogou fora qualquer oportunidade de ingressar no grupo como membro pleno. Ele virou as costas para a única família que conhecia. Está sem amparo, sem casa e sozinho. Como eu.

Fowlson e Jackson saem para a calçada e procuram furiosamente na esquerda e direita até que nos localizam. A senhorita McCleethy os segue. Kartik ainda está imóvel, indeciso, decidindo o caminho que vai tomar.

— Venha — animo-o, enlaçando meu braço com o seu. — Vamos passear.

É uma boa idéia e nos misturamos com as pessoas que abarrotam as ruas: os homens saem dos clubes após o almoço, os charutos e o brandy; e os casais vão para o teatro ou alguma festa.

Nas nossas costas posso ouvir como Fowlson assobia uma marcha militar que acho ter ouvido os soldados ingleses de serviço na Índia fazendo o mesmo.

— Não teria feito — diz.

— Caminha, por favor — ordeno.

— Eu teria te deixado escapar.

Os assobios de Fowlson, ameaçadores, logo superaram todos os ruídos da rua até gelar o meu sangue. Olho para trás e vejo que estão se aproximando. Quando viro o rosto, topo com um horror ainda maior: Simon e seu pai estão saindo do clube Ateneo. Não podem me ver. Solto-me do braço de Kartik e me viro.

— O que você está fazendo? — estranha.

— É Simon — digo. — Não pode me ver aqui fora.

— Realmente, não parece um bom caminho para seguir.

Estou prestes a ter um ataque de nervos. Simon sai e passa sob a estátua de Atena localizada no alto da entrada do clube. Encaminha-se para nós. Sua carruagem lhe espera perto da calçada. Alguém desce de um coche e paga o condutor. Então Kartik empurra o casal que estava esperando e abre a porta para mim.

— Duquesa de Kent — diz, dedicando o melhor de seus sorrisos para o casal ofendido. — Precisam dela no palácio de Saint James. Obrigado.

O homem começa a gritar e amaldiçoar nós dois, chamando a atenção de toda a rua. E isso inclui Simon e seu pai. Escapo como posso do olhar do público.

O homem, furioso com razão, pede que eu abandone seu táxi.

— Eu sou obrigado a protestar, madame. Era nosso com todo o direito do mundo.

Por favor, por favor, deixe que eu fique. Fowlson nos vê e acelera o passo enquanto deixa de assobiar. Estará aqui em questão de segundos.

— Qual é o problema? — É a voz de lorde Denby.

— Esta jovem nos tirou o táxi — queixa-se o homem. — E este garoto indiano assegura que ela é a duquesa de Kent.

— Pai... esse não é o antigo condutor do senhor Doyle?

Lorde Denby dá de ombros.

— Aqui, rapaz, o que significa isso?

— Devemos chamar a polícia? — pergunta Simon.

— Se me faz o favor, senhorita — me manda sair o homem com uma mão estendida dentro da carruagem enquanto eu as rejeito para que ninguém do exterior possa me ver. — Acho que já se diverti bastante. Agradecerei que abandone o táxi agora mesmo.

— Ande, senhorita — adverte-me o condutor.

Bem, isto é o fim. Ou Simon e seu pai me descobrem e minha reputação fica abalada para sempre; ou Fowlson e a senhorita McCleethy me seqüestram para me levar para quem sabe onde.

Já tenho uma mão posta na maçaneta quando Kartik começa a saltar como um louco, enquanto canta uma melodia e golpeia seus calcanhares em uma dança estranha.

— Está louco ou bebado? — pergunta lorde Denby.

Kartik se inclina dentro do táxi.

— Já sabe onde me encontrar.

Então levanta uma mão e dá uma forte palmada na anca do cavalo, que sai disparado rua abaixo dando um grande relincho enquanto o cocheiro tenta freá-lo como pode.

— Pareee, velho *Tillie*!

Mas a única coisa que consegue é afastar a besta da área de clubes e do tremendo tráfico de Pall Mall. Viro e vejo como Kartik continua agindo como um pobre louco na rua. Um policial chega ao local do incidente e Fowlson e Jackson se retiram. Então não podem pegar Kartik. A única pessoa que não vejo é a senhorita McCleethy, que se desvaneceu como um fantasma.

— Para onde, senhorita? — pergunta o cocheiro.

Para onde posso ir? Onde posso me esconder?

— Para Baker Street — grito, indicando o endereço da senhorita Moore. — E depressa, por favor.

QUARENTA E CINCO

Quando chegamos na Baker Street percebo que não estou com a minha bolsa. Não tenho como pagar o táxi.

— Já chegamos, senhorita — diz o cocheiro, ajudando-me a sair.

— Olha — começo —, acho que eu esqueci a minha bolsa, mas se você me der seu endereço e telefone, o compensarei suficientemente. Prometo.

— Sim, e a rainha é sua mãe — responde.

— Falo sério, senhor.

Um policial passa nesse momento pela calçada da frente, com seu uniforme reluzente. Meu coração dispara.

— Explique-se com o policial, então — propõe. — Ei, policial. Venha aqui.

Saio correndo e ouço o apito da polícia atrás de minhas costas. Rapidamente, me escondo entre as sombras de uma bilheteria e espero. A neve volta a cair. Os flocos caem no meu rosto. Cada vez que tomo ar é uma luta contra o frio. Sinto-me fraca. A magia começa a me debilitar. Sinto-me mal, como se tivesse febre.

O policial se aproxima.

— E depois ele disse que era o duque de Kent — explica o cocheiro.

Apoio-me na parede. Reparo na minha respiração.

— Não deve aceitar como clientes mulheres estranhas. — diz o policial.

— E como eu vou saber se elas são estranhas ou não? — protesta o taxista.

Continuam discutindo e passam na minha frente sem nem olhar para mim. Não perco tempo. Cruzo a rua e bato na porta da senhorita Moore. A senhora Porter enfia a cabeça pela janela e pergunta, irritada:

— O que quer?

— Senhorita Porter. Lamento muito incomodá-la. Tenho uma mensagem urgente para a senhorita Moore.

— Não está.

“Sim, eu sei. Claro que sei. Não está por minha culpa”. Sinto-me fraca. Em qualquer momento, o policial voltará. Só preciso de um lugar onde me esconder.

— Está tarde. Volte amanhã.

Ouçó passos. Alguém se aproxima.

— Querida senhorita Porter — digo, desesperada. — Sou Felicity Worthington, a filha do almirante.

— A filha do almirante? Oh, querida. Como está o almirante?

— Bem, bem. Bom, não, quero dizer que não está bem. Por isso vim ver a senhorita Moore. É urgente. Posso esperá-la?

“Por favor, deixe-me entrar. Só uns minutos”.

Rua baixo, posso ouvir os ecos dos passos do policial.

— Nós... — diz a senhorita Porter. Ela já está de pijama.

— Eu não pediria se não soubesse que você é uma alma boa e caridosa. Estou certa de que meu pai a agradecerá pessoalmente quando puder.

A senhorita Porter cai na armadilha.

— Desço em um minuto.

A lanterna da polícia se aproxima cada vez mais. “Por favor, senhorita Porter, corra”. Abre a porta e me deixa entrar.

— Boa noite, senhorita Porter — cumprimenta o policial, tirando o chapéu.

— Boa noite, senhor John — responde, e fecha a porta.

— Que bom ter visita! Tire o casaco.

— Senhorita Porter, desculpe-me, mas terei que deixar um recado para a senhorita Moore e depois voltar para o lado da cama do meu pai.

— Não posso permitir que entre em seu quarto, senhorita. Esta é uma casa respeitável.

— É claro — digo.

A senhorita Porter reflete sobre o tema durante alguns minutos. Finalmente me guia até o quarto da senhorita Moore.

— Mas se ela não voltar em meia hora, você terá que sair.

— Sim, claro. E obrigada. Não se incomode, senhorita Porter. Não precisa esperar comigo. Se apanhar um resfriado por minha culpa nunca me perdoarei.

A senhorita Porter parece gostar disso, e desaparece no mesmo momento. Olho o quarto e tudo nele parece um pouco agressivo. Quero descansar mais não consigo. Agora devo pensar em meus próximos passos. Se os Rakshana se aliaram com Circe, então não são de confiança. Kartik deveria me matar quando eu encontrasse o Templo, mas os traiu para me ajudar a escapar. O relógio vai marcando os minutos. Cinco. Dez. Afasto um pouco as cortinas mais não vejo nenhum rastro do senhor Fowlson nem da carruagem negra.

Alguém bate na porta e quase morro de susto. Entra a senhorita Porter com uma carta.

— Querida, você não precisa esperar mais. A senhorita Moore me deixou esta nota nesta manhã sobre a minha cabeceira.

— Esta manhã? — repito. — Não pode ser. Tem certeza?

— Oh, sim. Eu a vi sair. Mas não a vi desde então. Agora acabo de ler a carta. Diz que vai visitar alguns familiares.

— Mas a senhorita Moore não tinha família — digo.

— Sim, tem — responde a senhorita Porter lendo a carta em voz alta. — “Querida senhorita Porter. Desculpe a pressa, mas tenho que sair imediatamente. Ofereceram-me um trabalho em uma escola perto de Londres que minha irmã dirige. Pedirei que me envie as minhas coisas quando for possível. Afetuosamente, Hester Asa Moore”. Poderia ter deixado as dívidas pagas. Divia dois meses.

— Uma escola... que sua irmã dirige — pergunto, prestes a desmaiar.

Já li essa frase antes. Na carta da senhorita Morrissey de Santa Victoria. Mas havia referência a senhorita McCleethy.

Alguna coisa terrível está cobrando vida dentro de mim. As pinturas. Escócia. Spence. A paisagem marítima, tão familiar, tão parecida com as minhas visões. Poderia ser Gales. Acabo de perceber. Todos os lugares da lista da senhorita McCleethy estão retratados nesta parede.

Mas a senhorita McCleethy esteve em todas essas escolas. A menos que a senhorita McCleethy e Kartik estejam dizendo a verdade. A menos que a senhorita Moore não seja quem diz que é.

— Não tem sentido que a espere agora, senhorita — diz a senhorita Porter.

— Sim. Deixarei uma nota para que a envie junto com suas coisas.

— Como prefira. Recorde-a que me deve o aluguel do quarto.

Procuro um pouco e encontro um papel e um lápis. Não pode ser. A senhorita Moore não. Ela acreditava em mim. Foi a primeira pessoa que nos falou sobre a Ordem. A que me escutou enquanto eu contava... tudo.

Não, a senhorita Moore não é Circe. Eu provarei.

Escrevo todas as letras, grandes. Olho-as com atenção. Ann já teria feito um anagrama com elas. Eu demoro muito. Hester Asa Moore. Asa, o segundo nome. Insisto. Com dedos trementes, começo a fazer algo novo. Ponho SARA, e vou colocando o resto das palavras. O quarto cai encima de mim quando termino de escrever.

Sarah Rees-Toome.

A senhorita Moore é Sarah Rees-Toome. Circe. Não. Não posso acreditar. Ela nos ajudou a resgatar Ann. Eu a levei para os reinos. Eu lhe dei o poder. Ela nos livrou do monstro de Circe.

De repente, os meus pensamentos se amontoam. Seu interesse pela senhorita McCleethy. Seu interesse para que a mantivessemos afastada de Nell Hawkins. Como as garotas de branco olhavam para ela, como se a conhecessem.

— Preciso saber a verdade — digo.

Fecho os olhos e volto para a visão. Há calma. Conheço o lugar. É o lugar rochoso. Vejo as três garotas. Estão vivas, felizes e sorridentes. Gritam: “Vem aqui, Nell”.

Nell. Vivo este momento como se eu fosse ela. Vejo o que ela vê.

— Vem nos dar poder. Poderemos entrar nos reinos.

As garotas gritam isso e cumprimentam alguém que sobe por trás de mim. Ali está, a mulher de verde. Chamam-na: senhorita McCleethy. Senhorita McCleethy.

— Já vou — responde.

Vejo-a. Mas não é a senhorita McCleethy que eu conheço. É a senhorita Moore. E agora entendo a surpresa da senhorita Moore quando dissemos o nome da nossa nova professora. Entendeu que alguém da Ordem estava a sua caça e captura. E nós arruinamos tudo desde o início.

— Você nos dará o poder? — gritam as garotas.

— Sim — responde a senhorita Moore. — Continuem caminhando pelas rochas.

Elas fazem isso e sofrem quedas mortais.

— Nell — chama a senhorita Moore. — Espere-me.

— Mas senhorita, elas chegarão antes.

— Deixe-as ir. Fique comigo.

Confusa, Nell fica com a senhorita Moore. Não há nenhum anel em seu dedo. Nunca ouve. Me enganaram. Me fizeram ver o que queriam que eu visse.

A senhorita Moore fala em uma língua que eu não entendo. As garotas gritam espantadas. Tentam fugir mais um grande monstro as prendem e as garotas desaparecem.

As mãos da senhorita Moore tremem. Fecha seus olhos.

A criatura vira e nos olha.

— Ainda fica uma — comenta.

Gela-me o sangue.

— Não — diz a senhorita Moore. — Esta não.

— Não pode te levar. Que importa que ela viva ou não?

— Esta não. Por favor.

O monstro não está inteiramente feliz e a senhorita Moore pede que eu corra, que corra com todas as minhas forças. A criatura grita cheia de raiva. Sinto tanto medo que acho que vou morrer. Entro no mar e não consigo parar de gritar. Bebo água e estou prestes a me afogar. As três garotas estão ali, na água, afogadas e pálidas. Continuo gritando. Quando os marinheiros me tiram da água, ainda estou gritando.

A visão está acabando e estou de volta no chão da senhorita Porter.

Agora conheço a verdade. Tento levantar-me. Ao sair nem sequer me incomodo em fechar a porta.

— Você está bem? — pergunta-me a senhorita Porter.

Não posso responder. Preciso de ar.

Ao sair encontro as três garotas de branco.

— Nossa senhora está dentro. Nos mostrará o Templo.

— Não — digo.

— Você perdeu. É nosso.

Tento me desfazer delas, mas não consigo. Suas sombras me rodeiam e repetem a frase: “Hora de morrer”.

O apito da polícia me salva. Elas desaparecem e o agente se oferece para me levar para casa. Deixo-me levar. Sem perceber, vou repetindo uma espécie de mantra: “Perdoe-me. Perdoe-me. Perdoe-me”.

QUARENTA E SEIS

Alguém abre as cortinas e a luz entra no quarto. Vovó e Tom estão ao meu lado na cama. Ouço outra voz, a de um médico. Diz algo sobre febre. Não é febre. É a magia. Quero explicar mais a minha voz não sai.

— Deve descansar — diz Tom, segurando a minha mão.

No canto vejo as três garotas de branco, esperando, sorridentes.

— Não — digo, mas não soa mais alto do que um sussurro.

— Dorme — ordena vovó.

— Sim, dorme — ecoam as garotas de branco —, dorme.

— Isto vai ajudar — diz o médico, e entrega um frasco marrom para Tom.

Ele hesita. Muito bem, Tom. Mas no final ele põe em meus lábios e me obriga a beber. Tento não engolir mais não tenho forças para lutar com Tom.

— Sim, está doce. Bebe e dorme — dizem as garotas. — Nossa senhora está lá dentro. Você dorme.

— Veremos você nos sonhos.

Chego à Caverna, mas não é como antes. Lá está Asha, a Intocável. Que melhor guardião do Templo se não aquele que não tem poder? Cumprimenta-me com uma inclinação. Devolvo a saudação. O que me oferece?

“Ofereço esperança aos Intocáveis porque eles não têm esperança”. A Dama da Esperança. Sou a Dama da Esperança.

O céu retumba. Asha está preocupada.

— O que foi isso?

— Ela sente você. Se você ficar, ela vai encontrar o Templo. Deve sair deste sonho. Quebre a visão, Excelência. Agora.

— Sim, farei — digo.

Tento sair da visão, mas a medicação não me ajuda.

— Venha, entre depressa nos reinos — diz. — Concentre-se no Templo. Ela verá o que você vê.

Sinto-me pesada. Muito pesada. Não consigo dominar meus pensamentos. Quando saio da Caverna, o céu está escuro. A senhorita Moore está na minha frente, com a pobre Nell Hawkins. Seu sacrifício.

— O Templo. Obrigada, Gemma.

Abro os olhos. O teto parece estar muito próximo. As cortinas estão fechadas. Não sei que horas são. Ouço murmúrios.

— Gemma. Ela abriu os olhos. Eu vi.

São Felicity e Ann. Aproximam-se da cama e seguram minhas mãos.

— Gemma? — É Ann. — Como você está? Estamos muito preocupadas com você.

— Não queriam nos deixar te ver por causa da febre. Tivemos que insistir muito. Você esteve dormindo durante três dias.

Três dias. E ainda estou tão cansada.

— Te encontraram na Baker Street. O que você fazia perto da casa da senhorita Moore?

A senhorita Moore. A senhorita Moore é Circe. Ela encontrou o Templo. Eu falhei. Perdi tudo. Olho para a parede.

— Com tantas notícias novas, lady Denby se esqueceu de contar a senhora Worthington o que descobriu sobre mim.

— Simon veio te ver todo dia, Gemma. Todo dia. Suponho que você esteja contente, não é?

— Gemma — diz Ann, preocupada.

— Não me importa — digo, com uma voz seca e baixa.

— O que quer dizer? Ele está louco por você.

— Eu perdi o Templo.

— O que significa isso? — pergunta Ann.

Não posso explicar tudo o que eu vi. Sinto-me fraca.

— Estávamos erradas sobre a senhorita McCleethy. Em tudo. A senhorita Moore é Circe — digo sem olhar para elas. Não consigo. — Eu a inseri nos reinos. Agora ela tem o poder. Acabou. Sinto muito.

— Não haverá mais magia? — pergunta Ann.

Digo que não com a cabeça. Como dói aceitar isso.

— E Pippa? — diz Felicity, começando a chorar.

Fecho os olhos, cansada.

— Não pode ser — protesta Ann. — Não voltaremos aos reinos?

Não respondo. Finjo que estou dormindo até que sinto que elas já foram. Abro os olhos e olho para o horizonte. Entra um pouco de luz e vejo que ainda é dia. Embora eu também não me importe muito.

À noite, Tom me leva para a sala, em frente ao fogo.

— Tem uma surpresa para você — diz.

Me leva nos braços e ao abrir a porta da sala descubro que ali me espera Simon, sem sua mãe. Tom me ajuda a sentar e cobre-me com um lençol. Certamente o meu aspecto é lamentável mais não me importo.

— Pedirei a senhora Jones que traga chá — anuncia antes de sair e nos deixa a sós, embora com a porta aberta.

— Como você está? Nos deu um bom susto. Como você acabou num lugar tão terrível?

A árvore de Natal já murchou. Está perdendo os ramos.

— Nós pensamos que talvez alguém quisesse um resgate. Que talvez aquele homem da estação não era uma imaginação sua.

Simon. Parece preocupado. Devo dizer algo para acalmá-lo. Mas não sei nada.

— Eu trouxe uma coisa para você — diz, aproximando-se. Entrega-me um broche. — Pertenceu a primeira viscondessa de Denby — explica Simon. — Tem quase cem anos de antiguidade e sempre usou as mulheres da minha família. Teria sido da minha irmã, se eu tivesse tido uma.

Eu aceito e compreendo que tudo mudou com esse pequeno gesto. Ele me beija na bochecha e coloca o broche. É um beijo muito diferente do que ele me deu na noite do baile.

Tom retorna com a senhora Jones e o chá. Os homens se sentam para conversar enquanto eu fico olhando para o infinito. Sinto o peso do broche na minha roupa.

— Pensei que hoje poderíamos visitar Bedlam — anuncia Tom na hora do almoço.

— Por quê? — pergunto.

— Você esteve muitos dias trancada e fará bem para você sair. Além disso, eu pensei que talvez com isso ajudaríamos Nell Hawkins a melhorar.

Ninguém nem nada pode ajudar a senhorita Hawkins a melhorar. Está presa nos reinos.

— Vamos, me acompanhará? — pergunta Tom.

No final, aceito e vou com Tom. Temos um novo cocheiro. Jackson desapareceu. Não me surpreende muito, na verdade.

— Vovó disse que Ann Bradshaw não tem nenhuma relação com o duque de Chesterfield. Também disse que desmaiou ao ouvir essas acusações — explica Tom. Espera que eu desmintam algo de tudo isso, mas eu não faço, assim ele continua: — Não acho que seja verdade. Ela é uma boa garota. Não é o tipo de pessoa que enganaria assim os outros. O fato de ter desmaiado já prova que ela seria incapaz de fazer tal coisa.

— As pessoas nem sempre são o que você quer que elas sejam — opino.

— Perdão?

— Não, nada.

Acorda, Tom. Existem pais que sempre ferem seus filhos. Inclusive tem uns que são tão fracos que são incapazes de abandonar seus vícios, por muito mal que façam. Os amigos podem te decepcionar. As pessoas mentem. Não culpo Nell Hawkins por se refugiar na loucura.

As salas de Bedlam parecem tranquilas agora. Levam-me no quarto de Nell. Está presa na cama. Tem os olhos abertos mais acho que não vê.

— Olá, Nell — digo, e peço a Tom que nos deixe sozinhas.

Faz-me caso. Pego a mão de Nell.

— Sinto muito, Nell. Desculpe.

Suas mãos agarram as minhas. Luta quanto pode contra algo. Ouço-a sussurra: “Não pode prendê-la. Ainda há esperança”.

Relaxa-se. Suas mãos caem sobre a cama de novo.

— Gemma — chama-me Tom quando me vê sair do quarto de Nell e dirigir-me a carruagem. — Gemma, aonde você vai?

São três e cinco quando consigo um táxi. Com sorte chegarei na estação Victoria antes que Felicity e Ann peguem o trem para Spence. Mas a sorte não me acompanha ultimamente. As ruas estão cheias de coches e pessoas. Não é uma boa hora para estar com pressa.

Estou no meio de um congestionamento. Coloco minha cabeça para fora e peço ao condutor que me deixe sair. Chegarei antes andando. Alcanço a entrada da estação sem ar. Sinto-me fraca. Não tenho tempo para descansar. O trem está prestes a sair. Procuro-as desesperadamente. Finalmente as encontro. Estão com Franny. Os Worthington não se preocuparam em vir se despedir da sua filha.

— Felicity, Ann — chamo-as.

— Gemma. O que você está fazendo aqui? Pensei que você demoraria uns dias para voltar para Spence.

— Ela não conseguiu a magia — explico sem ar. — Não conseguiu prendê-la.

— Como você sabe? — pergunta Felicity.

— Nell me disse. Não tem poder suficiente. Precisa de mim para fazer.

— O que faremos? — pergunta Ann.

O apito do trem anuncia que está prestes a sair. O condutor chama os últimos viajantes.

— Vamos tentar de novo — digo.

Vejo Jackson e Fowlson. Eles também nos vêm. Vem até nós.

— Temos companhia — digo.

Felicity olha.

— Eles?

— Rakshana. Tentam evitar que tenhamos o controle.

— Então, vamos despistá-los — responde Felicity, subindo no trem.

QUARENTA E SETE

— Eles também estão subindo no trem — grita Ann assustada.

— Então vamos ter que sair — digo.

Estamos quase na porta quando o trem arranca. A plataforma desaparece atrás de nós, as pessoas acenam através da primeira janela, depois da próxima, e da próxima, até que eles não podem mais ser vistos.

— O que vamos fazer agora? — pergunta Felicity —. Nos descobrirão logo.

— Encontrar um compartimento — proponho.

Procuramos pela esquerda e direita até que encontramos uma cabine desocupada e fechamos a porta.

— Teremos que trabalhar rapidamente — digo — Peguem minhas mãos.

E se eu não conseguir convocar o portal? E se eu estou muito fraca ou a magia foi comprometida de alguma forma? Por favor, por favor, permita-nos entrar mais uma vez.

— Não acontece nada — diz Felicity.

No corredor, eu ouço a abertura de uma porta e a voz de Fowlson dizendo:

— Desculpe, não é minha cabine.

— Estou fraca. Eu preciso da ajuda de vocês. — digo — Temos que tentar novamente, tentem com toda a força.

Nós fechamos nossos olhos. Eu me concentro na respiração. Eu posso sentir o macio carnudo calor da mão de Ann sob sua luva. Eu posso ouvir o grande corajoso e ferido coração de Felicity, sentindo a densa mancha sobre sua alma. Eu posso cheirar a aproximação terrestre de Fowlson no corredor. Eu posso sentir um profundo poço de força abrindo dentro de mim. Cada parte de mim está renascendo.

O portal aparece.

— Agora — digo, e percorremos os reinos mais uma vez.

O jardim é selvagem. Tem mais cogumelos. Eles cresceram quase seis metros ou mais. Profundos buracos negros foram devorados por sua gordura, hastes pastosas. Uma cobra verde esmeralda desliza de um dos buracos caindo na grama.

— Oh! — Grita Ann no momento em que ela por pouco perde o pé.

— O que aconteceu aqui? — Pergunta Felicity espantada com a mudança.

— Quanto antes chegarmos ao Templo, melhor.

— Mas, onde está? — Pergunta Ann

— Se eu não me engano, ele esteve debaixo do nosso nariz o tempo todo.

— O que você quer dizer? — pergunta Felicity.

— Eu não posso contar aqui. — digo olhando em volta — Não é seguro.

— Devemos encontrar Pip — diz Felicity.

— Não — eu a detenho —. Ninguém é confiável. Nós iremos sozinhas.

Estou preparada para uma discussão, mas Felicity não se queixa.

— Tudo bem. Mas levarei minhas flechas. — diz ela, procurando o lugar onde as escondeu.

— Você quer dizer flecha — corrige Ann. Felicity utilizou todas, menos uma.

— Ela deve ser suficiente. — diz ela, puxando-a da aljava. Ela coloca o longo arco sobre o ombro.

— Estou pronta.

Seguimos o caminho através da selva até que encontramos a base da montanha.

— Porque estamos indo por este caminho? — pergunta Felicity.

— Estamos indo para o Templo.

— Mas este é o caminho que conduz a Caverna dos Suspiros — comenta Felicity cética —. Você não está sugerindo...

Ann está perplexa.

— Mas isso são apenas cavernas e antigas ruínas. Como isso pode ser o Templo?

— Porque não temos visto como ela realmente é. Se você quisesse esconder sua mais valiosa

propriedade, não iria esconder em um lugar onde ninguém pensaria em olhar? E porque não tê-lo guardado por aqueles que todos assumem não ter nenhum poder?

— Oferece esperança aos intocáveis, pois eles devem ter esperança. — Ann repete as palavras de Nell.

— Exatamente. — Aponto para Felicity e depois para Ann. — Força, Canção. Eu sou Esperança. Dama da Esperança. Isso é como ela continuava a me chamar.

— Ainda não entendo — protesta Felicity.

— Você entenderá — digo.

Dirigimos-nos acima para a estrada estreita e poeirenta que leva ao topo da montanha, onde a Caverna dos Suspiros espera. Eu tenho que parar ao longo do caminho para descansar.

Felicity estabiliza-me contra seu ombro.

— Você está bem?

— Sim. Ainda fraca. Estou com medo.

Eu olho para cima, protegendo os olhos com a mão. Parece que falta tanto para chegar ao topo.

— Gemma, Felicity — grita Ann —. Ali.

Ela aponta para o rio. A Górgona se aproxima em nossa direção em grande velocidade. Trás Pippa junto com ela. O vento chicoteia seus cabelos negros para trás como uma capa de seda.

— Pippa — chama Felicity, acenando.

— O que você está fazendo? — digo, puxando seu braço para baixo.

Muito tarde. Pippa nos viu. Ela acena para trás enquanto a Górgona desliza para o rio.

— Se queremos prender a magia, Pippa deve estar conosco. — Felicity diz. — E talvez encontremos uma maneira de...

Força. Canção. Esperança. E Beleza. Tenha cuidado com a beleza. A beleza deve passar...

— Você sabe que eu não posso prometer isso, Fee. Eu não posso dizer o que vai acontecer.

Ela acena, com lágrimas nos olhos.

— Ahoy⁴¹ — grita Pippa, fazendo Felicity sorrir amargamente.

— O mínimo que você pode fazer é deixar-nos dizer adeus apropriadamente, então. Não como da última vez.

Ela diz baixinho.

Eu observo Pippa tropeçar alegremente através do ramo para o caminho de areia acima. Ela parece tão viva.

— Ela está chegando — diz Ann, olhando para mim esperando uma resposta.

— Nós vamos esperar por ela. — digo finalmente.

Não demorou muito para Pippa chegar até nós.

— Onde você está indo? — pergunta ela.

Sua coroa de margaridas desapareceu. Há apenas algumas flores secas em seu emaranhado cabelo.

— Nós encontramos o Templo — diz Felicity.

Pippa nos olha surpreendida.

— Aqui? Você não pode estar falando sério.

— Gemma diz que é uma ilusão, que não o vemos como realmente é. — explica Ann.

— Este é o lugar onde a magia nasce? — pergunta Pippa.

— É onde ela pode ser controlada. — digo.

Uma nuvem passa no rosto de Pippa.

Eu fico de pé.

— Já esperamos muito tempo. Nós devemos ir agora.

Há potes de fumo de incenso em vermelhos e azuis quando entramos no longo corredor de

⁴¹ [N/T: Ahoy é uma palavra usada para sinalizar um navio ou embarcação. "Ahoy" pode ser usado como um cumprimento, um aviso ou uma despedida.]

afrescos⁴² desbotados. O vento sopra pétalas de rosas secas numa espiral que sobe e desce. Por um momento, estou rodeada de dúvidas. Como poderia este lugar destruído, ser possivelmente a fonte de toda a magia dos reinos? Talvez minha visão esteja errada, e eu estou procurando no lugar errado mais uma vez. Asha caminha para frente como uma miragem. Ela coloca as mãos juntas e inclina-se. Eu devolvo o gesto. Ela sorri.

— O que você quer oferecer-nos?

— Eu ofereço-me. — digo. — Ofereço a Esperança.

Asha sorri. É um lindo sorriso.

— Sou sua serva.

— E eu a sua — respondo.

— Está preparada para prender a magia?

— Acho que sim. — digo, repentinamente com medo. — Mas como?

— Quando estiver pronta, você deve percorrer através da cachoeira onde a fonte da eternidade espera.

— O que acontece depois?

— Eu não posso dizer. Lá você enfrentará seus medos e talvez passe para o outro lado.

— Talvez? — digo — Não é certo?

— Nada nunca é certo, Dama da Esperança. — diz ela.

Talvez. É como um escudo fino de uma palavra.

— E se eu passar?

— Então você terá que escolher as palavras para o feitiço. Suas palavras dirigirão o curso que irá tomar. Escolha-as bem.

— Eu gostaria de começar — digo.

Asha me leva até a cachoeira estranha que parece cair e se erguer ao mesmo tempo.

— Quando estiver pronta, percorra sem medo.

Eu fecho meus olhos. Tomo uma respiração e outra. Eu posso sentir o Templo chegando vivo ao meu redor. As rosas empurrando através das rachaduras nas paredes. O ar, perfumando com seu cheiro. Os afrescos florescendo com a cor. Os suaves suspiros tornando-se diferentes vozes, muitas línguas, mas eu posso ouvir todas. O arranhar do meu coração junta-se ao coro.

Estou pronta.

Eu caminho através da água para abraçar meu destino. A fonte da eternidade é um perfeito círculo de água tão suave que não há uma ondulação. Sua superfície mostra-me tudo de uma vez. Os reinos, o mundo, o passado, o presente e talvez o futuro, embora eu não tenha certeza. Será que meu destino se encontra nessas águas? Ou veria apenas possibilidades? Olho a água e penso nas palavras que escolhi.

Um ruído me distrai. Algo se move nas sombras da caverna.

"Lá você enfrentará seus medos e talvez passe para o outro lado".

Alguma coisa está vindo.

A Senhorita Moore caminha para a luz, a cativa Nell ao lado dela.

— Olá, Gemma. Eu estava esperando por você.

⁴² [N/T: É o nome dado a uma obra pictórica feita sobre parede, com base de gesso ou argamassa. Assume frequentemente a forma de mural. Imagem: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f8/4paul1.jpg>]

QUARENTA E OITO

Eu olho para trás, através da cachoeira de água por onde entrei. Claramente posso ver os rostos preocupados de Felicity, Pippa e Ann. Apenas Asha parece inexpressiva. Eu quero correr de volta através da cachoeira e estar em segurança. Mas segurança é outra ilusão. Eu posso apenas seguir em frente.

— Você não pode realmente tocar a magia, pode? É por isso que você precisava de Nell. Por isso você precisa de mim. Você só pode controlar a magia através de outra pessoa.

— Você é Sua Excelência. Querem suas palavras — diz ela —. Gemma, juntas, você e eu podemos restaurar o poder e a glória da Ordem. Podemos fazer coisas boas, coisas gloriosas. Você tem mais magia dentro de você do que ninguém teve na história da Ordem. Não há limites para o que você e eu poderíamos fazer.

Ela me oferece sua mão. Eu não a pego.

— Você não se importa comigo. — digo eu — Você só se importa em dominar a magia e os reinos.

— Gemma...

— Não quero ouvir nada do que você tenha a dizer.

— Porque você apenas não me ouve? — ela implora —. Você sabe o que é ter seu poder tirado de você? Tê-lo entregue a outra pessoa? Eu segurei o poder em minhas mãos, eu controlei meu próprio destino, e eles o levaram para longe de mim.

— Os reinos não te escolheram — digo, mantendo a fonte entre nós.

— Não. Isso é uma mentira que eles contam. Os reinos me presentearam. A Ordem me rejeitou. Eles escolheram sua mãe. Ela era mais complacente. Ela estava disposta a fazer o que eles pediram.

— Deixe minha mãe fora disso.

— É isso o que você quer Gemma? Ser uma servente fiel para eles? Deseja lutar suas batalhas, proteger o Templo, prender a magia, e depois entregar tudo para eles administrarem como quiserem? E se eles optarem por deixá-la fora? E se tudo isso é tomado de você agora? Eles te prometeram alguma coisa?

Não. Eles não prometeram. Eu fiz tudo o que me pediam sem questionar nada.

— Você sabe que eu estou dizendo a verdade. Porque não te ofereceram ajuda? Porque não prendem a magia eles mesmos? Porque precisam de você. Mas uma vez que você tenha prendido a magia e não houver mais perigo, eles te pediram que os deixem entrar, e irão assumir. E você já não terá nenhum valor para eles, a menos que você faça exatamente o que disserem. Eles não vão cuidar de você como eu faço.

— Assim como você cuidou de Nell. Assim como você cuidou da minha mãe. — eu praticamente cuspo as palavras.

— Ela prometeu me ajudar. Ela me enviou uma carta de Bombay e disse que tinha mudado. Então me traiu aliando-se com os Rakshana.

— E por isso a matou.

— Não. Não fui eu. Foi a Criatura.

— É a mesma coisa.

— Não, não é. Você ainda sabe muito pouco dos espíritos das trevas, Gemma. Eles irão comê-la viva. Você precisa de minha ajuda. — ela dá um último apelo — Sem a magia, eu não consigo me livrar do vínculo com essas criaturas, Gemma. Você pode salvar-me desta miserável existência. Há anos que procuro por alguém, por você. Tudo o que fiz, eu fiz por este momento, por esta oportunidade. Podemos criar uma nova Ordem, Gemma. Basta dizer as palavras...

— Eu vi o que você fez para as meninas.

— É horrível. Não nego. Eu sacrifiquei muitas garotas para conseguir isto. — diz a senhorita Moore —. Que sacrifícios você estaria disposta a fazer?

— Eu não vou fazer o que você fez.

— Isso é o que diz agora, mas todos os líderes têm sangue em suas mãos.

— Eu confiei em você.

— Eu sei e sinto muito. As pessoas vão desapontá-la, Gemma. A questão é se você pode aprender a viver com o desapontamento e seguir em frente. Eu estou oferecendo-lhe um novo mundo. Eu não posso viver com ele.

— Eles tinham razão em te rejeitar. Eugenia Spence estava certa.

Seus olhos flamejam.

— Eugenia! Você não tem idéia do que ela tornou-se, Gemma. Ela tem estado com os espíritos das trevas todo esse tempo. Como você irá lutar contra ela, se você precisa? Você vai precisar de mim quando a hora chegar. Eu garanto isso a você.

— Você esta me tentando confundir — digo.

— Você não pode atravessar. — É a voz de Asha.

Pippa se apressa através da parede de água.

— Pip! — Felicity corre atrás dela.

Ann hesita por um momento, mas no final também as segue.

— O que está acontecendo? — pergunta Pippa.

Felicity levanta seu arco.

— Eu ainda tenho uma flecha.

— Se você atirar em mim, eu levarei comigo todos os segredos que sei sobre os espíritos das trevas e das Terras Invernais. Você nunca saberá.

— Você sabe como usar a magia para manter um espírito aqui e livre? — pergunta Pippa incerta.

— Sim — responde a senhorita Moore —. Posso achar a maneira de te conceder o que pede. Você não terá de atravessar. Pode ficar aqui nos reinos para sempre.

— Ela está mentindo, Pippa — digo.

Mas eu já vejo o doloroso desejo em seus olhos. É dessa maneira que a senhorita Moore faz.

— Eu não teria que deixá-la, Fee — diz Pippa, e continua sua conversa com a senhoria Moore. — Doerá quanto?

— Não. Nada.

— Eu vou ficar do jeito como sou?

— Sim.

— Não acredite nela, Pip.

— O que você me prometeu, Gemma? Eu te ajudei e... o que você fez por mim?

Ela anda ao redor da fonte e pega a mão da senhorita Moore.

— Assim, poderemos estar juntas, Fee. Como antes.

A mão de Felicity hesita sobre o arco. A corda afrouxa.

— Felicity você sabe que não pode ser — sussurro.

— Atira — sussurra Ann —. Atira em Circe.

Felicity aponta, mas Pippa se move e fica na frente da senhorita Moore, protegendo-a como um escudo. Não sei o que acontecerá com Pippa, um espírito, se morre dentro dos reinos.

Felicity prepara-se, forçando os músculos para o peso do arco esticado e a tarefa cruel. No final ela abaixa o arco.

— Eu não posso. Eu não posso.

O sorriso de Pippa é comovente.

— Obrigado, Fee. — diz ela correndo para abraçá-la.

Eu pego o arco e aponto. Não sou a grande atiradora que Felicity é, só resta uma flecha.

A senhorita Moore prende Nell em seus braços.

— Eu poderia oferecer Nell agora como um sacrifício. Junte-se a mim, e a deixarei ir em paz.

— Você me deu uma escolha impossível — digo.

— Mas é uma escolha, no entanto, é muito mais do que você me deu.

Nell se inclina sobre a senhorita Moore como uma boneca sem vida. Qualquer faísca que brilhou em seus olhos uma vez, se foi, enterrado sob camadas de dor. Eu posso poupar Nell, me unir à senhorita Moore e compartilhar o Templo. Ou posso vê-la oferecer Nell a criatura e usar esse

poder para fazer o que ela quiser.

Nell vira os olhos angustiados para mim. *Não hesite...*

Eu atiro. Rápida e direta a flecha voa e se crava no pescoço de Nell Hawkins. Com um pequeno arfar, ela despenca no chão. Como um sacrifício ela é inútil agora.

A senhorita Moore olha para mim com uma mistura de fúria e choque em seus olhos.

— O que você fez?

— Agora eu tenho as mãos manchadas de sangue. — digo.

Senhorita Moore corre em minha direção. Não há tempo para seguir as regras. Terei que criá-las de novo. Fechando meus olhos, eu corro em direção à fonte. Mas a senhorita Moore é mais rápida. Ela agarra minha mão. Eu perco o equilíbrio, e nós caímos juntas nas águas eternas e nos envolvemos em uma dura luta.

Posso sentir a respiração da senhorita Moore perto, o bater louco de seu coração. E posso sentir seu cheiro, o ligeiro aroma de Londres, fuligem de chaminés, pó lilás e alguma outra coisa. Sob a pele, é o medo. Dor. Remorso. Ânsia. Desejo. Um desejo feroz pelo poder. Tudo isso. Estamos juntas. É como se vivessemos no centro de uma grande tempestade. Ao nosso redor o mundo dos reinos gira como um caleidoscópio gigante, imagens retratadas de novo e de novo. Tantos mundos! Tanta coisa para conhecer.

Sim, a senhorita Moore parece dizer isso dentro da minha cabeça: "*Há tantas coisas que você não conhece*".

Estou sendo forçada a tudo. Eu posso sentir cada pedacinho de mim, espalhando-se até que faço parte de tudo que vejo. Eu sou a folha que dá voltas dentro de uma borboleta, eu sou o rio que dá brilho as pedras da margem. Eu sou a barriga da faxineira com fome, o vago desapontamento do banqueiro com seus filhos, o ânseio da menina por excitação. Eu quero rir e chorar ao mesmo tempo. É muito, muito. Uma terra gelada aparece de repente. Estamos voando sobre montanhas escarpadas sob um céu selvagem. Abaixo, um exército de espíritos uiva no vazio. Eu posso senti-los dentro de mim. O medo. A fúria. Eu sou o fogo. Eu sou o monstro que destrói. Eu não quero terminar esta luta cruel. É a luta que me mantém viva.

Sinto os braços da senhorita Moore entrelaçados aos meus. Eu não estou ciente de nada mais do que nossa luta. Só uma de nós saíra da fonte. Como se lesse meus pensamentos, a senhorita Moore me empurra com força. Ela quer ganhar, quer com todo o coração.

Eu também quero ganhar.

Você deve pensar no curso que pretende tomar, a forma de prender. Devo pensar em uma maneira de conter a magia, mas é difícil, no meio dessa luta desesperada. Tudo que posso ver é a senhorita Moore, minha professora, minha amiga, minha inimiga. E de repente, eu sei o que devo fazer, como devo conduzir isso ao fim.

Com um grande empurrão, eu a chuto para longe e a envio voando para trás. Os olhos dela se arregalam. Ela sabe o que tenho em mente, o que pretendo fazer. Ela vem para me atacar, mas desta vez, minha determinação me faz mais rápida. Eu subo sobre o topo da fonte, emergindo escorregadia e brilhante como um bebê recém-nascido. Eu mantenho minhas mãos sobre a superfície da água e digo as palavras que espero que vá restabelecer o equilíbrio.

— Eu coloco um selo sobre o poder. Permita que o equilíbrio dos reinos seja restaurado e que ninguém pertube sua majestade. Eu prendo a magia em nome de todos aqueles que devem partilhar o poder um dia. Pois eu sou o Templo; a magia vive em mim.

Há uma súbita explosão de luz branca brilhante. Eu sinto como se estivesse sendo dividida, aberta pela força dela. Esta é a magia. A ligação está me usando como seu caminho. Ela corre através de mim como água. E então está feito.

Eu estou de joelhos, ofegante.

Mas a caverna se ilumina com diversas cores. Os afrescos estão vibrantes mais uma vez. As rosas florescem, e as grandes estátuas parecem vivas.

— O que aconteceu com a senhorita Moore? — pergunta Ann.

— Eu fiz como ela pediu. Eu a salvei de uma existência miserável e a prendi em um lugar onde ela

não poderá mais fazer dano.

— Então está feito? — É a voz de Pippa.

Ann emite um pequeno arfar ao ver Pippa sair detrás das rochas. Em cima de seus cachos, a coroa de flores é agora apenas uma flor, mas essa Pippa, não é a Pippa que nós temos conhecido e amado. A criatura diante de nós esta mudando. Os dentes estão um pouco irregulares, a pele mais fina, mostrando o azul claro de suas veias. E os olhos dela...

São agora brancos com manchas pretas.

— Porque vocês estão me olhando desse jeito? — ela pergunta assustada.

Nenhuma de nós se atreve a responder.

— Está feito, mas eu ainda estou aqui. — diz ela.

Ela sorri, mas o efeito é arrepiante.

— É hora de nos deixar, Pip — digo calmamente. — Já pode ir.

— Não! — ela geme como um animal ferido, e eu sinto como se meu coração fosse quebrar.

— Por favor! Eu não quero ir. Ainda não; Por favor, não me deixe! Por favor! Fee!

Felicity está chorando.

— Desculpe, Pip.

— Você prometeu que nunca me deixaria. Você prometeu! — Ela enxuga as lágrimas com o braço dela. — Você vai se arrepender por isso.

— Pippa — chama Felicity.

Mas é tarde demais. Ela nos deixou, correndo para o único lugar que irá abrigá-la. Algum dia, nós nos encontraremos novamente, não como amigas, mas como inimigas.

— Eu não poderia usar a magia para mantê-la aqui. Você entende, não é?

Felicity não me olha.

— Estou cansada deste lugar. Quero ir para casa.

Ela começa a descer a montanha até que se perde na fumaça colorida dos vasos de incenso.

Ann desliza sua mão na minha. É a sua maneira de dizer que ela me perdoa, e eu sou grata por isso. Apenas tenho esperança que Felicity me perdoe com o tempo.

— Olhe, Dama da Esperança — chama Asha.

Do outro lado do rio, vejo os milhares de espíritos atravessando para o mundo além deste, prontos, finalmente para fazer essa jornada.

Eles passam por nós, absortos. Eles querem apenas descansar. Tenho esperança de ver Timmons e Bessie Mae Sutter entre o grupo. Mas eu não os vejo. Elas devem ter ido as Terras Invernais, para onde logo irá Pippa. Mas essa é uma luta para outro dia.

— Dama da Esperança!

Eu viro e vejo Nell Hawkins acenando sonhadoramente para mim apartir da costa. Ela é como eu lembro na minha visão, uma coisa pequena e feliz. Eu sinto uma pontada de remorso.

Minhas mãos ficarão para sempre manchadas de sangue de Nell Hawkins. Eu fiz a coisa certa? Haverá outros?

— Sinto muito — digo.

— Você não pode manter as coisas presas em gaiolas. — ela responde — Adeus, Dama da Esperança.

Com isso, ela se introduz no rio, e emerge do outro lado, indo em direção ao céu laranja até que eu não a vejo mais.

A Górgona nos espera no rio.

— Devo levá-la para o jardim, Excelência? — pergunta.

— Górgona, eu te liberto da escravidão da Ordem — digo —. Você é livre, como suspeito que tenha sido desde que a magia foi presa.

A serpente dança em sua cabeça.

— Obrigado — responde Górgona —. Devo levá-la para o jardim?

— Você ouviu? Você está livre.

— Simmmmm. Escolha. Isto é uma coisa boa. E eu escolho levá-la de volta, Excelência.

Viajamos nas costas da Górgona. O ar parece mais leve. Coisas estão mudando. Eu não sei como ou de que forma, mas a mudança é a mesma. Ela é que me faz sentir que todas as coisas são possíveis. As pessoas da floresta se reúnem na praia abaixo da Caverna dos Suspiros. Eles se alinham na margem do rio ao passar-mos. Philon pula para cima de uma rocha, gritando para mim.

— Vamos esperar o nosso pagamento, sacerdotisa. Não se esqueça.

Eu o cumprimento como vi fazer Asha, ele retorna o gesto. Estamos em paz, por agora. Eu não posso dizer quanto tempo durará.

— Você tentou me avisar sobre a senhorita, não é? — pergunto a Górgona, uma vez que estamos no rio aberto. Acima de nós, nuvens brancas propagam-se em listras granuladas, como açúcar derramado sobre o chão do céu.

— Eu a conheci uma vez com outro nome.

— Você deve saber muita coisa — digo.

O silvo da Górgona sai como um suspiro.

— Algum dia, quando houver tempo, contarei-lhe histórias sobre os dias passados.

— Você sente falta deles? — pergunto.

— Eram dias em que minha gente vivia. Espero que voltem alguma vez.

O quarto de papai está escuro como um túmulo quando finalmente chego em casa. Ele dorme em lençóis encharcados de suor. É a primeira vez que vou usar a magia desde que a prendi. Prometo fazer bom uso dela. A primeira vez tentei curá-lo, mas agora sei que assim não funciona. Não posso usar a magia para controlar a outros. Eu não posso fazê-lo inteiramente. Eu posso apenas guiá-la. Eu coloco minha mão sobre o coração. *"Encontre a sua coragem, Pai. Encontre sua vontade de lutar. Está aí. Eu prometo a você"*.

Sua respiração está menos difícil. Sua fronte suaviza. Talvez seja apenas a luz. Talvez seja o poder dos reinos trabalhando através de mim. Ou talvez seja a combinação do espírito e desejo, amor e esperança, alguma alquimia que todos possuímos e podemos utilizar, se primeiro sabermos para onde olhar, sem vacilar.

QUARENTA E NOVE

É o meu último dia em Londres antes de regressar para Spence. Vovó aceitou enviar papai para um hospital, para que descanse e melhore. Amanhã ela também partirá para a sua casa. Hoje a casa é uma miscelânea de criados correndo para cima e para baixo com pacotes. Londres está esvaziando suas casas até o mês de abril.

Esta noite desfrutarei do meu último jantar na casa de Simon e sua família. Mas antes tenho que fazer duas visitas.

Ele se surpreende ao me ver. Quando entro no cômodo atravessando as cortinas que um dia me mostrou, levanta-se e me olha com atenção. Como um garoto que espera uma bofetada ou um beijo de perdão. O que eu trago não é nem uma coisa nem a outra, mas sim o meu compromisso.

— Você acordou — diz.

— Sim, acordei.

— Gemma. Senhorita Doyle. Eu...

Coloco três dedos na boca em sinal de silêncio.

— Serei breve. Tenho muito trabalho. Gostaria que você sempre me ajudasse, desde que prometa que se libertará de seus compromissos. Não pode servir a mim e aos Rakshana.

Seu sorriso me pega desprevenida. Os seus lábios tremulam, como um pássaro machucado incerto sobre o que fazer. E então seus olhos escuros se enchem de lágrimas que ele pisca para afastar com uma concentração desesperada.

— É... — ele limpa a garganta. — Em primeiro lugar, quero esclarecer que os Rakshana me expulsaram da irmandade. Então eu não acho que te convenha ter um fracassado como eu entre suas fileiras.

— Nós somos uma equipe, eu acho.

Seus olhos estão agora livres de lágrimas. Sua voz está mais forte.

— Parece que você mudou seu destino, afinal — digo.

— A menos que fosse meu destino fazê-lo — responde, sorrindo.

— Muito bem — digo.

Estou perto da porta quando ele me diz uma última coisa.

— Tudo o que você me pede é lealdade à Ordem? E nada mais?

Esta pergunta rouba minha respiração.

— Sim — murmuro. — Isso é tudo.

Saio do comôdo, embriagada pelos aromas do local e as cores da Índia. Saio seguida pela sombra de um sussurro: "Por enquanto".

O quarto da senhorita McCleethy fica em Lambeth, perto do Hospital Real de Bedlam.

— Posso entrar? — pergunto.

Ela faz um gesto para que eu entre.

— Senhorita Doyle, ao que devo essa sua visita surpresa?

— Quero fazer duas perguntas, senhorita. Uma é sobre a senhora Nightwing. A outra é sobre a Ordem.

— Vá em frente — diz.

— A senhora Nightwing é uma das nossas?

— Não. Ela é só uma amiga.

— Mas ouvi vocês duas discutindo durante a festa de Natal e também naquele dia na ala leste.

— Sim, discutíamos sobre a necessidade de reparar a ala leste. Acho que já está na hora de fazer isso mais Lilian é muito teimosa.

— E por que a contratou com um nome falso?

— Menti para ela. Eu disse que tinha adotado um nome falso para se livrar de um caso de amor fracassado. Ela entende essas coisas. Algo mais?

Não sei se o que me disse é verdade ou não.

– Por que a Ordem nunca compartilhou o poder?

Olha-me fixamente.

– Nos pertence. Lutamos por ele. Temos sacrificado e matado por ele.

– Mas dessa maneira também fizeram mal. Impediram que outros pudessem gozar dos privilégios da magia.

– Eles não teriam agido de outra maneira. Todos somos egoístas.

– Mau negócio.

– O poder é — afirma. — Aliás, não me deixou feliz que você tenha me deixado com os Rakshana mais entendo que você fez isso por que achava que eu era Circe. Agora não importa. O que importa é que você encontrou o Templo e restaurou o equilíbrio. Agora podemos restabelecer a Ordem com nossas irmãs e...

– Acho que não.

A senhorita McCleethy sorri contidamente enquanto pergunta:

– Perdão?

– Estou forjando minhas próprias alianças. Felicity. Ann. Kartik. Asha. Philon.

– Está de brincadeira.

– O poder deve ser compartilhado.

– Não. Isso está proibido. Não sabemos se são dignos de confiança.

– Não. Mas teremos que ter fé neles.

A senhorita McCleethy se irrita.

– Proibo você. A Ordem deve continuar pura.

– E por acaso funcionou?

Ao perceber que esta conversa não nos leva a lugar nenhum, a senhorita McCleethy muda seu estilo, falando novamente com amabilidade.

– Pode tentar mais tenho certeza que não vai funcionar. Os reinos escolhem quem pode fazer parte da Ordem. Não temos poder sobre isso. Sempre foi assim.

– As coisas mudam — digo ao sair.

A senhorita McCleethy está tão nervosa que se atreve a abrir a janela e gritar:

– Não procure inimigos, senhorita Doyle. Não compartilharemos nosso poder tão facilmente.

Não me viro. Continuo olhando para frente, procurando a entrada do metrô. Um cartaz anuncia a nova revolução.

Logo todos os metrôs funcionaram com energia elétrica, a energia invisível. Sim, é um novo mundo.

O jantar na casa dos Middleton me deixa com um sabor agri-doce na boca. Custa-me manter minha mente concentrada nas conversas cordiais e educadas quando tenho tantas coisas para fazer. Na hora em que os homens e as mulheres separam-se em salas diferentes, ninguém põe objeções a que Simon e eu nos retiremos a sós para uma terceira sala.

– Irei sentir sua falta. Vai escrever para mim?

– É claro.

– Conte para você que a senhorita Weston fez o ridículo de se arrastar atrás do senhor Sharpe na sala de chá?

Não acho que a história seja divertida. Sinto-me mal pela senhorita Weston. Falta-me a respiração. Simon percebe.

– O que está acontecendo, Gemma?

– Simon, continuará interessado em mim se descobrisse que não sou quem eu digo que sou?

– Do que você está falando?

– Continuaria gostando se soubesse coisas diferentes de mim?

– Que pergunta. Não sei o que dizer — afirma Simon pensativo, e fica olhando o fogo tentando meter uma argola em um galhinho.

— Não se preocupe comigo. Estou cansada.

— Sim — apressa-se em me desculpar. — Ainda está se recuperando. Logo tudo terá passado e voltará a ser como era.

Não, nada voltará a ser como era. Tudo mudou. Eu mudei. A criada chama da porta.

— Desculpe, senhor. Lady Denby está chamando-o.

— Muito bem. Senhorita Doyle, me dê licença? Será só por um momento.

Quando fico sozinha tento jogar o mesmo jogo com a argola e o galho. Eu consigo. Sim, só faltava concentração para ele. A tranquilidade da sala cai encima de mim. Através das janelas, posso ver Simon com sua família, sorrindo, sem preocupações no mundo. Tudo está ao seu alcance. Não conhecem a fome, o medo ou a dúvida. Não precisam lutar para conseguir o que querem. Está ali, esperando-os. O meu coração doi. Eu gostaria de me envolver nessa mesma manta protetora. Mas eu vi muitas coisas para desfrutar dessa mesma manta.

Deixo o broche de pérolas sobre a mesa, recolho meu casaco antes que a criada entre para me ajudar a colocá-lo e saio na rua. Simon não virá me procurar. Não é o tipo de garoto que faria isso. Se casará com uma garota que seja como ele espera e a quem não lhe pese muito o broche.

O ar está limpo. O sereno passa iluminando as ruas. Contemplo Hyde Park, e mais distante o Palácio de Buckingham, governado por uma mulher. Tudo é possível.

Amanhã estarei de volta a Spence, onde eu pertenço.

CINQUENTA

Spence, essa dama localizada no leste de Londres, cresceu em minha ausência. Nunca tinha estado tão contente em voltar para um lugar como agora. Inclusive as gárgulas me parecem menos ferozes. São como animais domésticos que permitimos que fiquem aqui.

Os rumores sobre a noite em que um policial me recolheu na Baker Street já chegaram em Spence. Fui sequestrada por piratas. Estive às portas da morte. Quase perco uma perna. Não, um braço. Na verdade, morri e me enterraram. É incrível a quantidade de histórias que as garotas são capazes de inventar só para matar o tédio. E, no entanto, fico encantada em ver todas essas pessoas oferecendo-se para me ajudar de qualquer maneira só para que eu explique a história com todas as letras. Não mentirei. Estou desfrutando muitíssimo de minha convalescência.

Felicity se encarregou das lições de tiro com arco das garotas mais jovens. Elas a adoram, é claro, com seus pentes franceses, seu status e sua elegância... Acho que a seguiram como os garotos de Hamelin seguiram o flautista: sem importar para onde as leve. E eu acho que Felicity percebeu isso e está desfrutando dessa adoração.

Como tenho ordens estritas de vovó e da Sra. Nightwing de não fazer esportes, passo horas sentada em uma grande espreguiçadeira que trouxeram especialmente para mim. É, na verdade, uma boa maneira de fazer exercício. Eu gosto tanto que farei com que dure o máximo possível.

No gramado, os alvos já estão em seus lugares. Felicity instrui um grupo de meninas de dez anos de idade com a técnica adequada, corrigindo a postura de uma delas que não para de rir. Divertida, a menina que estava rindo fica em linha reta, fecha um olho e atira. A flecha passa ao longo do chão e finca em um pedaço de terra.

“Não, não”, Felicity suspira. “Preste atenção. Eu vou demonstrar como se faz novamente”.

Abro o correio da manhã. Tem uma carta de vovó. Não fala de papai até que chegue ao final. “Teu pai melhora progressivamente e envia-lhe um monte de lembranças”.

Há também um envelope de Simon. Assusta-me um pouco ter de abri-la, mas no final a curiosidade me vence. Dentro encontro a pequena caixa que lhe devolvi por um mensageiro com sua nota original: “Um lugar para guardar seus segredos”. Isso é tudo. Surpreende-me. De repente, eu não estou certa se fiz a coisa certa. Tê-lo deixado ir. Há algo saudável e agradável em Simon. Mas é um pouco como uma caixa de fundo falso. É essa sensação. É como se me desse medo cair na caixa e ficar presa ali.

Estou tão concentrada que não percebo que a Sra. Nightwing está atrás de mim. Olha as garotas que praticam tiro.

— Eu não estou muito certa sobre isso — afirma.

— É bom ter escolhas — digo ainda com a caixa nas mãos.

Tento não chorar.

— Em meus tempos, não tínhamos tantas escolhas, tanta liberdade. Ninguém te dizia: aqui você tem o mundo aos seus pés. Só tem que alcançá-lo

Nesse momento, a mão de Felicity libera o arco e a flecha sai em disparada. Acerta o alvo. Felicity não consegue conter um grito de satisfação. E celebra da maneira menos feminina que se possa imaginar.

A Sra. Nightwing franze o cenho e olha o céu.

— Não tenho dúvidas. O fim da civilização está próximo.

Ela deixa escapar uma risada. Olho e percebo que a Sra. Nightwing tem rugas. E penso que deve ser estranho medir os seus dias de vida com as juvenzinhas de pele perfeita. E beber copos de conhaque durante a noite, tentando avançar em um mundo em que todos ao seu redor pensam em seu futuro e sabendo que você está um passo atrás.

A Sra. Nightwing olha a caixa que eu tenho em minhas mãos. Limpa a voz antes de dizer:

— Eu soube que você decidiu não continuar com seu compromisso com o senhor Simon Middleton.

Vejo que esses rumores também se estenderam.

— Sim — digo, reprimindo novamente as lágrimas. — Todos acham que eu estou louca. Talvez eu tenha enlouquecido. — Tento rir mais sai como um soluço. — Talvez esteja acontecendo algo comigo que me impeça de ser feliz com ele.

Espero que a Sra. Nighthwing confirme que é exatamente isto que está acontecendo, e que todo mundo já sabe. Que eu deveria deixar de chorar e de me comportar como uma tonta. Mas em vez disso, ela põe suas mãos em meus ombros.

— É melhor está segura. Sempre — afirma enquanto continua olhando as garotas. — Senão, um dia você pode se encontrar voltando para uma casa vazia, onde somente encontraria uma nota: “Fui embora”. E esperaria toda a noite para que voltasse. E a noite se transformaria em semanas e logo anos. A espera é horrível. É difícil suportar. E talvez, um dia, em umas férias em Brighton, o veria, andando, como se tivesse saído de um sonho. Já não está perdido. Teu coração bate com força. Deve chamá-lo. Mas alguém o chama primeiro. Uma mulher jovem com um menino nos braços. Seu filho. Beija furtivamente a sua jovem mulher. E você nunca mais será a mesma. Tudo mudou. A única coisa boa é que você espera que tenha acabado.

Respiro com dificuldade.

— Sim, obrigada — digo quando recupero minha voz de novo.

Uma das garotas grita. Encontrou um passarinho orfão ferido.

— O que está acontecendo aqui? — grita nossa diretora.

— Senhora Nighthwing, por favor. Podemos ficar com ele? — O rosto da garota é um poema. — Por favor, por favor...

— Bem, bem.

As meninas gritam alguma frase de celebração.

— Mas eu não sou responsável por ele. Vocês cuidarão dele. Assegurem que eu não me arrependa da minha decisão — diz com um soluço. — E agora, se me permitem, quero acabar a leitura de meu livro, sozinha, sem a presença de garotas para me interromper.

A senhora Nighthwing vai para a escola. E pelo menos quatro meninas a param no caminho para consultar-lhe sobre algumas coisas. Ela as atende. No final se rende e fica com as garotas. Não lerá o livro até a noite, e no fundo sei que é o que ela quer, o que precisa. Sentir-se querida e necessitada por nós. Este é seu lugar. Ela o encontrou. Ou foi o lugar que encontrou ela.

Após o jantar, enquanto nos reunimos em volta da lareira, Mademoiselle LeFarge volta de seu dia em Londres com o inspetor Kent. Está radiante. Nunca tinha visto ela tão feliz.

— *Bonjour, mes filles!* — diz ao entrar na sala com sua saia nova. — Trago notícias.

Nós a rodeamos e em seguida descobrimos seu anel, com um diamante pequeno mais muito brilhante. Usa-o na mão esquerda. Sim, parece que tem notícias.

— Nos casaremos em maio — diz, tão sorridente que parece que seu rosto vai romper de alegria. Ficamos mais perto de nossa professora e de seu anel e a enchemos de perguntas. Como ele fez o pedido? Quando será? Poderemos assistir? Onde será a celebração? Usará algo azul para que dê sorte?

— É importante que vocês vejam que inclusive alguém tão sem graça como eu pode encontrar a felicidade — diz rindo.

E a pego olhando para o seu anel com mais ânsia do que ela quer mostrar.

Na primeira quarta-feira do ano novo fizemos nossa peregrinação ao altar de Pippa. Nos sentamos na base da árvore, procurando os primeiros sinais da primavera embora saibamos que ainda faltam meses.

— Eu escrevi para Tom para contar a verdade — diz Ann.

— E? — pergunta Felicity.

— Ele não gostou de se sentir enganado. Disse que sou horrível por me fazer passar por algo que não sou.

— Sinto muito, Ann — digo.

— Bem, eu acho que não é justo com você — opina Felicity.
— Não concordo. Acho que é normal que ele esteja irritado. Não posso desmentí-lo. Ele tem razão. Não há nada que eu possa dizer sobre isso. Ela está certa.
— Nos livros, a verdade faz com que tudo seja bom e agradável. A bondade prevalece. A maldade perde. Há felicidade. Mas a vida não é assim.
— Não — dou razão para ela. — Aqui a verdade só serve para conhecer as coisas.
Olhamos o céu e as nuvens.
— Por que temos que nos preocupar tanto, então? — pergunta Ann.
— Por que a ilusão não dura para sempre. Ninguém tem tanta magia.
Ficamos em silêncio. Ninguém se atreve a fazer uma brincadeira, ou falar do que nos aconteceu ou do que pode acontecer. Estamos ali, juntas e em silêncio. E nesse momento entendo que eu tenho amigas de verdade. Que algumas vezes o seu lugar não é algo que você encontra senão algo que você tem quando precisa.
O vento sopra forte. Arranca as poucas folhas que ainda estão nas árvores. Silêncio. Ali. Ali. Tudo está bem. Uma folha dança no ar. Sobe mais e mais, provocando a gravidade e a lógica. Cairá em um momento ou em outro. Mas não agora. Prendo a respiração e desejo que continue voando.
O vento volta a soprar. A folha se afasta, mexendo-se sobre as asas do vento. Sigo-a com o olhar até que se converta em uma linha e logo em um ponto. Olho-a até que já não a vejo. Até que o caminho que percorreu fique apagado por uma onda repentina de novas folhas.

*** * * FIM * * ***